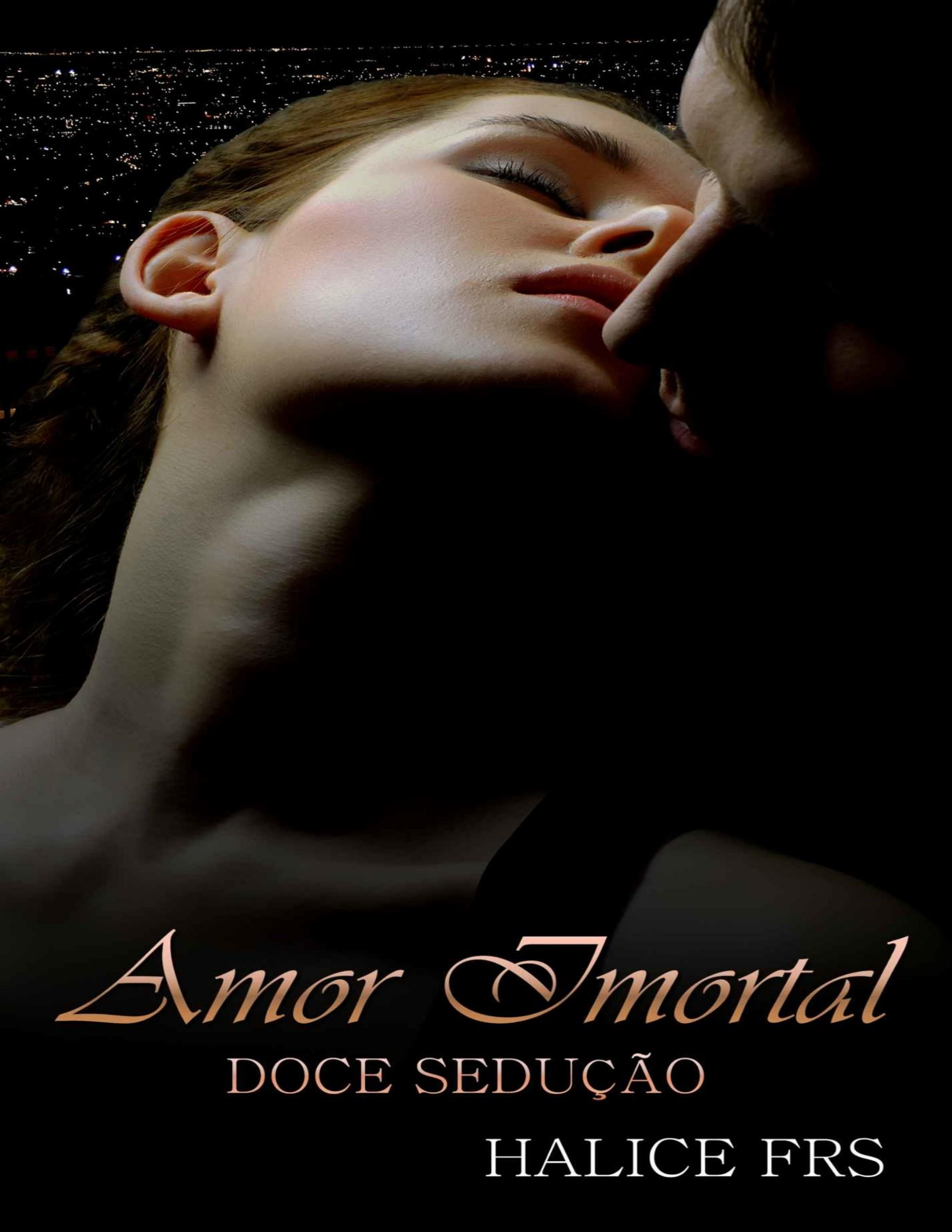




Amor Imortal

DOCE SEDUÇÃO

HALICE FRS



Table of Contents

[O ciclo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Livro 3 da Série Amor Imortal Breve no Amazon.com](#)

[Amor Imortal - RENDIÇÃO](#)



Amor Imortal

DOCE SEDUÇÃO



Halice FRS

Copyright © Halice FRS

Todos os direitos reservados. Proibida a distribuição ou cópia, integral ou parcial dessa obra sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil

Imagens da capa: Can Stock Photo

Capa: Naty Cross

Agradeço a Deus, pela inspiração, por me mostrar que age no tempo certo, atendendo-me naquilo que preciso não no que quero.

A todas amigas, leitoras e autoras que me apóiam sempre, me instigando a ir além.

Dedico essa história aos meus pais, responsáveis por que me tornei.

Índice

[O ciclo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Amor Imortal - RENDIÇÃO](#)

O ciclo

O que nasce, morre. O que começa, tem fim. A lei escrita por Deus é imutável, mas era estranho vivenciar a regra e ter a prova irrefutável de que nada é eterno. Em um dia a vida conhecida parece perfeita, para no outro, toda a solidez desandar sem prévio aviso. Felizmente, entre o começo e o fim, Ele sempre ofereceria uma gama de possibilidades.

Bastava fazer as escolhas certas para cada ciclo valer à pena. Deixar a zona de conforto poderia ser inquietante, mas também recompensador caso houvesse disposição para experimentar o novo. Algo que prometia ser grande. Inimaginável.

Capítulo Um

A voz mansa ainda ecoava na mente de Danielle, minutos depois de Ethan ter deixado o quarto de forma, no mínimo, estranha. Depois de quase beijá-la. Somente por se lembrar do rosto perfeito, crescendo em direção ao dela, seu coração saltava inquieto. De onde teria vindo aquilo se nem eram íntimos?

Segundo Joelle Miller, Ethan McCain – o advogado criminalista mais requisitado de Manhattan –, estava interessado, mas, com exceção a duas cantadas truncadas e um beijo fortuito, nenhum outro movimento que justificasse a aproximação fora feito naquele sentido.

Bem, Dana pensou, resignada. Há muito tempo desistira de entender o que acontecia em sua vida, uma vez que esta parecia estar de pernas para o ar? O que seria um beijo roubado se comparado ao rompimento inexplicável, por parte de seu namorado, Paul Collins, depois de três anos de relacionamento? Ou ainda, à debilidade súbita que a mantinha na cama desde a manhã, sem que nada sentisse de anormal ao se deitar? Seria nada. E entre todas as esquisitices, um beijo do advogado teria sido a melhor.

Talvez, por essa razão a voz de Ethan ainda lhe soasse nítida. Antes que partisse – sendo seguido por sua amiga e secretária Joly –, sem despedidas formais, desejou que tivesse bons sonhos e fora quase como se acrescentasse *que sonhasse com ele*.

Dana especulou se ele teria esquecido o que esteve prestes a lhe dizer ao segurar sua mão, sobre a cama. Tudo que restou após a saída intempestiva, fora uma tensão palpável no ar e o resquício marcante de sua presença. Pareceu que uma eternidade havia se passado até que ela ouvisse a porta de seu apartamento ser fechada e entendesse que Ethan, por fim, partira.

Quando Joly voltou ao quarto, sorrindo para ela, igualmente pareceu que o tempo saltou; estranho.

– Comprei-lhe água de coco – anunciou a francesa, animada como se toda tensão tivesse sido ilusória. – Espero que goste. Ela possui todos os nutrientes que você precisa no momento. Agora descanse... Depois lhe trago mais um pouco de sopa.

Dana ainda se sentia fraca e a agitação interna parecia agravar seu esgotamento físico então, sem demora, escorregou sobre o colchão até estar com seu corpo dolorido estendido sobre a cama. Quando a amiga deixava o quarto, chamou-a:

– Joly... Não precisa ficar durante a noite. Prometo te chamar, caso precise.

– Em absoluto! – disse a amiga, impassível. – Não será incômodo algum. Além do mais, quero estar por perto caso você tenha algum pesadelo perturbador.

Sem dar-lhe chance de resposta, saiu. A Dana restava aceitar o oferecimento da nova amiga e vizinha, mesmo que desejasse ter mais dos *pesadelos perturbadores*, nos quais Ethan vinha encontrá-la. Nos quais não era errado, nem constrangedor, se render a ele.

∞

Enquanto cruzava ruas e avenidas rumo a Wall Street, para o NY Offices – onde mantinha seu escritório de advocacia e seu apartamento na cobertura –, Ethan McCain reforçava a decisão em ser mais direto em sua conquista. Não importava que tivesse errado até ali. Daquele momento em diante tentaria seguir no caminho certo, que o levaria ao coração de Danielle Hall: a humana, razão de sua obsessão e dona de seu coração inútil há quase 200 anos.

Evidente que tiraria proveito das vantagens adquiridas com a imortalidade, mas tentaria ser justo, na medida do possível. Começaria por se desculpar com Thomas, seu amigo e sócio – também imortal – por tê-lo deixado sozinho em plena audiência para lidar com o caso Mazzili em um momento crucial, quando fora preciso correr de encontro à humana. Não se arrependia, porém não precisaria salientar que o destino de nenhum assassino, ou o de qualquer pessoa de bem, jamais teria a primazia em suas preocupações ao ponto de reter sua intempestividade. Para ele, apenas Danielle importava.

Ethan se encontrava a duas quadras do NY Offices quando o celular vibrou em seu bolso, despertando-o dos devaneios. Não o atendeu, pois tinha o forte pressentimento de que seria Thomas a procurá-lo. Logo estariam juntos e não se privaria de alguns minutos de calma antes de mais uma batalha.

Ansioso por prolongar esse tempo de paz, Ethan reduziu a velocidade de seu BMW até que chegasse ao edifício. Sem pressa, parou à entrada de sua garagem privativa e esperou que o portão abrisse, pacientemente, antes que entrasse.

Enquanto estacionava, lembrou-se de seu reflexo imprudente que quase o fizera beijar Danielle. Ethan escreveu uma nota mental para que se lembrasse e se policiasse nos encontros futuros. Não poderia se valer de tal licença carinhosa, afinal a jovem não estava ciente de que lhe pertencia. Para ela, os momentos de intimidade não passavam de sonhos. Com o pensamento, apesar de todos os sentimentos inquietantes que o invadiram durante aquele longo dia, Ethan sorriu.

No momento seu riso carregava um misto de diversão e nervosismo ante uma súbita constatação: pela primeira vez, fosse como mortal ou imortal, ele mantinha um relacionamento estável e monogâmico, porém não podia demonstrar sua afeição, pois a outra parte envolvida nem ao menos sabia da ligação. Ethan ainda ria de sua piada particular, quando Thomas se materializou próximo a sua janela.

– Que bom encontrá-lo de bom humor! – o sócio exclamou com seriedade.

Ethan lhe dirigiu um breve olhar, desligou o BMW e saiu do veículo. Thomas lhe deu passagem, afastando-se um passo. Cruzou os braços e ergueu o queixo, ao que foi imitado pelo recém-chegado que se recostou ao carro, livre do bom humor. Uma reprimenda estava a caminho por ter abandonado a audiência, e o imortal deixaria que o amigo a fizesse mesmo sabendo que sua saída em nada alterou o desfecho do julgamento.

Sem dúvida alguma o sócio fora nomeado seu substituto. E sendo Thomas tão competente quanto ele próprio na arte de advogar, Ethan folgava em imaginar que, àquela hora, sua presa estaria livre, cantando como um canário feliz sem saber que o gato faminto logo o abateria.

– Pode reclamar à vontade – Ethan liberou enfadado. – Estou cansado. Prometo ouvir em silêncio se você for breve. Depois lhe apresentarei minhas sinceras desculpas.

– Não seja cínico. Nós dois sabemos que você não sente ao ponto de se desculpar. Tanto que eu nem sei se vale a pena dizer qualquer coisa – Thomas comentou, cansado. – Olhe para você!... Aposto que nem ao menos se arrepende das atitudes desumanas que toma.

– Atitude desumana?!... – Ethan franziu o cenho. – Por sair no meio de uma audiência que condenaria um assassino? Mesmo que o impossível acontecesse e eu perdesse a causa, o resultado ainda seria justo.

Thomas suspirou, exasperado.

– Acha mesmo que eu perderia meu tempo discutindo com você por isso?

– Então o que é? Fale de uma vez para que eu possa subir, já que dispensa minhas desculpas.

Toda sua passividade ameaçava se esvaír. Ethan estava ansioso em iniciar a longa noite que passaria longe de sua humana e não queria protelá-la mais que o necessário.

– Onde estava com a cabeça para ordenar que Paul se atirasse pela janela?

– Como sabe disso? – Ethan indagou, em alerta, desencostando-se do carro.

– Antes de lhe dizer, já vou avisando que não aceitarei represálias.

– Recado dado, agora conte! – Ethan ordenou, soturno.

– Seager estranhou o comportamento de Paul ao voltar do julgamento antes da hora prevista. E mais ainda ao ver que ele juntava seus pertences. Por sorte ainda estávamos em recesso antes da retomada do julgamento, quando me telefonou. Dei-lhe permissão para ver o que estava acontecendo e que se fosse preciso, resolvesse.

– Eu não acredito! – Ethan sibilou. – Está me dizendo que o rábula ainda está vivo?

– Estou – o amigo confirmou. – E assim permanecerá.

– Somente até eu colocar minhas mãos sobre ele – Ethan afirmou, passando a andar de um lado ao outro, com o ódio a correr as veias. – Malditos! Não tinham o direito!

– Pare com isso, Ethan! – Thomas o encarava. – Seja racional! Cresça! Ou faça qualquer outra coisa que lhe traga à razão.

– Terei razão suficiente depois que me livrar do humano de uma vez por todas – vociferou.

– Por favor, pare! – Thomas alterou a voz, fazendo com que Ethan parasse de circular pela garagem. – Não percebe os absurdos que diz? Já não têm histórias demais nos jornais e nos arquivos policiais relacionadas a nós por conta desse intruso que o persegue para que você ainda piore nossa situação? Como se já não bastasse um imortal inconsequente, agora *você* está querendo nos expor?

O vampiro questionado bufou, sentindo um rugido se formar em seu peito. Thomas prosseguiu, sem intimidar-se:

– Se alguém mais observador prestar atenção verá que seu nome está envolvido em todos esses fatos. Ex-cliente morto no parque. Caso não se lembre, *seu* nome foi citado na matéria. Depois, ex-amante violentada e morta... Um assassinato na *sua* festa... Agora um funcionário *seu* se suicida? Pare e pense, Ethan... Acaso é pedir demais?

– Ninguém sabe do meu envolvimento com Laureen – retrucou, raivoso.

– Você não pode ter certeza. Somos eternos, mas não somos oniscientes.

Os rugidos no peito de Ethan se intensificaram. Não por raiva do amigo irritantemente consciencioso, mas por ter de admitir – mais uma vez – o quanto fora irracional. Contudo não conseguia agir de outra forma quando o assunto se referia à Danielle. E não ajudava em nada o fato de tê-la machucado. E, para piorar, não poderia estar com ela, da forma que desejava, nos próximos dois dias.

Thomas continuou sem esperar resposta:

– Estou feliz que finalmente esteja interessado em alguém, mas precisa lidar com a situação racionalmente. Esse humano infeliz a quem deseja tanto mal, nada pode contra você. Entenda que Paul não é ameaça e o deixe em paz, por favor... – Thomas rogou. – Você está a um passo de lhe tomar a garota, então não o prive de mais nada. E não se preocupe com uma possível aproximação, pois o induzi a não procurar Danielle assim que o encontrei.

– Terminou? – indagou Ethan, irritado

Thomas o encarou por um minuto, como se considerasse se valeria a pena continuar o sermão. De repente, deu de ombros, moveu as mãos para o alto em sinal de derrota e disse:

– Terminei.

– Bom... Ouvi e entendi tudo que disse. Ao contrário do que possa parecer, eu não desejo nos expor. Talvez eu tenha me excedido... Terei mais cuidado para não perder o controle. Apenas estava preocupado com Danielle.

– Sem necessidade. Joly me disse que a garota estava bem, mas, conhecendo você como conheço, sabia que não acreditaria até vê-la. Assim que a audiência acabasse eu lhe contaria. Nem pude acreditar quando Paul recebeu o telefonema. – Ao se lembrar de algo, perguntou: – Você sabe quem o avisou?

– Não. A princípio pensei que fosse Danielle, mas logo soube se tratar de um desconhecido.

– Muito estranho... – ponderou seu amigo.

Ethan partilhava da mesma estranheza, porém não sabia o que pensar. Estava mais intrigado com o fato de Paul lhe desobedecer, como se sua ordem tivesse sido retirada. Assim como, provavelmente acontecera naquela tarde, quando Thomas dera liberdade para Seager dissuadir o rábula de saltar pela janela. Ethan sempre acreditou que suas ordens fossem inquestionáveis e imutáveis; não gostava daquela novidade.

– Os únicos que sabiam sobre a fraqueza de Danielle éramos nós dois – Thomas comentou.

Ethan deu de ombros, não considerando aquele um fato relevante.

– Talvez ele tenha sido procurado pela senhora que cuidou de Danielle enquanto Joly esteve fora. Não sabemos. Talvez a pedido dela própria. – Ele não gostava daquela versão.

– É verdade... Os últimos acontecimentos têm me deixado desconfiado de tudo... Acho que você tem razão!

– Sim... – Impaciente por encerrar a reunião em sua garagem, Ethan indagou já a caminho do seu elevador. – Como foi o julgamento?

– Tudo terminou como esperávamos.

– Parabéns! – Ethan cumprimentou, orgulhoso. – Nunca espero menos de você!

– Obrigado, mas o mérito é seu. Tudo estava bem encaminhado. Só precisei dar continuidade.

– Então dividimos os créditos. – Antes de entrar em seu elevador, Ethan pigarreou e prosseguiu: – Desculpe-me por minha intempestividade. Entenda que, tudo o que se refere à Danielle, me afeta de uma forma que não saberia explicar.

– Como eu disse, não me aborreceria com você por causa do julgamento. Apenas espero sinceramente que aprenda a lidar com Paul. Você não pode apagá-lo das lembranças dela nem mesmo se o matar. Quanto à jovem, acredito que com o tempo você saiba administrar

melhor o sentimento que nutre por ela. Você sempre foi o líder. Todos o respeitam. Por favor, não faça nada que abale o que construiu aqui.

– Não farei. Agora se me der licença... Preciso subir.

– À vontade! – Thomas o liberou, educadamente.

Acenando em despedida, Ethan entrou no elevador e apertou o botão correspondente à cobertura. Ao fechar da porta dupla, ele deixou que a frustração e a fúria viessem à tona. O que não daria naquele momento para esmagar o pescoço de Seager Holmes, o último vampiro a se juntar ao grupo. No momento não poderia correr o risco de se indispor com Thomas, porém não se furtaria de cobrar satisfações de tão observador e prestativo amigo.

Furioso por não ter se livrado de Paul e inquieto por não poder dormir com Danielle, Ethan se despiu e mergulhou em sua piscina, rogando que a água o acalmasse. Minutos depois, percebendo a inutilidade daquela ação, deixou a piscina e se dirigiu ao quarto. Apressado, secou-se, vestiu-se e saiu. Na garagem escolheu sua SW4 e ganhou as ruas.

Desnorteadado, rodou a esmo por Nova York com a imagem da humana fragilizada a assombrar sua mente e os primeiros sinais de sua sede a provocar sua garganta. Sempre alheio a sua rota, Ethan atravessou a Queensboro e quando deu por si rodava pelo Queens. Talvez tenha tomado aquele caminho por saber que sempre encontrava bons espécimes nos bairros mais afastados do distrito vizinho.

Logo sua *fome* se intensificou, obrigando-o a relegar seus problemas a um segundo plano. Focado em sua procura, Ethan vagou pelas ruas pouco movimentadas: o refeitório ideal. Seu problema naquela noite era a pouca variedade. Com a proximidade do inverno, a frequência nas calçadas era drasticamente reduzida. Ethan conferiu as horas em seu relógio de pulso: 10h53.

Não era tarde, ainda assim apenas alguns grupos se aqueciam ao redor de fogueiras improvisadas em latas para se protegerem do frio. Seus componentes eram em geral barulhentos e se voltavam admirados ao ver o carro que passava lentamente. Alguns mais ousados sinalizavam para que Ethan parasse, talvez imaginando que ele fosse como tantos riquinhos que iam até ali à procura de alucinógenos.

Ethan riu mordaz. De certa forma era o que fazia, afinal, muitas vezes provar sangue humano o lançava em uma viagem vertiginosa. Ainda a sorrir, ignorando os chamados e os palavrões quando não lhes dava atenção, Ethan continuou sua procura. Deu algumas voltas pelos quarteirões, então resolveu deixar seu carro em um ponto mais afastado e voltar a pé.

Naquela noite queria escolher, não ser escolhido. Sentia falta da caça. Estava a poucos passos de um vão largo entre duas construções – aparentemente abandonadas – quando viu um negro, alto e forte, se aproximar sendo seguido de longe por uma morena. Ambos vinham na extremidade oposta à calçada na qual seguia.

Sem querer ser visto, Ethan adiantou os passos e se ocultou na escuridão do beco. O lugar era fétido. Dois latões de lixo, um de cada lado da entrada, estavam cheios de todo

resto podre deixado pelos moradores próximos ao local. Fungando, incomodado, o imortal se esgueirou mais para o fundo do beco, na esperança de que o vento frio mudasse de direção e levasse o mau cheiro para longe.

Desejou que o casal passasse de uma vez para que pudesse seguir seu caminho. Contudo, o homem parou a entrada do beco, olhou de um lado ao outro e entrou. Sem dar pela presença nefasta, recostou-se à parede de um dos prédios, onde a luz da rua lançava um facho fraco de luminosidade. Parecia muito à vontade apesar do fedor. Tranquilamente tirou algo do bolso. Quando a mulher apareceu, aproximando-se com expressão ansiosa, o homem acionava o isqueiro e o aproximava do cigarro mínimo.

– O que quer comigo? – o homem indagou rudemente, após sua primeira tragada. O vento trouxe o cheiro característico, indicando a Ethan se tratar de um *baseado*.

– Precisava te ver – ela respondeu, languidamente, tentando se aproximar mais.

– Tá querendo um pouco do que eu te oferecia? – ele falou ao colocar o cigarro nos lábios dela. Depois de uma tragada, ela respondeu:

– É da boa, mas não... Eu quero você!

– Nesse caso, não tenho nada pra você – ele pareceu se impacientar. – Já disse pra largar do meu pé, mulher. Volta lá *pro* teu marido idiota.

– Não consigo... – ela se lamuriou, tentando se aproximar mais uma vez. – Sabe que ele não é nada se comparado a você.

Ethan não podia crer no que ouvia. Seria fácil relevar uma simples barganha entre sexo e drogas, não traição. Não depois de ter machucado Danielle pelo mesmo motivo, não com a traição de sua mãe ao seu pai. A cena inesperada o deixava irritadiço. Inocente, o casal conversava sem saber que incitava o vampiro a atacar.

– Não tô interessado! – disse o negro, porém sua voz já não era rude. Talvez a mulher tenha percebido o mesmo, pois se aproximou e, sem cerimônias, o apertou por sobre a calça.

– Esqueceu como somos bons? – ela perguntou a massageá-lo. Tentando aparentar indiferença ele deu um trago, porém ao falar, sua voz estava rouca:

– Sou bom com todas, vadia.

– Comigo é diferente – ela disse, afastando-se para levantar o casaco e revelar os seios fartos. – Fica comigo... Preciso de um homem de verdade.

O peito de Ethan rugiu. Aquela mulher, de fato, nada valia. Provavelmente o marido estivesse trabalhando para sustentá-la enquanto ela estava naquele buraco imundo, oferecendo-se a outro. Sem que pudesse evitar, Ethan se lembrou do pai, das palavras amargas por imaginar que a esposa e o amante o ridicularizavam. Para ele, adultério era e

sempre seria o pior de todos os crimes e, assim como o único pai que conheceu, acreditava somente na morte como punição.

Cego por um ódio antigo, ele se esqueceu de sua resolução em não matar mulheres. Estava faminto, furioso desde o começo da tarde. Deixaria a adrenalina da caçada para outro dia. Bem diante de si tinha dois humanos abjetos e por eles, salivou. Ao ser liberado do seu transe corrosivo o homem já beijava a mulher, agora apoiada à parede.

Ethan não permitiria que fossem além. De um único salto, parou exatamente às costas do homem. A mulher o viu primeiro, mas não pôde sequer gritar. Ethan cravou seus dentes no pescoço masculino enquanto segurava a mulher, prendendo-a pela garganta. Furioso, sugou o sangue de sua vítima, olhando diretamente para a próxima. Agradava-o saber que ela por certo, arrepentia-se de ter saído de casa. Liberou-a somente quando largou o corpo inerte do amante.

– Por favor!... Por favor... Não! – ela chorou, caindo de joelhos, sem forças para sustentar as pernas trêmulas. – Não... O que é você?

– Alguma coisa que não perderia tempo se apresentando a você – ciciou, enfadado.

Com ela ajoelhada, Ethan se abaixou e atacou. Estimulado, sugou de seu pescoço com força. Ele não se lembrava da vez que uma mulher se debateu em seus braços até a morte. Tinha esquecido de que a sensação era tão boa quanto à de quando as matava durante o sexo. Conferia-lhe poder. Aquele mesmo que parecia estar perdendo aos poucos depois que conheceu Danielle.

A verdade do pensamento atingiu-o com violência. Naquele momento, com os corpos largados aos seus pés, reconheceu mais uma vez que estava agindo irracionalmente como nos últimos dias. Não cabia a ele julgar nem condenar aquela mulher. Lamentável que notasse o erro tarde demais. Ethan olhou para o corpo feminino, então lhe fechou os olhos e lhe cobriu os seios. Não lamentava as mortes, apenas seu destempero.

Era chocante se reconhecer fraco e impulsivo, tão facilmente movido pelas paixões que a humana lhe despertava. Abalado pela verdade, talvez imutável, arrastou-se para o fundo do beco e se deixou cair sentado sobre uma pilha de papelão velho. Nem se importou com o vento contrário que trazia o cheiro do lixo humano até ele.

Thomas tinha razão, ele era o líder, respeitado por todos. Se de uma hora para outra agisse sem pensar, sem medir as consequências, logo teria problemas. Precisava de fato aprender a administrar seu recém-descoberto amor. Aquele novo sentimento não poderia ser maior do que seu poder e força.

Ethan ainda cismava distraído, quando o vento trouxe um odor conhecido, misturado ao fedor. Sem se mover, olhou para o ponto onde deixou seus cadáveres. Agachado sobre eles, – alheio a sua presença – um imortal improvável farejava os ferimentos de suas vítimas. O sangue ainda quente, colhido há poucos minutos, congelou em suas veias. Não era possível que seu intruso estivesse todo aquele tempo dentre os seus. Ou seria?

Capítulo Dois

Com exceção a Thomas e Joly, Ethan nunca confiou cegamente em nenhum outro vampiro de seu grupo, porém dentre todos, Andrew Kelly seria o último em sua lista de desconfianças.

Agradecendo o vento favorável que não o denunciava, permaneceu imóvel apesar da ânsia crescente em avançar contra o traidor. Raivoso, Ethan assistiu Andrew farejar os corpos antes que avançasse contra o pescoço da mulher. Foi preciso grande esforço para se manter no lugar, enquanto Andrew sorvia o sangue restante, já impróprio para o consumo.

Provando o fato, Andrew cuspiu o pouco que sugou, torcendo o rosto em repulsa. Depois de cuspir uma vez mais, agiu com incrível rapidez. Atirou os corpos num dos latões de lixo, cobriu-os com restos de papelão e ateou fogo, usando o isqueiro que pegou do morto. Foi quando Ethan avançou. O vampiro surpreso foi prensado contra a parede, preso pelo pescoço.

– Ethan?! – Andrew chiou, tentando livrar a garganta do aperto de ferro.

– O que significa isso? – Ethan bateu-lhe as costas contra a parede mais uma vez, sibilando entre dentes. – O que quer de mim?

– Eu?... Nada... Estava só... ajudando. – Com as duas mãos, forçava os dedos da única mão de Ethan a lhe comprimir contra a parede enquanto esperneava, tentando uma fuga. – Está... me... machucando...

– Nada comparado ao que vou fazer depois que explicar qual a razão de tudo isso. – Ethan falava com dificuldade, tamanha a raiva que sentia. – O que lhe fiz para me provocar? Matar pessoas relacionadas a mim?... Beber de meus restos? Responda!

– Não é... nada disso... – Andrew ainda lutava. – Não fiz essas coisas... Eu apenas... Estava... tentando ajudar.

– Ajudar?! Explique-se!

– Minha garganta... Por favor... – implorou.

– Vou soltá-lo, mas nem pense em correr – rosnou Ethan. – Quero respostas. E rápido. Logo alguém virá depois dessa sua gracinha.

Ao libertá-lo, Ethan bloqueou a passagem. Dependendo das respostas, Andrew alimentaria a própria fogueira.

– Eu não fiz nada disso. Estou do seu lado, pode confiar em mim. – Andrew assegurou enquanto movia o pescoço, olhando Ethan, ressentido.

– Ultimamente não confio nem em minha sombra, Kelly. E não me venha com essa de ajudar. Eu o vi beber o sangue da mulher. Até onde eu sei você é do time de Thomas.

– Não estou mentindo!... Raramente bebo de humanos, mas não o evito. Pensei que talvez ainda houvesse algo para mim, mas já era tarde. Quanto a ajudá-lo, saiba que desde a noite em que você me encontrou no Central Park eu o sigo para evitar que deixe corpos espalhados. Como fez com King e o infeliz que você jogou na lagoa.

A justificativa era válida. Desde aquela noite certas mortes não eram noticiadas, ainda assim, Ethan custava a confiar. De súbito uma ideia lhe ocorreu.

– Está obedecendo às ordens de quem? Thomas?

– Obedeço apenas a você!... Como já disse eu queria ajudar.

– Pois saiba que não preciso de sua ajuda. Mato pessoas antes mesmo que você nascesse e nunca tive problemas com os corpos. Os humanos não sabem de nossa existência, então invariavelmente acham uma desculpa plausível para os mortos que encontram exangue em algum beco fedorento como este.

– Até que algum vampiro resolva nos expor – Andrew corajosamente retrucou.

– Pois até mesmo quando esse infeliz apareceu só consegui chamar a nossa atenção. O que fez saiu na mídia, mas deu em nada como todas as outras vezes. Esse imprestável é um incompetente. Um covarde que ao invés de vir diretamente a mim, fica dando voltas ao meu redor como uma maldita mosca barulhenta. Uma que eu terei imenso prazer em esmagar assim que se arrisque a pousar em minha mão.

Ethan expressava sua vontade olhando diretamente para os olhos azuis de Andrew. Não saberia explicar, mas ainda sentia vontade de matá-lo. O jovem vampiro retribuía o olhar, porém com respeito e submissão.

– Perdoe-me, Ethan, não quis aborrecê-lo. Se soubesse que minha atitude fosse irritá-lo desse jeito não teria feito.

– Vou acreditar em você, mas não quero saber de novas perseguições – Ethan anunciou ainda tentando adquirir algum controle. Imediatamente outro detalhe lhe veio à mente e tão rápido que Andrew sequer percebeu seu movimento, novamente o prendeu contra a parede, segurando-o pela gola do casaco. – Até onde tem me seguido?

Não gostava da ideia de Andrew ou qualquer outro saber sobre sua humana.

– Sempre em suas caçadas, e de longe – Andrew respondeu calmamente – Quando você vai embora eu verifico o que deixou para trás. Contando com hoje, apenas três vezes foi preciso minha interferência.

– Não me seguiu para outro lugar além desses? – Ethan o encarava com o cenho franzido.

– Não, Ethan... Mas que inferno! É complicado ajudar você. – Com um tapa Andrew afastou mais as mãos que já o soltavam. – Pensei que estivéssemos juntos nessa. Agora age como se eu fosse seu inimigo.

– Acredite, quando eu precisar de sua ajuda a pedirei! – Ethan retorquiu, relevando a ousadia por recordar não ter sido o cheiro de Andrew que sentiu na sacada. Mas a constatação não ajudava a arrefecer sua raiva. – Não quero ser seguido. Sabe muito bem que vampiro algum gosta de ser espreitado.

– Desculpe-me. Não vai se repetir – Andrew prometeu arrumando o casaco. – Agora acho que é melhor sairmos daqui... Já ouço as sirenes.

– Ouço perfeitamente! – Ethan retrucou; ríspido. Contudo, reconhecendo o valor da iniciativa, ele segurou o braço do vampiro que se preparava para partir. – Escute... Não pense que não reconheço seu esforço. Em condições normais eu talvez até apreciasse, mas... Eu realmente não quero ser seguido. Quando precisar de sua ajuda eu pedirei e, se ainda estiver disposto, eu lhe serei agradecido se a der.

– Sem problemas... – Andrew respondeu ao livrar o braço. – Até amanhã, McCain. Tenha uma boa noite!

– Boa noite, Kelly!

Andrew se foi pela entrada do beco. Ethan deixou o local galgando as saliências de um dos prédios até alcançar o topo. Com o peito a rugir, correu pelas coberturas. O movimento ajudava a aliviar a tensão. Sentia-se inquieto, raivoso, inútil. Era inadmissível um vampiro mais jovem considerá-lo irresponsável ao ponto de segui-lo para limpar sua sujeira. Por sorte esperou, caso contrário teria decepado um colega por algo banal. E inadvertidamente baixaria a guarda enquanto o verdadeiro intruso continuaria livre.

Ethan ansiava pelo dia que aquele inferno de incertezas chegasse ao fim, porém, naquele momento, livre da sede e de Andrew, o sentimento que não conseguia domar prevaleceu sobre todos os outros e se tornou urgente. Com o tempo esclareceria aquele mistério e até lá, poderia aprender a dosar seu amor, mas ele percebia que talvez nunca soubesse como lidar com um afastamento.

Tanto era verdade, que Ethan corria com destino certo; um que não poderia alcançar facilmente de onde estava. À medida que avançava os prédios se tornavam mais altos, as ruas mais largas. Nem mesmo sua agilidade e força seriam capazes de ultrapassar tais distâncias. Ao se deparar com um edifício verdadeiramente alto e sem apoios ele desistiu de seguir adiante. Resignado, Ethan fez todo o caminho de volta até seu carro.

Sequer sabia a hora, pois qualquer que fosse apenas indicaria o tanto de tempo que ainda ficaria longe da humana. O que importava era à distância que, alheio ao trânsito, ao cruzar da ponte, às ruas e avenidas, Ethan eliminou até que estacionasse sob as copas das árvores da 8th Street. Joly não o impediria de ver Danielle. Queria apenas tocar os cabelos

dela e assisti-la dormir. Não pedia muito e tinha pressa, então, como toda discrição era dispensável durante a madrugada, ele transpôs a distância restante do carro até a sacada em segundos.

Parado diante da porta envidraçada hesitou em bater. Desejava se deitar com Danielle, porém estava farto de discussões. Com certeza Joly cumpria a promessa e ocupava o espaço vago na cama espaçosa. Ethan poderia obrigar a amiga a cedê-lo, mas achou por bem deixar as duas dormirem em paz. Saltando para o prédio vizinho, sentou-se na marquise mantendo o olhar fixo na porta da sacada; dar-se-ia por satisfeito em guardar a noite.

Transcorridos apenas alguns minutos, ele sentiu o movimento fortuito às suas costas. A criatura era tão leve que o vampiro sequer se abalou. Logo ouviu o rosnado baixo. Sinceramente não estava com paciência para brincar com o gato, mas se voltou para encará-lo quando o rosnado se intensificou.

Black, o gato preto de Danielle, estava a dois metros de distância, com o dorso arqueado e os pelos eriçados na tentativa inútil de impressionar o oponente ao se mostrar maior do que realmente era. Caso pertencesse a outro, Ethan teria achado graça da inocência felina e o mataria. Naquele caso saltou e se pôs agachado na beirada do prédio, pronto para o ataque.

Acuado, Black estacou, sustentando-lhe o olhar. Após meio minuto Ethan saltou sobre o gato, pegou-o pelo peito mínimo e o prendeu sobre as telhas velhas. Encarando-o, Ethan se manteve a rosnar baixo, demonstrando que acabaria com o enfrentamento facilmente. Somente então, abrandou o olhar e silenciou seu peito gradativamente antes de liberar o animal.

Quando Black sumiu de vista, Ethan voltou a sentar na borda da marquise. Não o espantou ver Joly de pé, parada sob o batente, encarando-o seriamente. Sabia que ela seria mais uma a enfrentar, porém, realmente não estava com disposição para duelar com todos os defensores de Danielle. Sem cumprimentos, Ethan levantou para ir embora.

– Espere, McCain!

Joly o chamou tão baixo que somente ele poderia ter ouvido. Ethan se voltou em tempo de ver a amiga fechar a porta da sacada e, rápida como um sopro, sentar-se na beirada do prédio, próxima a ele.

– Sente-se, por favor! – pediu.

Ethan a olhou por alguns segundos, tentando adivinhar a intenção. Não poderia, mas como não dispunha da mínima vontade de ir embora, resolveu atendê-la. Ao sentar, Ethan mais uma vez mirou a porta da sacada, pensando apenas que o espaço na cama agora estava vago.

– Não tinha nada melhor a fazer além de vir brincar com o gato? – Joly gracejou.

Ethan não respondeu, nem a olhou. Não tinha nada melhor a fazer nem lugar melhor onde pudesse ir. Seu rumo certo era cruzar a porta que olhava e repousar em paz ao lado

da mulher que amava. Mas não diria. Se Joly não tinha entendido como ele se sentia, não perderia tempo com novas explicações.

– Você está horrível! – Joly exclamou a certa altura, torcendo o nariz. – E que cheiro horrroso é esse?

– A noite está horrível! E quanto ao cheiro, é uma longa história. Conto outra hora.

Ao se calar, Ethan voltou à sua muda contemplação. Sequer reparou que Joly o observou por cinco minutos inteiros.

– Não consegue fica longe, não é mesmo? – ela perguntou por fim.

– Eu estou longe, não estou?

– Ethan...

– Não posso causar danos daqui – cortou-a friamente. – Então agradeceria se me deixasse em paz.

Ethan queria ficar sozinho para padecer com a falta que se agravava a cada minuto. Não era hipócrita, nem um maldito poeta romântico e assexuado; sempre desejaria Danielle ardentemente, porém naquela noite, se contentaria apenas em dormir abraçado a ela. Deveria se orgulhar, pois o mérito por estar longe era exclusivamente dele, pensou sarcástico. Talvez Danielle estivesse bem melhor sozinha.

– Não está! – Joly murmurou, tocando-o no ombro.

– Como disse?! – perguntou aturdido. Incrédulo quanto a ter externado o pensamento.

– Não sei o que acontece. – Joly falou, olhando em frente, aérea. – Acredito que Dana tenha criado algum tipo de dependência, sei lá... O fato é que agora está dormindo porque eu a induzi, mas antes... Quando eu queria que descansasse por conta própria, ela rolou pela cama e chamou por você mais do que qualquer outra coisa.

O coração decrépito pulsou uma batida além do normal. Antes que Ethan pudesse exigir mais detalhes Joly se pôs de pé e, espreguiçando-se casualmente, disse em tom queixoso, indo em direção à rua, equilibrando-se perfeitamente na marquise.

– O colchão da Dana é mole demais. Prefiro minha própria cama. – Após dar cinco passos ela o encarou. – Volto antes do amanhecer. Por favor, não faça com que eu me arrependa.

Uma vez sozinho Ethan voltou à sacada e entrou. Imediatamente fechou os olhos e requisitou todo o odor de Danielle para si como se dele dependesse sua vida. Seu corpo viciado reagiu de pronto, levando-o a sorrir com leve zombaria auto-indulgente. Decididamente não era um poeta romântico que enaltecia o amor virginal.

Controlando a eterna volúpia, Ethan fechou a porta atrás de si e se pôs ao lado da cama. Danielle exalava um cheiro tão bom que ele próprio se sentiu sujo. Não poderia se deitar ao

lado dela cheirando a fumaça vinda de detritos orgânicos, papelão e carne humana. Desenvolto como se estivesse em seu próprio apartamento, Ethan seguiu para o banheiro. O espaço era mínimo se comparado à sua suíte, porém os múltiplos frascos coloridos o tornavam muito mais interessante.

Logo Ethan estava despido, de cabeça baixa sob a água morna, deixando que esta levasse os resquícios dos últimos acontecimentos para o ralo. Ao ouvir um resmungo, Ethan ergueu a cabeça e esperou. Danielle não emitiu novo som, ainda assim ele acelerou sua limpeza, livrando-se do mau cheiro com o sabonete rosa de odor floral. De volta ao quarto, coberto pela roupa íntima, Ethan lentamente ergueu a coberta e escorregou para o lado de Danielle, que dormia tranquilamente como dito por Joly. Ainda assim ele evitou tocá-la, deitando-se de costas para mirar o teto, deixando-se embalar pela respiração compassada da humana.

Não completou um minuto antes que, como se atraída por um imã, Danielle corresse a mão direita pela cama até tocá-lo. Alarmado, Ethan a olhou para descobrir que ela ainda dormia. E assim, de olhos fechados, ela tateou-lhe o dorso e se aproximou até pousar a cabeça sobre seu peito. Não ousou respirar, sendo invadido por sentimentos conflitantes. A alegria e a culpa imperavam, enquanto ele tentava entender, como Danielle podia procurá-lo depois de ter sido maltratada. Não encontrou respostas, mas sentiu o desejo premente de protegê-la. Se ele padeceu apenas por algumas horas de separação, como seria caso a tivesse matado?

Contendo um lamento, Ethan fechou os olhos com força e num impulso abraçou Danielle, ignorando a dor em seu coração; afastando o pensamento. Ele não seria imprudente uma segunda vez e a protegeria até de si mesmo. E que os deuses o defendessem, pois não seria uma tarefa fácil. Não, não seria, contudo Ethan se considerava forte; era o mínimo depois de seu erro.

– Algum dia seria capaz de me perdoar? – indagou, sabendo que não seria ouvido.

Perdoar? Ela pensou presa às brumas do sono. Não sabia nada sobre perdão. Somente que precisava ficar sobre aquele monte que a acolhia.

Capítulo Três

Domingo, Dana despertou com os sons vindos da cozinha que indicavam a incessante movimentação de Joly a preparar o café da manhã. Antes de abrir os olhos, sorriu. Ela não se lembrava de ter sido tão mimada, nem pelo ex-namorado. Desde que recomendou repouso absoluto, demonstrando profundo conhecimento sobre aquela estranha doença, Joly a manteve deitada na maior parte do tempo. Proibiu-a até mesmo de escrever. As únicas atividades liberadas eram ver TV ou ler revistas e livros.

Apesar de por vezes entediante, a limitação imposta pela francesa se mostrou eficaz. Em apenas dois dias Dana já se sentia recuperada. A parte inquietante da convalescência ficou por conta do telefonema de Ethan McCain no dia anterior, no qual demonstrou extrema preocupação e desejou a Dana uma pronta recuperação. Ela pouco falou, emudecida ao ouvir a voz mansa que tinha o poder de inflamá-la.

Suspirando, Dana mirou o teto. Como Joly salientou, não mais sonhou com Ethan. Ao contrário, na primeira noite, em seu pesadelo, esteve sozinha e confusa. A sensação ruim cessou ao encontrar um refúgio sólido e sobre ele se aninhar. Contrariando seu pensamento, não sentiu falta dos sonhos lascivos com o criminalista, assim como acordada, não sentia falta de Paul.

Satisfeita, Dana deixou a cama para tomar o banho matinal. Entrou sob o jato d'água e, imóvel, repassou os últimos acontecimentos. Apesar de ter perdido o emprego e o namorado, havia a parte boa que era ter conhecido Joly. Nunca, em toda vida, Dana teve uma amiga como ela. E conheceu Ethan...

Droga! Foi um erro pensar no advogado naquele momento. Bufando exasperada, Dana esfregou o sabonete em seu corpo com força para afastar a inquietação. O banho se tornou tenso e dolorido. Depois de poucos minutos estava muito vermelha, excitada e ansiosa; especulando se Ethan telefonaria naquela manhã. De volta ao quarto, Dana estremeceu ao ouvir uma voz baixa e masculina vinda da cozinha, e acreditou que Ethan estivesse ali para saber dela.

Movida por uma pressa súbita, vestiu o primeiro jeans que encontrou e uma camiseta de malha branca, prendeu os cabelos num rabo de cavalo, calçou os chinelos e seguiu expectante para a sala. Ao cruzar o batente ela percebeu seu duplo engano. Thomas se encontrava no corredor, conversando com Joly, parada à porta. Dana não conseguia ouvir o que diziam, mas pareceu evidente que discutiam. Antes de seguir à diante conseguiu entender o final da última frase.

– ... perigoso ficarmos tanto tempo sem nossa viagem. Seja razoável, *ma chérie*.

– Thomas, eu... – Joly se interrompeu para exclamar antes que Dana avançasse dois passos: – Então a Bela Adormecida acordou?

– Sim. – Dana confirmou desnecessariamente, sentindo-se uma intrusa por ouvir parte da conversa estranha. – Bom dia, Joly... Thomas.

– Bom dia! – responderam em uníssono.

– Por que não o convidou a entrar? – indagou à amiga.

– A conversa é breve. – Joly justificou.

– Ainda assim poderiam conversar aqui dentro. – Dana insistiu antes de dizer diretamente a Thomas. – Entre.

– Obrigado, Danielle! – Ele lhe estendeu a mão e sorriu, aceitando o convite. – Folgo em vê-la recuperada.

Dana aceitou o cumprimento e emudeceu. Ouvi-lo dizer o nome inteiro, assim como tocar aquela mão fria, tão semelhante à outra conhecida, teve o poder de desconcertá-la. Instintivamente, ela recolheu a mão e ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Obrigada! Mérito total de Joly.

– Ótimo que o pôs para dentro, agora posso voltar às minhas torradas – disse a francesa, girando nos calcanhares para retornar à cozinha. Restou aos dois segui-la. Joly já arrumava algumas torradas sobre um prato antes de ordenar. – Sentem-se.

– Espero que não se importe pela invasão matinal – Thomas falou enquanto Dana se acomodava à bancada mínima, já repleta de comida.

– De forma alguma. Fique sempre à vontade.

– Obrigado!

– Então... – Dana começou, dirigindo-se à Joly que trazia mais torradas. – Não se cansa de ter trabalho comigo? Acho que nunca poderei retribuir tanta atenção.

Descobrimo estar com fome, Dana logo tirou uma torrada do prato e mordeu a ponta.

– Faço com prazer... Já lhe disse isso. E já que está aqui, coma!

– Ela sempre foi assim mandona? – Dana perguntou timidamente a Thomas.

Ele alargou o sorriso. Desconcertada por novamente compará-lo a outro homem incrivelmente bonito, Dana baixou os olhos para o *banquete* à sua frente. Pães, bolo, ovos, geléia, panquecas, mel, café e leite. Além das torradas. O que tinha ali daria para alimentar aos três e provavelmente sobraria. Estranho que somente seu lugar estivesse arrumado.

– Não vão comer comigo? – estranhou.

– Eu vou – respondeu Joly pegando uma torrada que passou a mordiscar lentamente enquanto se recostava contra a pia.

– Não, obrigado! – Thomas declinou. – Pela manhã costumo tomar apenas uma xícara de café. Já fiz isso em casa. E, respondendo à sua pergunta anterior, sim. Joly sempre foi mandona, assim como é irritantemente teimosa.

– Por favor, Thomas – Joly pediu. – Não vamos recomeçar. Não na presença de Dana.

– Por que não? – indagou erguendo uma sobrancelha, desafiador. – Ela ouviu parte do que conversávamos, não ouviu?

A pergunta foi feita diretamente à dona do apartamento que quase engasgou com seu primeiro pedaço de bolo.

– Não tem problema ter ouvido – a amiga a tranquilizou antes que Dana respondesse. – Não era nada importante.

– Desculpem, mas foi inevitável – Dana finalmente falou, sentindo o rosto muito quente. – Sinceramente não entendi, mas pareceu ser importante.

– E é importante, Danielle. Mas nada com que deva se preocupar. É somente algo relacionado ao meu trabalho. Não posso perder a chance de me encontrar com uma testemunha chave que está fora da cidade e pedi que Joly viesse comigo.

– E eu já disse que não é hora de sair daqui. *Arrêtez immédiatement!* – demandou aborrecida.

– Você disse que queria retribuir a atenção que Joly lhe dispensa, então... – Thomas se dirigiu a Dana, porém a francesa se empertigou e o cortou.

– Não se atreva, Thomas! Eu já disse para parar.

– Talvez possa convencê-la a vir comigo – ele prosseguiu, ignorando a esposa, falando diretamente com Dana. – Eu apreciaria muito a companhia dela.

– Bem, eu... – Dana olhou de um ao outro, desconcertada. Era amiga de Joly, mas com certeza não ao ponto de influenciá-la a fazer o que não queria. – Não sei se posso fazer muita coisa para ajudar.

– Na verdade, você é a única que pode – ele comentou.

– Eu?!... Como?

– Thomas, pare agora mesmo! – Joly jogou a torrada na pia e falou para Dana. – Não dê ouvidos a ele... Thomas só está sendo um chato!

– Ela não quer deixá-la sozinha. – Thomas explicou, parecendo se divertir com toda a situação.

– O quê?! – Dana largou o garfo, estarecida. – Não por minha causa, Joly! – pediu. – Sou grata por cuidar de mim. Você é sem dúvida a melhor amiga que tenho, mas, por favor... Não deixe de fazer nada por minha causa... Estou recuperada. Pode viajar despreocupada.

Dana custava a creditar que, por sua culpa, a amiga se recusasse a passar horas, talvez dias com o homem que afirmou amar. Ainda que fosse a trabalho, sempre era bom estar junto de quem se ama. Subitamente a imagem de Ethan lhe veio à mente.

– Você não sabe o que está dizendo! – Joly a livrou da súbita consternação.

– Sei, sim! – Assumindo um tom conciliador, Dana prosseguiu: – Sempre vou ser agradecida pelo o que fez, mas... Sou adulta e sei me virar sozinha. Como disse, já estou recuperada e não quero ser motivo de brigas entre vocês dois.

Thomas cruzou os braços e sorriu triunfante. Joly encarou a amiga para replicar, mal-humorada.

– Está bem “senhora autossuficiente”. Eu vou, mas se algo acontecer, não reclame.

Ao ver a amiga deixar a cozinha, pisando firme, Dana se arrependeu da intromissão. Não queria magoá-la. Fez menção de deixar a bancada para segui-la, porém Thomas foi mais rápido, segurando-a na cadeira.

– Por favor, não ligue para o mau gênio de minha mulher. Amanhã pela manhã estaremos de volta e poderão conversar. Asseguro-lhe que quando chegarmos ela estará de bom humor.

Depois de uma piscadela, Thomas se foi sem mais palavras. Incapaz de compreender o pequeno turbilhão de humores que os envolveu, Dana permaneceu sentada, especulando o que preocupava Joly. Não poderia ser o risco de uma recaída, visto que se sentia forte. Tanto que iria para o restaurante de Terry. Aparentemente tamanho cuidado era injustificado, o que reforçava a impressão de que estava perdendo alguma coisa. Algo óbvio.

Sem conseguir chegar a uma conclusão, Dana tomou seu café da manhã sem pressa. Embalava o que sobrou do banquete matinal, quando Black entrou pela janela.

– Até que enfim resolveu voltar para casa! Onde andou todos esses dias?

Miando, o gato passou a se enrolar nas pernas da dona.

– Não adianta tentar me adular. Não o desculpo pela última gracinha.

Por sorte o travesseiro perdido não levou o cheiro de Ethan. Ao que parecia sua recordação olfativa era melhor do que imaginava, pois o odor estava de volta. Era impossível, mas estava. Ainda assim ela não desculparia o gato por urinar em sua cama.

Como se entendesse as palavras da dona e soubesse que não teria afagos, o felino dedicou sua atenção às tigelas; completas de água e ração. Dana percebeu que Joly havia

cuidado até mesmo de seu gato. Novamente o remorso a corroeu, deveria ter ficado de fora daquela briga. Agora era esperar que a amiga a perdoasse, pensou resignada.

A louça já estava sendo guardada quando o telefone tocou. Esperançosa, Dana correu até a sala. Antes de atender, parou e respirou fundo para não denunciar sua ansiedade.

– Alô... – atendeu com voz incerta.

– *Oi, princesa.*

Ao ouvir a voz errada, foi preciso novo empenho para encobrir a decepção.

– Oi, pai...

– *Qual o motivo do sumiço? Sua mãe está preocupada.*

– Eu estou bem... Não se preocupem. E como está mamãe?

– *Ela está bem... E me pediu para confirmar sua presença no dia de Ação de Graças.* – Dana se surpreendeu ao se lembrar do feriado, o tempo simplesmente corria. Antes que pudesse responder o pai acrescentou: – *Traga seu namorado.*

– Pai... Não sei se poderei ir.

Na verdade poderia, mas não queria sair da cidade. Dana tentou dizer a si mesma que não por um motivo especial. Também não se sentia com disposição para contar sobre o fim de seu relacionamento.

– Verei o que posso fazer – prometeu apenas para encerrar o assunto.

– *Pelo menos tente!...* – Martin pediu, enternecendo o coração da filha. – *Sentimos sua falta todos os dias.*

– Vou tentar, prometo!

Depois de renovada a promessa, Dana conversou com o reverendo ainda por alguns minutos. Após as despedidas, ligou o rádio e voltou aos seus afazeres na cozinha, disposta a não pensar em advogados. Um em especial, que apagava gradativamente a imagem do outro.

Horas depois, ao se aprontar para deixar o apartamento, Dana foi tomada por uma animação inesperada. Não estava acostumada a adoecer e muito menos a ficar confinada, então se vestiu às pressas; queria sair o quanto antes. Na calçada, sorriu para seu carro como se este fosse um velho conhecido, feliz pelo simples fato de novamente dirigir.

Contudo a satisfação de Dana sofreu forte abalo após se acomodar ao volante e não conseguir dar a partida. Com as sobranceiras unidas, Dana girou a chave na ignição, repetidas vezes, e nada. Irritada, deixou o carro, bateu a porta com força e chutou o pneu dianteiro somente para extravasar a frustração.

– Droga!

Cruzando os braços, olhou incrédula para o Accord. Graças a sua boa sorte chegaria atrasada à cantina. Era bobagem, ela sabia, mas parecia que o carro tinha vontade própria e estava de pirraça, afinal, vinha funcionando perfeitamente desde que saiu da oficina, semanas atrás. Impossível não lembrar os conselhos de Paul para que o trocasse.

Dana olhou mais uma vez para o carro, aliviada por não sofrer com a lembrança do ex. Antes disso, sofria era em antecedência por ter de usar transporte público. Suspirando, reconheceu também que sofria pela falta de um telefonema em especial. Como se *ele* tivesse motivos para telefonar todos os dias, Dana revirou, aborrecida consigo mesma.

De qualquer forma, ficar parada, de braços cruzados, não mudaria seu humor nem ajudaria com o transporte. Conformada, ela aspirou o ar frio da tarde, ajeitou o casaco e reacomodou a alça da bolsa sobre os ombros. Preparava-se para seguir até o final da rua, quando ouviu o ronco manso de um motor. Imediatamente alerta, olhou em volta, e esse foi seu único movimento.

Depois que viu o BMW coupé ser estacionado junto ao meio fio, exatamente atrás de seu modesto Accord, todos os seus músculos congelaram. Pateticamente, Dana permaneceu imóvel assistindo Ethan McCain deixar o carro e seguir em sua direção. Os cabelos castanhos estavam agitados; talvez pelo vento, talvez por dedos impacientes. O rosto pálido evidenciava os óculos escuros e as roupas casuais que o desligavam por completo da figura austera do advogado bem-sucedido. Para a jornalista paralisada, Ethan era o equivalente humano da palavra *tentação*.

– Boa tarde, Danielle! – Ethan cumprimentou, parando exatamente à frente dela; muito perto, exibindo um meio sorriso.

– Oi! – Foi tudo que Dana conseguiu exalar num primeiro momento.

– Pelo que vejo você está mesmo recuperada – ele comentou, alargando o sorriso.

– Sim... Estou melhor... – Sem saber por que, acrescentou: – Graças a Joly.

– Acredito que sim... Ela sabe como cuidar de uma pessoa – ele murmurou como que para si, deixando o sorriso morrer. Depois, em voz mais elevada, perguntou: – Por falar em Joly, saberia me dizer se ela está? Preciso falar com Thomas e não o encontro.

– Eh... Eles não estão – disse. Poderia ser indiscrição, mas uma vez que não tinha os detalhes, Dana não viu mal algum em acrescentar: – Saíram em algum tipo de... Viagem.

Dana captou o entendimento no arquear das grossas sobrancelhas. Sem que percebesse ficou a mirar, por tempo demais, os óculos escuros como se visse os olhos verdes que escondiam. Após alguns segundos, Dana piscou rapidamente e disse:

– Bom... De qualquer forma não estão e eu... Preciso ir... Estou atrasada, desculpe-me.

Ainda sem jeito, e temendo tropeçar nas próprias pernas, ela acenou para Ethan e fez menção de seguir caminho, porém a voz mansa de Ethan a deteve.

– Não vai dirigindo? Ainda não se sente bem?

– Ele não quer funcionar – ela esclareceu, apontando o próprio carro. – Estava perfeito há dois dias e agora não quer ligar.

– Posso levá-la. Para onde vai? – Ethan ofereceu gentilmente.

O coração de Dana que antes estava aos saltos, parou por alguns segundos, somente para funcionar com o dobro da velocidade.

– Na verdade, você não...

– Eu faço questão! – Ethan a interrompeu. – Tenho a tarde livre já que Thomas não se encontra na cidade.

Antes mesmo de encerrar a frase, ele lhe estendeu a mão; grande, branca, de dedos longos e perfeitos. Dana se perguntou se um dia seria capaz de recusá-la. Aparentemente não, pois, como se não tivesse vontade própria, mais uma vez, segurou a palma oferecida. Inútil desejar que seu corpo não reagisse. Tudo que lhe restava era pedir mentalmente que Ethan jamais percebesse o poder que exercia sobre ela.

Muito gentil, e sem lhe soltar a mão, Ethan a levou até o carro e não a libertou até que ela estivesse acomodada. Depois de fechar a porta, seguiu para seu lugar de motorista, sob o olhar atento de Dana, que recordou a última vez que esteve no BMW. Parecia que o episódio havia acontecido há meses e não há menos de uma semana.

Que criatura deplorável deveria ter parecido na ocasião. Não que seu estado atual fosse menos lamentável. Dana tinha consciência da palidez e a falta de maquiagem não ajudava em nada. Agora se arrependia amargamente por sua pressa. Se tivesse a mais remota idéia que encontraria Ethan, teria caprichado na aparência. Bobagem, afinal ele colocou o carro em movimento sem nem olhá-la.

Também não lhe dirigiu a palavra enquanto guiava. Com isso uma tensão quase palpável os envolveu. Ou talvez fosse impressão, Dana considerou, movendo-se sobre o assento. Ela se esforçava em olhar sempre à frente, porém vez ou outra se permitia um breve espiar para a mão forte ao volante.

– Gosta de música?

A pergunta inesperada a sobressaltou. Dana procurava por sua voz, quando, sem esperar resposta, Ethan ligou o som. Logo os acordes quebraram o silêncio inquietante.

– Sim, obrigada – ela murmurou, tardiamente.

– Gosta dessa? Se preferir outra eu posso trocar – ele ofereceu, solícito.

– Não é necessário. Esta está perfeita! – Na verdade, *Kiss the Rain* era uma das composições de Yiruma que ela mais gostava. Sentindo os efeitos das notas harmônicas, Dana comentou distraída. – Músicas tocadas ao piano me acalmam.

– Espero que esteja funcionando agora, pois eu estava prestes a perguntar se você é sempre tão tensa quanto parece.

O comentário levou Dana a encará-lo; erro fatal. Ethan havia retirado os óculos, tornando impossível não se perder naquele breve olhar. A voz suave despertou-a.

– Eu estive pensando... Já que estamos aqui. E a música a acalma. Talvez pudéssemos aproveitar para resolvermos aquelas dúvidas pendentes. O que me diz?

Ethan parou o carro, obedecendo à sinalização, e se voltou em sua direção. O quê? Dana pensou. Ele se colocava a disposição para beijá-la ali? Naquele instante? Pensou alarmada. Descendo o olhar para a boca máscula, Dana decidiu que, por ela, tudo bem.

– Acho uma ótima idéia – murmurou.

Presenteando-a com um sorriso largo, onde exibia os dentes brancos e ordenados, Ethan indagou:

– Além do piano, qual outro instrumento aprecia?

Demorou alguns segundos até que ela processasse a pergunta. Decepcionada, ordenando ao coração que se acalmasse, respondeu sem pensar.

– Gosto de todos de um modo geral. Aprecio música – calou-se, mas logo em seguida acrescentou: – Mas se fizer questão que eu cite um, gosto de órgão.

– Órgão?! – Ethan franziu o cenho, apesar de parecer se divertir. Seguindo caminho, comentou: – Esse instrumento é comum em igrejas. Até mesmo nas Reformadas. Muitos atribuem à intermitência de suas notas uma conotação mística. Símbolo de tudo que é imutável. – Olhando-a de esguelha, perguntou: – Sabe o porquê da preferência? Seria algo remanescente de sua infância quando ia às missas dominicais?

– Na verdade eram cultos – ela corrigiu sem entender o tom da última questão. – E não somente aos domingos nem se restringiram à minha infância.

– Está me dizendo que você era uma pequena aficionada por religião?

– Não foi o que quis dizer, apenas cresci no meio. – Novamente Dana não entendeu o tom de incredulidade. Não o questionaria, então apenas esclareceu: – Meu pai é reverendo.

– Perfeito! – Ethan exclamou soturno e, sem olhá-la, indagou com velada zombaria: – Então a pequena Danielle cresceu temendo a Deus e clamando aos céus para que o diabo nunca viesse incomodá-la?

– Cresci respeitando a Deus – ela novamente corrigiu; perdida após a mudança de humor. – Quanto ao “outro”, nunca lhe dei muita importância. Se fizer o que considero certo, não atrairei o Mal.

– Ficaria surpresa se soubesse o quanto criaturas malignas são atraídas por aqueles que se mantêm no caminho do bem. – Ethan retrucou intimista.

Dana o encarou em tempo de vê-lo enrijecer o maxilar. Sinceramente gostaria de acompanhá-lo. Para confundi-la mais, Ethan suavizou a expressão e a voz antes de voltar à especulação.

– Certo! Seu pai é reverendo. Ele mora aqui?

– Não – ela negou incapaz de desviar o olhar. – Meus pais moram em Albany.

– Então, foi lá que nasceu?

– Na verdade, não. Meus pais se mudaram para lá quando eu tinha dez anos. Nasci em Salem, também no Oregon. – Após sua explicação o som da música foi tudo que ouviram por alguns minutos, então inesperadamente Ethan perguntou:

– Desculpe-me a indiscrição, mas... Quantos anos você tem, Danielle?

– Vinte e cinco. – Automaticamente ela retribuiu a pergunta. – E você?

– Vinte e nove.

– Nossa! – exclamou esquecida do clima estranho. – Vinte e nove anos e já é o advogado mais procurado de Nova York!

– Tive sorte! – Ethan sorriu novamente, porém sem a amplitude ou o mesmo brilho de antes.

– Não creio... Acredito que tenha sido por mérito. Você deve ser competente em tudo que faz.

E então o sorriso dele adquiriu as características anteriores, tornando-se luminoso e completo.

– Eu tento ser sempre... *Competente* em tudo que faço – afirmou.

Dana desejou ter mordido a língua. O duplo sentido não foi intencional, contudo era evidente que um conquistador inveterado como Ethan interpretaria o comentário como bem quisesse. Constrangida, ela chegou à conclusão de que nunca poderia baixar à guarda quando estivesse com ele. Novamente seu coração estava aos saltos. Como responder àquilo? Para sua surpresa, Ethan veio em seu socorro, mudando completamente o assunto.

– Gosta de flores?

– São desnecessárias – Dana respondeu num misto de alívio e mau humor.

– Explique.

– Eu as admiro na natureza, mas imagino que você tenha perguntado no sentido de recebê-las. Nesse caso eu considero o gesto inútil, afinal, em poucos dias elas estão murchas e mal-cheirosas.

– Flores não duram nem mesmo onde nascem. – Ethan retrucou mansamente. – E presentear alguém com flores é uma forma de expressar os sentimentos.

– Sentimentos são expressos em palavras com muito mais eficiência e sem desperdícios.

– Nem todos têm facilidade ou oportunidade de expressar verbalmente seus sentimentos, Danielle.

A frase soou tão intensa e verdadeira que Dana novamente olhou na direção de Ethan, porém ele não estava mais lá. Aturdida ela reparou que haviam chegado ao seu destino ao segui-lo com o olhar enquanto ele contornava o carro. Somente então, Dana se deu conta que nunca disse para onde iria. Talvez, assim como seu número de telefone, aquela fosse mais uma informação dada por Joly; mas não teve chances de perguntar.

– Volto à noite para buscá-la – ele avisou depois de abrir a porta do carro e ajudá-la a sair. – À que horas devo vir?

– Obrigada, mas não é necessário – negou apressadamente.

– Perdoe-me, mas não foi o que perguntei. – Ethan a encarava com uma expressão estranha.

– Eh... Tudo depende do movimento...

– À que horas, Danielle? – ele insistiu.

– Talvez, à uma e meia.

– À uma hora estarei aqui – assegurou Ethan antes de lhe acariciar o rosto com as costas dos dedos. Simples e reflexivo, como se o contato fosse natural entre eles. Então se foi.

Capítulo Quatro

Era esperado que seu carinho no momento da despedida causasse incredulidade em Danielle. Para ele pouco importava que não fosse de fato embora, apenas não perderia a chance de guardar a quentura da bochecha rosada em sua palma, pensou, enquanto voltava a pé para a cantina depois de deixar seu carro numa rua próxima. Ethan apreciou todo o contato que tiveram, mas, sendo sincero, odiava vê-la sair sem estar completamente recuperada, porém já a conhecia o suficiente para saber que Danielle sempre faria o que achava correto, mesmo estando errada.

Caminhando apressadamente para cruzar as duas quadras que o separavam da humana, recordou a necessidade de conectar o cabo da bobina do velho Accord. Sim, inutilizar o carro foi um truque barato, ele reconhecia, mas necessário para sua aproximação. Ethan lamentava apenas a atitude defensiva de Danielle sempre que estavam próximos, contudo, considerava o saldo positivo. Agora conhecia a resistência em ganhar flores e também o gosto pela música clássica. Talvez um dia retomassem o velho hábito e tocassem por ela. Para ela.

Com um extenso exalar, Ethan recordou outra particularidade descoberta e riu mordaz da formação religiosa de Danielle. Parecia piada do destino, ter se apaixonado pela filha de um reverendo, ingênua o bastante para acreditar que o mal jamais a espreitaria. Nos últimos dias, um ser maligno não somente dormiu abraçado a ela, como logo voltaria a *molestá-la*.

Ethan estremeceu em antecipação, contudo, outro detalhe citado no carro varreu qualquer princípio de excitação. Como se não bastasse haver semelhanças entre Danielle e Maria, agora descobria que ambas eram de Salem. Quis saber a idade dela para confirmar não haver qualquer ligação. E não havia. Apesar da coincidência intrigante, Danielle era nova demais para ser filha ou irmã da mulher que ele matou. Absurdamente nova até para se relacionar com alguém de 197 anos, no entanto, Ethan não faria comparações. Especialmente quando se sentia vivo e muito disposto a iniciar sua conquista.

∞

– Dana, o que há com você? – Terry perguntou, alarmada ao ver a amiga quebrar o segundo copo naquela noite.

– Ah, desculpe-me! – Dana pediu, abaixando-se para juntar os cacos.

– Deixe isso aí! Ainda vai se cortar e...

– Ai! – Dana gritou; o aviso veio tarde demais. Por sorte o cheiro de sal e ferrugem não a incomodava. Não gostava era da viscosidade do sangue. Enquanto contorcia o rosto em

uma careta enojada, a amiga a ajudou a se levantar e a levou até a pia, abrindo a torneira para lavar o ferimento.

– Eu avisei! – Terry ralhou. – Temos vassouras e pás de lixo, Dana.

– Eu sei... Eu... – O que dizer? Que estava em órbita?

Durante toda a tarde ela esteve distraída e descoordenada, sentindo o rosto arder onde Ethan tocou. Como se não bastasse, havia a iminente carona; somente por saber que *ele* estaria esperando, suas mãos tremiam. Por mais que pensasse, Dana não via como poderia entrar, mais uma vez, no carro onde nem Ethan e sua *força* cabiam. Ao sentir a dor fina em seu dedo, Dana foi liberada de sua antecipada agonia e liberou um grito baixo.

– O corte não é muito fundo – Terry deduziu. – Vai cicatrizar logo.

Dana analisou o machucado e concordou com o diagnóstico da amiga; nada via além de um arranhão raso e comprido. Incomodaria por alguns dias, mas realmente, logo cicatrizaria. Quando levantou o olhar, Terry a encarava.

– Dana, o que há? Você está estranha todo o dia? – Assumindo uma expressão preocupada, perguntou: – É por causa de Paul?

Paul. Dana mal pensou nele nos últimos dias. Pelo menos não com saudade depois do sonho assombrosamente real que teve com Ethan, há três noites. E mais uma vez seu rosto queimou ante a iminência de encontrá-lo. Terry interpretou mal sua reação.

– É ele não, é? Olhe, sei o quanto é difícil uma separação e agradeço o que tem feito por mim, mas... Se não se sente bem, talvez seja melhor deixar de vir.

– Não, Terry!... Toda separação é traumática, mas eu estou me saindo bem. Não se preocupe... – Dana olhou para o corte que voltou a sangrar. – Apenas estou distraída hoje... Prometo ter mais cuidado. Agora se tiver um *Band-Aid* eu agradeceria.

Olhando-a, ainda em dúvida, a amiga lhe informou que encontraria a caixa de primeiros-socorros em um dos armários em sua sala. Dana sorriu agradecida e, depois de ter cuidado e coberto seu corte, voltou aos seus afazeres, obrigando-se a prestar maior atenção ao que fazia para evitar novos acidentes. Difícil foi domar o coração. A taquicardia persistiu durante todo expediente e se agravou enquanto se trocava para sair. Em momento algum Dana cogitou um esquecimento por parte do advogado. Ethan estaria lá por ela.

Exatamente à 1h55, depois de se despedir de todos, Dana saiu para a calçada. Devagar, olhou em volta, preparando-se mentalmente para o choque de adrenalina que viria ao avistar Ethan. E então aconteceu. Lindo como sempre, de calça jeans e jaqueta de couro, ambas pretas, ele a esperava recostado displicentemente contra o veículo BMW no qual pretendia levá-la.

Dana sentiu o ar lhe faltar. Ao final das contas, não ficaria confinada no interior do coupé, pensou ao analisar a moto grande, predominante azul escura. Como não se moveu,

Ethan deixou a moto e veio lentamente até ela. Quando parou, muito perto, ele a tocou no rosto com as costas dos dedos; íntimo.

– Boa noite, Danielle!

– Boa noite, Ethan!

– Pronta para ir embora?

Com a mesma intimidade da tarde, sem esperar resposta, ele segurou Dana pela mão pequena e tentou conduzi-la. Involuntariamente, ela contorceu o rosto em dúvida e estacou.

– O quê? – Ethan indagou, franzindo o cenho. – Tem medo em andar de moto?

Medo, não. Pânico, ela pensou. E não da moto, mas de seguir grudada ao condutor.

– Um pouco – admitiu simplesmente –, mas acho que sobrevivo.

– Evidente que sim! Eu jamais deixaria que nada de mal lhe acontecesse.

Com um estremecimento, Dana sentiu a verdade em cada palavra e não mais se opôs. Ethan então a levou até a moto sem lhe soltar a mão. A algum observador eles pareceriam um casal. Sem perceber Dana sorriu, agradada da ideia.

– Coloque isso. Trouxe para você – ele lhe estendeu o capacete que retirou do guidão.

– E o seu?

– É esse... – Ethan sorriu; Dana gostava daquela sucessão de sorrisos fartos. – Não se preocupe comigo. Afinal é você quem tem “um pouco” de medo em andar de moto.

Sem retrucar, Dana fez como pedido. Nunca gostou de capacetes por se sentir ridícula ao usá-los, porém, assim que o cheiro de Ethan foi sentido, ela não se importou em parecer patética. E também, qualquer caracterização vexatória valeria a pena para ter o contato dos dedos frios se movendo abaixo do queixo dela enquanto, concentrado na tarefa, ele ajustava as correias do capacete para que ficasse firme no lugar.

– Pronto! – Ethan exclamou ao final – Podemos ir.

Lamentando o término do contato, Dana apenas o observou assumir seu lugar e esperar. Dali em diante ela não teria ajuda, então agiu por conta própria até estar sobre a moto e pousar as mãos timidamente na linha reta da cintura masculina.

Supunha-se que sua eleita não fosse alguém tão covarde. Contendo o riso que talvez soasse acintoso, Ethan segurou as mãos delicadas e as cruzou sobre seu abdômen. Ele notou o ferimento em uma delas e, sem se abalar, determinou que cuidaria daquilo quando tivesse a chance. No momento, o que diminuía seu divertimento era o bater do coração humano e a reação do próprio corpo. Tentando ignorá-los, Ethan acionou sua K 1600 GT e

partiu. Inevitavelmente, Danielle o abraçou com maior força, levando-o a sorrir em puro deleite.

Moldada às costas do condutor enquanto avançavam em meio ao trânsito, Dana se perguntou se o hobby do advogado seria arriscar a vida em direção perigosa. Caso fosse, não o culparia, pois, depois de freadas impossíveis, arrancadas bruscas e várias curvas impraticáveis, ela se encontrava excitada, apreciando certo perigo. Que para ela ia além das manobras ousadas uma vez que a ameaça veio mais com a moto parada.

Dana não pôde ignorar a ação de Ethan que se aproveitou de cada semáforo no qual parou para lhe acariciar os joelhos. O gesto nada inocente ganhava proporções alucinantes todas as vezes que ele movia os indicadores em círculo ou corria as palmas ao longo das coxas dela, indicando sem palavras quais eram suas reais intenções; desafiando-a a arriscar. Mesmo intimidada, Dana ansiava aceitar o desafio.

Poucos minutos depois, instável e muito trêmula, já a se livrar do capacete diante de seu prédio, ela não sabia como agir. Despedir-se com “muito obrigada e tchau” seria o oposto de aceitar o desafio, porém convidá-lo a subir parecia ousado demais para uma primeira cartada.

Ainda sem saber o que dizer ou fazer, Dana viu Ethan desligar o motor e saltar, tão elegante quanto ao montar na moto e, antes que assimilasse o que diria, ousou.

– Bem... Sei que é tarde e que você deveria estar dormindo uma hora dessas, mas... Quer subir? Ao invés de café posso oferecer outra bebida. Acho que tenho...

– Vou acompanhá-la até sua porta. – Ethan anunciou, cortando-a. Parecia se divertir com a falta de jeito dela, deixando-a mais desconcertada.

Subiram em silêncio, com Dana muito consciente do homem às suas costas, lotando cada canto dos corredores e escadarias. Diante de sua porta, ela pinçou o molho de sua bolsa, mas seus dedos trêmulos o deixaram cair. Tão rápido que Dana sequer percebeu o movimento, Ethan o pegou no ar. Como se não notasse a expressão incrédula, ele estendeu as chaves, exibindo um meio sorriso.

– Como você faz essas coisas? – Dana perguntou juntando as sobrancelhas.

– Tenho bom reflexo – respondeu, prendendo-a com o olhar. Dana permaneceu a perscrutar o rosto impassível por tanto tempo que foi preciso Ethan chamá-la. – Não vai abrir?

– Vou... – exalou intimista.

Dana abriu a porta sem deixar de encará-lo. Era um fato, deixava passar algo, mas como seria inútil, ela finalmente entrou, sendo seguida por Ethan. Ao acender o abajur ao lado do aparador, as particularidades de Ethan foram esquecidas. Black estava no sofá, sentado sobre as patas traseiras. A novidade também era digna de nota.

– Fique à vontade – Dana recomendou ao convidado, enquanto deixava a bolsa sobre o sofá e tirava o casaco, sempre mirando o gato.

Ethan escolheu a poltrona, sem deixar de olhar para Black, com as pálpebras semicerradas, como se a luz o incomodasse. Dana não sabia o que pensar; dele ou do animal, que jamais permaneceu na presença de estranhos. Cogitava espantá-lo, quando, Ethan estendeu a mão e arriscou tocar a cabeça negra. Dana suspendeu a respiração e esperou pela patada com garras à mostra que marcaria a pele de alabastro. Porém, para seu espanto, Black fechou os olhos e se deixou afagar.

– Não sabia que tinha um gato – Ethan falou ainda acariciando o felino. – Qual o nome?

– O nome oficial é Blackwood, mas eu o chamo apenas de Black.

– Nome interessante para um gato – ele comentou sem entonação, sempre mirando o animal, agora com os olhos normalmente abertos. – É uma homenagem?

Com o gato a se mostrar satisfeito, Dana finalmente depositou o casaco no encosto do sofá e, após colocar as mãos nos bolsos da calça para disfarçar os tremores, respondeu:

– Na verdade, sim. Ron é um amigo de infância – ela sorriu sem perceber. – De minha temporada em Albany.

– Entendo. – Ethan a encarou. – Amigo somente amigo ou esse “Ron” foi seu namorado, Danielle?

Algo no olhar intenso e na voz masculina a fez corar e o coração enregelar. Parecia que Ethan estava com ciúme. Impossível! Tão improvável quanto ele acertar na dedução do nome, no entanto, era o caso.

Ron, além de um amigo especial, foi quem lhe tirou a virgindade. Apesar de gostar do garoto, tudo não passou de curiosidade juvenil e antes que ambos notassem, havia terminado. Sem sofrimento, sem cobranças. A amizade nem mesmo foi abalada, então, quando Paul chegou com o filhote, Dana encontrou uma forma de lembrar o amigo. Ninguém, nunca associou o nome a alguma homenagem, até aquela noite. O que na verdade não seria problema algum, não fosse a postura inquiridora do criminalista que fazia Dana se sentir no banco dos réus.

– Amigo somente amigo – ela mentiu por fim, sem nem saber por quê.

– Por educação, e por não ser da minha conta, vou aceitar a mentira. – Ethan retrucou, cruzando os braços, sem deixar de encará-la.

Estarrecida, Dana abriu e fechou a boca. A falta de uma boa resposta ao comentário azedou seu humor. Ethan tinha razão, realmente não era da conta dele, Dana pensou em sua irritação. Ansiando por movimento, pegou o gato pelo peito para levar com ela até a cozinha.

– Vou procurar aquela bebida que lhe falei – comunicou seriamente. Ao entrar no cômodo, ela o levou a altura do rosto para cochichar. – O que foi aquilo? Desde quando você não sai quando estranhos chegam?

Como resposta recebeu um miado entediado.

– Nunca soube desse seu lado simpático. E porque mostrá-lo justo com Ethan? O que eu devo entender?

O gato piscou algumas vezes, então se contorceu a procura de liberdade. Dana o encarou por alguns segundos antes de soltá-lo, impaciente.

– Sabia que você não tinha nada a declarar, seu engraçadinho.

Black passou a se lamber, ignorando a dona que ainda o olhava incrédula. Se a nova atitude do felino era algum sinal, ela não tinha como decifrá-lo; nem teria tempo. Ethan esperava pela bebida oferecida e, mesmo incomodada pela flagrante mentira, tinha de ser educada. Nada menos do que ele merecia depois de ter sido atencioso, duas vezes em um único dia.

Na sala Ethan cismava depois de ouvir a conversa unilateral que Danielle manteve com o gato. Em outra situação teria rido, naquela, quando experimentava uma nova forma de ciúme, não poderia. Sempre se considerou único, então era chocante ser lembrado de que a humana não o era. Com ela viria uma família inteira, amigos e... ex-namorados.

Seu peito rugiu em agonia. Na verdade, Ron era o real problema. Ethan acabaria com aquela amizade como acabou com o namoro com Paul, se preciso fosse. A droga toda era se enciumar por todos com quem a humana se relacionou. Sim, era antiquado. Também hipócrita e machista, mas Ethan preferia que Danielle tivesse pertencido somente a ele.

Se a vida fosse perfeita, *ele* teria sido o responsável por despertar no corpo amado as primeiras sensações. Seria *dele* a lágrima e o espasmo de dor quando a estocasse pela primeira vez, e não de um moleque, talvez tão inexperiente quanto à própria Danielle. Tão querido ao ponto de ser homenageado, enquanto ele próprio, não passava de um *estranho* como ela bem lembrou ao gato. Ethan tinha consciência de sua irracionalidade, porém não conseguia evitar.

Respirando fundo, tentando afastar a imagem de outro homem com as mãos em sua humana, ele atentou aos sons que vinham da cozinha; precisava se distrair para dissipar a raiva crescente. Soube quando Danielle vasculhou os armários, separou um copo e o encheu. Ouviu cada passo até que ela estivesse ao lado dele, estendendo-lhe duas doses do conhecido líquido âmbar.

– Só tinha uísque. Não perguntei como preferia, então espero que goste.

– Puro está perfeito. É meu preferido, obrigado! – agradeceu e pegou o copo da mão trêmula – Não me acompanha?

– Não costumo beber antes de dormir.

Sem nada mais acrescentar, Dana se sentou no sofá, no lado mais distante da poltrona. Descalçou os sapatos, tirou as meias e cruzou as pernas ao estilo borboleta. Ethan não perdeu nenhum movimento. Tão linda e tão covarde, ele constatou reprimindo um sorriso satisfeito.

Com a atitude defensiva, ela demonstrou que ele se enraivecia sem razão; as reações dela não eram as de uma mulher promiscua. Danielle realmente ficava desconfortável diante de certas situações; e não era somente por causa do encanto natural aos vampiros. Se assim fosse, mulheres como Laureen, Sarah e tantas outras reagiriam como ela.

Não... Aquela humana era especial. Ele não foi o primeiro homem na vida dela, mas com certeza seria o único que a despertaria como mulher tão logo deixasse de ser considerado um estranho. Recuperado do ciúme inoportuno, Ethan prestou maior atenção em Danielle. Ainda que estivesse no extremo oposto do sofá, ele podia sentir o cheiro de cio que o incitou a subir, mesclado à mesma tensão que a manteve rígida em seu carro.

Daquela vez ele tinha consciência que a culpa pela reserva era exclusivamente dele. Em seu ressentimento por um namoradinho antigo não relevou uma tola inverdade. Não pediria desculpas, mas poderia ao menos amenizar o clima ruim, aproveitando para conhecer mais da vida dela.

– Hoje você me falou um pouco de seus pais. E irmãos... Você os tem?

– Sou filha única – ela respondeu arrumando o cabelo atrás da orelha. Ainda se sentia desconfortável, mas não tinha como resistir a ele. – E você?

– Também sou filho único.

Não poderia ser diferente, Ethan pensou. Seus pais biológicos morreram quase que simultaneamente. Contudo ele não sentia falta de irmãos; tinha Thomas e Joelle, o que dava no mesmo; mas não comentaria. Primordial era saber de Danielle.

– Nenhum irmão ou irmã... E primos?

– Também não os tenho. – Dana revelou mais à vontade com o tema ameno. – Nossa família é pequena. Meu pai também é filho único. Minha mãe tinha uma irmã que morava com eles, mas... Não cheguei a conhecê-la. Ela morreu jovem, não casou ou teve filhos.

A declaração poderia ser irrelevante, mas, saber de uma tia que morreu prematuramente obrigou Ethan a olhar Danielle com atenção. Antes, ignorou as coincidências, porém, diante daquele fato novo não poderia. Ainda a repudiar o pensamento persistente, ele mirou a boca levemente rosada e a imaginou fortemente colorida. Os cabelos claros, ele viu quase pretos, o rosto mais afilado. E então era como se enxergasse Danielle pela primeira vez.

As feições eram mais harmônicas, mas ainda assim se assemelhavam a outra face que às vezes o assombrava em sonho. Um no qual a moça ressuscitava para cobrar a vida roubada e afirmar que poderia amá-lo. Ainda analisando o rosto delicado, Ethan procurou se lembrar quando sonhou com Maria pela última vez. Sem esforço soube ter sido antes de sua ação no Central Park, quando viu Danielle pela primeira vez.

– Sinto muito – disse impassível, calando sua mente perturbada que obviamente lhe pregava uma peça. Tentando parecer condoído, indagou: – Quando ela morreu?

– No Dia dos Pais, em 84 – ela respondeu indiferente. Somente aquela informação bastaria para enregelá-lo, porém Danielle foi além. – Naquele ano houve uma grande festa na cidade para comemorar a data. Até hoje ninguém sabe o que aconteceu. Bem, eu gostaria de tê-la conhecido, mas nasci meses depois da morte de tia Maria.

De um salto Ethan se pôs de pé, com os pelos da nuca eriçados. Ele bebeu todo o uísque de um gole. Quando já depositava o copo sobre a mesinha, Danielle também levantou, encarando-o com as sobrancelhas unidas. Ela não entendia a reação, nem ele tampouco.

– Desculpe-me, mas preciso sair agora... – Ethan anunciou com a voz estranha, indo para a porta; tinha de sair dali. – Lembrei-me de algo importante que preciso fazer e está realmente tarde.

– Tudo bem! – Dana anuiu, ainda aturdida, seguindo-o.

A confusão nos olhos de Danielle era evidente, porém Ethan não poderia ajudar. Ele próprio estava confuso e inexplicavelmente necessitando de ar.

Era imperioso deixá-la; pensar, ligar os pontos. Talvez estivesse apenas impressionado, tentou argumentar. Com isso, ao chegar à porta, ele se voltou bruscamente e sem se importar em assustar Danielle, segurou-a pelo rosto e o perscrutou atentamente. Como esperado ela se sobressaltou, porém, logo que seus olhares se cruzaram, relaxou.

Para sua surpresa, a humana cerrou as pálpebras e entreabriu os lábios, finalmente oferecendo-se a ele de espontânea vontade. Ethan estremeceu ante a aceitação e intimamente cogitou seguir em frente, ignorando as semelhanças que, naquele momento em particular, eram tão nítidas.

Porém, também naquele instante, Ethan descobriu que com Danielle não havia como ser inescrupuloso. Então refreou sua paixão e, simplesmente, fugiu. Enquanto acessava a escada podia sentir o olhar de Danielle posto em suas costas, mas não a olhou. Corria dela como um cão arrependido por morder a mão conhecida. A analogia válida, pois ele agia como um cão fiel. Era capaz de ferir, porém incapaz de abandonar sua dona.

Capítulo Cinco

Minutos incalculáveis se passaram e Ethan permanecia sentado sobre sua moto sem a mínima vontade de ligá-la. Afastar-se de Danielle era imprescindível, porém, como sempre, não tinha forças para tanto. Não cabia sequer a desculpa que ficava para protegê-la, pois uma vez em seu apartamento, sob a recomendação de Joly, ela estava em segurança. Não, ele não ia embora simplesmente porque estava preso.

Com um suspiro resignado, Ethan colocou a moto sobre o apoio e, rapidamente contornou o prédio antigo para se acomodar na marquise da construção vizinha. Ainda que não visse a humana, ficaria em seu entorno, ouvindo-a; sentir-se perto enquanto cismasse e maldisse o destino que os uniu naquela cruel coincidência sem solução.

Estava claro que a humana jamais amaria o assassino da tia, e tamanha certeza atacava o coração do vampiro numa crescente agonia; não saberia perdê-la. A sensação era tão incômoda que Ethan sentia uma necessidade tangível de voltar ao apartamento, contudo, apesar da hora avançada, Danielle parecia insone a rolar pela cama. Naquela noite era indigno de se deitar com ela, mas poderia velar-lhe o sono como seu anjo da guarda. Com o pensamento, Ethan sorriu sardônico. Não era um anjo, sim, um demônio particular.

Era pouco antes das 4h quando o ronco manso de um motor lhe chamou a atenção. Sabendo ser Thomas e Joly, Ethan deixou seu posto e os abordou ainda na rua.

– Boa noite – disse ao casal, depois apenas para Joly, sem dar chance aos dois de responderem ao cumprimento. – Por que não me poupou o trabalho de descobrir seu segredo sobre Danielle?

– Como?! – Joly estacou, parando à entrada do prédio.

– Agora sei o motivo de tanta preocupação. Por que não me disse?

– O que fez com ela? – perguntou alarmada, então se voltou para Thomas – Eu sabia que não deveria ter saído da cidade.

– Era preciso e sabe disso! – Thomas retrucou, inabalável. – E se me dão licença, essa conversa é entre vocês. Vou entrar e dormir um pouco. Boa noite.

Sem esperar por qualquer liberação, Thomas beijou a esposa e seguiu para o prédio. Depois de acenar-lhe, Ethan acompanhou-o com o olhar até que entrasse.

– Conte-me! – Joly pediu aflita, antes de analisá-lo e concluir. – Você não age como se a tivesse machucado, então... Está tudo bem? Você descobriu, mas só está chateado comigo? Não tem problema ela...

– Ser sobrinha de Maria? – Ethan exclamou irritado. Joly se calou imediatamente. – Não sei. Esse é o problema! Diga-me você. Por que achou que eu a machucaria por isso?

– Foi só isso que você descobriu?

– E tem mais?! – Ethan cruzou os braços, irritado. Não duvidava que, no que se referia à humana, sempre haveria mais. Logo Joly exalou um suspiro cansado e assentiu. – E eu poderia saber do que se trata ou terei que novamente descobrir sozinho?

– Não há nada para descobrir, somente o óbvio a enxergar.

– Explique.

– Bom, nunca conversamos sobre esses assuntos, pois somos imortais. E mesmo que morrêssemos não sei o que aconteceria com nossa alma, se é que temos uma ainda...

– Agradeceria se abreviasse a divagação. O que nossa alma tem a ver com a conversa?

– A nossa não. A de Dana... E a de Maria.

– Certo! – Ethan exclamou impaciente. – Sei que acredita estar sendo óbvia, mas não está. Então diga o que tem de especial na alma das duas. Sinceramente eu...

– É a mesma – ela disse, cortando-o.

– O quê? – Ethan se espantou. – Repita!

– Não sei como você descobriu ou o quanto sabe, mas... Dana nasceu praticamente nove meses depois da morte de Maria. Até mesmo a mãe dela acredita em reencarnação. Bem, eu também acredito... Não vê? É tão claro. Dana é sua alma gêmea!

Caso considerasse o absurdo, seria estranho imaginar que alguém que matou voltou para ele no corpo de outra. E, caso ela fosse seu par desde antes, por que não a reconheceu de imediato? Almas divididas deveriam possuir algum código, um sexto sentido, algum *insight* que facilitasse o reconhecimento, não? E ainda, caso não tivesse matado Maria, no presente não teria Danielle? Era aterrorizador seguir aquele raciocínio, e acreditar que a humana fosse mesmo sua vítima reencarnada significaria que já havia feito um mal irreparável a ela.

– Não aceito essa versão – refutou veemente. – Danielle é apenas Danielle!

– Pouco importa no que você acredita, Ethan. – Joly retrucou, cansada. – As coisas são como são! Se conseguir abrir sua mente ficará feliz, pois verá que Dana está ligada a você eternamente. Não percebe? Tirou a vida dela uma vez e ela voltou. Pense bem... Se por algum motivo ou acidente tornar a matá-la, talvez se encontrem no futuro e...

– Já basta! – Ethan a interrompeu sombriamente. – Não gosto desse assunto. Se um dia algo acontecer a Danielle, mesmo que eu não seja o culpado, não viverei o suficiente para que ela volte no corpo de outra.

– Não pode estar falando sério!

– Acredite, pois estou! Talvez eu possa me adaptar com um distanciamento e viver em torno dela, caso não seja perdoado. Mas tenho certeza de que não suportarei viver até o anoitecer do dia de sua morte.

– Se é assim... – Joly começou depois de encará-lo por um instante. – Talvez seja melhor que ela nunca saiba o que fez. Vampiros são bons em guardar segredos.

Ethan a entendeu. Em respeito a Thomas, não lhe incomodava ocultar sua canalhice ao cortejar Joly, porém a ideia de começar a omitir fatos importantes de Danielle, verdadeiramente o perturbava. Contudo, perdê-la seria pior, reconheceu.

– Talvez você tenha razão – se ouviu dizer, resignado. – Vou pensar em tudo que me disse. Bem-vinda de volta!

∞

Cedo naquela segunda-feira, Dana deixou a cama disposta a se desculpar com Joly. Fechando a frente do casaco bege para ocultar a camisola, ela bateu à porta da amiga, ainda tentando esquecer o sonho estranho que teve com Ethan, querendo crer que o sentimento ruim estivesse relacionado à indelicadeza com Joly, não com a rejeição do advogado. Decidida a saber, insistiu, batendo mais uma vez.

Cogitava desistir ao não ter resposta, quando Joly abriu a porta abruptamente, assustando-a. Já completamente vestida, mais linda do que nunca, a secretária legal saiu e fechou a porta atrás de si. Parecia mal-humorada.

– O que deseja, Dana?

– Vim me desculpar – anunciou depois de cumprimentá-la.

– Pelo quê? Por me trair e dispensar depois de tudo que fiz por você?

– Desculpe-me, mas não considero traição. Eu quis apenas que você ficasse algum tempo com alguém que ama.

– Acredite, aproveite de todas as horas possíveis com Thomas sem sair daqui – a amiga replicou – Você não entende, mas é perigoso sair da cidade nesse momento.

– Perigoso por quê? Conte-me.

– Ah, não é nada!... – Joly deu de ombros. – Esqueça!

– Se é por minha causa, saiba que já estou recuperada. E se pareci mal-agradecida, realmente me desculpe. Eu só queria que você não se privasse de nada. Sei me virar, acredite.

– Eu sei que sabe se virar, mas ainda me preocupo.

– E eu agradeço a preocupação, mas ontem era desnecessária.

– Certo, vou me lembrar disso da próxima vez – Joly respondeu passando por Dana. – Agora se me dá licença, preciso trabalhar.

– Tenha um bom dia!

Joly respondeu educadamente enquanto seguia para as escadas, porém sem emoção alguma, deixando claro que a amizade estava abalada. Após um suspiro resignado, Dana voltou ao seu apartamento e à cama. Cansada da noite mal dormida, enroscou-se no travesseiro que carregava o cheiro de Ethan e se cobriu, lamentando que tivesse levantado cedo em vão.

∞

Eram 7h da manhã quando Thomas entrou na sala de Ethan. Este estava de pé, ao lado da grande janela, a olhar a cidade, girando um copo de uísque, impaciente.

– Sorte que você está praticamente morto! – disse o amigo, sentando-se em uma das cadeiras, depois de depositar sua pasta na outra. – Acaso isso é hora de beber?

– Como bem salientou... Já estou praticamente morto! – Ethan retrucou muito sério antes de dar um gole.

– Sim, mas temos que nos encontrar com alguns clientes essa manhã. Não creio que eles ainda queiram ser defendidos por um advogado embriagado.

Impassível, Ethan encarou o amigo. Depois de dar o último gole, ele depositou o copo sobre a mesa e apoiou as mãos na borda da mesma, sem desviar o olhar.

– E o interesse deles é importante para mim exatamente por quê? – sibilou.

– Ethan...

– Por mim – ele cortou –, cada um e todos eles podem ir diretamente ao inferno!

– Está bem... – Thomas ergueu as mãos em sinal de paz. – Hoje não é um bom dia. Já entendi. Mas sinceramente está ficando difícil acompanhar seu humor. O que aconteceu agora?

Ignorando a pergunta, Ethan foi se servir de mais uísque antes de se acomodar em sua cadeira.

– Não pode ser algo com Danielle. – Thomas opinou. – A humana está bem, ontem tirei Joly de seu caminho e tenho certeza de que você aproveitou a oportunidade. Tem a ver com a conversa que tiveram esta madrugada?

Ethan se remexeu na cadeira, incomodado. Pela segunda vez desde que conheceu a humana, poderia dizer que sua cabeça doía. Não parava de pensar na descoberta, porém

nunca chegava a uma conclusão. Para piorar seu tormento, quando voltou ao alto do prédio vizinho depois de se despedir de Joly, ouviu Danielle acordar aos gritos. Até que ela conciliasse novamente o sono era quase dia.

Deixá-la para assumir a encenação diária exigiu muita força de vontade. Ethan estava inquieto desde então. Suportou ficar em sua cobertura somente o tempo de vestir o figurino de advogado competente. Então desceu até ali, onde poderia beber e pensar, pensar...

– Sim, Thomas, mas não quero falar a respeito. Conheço você e sei que terá a mesma opinião de Joly, então vamos nos poupar de uma conversa inútil – recostando-se em sua cadeira, mudou o tema antes que o amigo insistisse. – Tenho outra coisa a dizer.

– O que é? – Thomas igualmente se recostou.

– Por acaso você sabia que Andrew estava me seguindo?

– O quê?! – Thomas se sentou ereto. – Andrew esteve seguindo você? Quando? Onde?

– Sim, desde a noite seguinte ao primeiro ataque de nosso intruso.

– E como eu poderia saber?

– Saber se a ordem tivesse sido sua.

– Talvez se não fosse tão egocêntrico percebesse que não nos ocupamos de você vinte e quatro horas por dia. Asseguro-lhe que nada tenho a ver com as atitudes de Kelly. – Depois de se recostar, indagou: – Quando descobriu?

– Na noite de sexta-feira. – Ethan ignorou o comentário inicial e narrou toda a ação de Andrew, no Queens.

– Estranho – Thomas comentou quando Ethan se calou – E o que você fez?

– No início quis matá-lo, mas precisava de respostas. Andrew me garantiu que estava apenas limpando minha sujeira. Para evitar que repetissem a ação do Central Park.

– Acreditou nele?

– Kelly ainda está por aqui, não está?

Thomas não pôde responder. Como sempre, sem bater, Joly irrompeu porta adentro, interrompendo-os. Trazia algumas pastas e jornais que depositou sobre a mesa, ignorando o olhar especulativo de Ethan.

– Meus queridos, a conversa está interessantíssima, mas ambos têm compromisso agora pela manhã. – Voltando-se para o companheiro, falou: – Deixei os relatórios que me pediu em sua mesa.

– Obrigado! – Ao se levantar Thomas abraçou a companheira brevemente, depositou um beijo em seus lábios antes de se dirigir a Ethan. – Sobre o que conversávamos, se você acreditou em Kelly, não tenho porque desconfiar. Já temos problemas demais para perdermos tempo com as esquisitices dele. Agora me deem licença. Saímos em meia hora – lembrou ao sócio, antes de deixar a sala.

Joly se preparou para segui-lo, porém Ethan a deteve.

– Esteve com Danielle?

– Estive. Ela apareceu em meu apartamento logo cedo.

– O que ela falou sobre mim?

– Às vezes eu me pergunto se essa certeza de que é o centro do universo não seja patológica – comentou a secretária, revirando os olhos.

– E eu me pergunto onde estava com a cabeça ao permitir que Thomas e você se habituassem a me insultar. – Ethan passou as mãos pelos cabelos e fechou os olhos, bufando exasperado. – Certo! Apenas me diga se ela estava bem.

– Sim... Abatida porque não dormiu direito, mas está bem. Dana me procurou para se desculpar por ter sido mal-agradecida depois que a tratei com tanto desvelo.

Ethan abriu os olhos e a encarou.

– Não consigo imaginar Danielle sendo mal-agradecida. Você é que deve tê-la feito se sentir culpada por algum motivo.

– Ah, claro! Dois injustiçados, o vampiro e a humana! – Joly debochou. – Pois saiba que cada vez mais me convenço de que ela é sua metade. Pelo pouco que vi, sei que são iguais. Dana diz o que pensa educadamente, contudo é tão arrogante quanto você. Tremo só de imaginar o dia que a transformar em vampira. Uma versão feminina de Ethan McCain talvez seja insuportável!

– Caso não tenha reparado, minha versão feminina já existe. E acredite... Por incrível que pareça, ela é suportável! – Ethan retrucou, estranhando o acesso da amiga. – O que aconteceu? Vocês brigaram?

– Não fique todo animado! Não brigamos. – Joly cruzou os braços. Então deu de ombros e prosseguiu mais calma. – E não ligue para o que disse antes. Estou magoada, só isso. Não queria deixá-la sozinha e ela praticamente me expulsou do apartamento ontem pela manhã. Claro que Thomas ajudou, mas ainda assim, feriu. E foi difícil não ficar preocupada com a ingrata.

Apesar de toda inquietação das últimas horas, Ethan se divertiu com o desabafo; porém se conteve. Na verdade estava também enternecido.

– Jamais ficaria feliz se vocês brigassem. O que seria desse vampiro egocêntrico e sua humana ingrata se não tivessem você? – Joly olhou-o desconfiada, porém nada disse. – Não sei o que vocês conversaram, mas espero que tenham se acertado. Ajudaria se eu reforçasse o pedido de desculpas?

– Ah, esqueça! – Joly descruzou os braços, desfazendo a carranca. – Dana foi bem convincente essa manhã. Sabe como somos exagerados, mas em meu coração eu já a perdoei.

– Obrigado! – Ethan lhe sorriu.

– E você?... Está melhor? Já sabe o que vai fazer?

Tão fácil quanto veio, o sorriso se foi. Com um suspiro irritado Ethan se pôs de pé.

– Não sei, Joelle... Sinceramente não sei!

– Ethan, será que não...

– Já sei o que vai dizer e acredite... – ele a cortou gentilmente, aproximando-se. – Aceitar que Danielle nasceu especialmente para ficar comigo só agrava minha culpa. – Sem que Joly esperasse, Ethan beijou-lhe o alto da cabeça e se afastou. – Obrigado por querer ajudar e por tudo que tem feito por mim e por ela... Agora se me der licença, preciso dar uma olhada nesses contratos antes de sair.

Joly o deixou com pesar. De volta à sua mesa, Ethan pegou uma das pastas e passou os olhos nos documentos, porém não foi capaz de enxergar uma palavra sequer. Impaciente, jogou-os sobre a mesa. À tarde, talvez, estivesse em melhor condição de estudá-los.

De repente, assim como tinha acontecido em sua cobertura, o escritório se tornou pequeno demais. Levantando-se, Ethan pegou sua pasta de couro e saiu. Melhor seria colocar suas cismas de lado e se concentrar em seus atos. Se não chegasse a uma conclusão de como agir, sua noite seria longa, muito longa.

Capítulo Seis

Sentia frio e uma saudade não explicada. E medo. Estava num bar estranho, com pessoas estranhas. Servia as mesas. E era observada. Incomodada, deixou o salão. Ao sair para a noite escura, estranhou sua escolha. Precisava de luz, não de trevas. Ao fazer o caminho inverso, não havia para onde ir. Antes que atinasse o que poderia fazer percebeu um movimento às suas costas. Ela não o temeu, pois inexplicavelmente o esperava.

De repente, sentiu dedos frios em seu rosto que logo desceram para seu pescoço e então, para seus ombros. Ato contínuo, uma boca fria se fechou sobre a sua. Então as mãos se tornaram mais fortes, o beijo foi desfeito e a boca cobriu a lateral de seu pescoço, sugando-o. Doía. Ela tentou protestar em vão. O sugar se tornou violento e mais uma vez ela empurrou o corpo sólido. Seu agressor se afastou e a despeito de toda escuridão, ela o reconheceu. Acalmou-se somente para se alarmar no segundo seguinte. Sem razão, ele estava furioso; o peito rugia. Ele então apresentou presas pontiagudas, rosnou e avançou.

– Pare!

Dana acordou com o próprio grito, sentando-se abruptamente. Pela segunda vez seu sono era interrompido pelo pesadelo onde Ethan a atacava como um animal feroz. Mesmo excitada com tamanha voracidade, Dana se perguntava o que havia acontecido com os sonhos bons, e por que depois da noite passada, ao ficar sozinha sem uma explicação, sentia-se tão abandonada.

Ainda arfante pelo susto recente, Dana tinha em sua pele a impressão das palmas frias, e se fechasse os olhos, veria com nitidez Ethan a escrutinar seu rosto como se procurasse detalhes perdidos antes de ir embora. A avaliação minuciosa não durou um minuto, mas pareceu perdurar por horas constrangedoras e quentes. Muda, Dana esperou ser beijada, pois, depois de todos os encontros inusitados, das cantadas nem sempre veladas e dos toques nada sutis sobre a moto, aquele era o desfecho esperado. Porém o beijo nunca veio.

Ethan apenas acariciou-lhe o lábio inferior com o polegar, aproximou sua boca, mas murmurou uma despedida e se foi. Confusa, Dana demorou a conciliar o sono e quando o fez, teve seu primeiro sonho ruim com um Ethan violento. Sugestão de sua mente? O que acontecia com ela afinal? Por que sentir aquela falta doída se nunca tiveram qualquer envolvimento? Por que esperar por uma ligação que não viria?

Suspirando, Dana voltou a se deitar. Sem que percebesse, Tateou o espaço vago ao seu lado; nunca antes sua cama pareceu tão grande e vazia.

Bufando impaciente, Dana rolou de lado, lembrando-se pela centésima vez que Ethan não lhe devia qualquer explicação. Sim, flertaram, mas o sensato era crer que alguma coisa dita entre a carona e a conversa boba em sua sala o tivesse desinteressado. Era muito fácil aceitar essa versão; doloroso também. Melhor seria esquecer o que “não” aconteceu e seguir em frente. Romances não eram tudo na vida, disse a si mesma, deveria voltar a ser prática e focar no rumo de sua carreira que ia de mal a pior.

Talvez uma boa opção fosse se ocupar de seus currículos, mandá-los para outros jornais fora da cidade; expandir as possibilidades. Uma mudança de ares talvez lhe fizesse bem. Poderia voltar para Albany, alugar um apartamento ou voltar para a casa dos pais. Dana considerava todas as idéias válidas e aproveitáveis, mas não se agradava de nenhuma. Cansada, desejou poder dormir e esquecer. Como se esquecer fosse possível...

∞

Sentado na marquise, como o viciado lamentável que havia se tornado, Ethan ouvia a humana rolar pela cama depois de acordar aos gritos. Como na noite anterior, antes de despertar ela pediu muitas vezes que, por favor, não fosse deixada. Novamente a série de pedidos deu a Ethan a certeza de que Danielle sonhava com o rábula. Evidente que o ciúme o corroía, porém tinha problemas maiores.

A inquietude dela o incomodava. Como que atraído por uma força gravitacional, ele se viu diante da porta envidraçada aonde os sons lhe chegavam nítidos. Danielle se virava impaciente e resmungava palavras ininteligíveis. Segundo Joly, a humana reagiu da mesma forma noites atrás, porém a chamá-lo. Por que Danielle não o fazia naquele momento? Caso tivesse certeza de que não a perderia ao revelar seu crime, ele soubesse como agir.

– Maldita Maria! – Ethan praguejou entre dentes.

Ou maldito fosse ele mesmo por ser impulsivo e descuidado ao matar sem ter certeza de que a marca fosse como a sua. Se bem que, em se tratando de sua preservação não raciocinava. Se estivesse próximo o dia de ser cobrado pelo assassinato de Maria, precisava ao menos ser sincero consigo; não faria nada diferente. A constatação o levou a novamente considerar o conselho de Joly para que mantivesse segredo.

Absorto em pensamentos, Ethan não percebeu a aproximação de Thomas até que este tocasse seu ombro.

– Aconteceu alguma coisa para estar aqui fora?

– Não! – respondeu sem se voltar – Estou apenas pensando.

– Sobre o mesmo problema de hoje cedo?

– O mesmo... – Ethan finalmente o encarou. O amigo fez sinal para que deixassem a sacada. Logo se acomodaram na borda do prédio ao lado.

– Diga-me o que o perturba, talvez eu possa ajudá-lo. – ofereceu Thomas.

– É complicado explicar.

– Bom... – Thomas suspirou – Então não explique. Mas deixe-me dizer algo que penso baseado no que vejo. Acredito que você esteja com medo de Danielle.

– Não tenho medo dela – Ethan retrucou. – Por que você e Joelle insistem nisso?

– Porque é verdade. Não é necessariamente medo dela, mas da situação que a envolve. Tudo é muito novo para você. Conhecemo-nos desde sempre. Divertimo-nos, brigamos... Que Joly não esteja me ouvindo agora, mas... Tivemos várias mulheres e até mesmo dividimos algumas delas. Todas lindas e desejáveis. Contudo, nenhuma jamais mereceu seu interesse além de uma noite. Nunca o vi apaixonado por alguém. Por isso, no começo, não acreditei que estivesse amando essa humana.

Ethan entendia o conceito. Ele mesmo duvidou quando aconteceu com o amigo. Justamente por não acreditar no sentimento de Thomas que cortejou Joly. Em outros tempos teria rido brandamente com a lembrança, contudo, se antes se divertia, agora se envergonhava da deslealdade. Sorte nunca ter verbalizado uma proposta de compartilhamento para o amigo e que Joly fosse uma amiga fiel. Agora tinha plena consciência da gravidade de sua insensibilidade, pois se fosse o inverso, e algum dia Thomas ousasse fazer o mesmo, Ethan o mataria.

– Por mais que Joly dissesse o contrário – Thomas prosseguiu –, eu esperava o dia que você despachasse a garota, ou a matasse. Mas agora eu acredito! Não sei o que o preocupa, mas... Se eu estiver certo e for somente medo, saiba que após mais de cem anos ao lado de minha Joelle eu ainda o sinto... Não suportaria perdê-la. E pode acontecer Ethan, pois a verdade que nos negamos a ver é que não somos imortais. Não estamos mortos, mas também não estamos vivos, então entendo que depois da transformação passamos a ser apenas duráveis. E a mutação não nos trouxe onisciência, não sabemos o que o futuro nos reserva, então não se preocupe tanto.

Ethan ouvia ao outro em silêncio.

– Nossa durabilidade não nos dá o controle sobre tudo. Não nos faz entender mais sobre todas as coisas. Como qualquer outro homem, tudo que sabemos é baseado em nossa experiência e nesse sentido, você não tem nenhuma. Se ocupe de viver, Ethan, e pare com os rodeios. Graças a sua intervenção a garota está livre. Aproveite. Apenas se declare e veja o que acontece.

– Não seria fácil como foi para você e Joly – disse Ethan, cansado. – Cada vez mais descubro que nunca, nada é fácil entre mim e Danielle.

– Porque você complica tudo. Pensa demais, se protege demais – Thomas replicou. – Arrisque! O que tem a perder?

– Danielle!

– Não, Ethan...

– Thomas, eu agradeço o que está tentando fazer. Vejo que tem razão em alguns pontos. Percebi que não preciso entender tudo e com certeza, vou pensar menos em assuntos cuja explicação vai além do campo material, mas preciso manter meu plano. Evidente que vou dizer a Danielle que a amo, mas somente quando sentir que chegou o momento. Não sei se estou preparado para uma rejeição depois de me expor.

– Está certo! – Thomas bateu levemente no ombro do amigo. – Fico satisfeito em saber que ajudei de alguma forma. Agora preciso ir... Boa noite!... Ou, bom dia!

Quando se levantou Thomas sorriu e apontou o céu, então se foi. Ainda estava escuro, mas se podia ver que logo amanheceria. Milagrosamente as cismas de Ethan se foram. Ele não entendia nada sobre o amor e muito menos sobre almas que iam e vinham. Que importância teria se Danielle estava em sua vida por obra do destino ou mera coincidência? Para seguir no jogo, bastava omitir sua falta e aproveitar a oportunidade.

Lamentando o tempo perdido, sem demora Ethan se lançou na sacada. Pelo silêncio soube que Danielle havia sido vencida pelo cansaço. Abalado pela falta sentida, entrou com cautela. Já parado ao lado da cama, seu coração falhou uma das fracas batidas enquanto, apressadamente, descalçou os sapatos e as meias. Imediatamente ao se acomodar, a humana correu a mão pela cama até encontrá-lo.

Ethan permaneceu imóvel, deixando que Danielle tateasse seu dorso e se aproximasse para pousar a cabeça sobre seu peito. Com medo de acordá-la, ele manteve as mãos cruzadas atrás da nuca, sendo acometido por uma indescritível felicidade.

– Onde esteve? – Danielle perguntou em seu sono.

– No inferno, sendo um idiota – Ethan sibilou aborrecido consigo mesmo. Mas estava de volta, e não desperdiçaria oportunidades como aquela. Era paliativo, ainda assim muito bom conversar com o subconsciente de Danielle. – Senti sua falta – admitiu.

Danielle resmungou algo sem sentido e se aquietou. Poderia não ter dito o nome, mas com gestos demonstrava a Ethan o quanto estava realmente dependente dele. Regozijando-se, Ethan soube não estar errado em seus rodeios; seu plano de sedução era bom. Teve falhas, improvisos e imprevistos, mas nada que abalasse o resultado final.

Muito satisfeito de si mesmo, de olhos fechados, Ethan sentiu Danielle confirmar a ligação que os unia ao se acomodar melhor sobre seu peito. Aproveitando-se do movimento, ele a abraçou. Em êxtase, Ethan saboreou a brisa morna que a respiração regular da humana lançava diretamente em seu pescoço. Impossível não se excitar.

Não era prudente, e Ethan não se importava. Teria que poupá-la de seus arroubos, então se habituaria àquele desejo não saciado. Com isso, cheirou-lhe os cabelos. Danielle mais uma vez se moveu, e levou Ethan a estacar com o que fez em seguida.

Ainda inconsciente, a humana pousou a mão sobre o abdômen do vampiro. Nada grave se ela não movesse os dedos pelos botões de sua camisa. Danielle não brincou com eles, dormindo, ela passou a abri-los. Ethan contou um, dois, três... No quarto a mão quente

tocou sua pele fria. Com certeza Danielle sonhava então, por mais que estivesse adorando, não poderia deixá-la prosseguir com a doce tortura. Poderia?

– Hummm... – Danielle gemeu junto ao pescoço de um Ethan indeciso.

Depois de ter aberto completamente a camisa, ela pousou a mão espalmada sobre o peito de Ethan. Ato contínuo, Danielle virou a cabeça e depositou um beijo na curva do pescoço, enlouquecendo-o com seus toques delicados. Os calafrios imediatamente atacaram um sexo já desperto, alarmando-o. Ethan precisava deixar aquela cama, porém, antes que tomasse qualquer atitude, Danielle escalou mais em seu corpo, presenteando-o com vários beijos curtos, até alcançar-lhe a boca. Era o fim. Aquele beijo foi ansiado por horas infinitas, então, sem pensar, ele separou os lábios para receber a língua morna que os circulava.

– Meu amor!... – ela sussurrou contra a boca dele.

Então o instante perfeito se foi. O beijo não lhe pertencia, sim ao ex-namorado humano. Ethan sufocou afogado em seu ciúme. Todo o deleite se transformou em fúria líquida e correu por suas veias na velocidade de um raio. Os lábios traidores ainda procuravam por aceitação, porém Ethan determinou que Danielle sofresse com a falta sentida. Ele nunca mais se prestaria ao papel de substituto.

Mortalmente ferido, Ethan ignorou a mão aliciante que escorregou até a base de seu abdômen. Reprimindo um acesso possessivo, ele lhe segurou os dedos. Estava prestes a se livrar do abraço, quando ela beijou seu queixo e balbuciou:

– Hummm... Ethan...

Ethan?! Aturdido, ele precisou de um minuto inteiro para se recuperar do novo choque. Ainda recebia os beijos em seu queixo e pescoço, porém ele não saberia nomear o que sentia, não até que entendesse o que acontecia naquela cama. Gentilmente Ethan rolou Danielle de lado, deitando-a sobre o colchão e confirmou que ela dormia. Era incrível, mas a humana sonhava com ele sem sua indução.

– Não me deixe, por favor...

O pedido foi baixo e implorativo. A pouca luminosidade daquele início de manhã permitia que Ethan visse os contornos de Danielle a se retorcer excitada. Não devia tocá-la. Um *gentleman* preocupado com a sanidade da jovem teria se retirado, porém... Há muito tempo ele não era um cavalheiro no real sentido da palavra, então decidiu que demonstraria muito mais cavalheirismo se lhe atendesse os desejos.

Não, não a possuiria sem estar induzida, pois ela fatalmente acordaria. Contudo nada o impediria de proporcionar o que Danielle evidentemente lhe pedia no sonho. Baixando a cabeça, Ethan deixou que os lábios femininos brincassem com os seus. O recato do beijo destoava da mão ousada que novamente vagou do peito até o abdômen de Ethan. Respirando fundo, ele deteve a palma mais uma vez e a afastou.

Não era prudente ser tocado daquela maneira com Danielle a dormir espontaneamente. Com um gemido baixo, incapaz de se afastar, ele interrompeu o beijo para beijar a pele sensível na altura da orelha de Danielle. Inconscientemente, ela lançou a cabeça para trás, expondo o pescoço, oferecendo-se a um vampiro já sedento. Imediatamente Ethan afastou a cabeça, reprimindo o impulso de mordê-la.

Prendendo a respiração, ele fixou a atenção no laço que prendia a frente da camisola de algodão. Lentamente, puxou um dos fios, até que se desprendesse. O decote profundo que se formou revelou o colo macio. Logo Ethan afastou as laterais da peça para ver os seios nus na penumbra da manhã. Sua mão formigou por tocá-los, porém no estado que se encontrava, não seria capaz de controlar sua força, mas não se privaria de prová-los.

Com toda a delicadeza que conseguia imprimir, Ethan lambeu um dos mamilos, eriçando-o antes de cobri-lo com a boca. Um gemido agoniado escapou por entre os lábios dela fazendo com que o corpo estimulado dele vibrasse em resposta. Controlando-se, Ethan provou outro seio. Sugava-o mansamente quando ouviu o som de tecido produzido por Danielle que se tocava sobre a camisola, procurando pela satisfação que ele lhe negava. Ele tentou com todas as suas forças ignorá-lo.

– Ethan...

Ao ouvir seu nome, ele confirmou não ser mais do que um vampiro velho e fraco; miseravelmente excitado. A verdade era que sua força de vontade se esvaiu no momento em que se permitiu ficar perto, agravando o cheiro de cio que deixava seu corpo indócil. Reconhecendo sua fraqueza e ciente de que estava irremediavelmente condenado ao inferno, Ethan se despiu do restante de suas roupas e se colocou sobre Danielle, sem tocá-la ainda. Gentilmente a beijou e, ao ser correspondido, sem desfazer o beijo, afastou-lhe as pernas e a preparou para recebê-lo.

Lentamente, quando determinou ser seguro, o vampiro, sempre beijando a humana, deslizou dentro do corpo amado e, cautelosamente, retirou-se para então voltar. Para seu doce deleite, novamente fazia amor com Danielle. Movendo-se com excruciante lentidão, Ethan tomava o devido cuidado de não tocá-la além daquela prazerosa conexão dos sexos. Talvez se arrependesse no minuto que fosse embora, porém naquele instante, tudo que lhe importava era senti-la e encerrar a falta que consumia aos dois.

E então, Danielle se agitou sob seu corpo, livrando a boca. Para condenação de Ethan ela havia acordado e o fitava diretamente com olhos indagadores. Não queria assustá-la, contudo seria impossível parar.

– Mas o quê...?!

Ethan não deixou que gritasse, calando-a ao retomar o beijo. Danielle tentou protestar e se libertar inutilmente. Gentilmente, porém com força, ele prendeu seus braços pelo pulso contra o travesseiro e falou em seus lábios, sempre movendo o quadril; encaixado a ela.

– Shhhh... Sabe que sou eu, Danielle!... Sinta-me!

A reação defensiva; um misto de luta e entrega, excitava-o mais. Novamente Ethan pressionou sua boca contra a dela, que não tentou se esquivar. Com um gemido resignado, ela correspondeu ao beijo e acompanhou a dança lasciva de seus quadris. A entrega teve o poder de enlouquecê-lo tanto quanto a resistência.

Os gemidos femininos saíam abafados pelo beijo. Ethan ainda lhe segurava os pulsos contra o travesseiro, acima da cabeça. Sua garganta queimava ao sentir-lhe o fluxo sanguíneo aumentado à medida que a excitação de sua humana clamava por atingir seu ápice. Naquele momento, controlando-se para não mordê-la, liberou-lhe os lábios para decorar-lhe a expressão. Danielle olhava diretamente para ele. A respiração entre cortada. Estava entregue. Rendida. Gemia por ele.

– Venha por mim, Danielle! – Ethan pediu. – Por mim...

E Danielle o atendeu estremecendo violentamente sob seu corpo. Ao inclinar a cabeça para trás, perdida em seu êxtase convulsivo, Ethan depositou um beijo na base do pescoço delgado. Segundo erro; sentir a veia pulsante em seus lábios fez arder mais sua garganta.

Apesar de naquela manhã estar sendo um vampiro fraco, Ethan lutou e não se rendeu àquele último canto de sereia. Apenas afundou a cabeça no pescoço amado e o cheirou profundamente. Sua língua formigou em expectativa pelo sangue que não viria. Ela arfou no momento exato de suas últimas investidas antes da satisfação plena no corpo amado.

– Danielle... – ele rosnou.

– Ethan?!...

Indagação? Aceitação? Medo? Ethan não identificou a entonação na voz sumida, porém ela teve o poder de livrá-lo daquela insanidade. Novamente senhor de sua vontade, Ethan a obrigou a encará-lo. O temor questionador que viu nos olhos âmbar o feria de morte. Ethan percebeu o movimento dos lábios amados e, antes que ela pronunciasse qualquer palavra, ditou:

– Foi apenas um sonho. Agora durma, Danielle!

Ela mirou o rosto de Ethan até que, após piscar duas vezes, fechou as pálpebras. Sua cabeça tombou para o lado, revelando a veia que ainda pulsava frenética. Pelo menos havia sido forte o bastante para não mordê-la, ele pensou. No mais, deixaria que a culpa o corroesse quando estivesse sozinho. Naquele momento, nada poderia abalá-lo depois de ter feito amor com Danielle.

Sem conseguir desviar a atenção do rosto sereno, Ethan se afastou e a envolveu com a coberta, então se acomodou ao seu lado e a puxou para si. Com os corpos acalmados, ele olhou na direção da porta pela qual entrou. A manhã já se mostrava mais clara, não poderia sair pela sacada, porém não se importou. Uma vez que Danielle dormia obedecendo a uma ordem, ele poderia ficar um pouco mais.

Experimentando uma satisfação genuína que novamente poderia nomear como felicidade, Ethan apertou mais Danielle em seus braços. Ainda não tinha respostas. Não sabia se ela realmente seria uma parceira de outros tempos, contudo, naquela manhã conseguiu uma certeza que brincava em sua mente. Mesmo envolta pelas brumas de um sonho ativo, Danielle tinha se declarado. Ela poderia ainda não saber, mas já o amava!

Capítulo Sete

O dia em Manhattan se apresentou ensolarado. Sorte estarem às portas do inverno o que deixava o clima ameno, sem o calor escaldante do verão. Dana apreciava dias como aquele. Enquanto olhava para além de sua janela, admirando a bela parede de tijolos da construção vizinha, cogitava uma ida ao parque. Caminhar talvez a distraísse de tantos pensamentos desencontrados. A animação durou até que se lembrasse do carro novamente quebrado.

Com um bufar desanimado, Dana resolveu cuidar de seu futuro. Ignorando a torrada com geléia e o suco de maçã que preparou para seu café da manhã, voltou sua atenção ao netbook em seu colo e começou a procurar possíveis jornais fora da cidade para os quais pudesse enviar seu currículo. À luz da manhã a alternativa não pareceu tão agradável, no entanto, primordial era arrumar um emprego na sua área. E como considerou na noite anterior, talvez afastada de Nova York conseguisse ordenar sua vida, e esquecer. Tarefa nada fácil!

Como esquecê-lo quando, imaginário ou não, seu cheiro estava de volta? E o que pensar do novo sonho, quente e molhado? Sentindo o rosto queimar, Dana confirmou que preferia a versão carinhosa de Ethan, ainda mais que agora ela estivesse selvagem. O que foi aquele urro gutural somado ao seu nome? Dana se perguntou de onde sua mente insana tirava tais detalhes para emprestar a Ethan. Não saberia dizer, e ter a resposta de nada adiantaria. Saborear a ilusão era excitante, doce e bom; não saudável.

Resmungando aborrecida por se perder em devaneios juvenis, Dana voltou a focar em seu objetivo. Depois de duas horas havia enviado quatro currículos para três cidades diferentes. Por fim, novamente lhe agradava a ideia de morar em Salem. Ficaria perto dos pais e longe o suficiente de advogados; de Ethan. Era insólito, mas sentia mais a falta dele do que a do ex-namorado. Culpa exclusivamente dela por se meter a brincar com alguém tão experiente num jogo no qual ela nem sabia embaralhar as cartas.

Impaciente, Dana colocou o netbook de lado e lamentou a ausência de Joly. Com certeza a francesa a animaria com algum comentário inapropriado. Cismava também com a falta da amiga quando o telefone tocou.

– Alô! – atendeu ansiosa.

– *Dana Hall, por favor* – disse a voz feminina.

– É ela, pode falar – liberou, um tanto decepcionada.

– *Olá, senhorita Hall. Espero que se lembre de mim. Sou Cindy Howden.*

– Sim, eu me lembro! – Dana prestou maior atenção. – Sinto muito por seu marido.

– Obrigada pela atenção!... É tudo muito recente, mas logo superaremos...

– Espero que sim...

– Bem, vamos ao que interessa... Eu assumi o controle do Today e agora ocupo o cargo que antes era de meu marido. – informou em tom profissional. – Precisamos de gente nova em nossa equipe e como Charles estava disposto a ver seu trabalho, pensei em fazer o mesmo. Estaria interessada? Se sim, quando poderia vir até aqui para me mostrar suas matérias?

Dana se levantou abruptamente, animada.

– Se estiver tudo bem para a senhora, eu tenho toda manhã livre.

– Então venha às onze horas. Tenho um almoço de negócios ao meio dia, acho que teremos tempo.

– Perfeito! – Dana exclamou.

– Até breve.

Estarrecida com o súbito sopro de boa sorte, Dana recolocou o fone no gancho. Finalmente uma proposta real, e se tudo desse certo permaneceria em Nova York. Sim, ainda precisaria administrar sua paixãoite, mas pensaria como lidar com ela depois. No momento somente saboreava a novidade boa em meio a tanta confusão.

Feliz como há muito não se sentia, logo Dana desejou compartilhar com alguém. Antes procuraria por Paul; como não poderia, recorreria à melhor amiga. Sem se importar com o estado de espírito que vigorava naquela manhã, telefonou para Joly. Quicava de uma perna a outra enquanto a francesa não atendia ao celular. Estava prestes a desligar, quando finalmente ouviu a voz alarmada.

– O que aconteceu, Dana? – A pergunta foi abrupta sem prévio cumprimento. – Estava longe do aparelho... Vim atender o mais rápido que pude. Você está bem?

O nervosismo demonstrado era estranho. Estava totalmente recuperada da doença desconhecida e, depois daquele breve intervalo dos sonhos, sentia-se mais forte e saudável.

– Danielle? – Joly chamou impaciente, tirando-a da divagação.

– Desculpe-me, não aconteceu nada grave. Apenas quero contar a novidade.

– Qual novidade? – a francesa ainda se mostrava impaciente.

– Cindy Howden acaba de me ligar para marcar uma entrevista. Vou apresentar meu trabalho hoje às onze horas.

– Parabéns!... Fico tão feliz por você. Na verdade, isso merece uma comemoração. Vamos almoçar juntas?

– Joly... – Dana sorriu do entusiasmo da amiga. Aparentemente haviam voltado aos bons tempos. – Ainda não consegui o emprego... Não é melhor termos a confirmação?

– *Não seja modesta. O emprego já é seu e vamos almoçar juntas, sim. Venha ao escritório às...*

– Não, Joly! – Dana a cortou com o coração aos saltos, livre de qualquer humor. – Não quero me encontrar com...

– *Não se preocupe com encontros desagradáveis.* – Joly a tranquilizou. – *Paul ficará retido no Fórum o dia inteiro, Ethan não está na cidade, então o território estará livre para você. Sem sustos. Prometo!*

Dana imaginou se valeria à pena explicar que não bastava o território estar livre quando até mesmo o ambiente a perturbava. Desistiu de fazê-lo, pois sabia que a amiga não mudaria de idéia

– Está bem... Diga o horário de nosso encontro.

– *Ao meio dia ou quando ficar livre da entrevista. E, por favor... Nada de desânimo... Ninguém está morto aqui.*

Dana teve que rir. Joly era impagável. Depois das despedidas, Dana seguiu até seu quarto para rever suas matérias importantes. Como era de se esperar, em sua ansiedade, lhe pareceu que a manhã demorou a passar. Para ocupar o tempo vago, Dana aproveitou para responder alguns e-mails, especialmente os de sua mãe, feliz por ter algo positivo para contar aos pais.

Com a correspondência em dia, Dana tentou escrever uma matéria que pretendia vender ao *Press Today*, porém se pegou pensando sobre as palavras de Joly. Especulando desde quando Ethan estaria fora da cidade. Seria possível que ainda houvesse esperança?

Imprudente, Dana sabia, mas foi impossível não se animar com a possibilidade de aquela ser a razão para não ter sido procurada. Talvez, devesse deixar de ser provinciana e arriscar; correr atrás da realização de seus sonhos. Caso Ethan ainda estivesse interessado, bastaria não se iludir, aproveitando somente aquilo que ele lhe oferecesse, pelo tempo que fosse possível; sem expectativas, cobranças ou esperanças vãs.

∞

Às onze horas, uma jornalista ansiosa, vestida em seu melhor vestido de lãzinha em três tons de cinza, estava sentada diante de Cindy Howden. A nova editora-chefe a olhava com curiosidade, ainda que tentasse ocultar. O nervosismo de Dana era tanto que fez esquecer dois episódios estranhos. Primeiro o fato de ter encontrado sua porta destrancada quando tinha certeza absoluta de tê-la trancado antes de dormir, e depois, o pronto funcionamento de seu carro quando o testou sem nem saber por quê. Dana cismou sobre os dois mistérios por todo o trajeto até o jornal. Porém, já em sua entrevista, estes foram esquecidos.

Alta e esguia, Cindy estava elegantemente vestida num *tailleur* de linho rosa chá; uma mulher muito bonita que em nada lembrava a Morticia da noite de Halloween. Não usava brincos ou nada que lhe enfeitasse e ainda assim, chamaria a atenção para si. Antes de sua beleza, Dana lhe admirava a força. Naquela noite completariam dez dias do falecimento de Charles Howden e a viúva já estava de volta ao trabalho, ocupando-lhe o cargo. Cindy Howden era um exemplo a ser seguido.

– Então, senhorita Hall, o que tem para me mostrar? – Cindy perguntou gentilmente, ainda avaliando-a.

– Aqui estão todas as matérias que mais gosto – explicou, estendendo a pasta preta com as cópias.

Logo a editora lia com atenção. Uma, duas, três... Cinco matérias sem interrupção ou comentários. Dana sentia as palmas das mãos suadas. Estava nervosa, porém não queria dar demonstrações. Enquanto a Sra. Howden lia, Dana tentava lhe adivinhar a expressão, sem sucesso.

Com óculos de leitura equilibrados sobre o nariz, Cindy era a concentração em pessoa. Após minutos intermináveis, a editora finalmente ergueu a cabeça e recolheu os óculos. Seu rosto extremamente sério não permitia a Dana ter qualquer palpite sobre sua opinião quanto ao que leu. Como da vez que esteve diante de Billy, Dana sentiu o estômago dar voltas inteiras.

– Charles teria gostado de você! – Cindy murmurou intimista. – Você é boa, garota!

– Obrigada!

– Gostei do seu estilo. Suas matérias são impessoais, mas ainda assim percebe-se que você gosta do que faz. Estive lendo outros textos seus no *Press* e no *Daily*. Gostei deles... E gostei desses – disse apontando para os que estavam em sua mão. Dana agradeceu, Cindy prosseguiu: – Como lhe disse por telefone, preciso de gente nova aqui. O que me diz de se juntar a nós?

– Eu... Adoraria! – Dana afirmou, dosando a ansiedade.

– O que você tem feito além de vender matérias avulsas?

– Estou ajudando uma amiga no restaurante dela, mas não como um emprego – apressou-se em explicar. – Posso sair quando quiser. Apenas me diga quando devo começar.

– Se é assim... Ainda estamos no começo da semana, mas não tenho pressa. Use esses dias para resolver seus assuntos com sua amiga e comece conosco na próxima segunda-feira. Até lá gostaria de pedir apenas que não venda mais nada para o *Press Today*. Se tiver algo pronto, envie para nós. Está bem assim? – Cindy lhe sorriu amigavelmente.

– Está perfeito!

– Então está combinado! – a editora se levantou indicando o encerramento da entrevista. Estendendo a mão para Dana, disse: – Bem-vinda à equipe, Dana Hall.

– Obrigada pela oportunidade.

– Não deve me agradecer por isso. – Cindy Howden foi gentil, ainda que a resposta soasse estranha.

Bem, Dana pensou ao deixar a sala, não precisava entender todas as coisas. Talvez sua futura editora não inserisse um sentido oculto à frase, assim como na noite anterior talvez tenha esquecido a porta do apartamento aberta e seu carro velho tivesse mesmo adquirido vida própria, funcionando quando bem entendesse.

O que importava era estar de volta ao emprego que tanto amava, e ainda ter chances reais de estar novamente com Ethan McCain. Ao pensamento Dana estremeceu em doce expectativa. Ansiando saber mais sobre a tal viagem, já na calçada, ela correu até seu carro e seguiu rumo à Wall Street.

Chegar ao NY Offices reduziu significativamente o entusiasmo de Dana, fazendo com que se arrependesse de ter marcado ali. Muita coisa tinha mudado nos últimos dias, mas ainda não se sentia pronta para estar com Paul. Depois de toda sua patética insistência, um encontro seria no mínimo constrangedor. Antes que voltasse atrás, ela cobrou de si mesma um pouco de coragem. Ainda mais quando sabia que o ex não estava.

Resignada, Dana seguiu até a fila dos elevadores comuns. Sua súbita valentia não era tanta que a fizesse utilizar o privativo. Ao final nem esperou tanto e, na terceira leva de passageiros, Dana conseguiu um lugar. Quando chegou ao andar dos escritórios, encontrou Joly sozinha na antessala, praticamente soterrada por uma pilha de pastas. Naquele instante ela percebeu o quanto sentiu falta da amiga. Demonstrando sentir o mesmo, Joly correu para abraçá-la.

– *Bonjour, Dana. Ma chérie amie!* – A francesa exclamou feliz. – Como se saiu na entrevista? Começa quando?

– Ah, Joly, senti falta desse seu otimismo! – Dana sorriu contente. – Correu tudo bem e segunda-feira eu começo a trabalhar no que realmente gosto, fazendo o que sei melhor.

– Eu sabia! Eu sabia! – Joly exultou animada. – Precisamos mesmo comemorar!

Como não se contagiar com o entusiasmo da amiga? Definitivamente o mal-entendido entre elas estava esquecido.

– Então vamos? – Após a pergunta, Dana olhou para a mesa da amiga. – Ou ainda está muito ocupada?

Joly lhe seguiu o olhar e torceu os lábios.

– Ethan teve que ir até Trenton e me pediu que separasse vários processos que ele deseja estudar quando voltar. Se você não se importar em esperar, estou quase acabando e preferia que fosse antes do almoço.

– Fique à vontade. – Dana a liberou, indo se acomodar no sofá de espera.

– Será rápido, eu prometo! – disse Joly voltando para sua mesa.

Dana gostaria de sanar sua curiosidade, porém decidiu especular sobre a viagem de Ethan durante o almoço. Com isso as amigas conversaram brevemente sobre futilidades, a mudança da estação e as novas tendências da moda. Nada que lhes lembrasse a doença estranha que a debilitou ou ex ou futuros relacionamentos.

Vinte minutos depois, a secretária organizou uma pilha pequena de pastas e a colocou de lado. Tirando a primeira delas, pediu:

– *Ma chérie...* Você se importaria de me fazer um pequeno favor?

– Não. O que quer? – perguntou Dana, pondo-se de pé.

– Estou quase acabando aqui e seria de grande ajuda se levasse esses relatórios até o apartamento de Ethan.

Bastou ouvir o nome do criminalista para que Dana estremecesse, acovardada.

– Joly, eu não sei... Sair e voltar?... Isso não nos atrasaria? Talvez fosse o caso de irmos juntas, quando estivéssemos na rua.

– Não, Dana... – a amiga esclareceu com um sorriso. – Ethan mora aqui, na cobertura.

– Aqui? – Instintivamente Dana olhou em volta procurando por alguma porta que tenha deixado passar despercebida. – Aqui?!

– Não *aqui* – Joly riu, divertida. – Não ouviu o que eu disse? Ele mora na cobertura.

– Ah... – Dana ficou sem palavras.

– O que dizer de Ethan McCain?... Ele é excêntrico! – a francesa deu de ombros. – E então? Pode me ajudar ou não? É só deixar a pasta no gabinete.

– Levo, sim... – concordou, a covardia sendo vencida pela curiosidade – Sem problemas.

– Você é uma boa amiga! – Joly exclamou, passando-lhe a pasta. Então abriu uma gaveta e dela retirou um molho de chaves. – Tome isto... Vá pelo elevador particular. Essa é a chave da porta principal.

Tentando manter as mãos firmes, Dana tomou a pasta e as chaves. Deixou bolsa e casaco sobre o sofá e seguiu, medindo os passos até o elevador indicado ainda sem acreditar que iria conhecer onde Ethan morava.

Capítulo Oito

Longe de Joly, Dana não se preocupou em disfarçar os tremores e, com dedos incertos, apertou o botão correspondente à cobertura. Uma vez no *hall*, sentiu-se intimidada pela sobriedade daquele espaço mínimo. Apertando a pasta em suas mãos, repassou sua missão: entrar, deixar os relatórios no gabinete e descer. Simples, encorajou-se. Porém, mesmo com toda determinação, apenas após alguns segundos Dana conseguiu introduzir a chave na fechadura.

Ao abrir a porta de madeira maciça, o ar lhe faltou ante a visão inusitada. Joly citou excentricidade, porém para Dana, Ethan era criativamente louco. A idéia de morar no topo de um prédio situado no coração comercial de Manhattan apenas poderia surgir de uma mente desvinculada da regra geral.

Até chegar à cobertura, Dana considerou que fosse encontrar apenas um *loft* anexo a um escritório maior, para uso de Ethan quando ele não desejasse ir para seu verdadeiro apartamento. Enganou-se completamente, não havia exagero por parte de Joly. Ethan McCain realmente vivia ali. Em confortável luxo, Dana podia notar.

Passado o choque inicial, Dana forçou suas pernas a se moverem adiante; apreensiva, com a pasta apertada contra o peito. Mesmo com o morador ausente, como sempre sua presença era sentida em cada canto da sala espaçosa, decorada com extremo bom gosto; o branco prevalecia.

Olhando em volta, Dana reparou em todos os detalhes. Uma escada levava ao andar superior. As janelas de vidro iam, em sua maioria, do chão ao teto. A direita da sala se podia ver um pequeno jardim bem-cuidado, assim como parte de uma piscina coberta; o cenário de sonhos.

O chão da sala era de madeira lustrosa, os estofados de couro branco e os móveis – essenciais de madeira clara. A parede ao seu lado, de alvenaria como todas que dividiam os cômodos internos, presenteava os olhos dos recém-chegados com uma esplêndida pintura. Dana a conhecia de suas aulas extracurriculares; era o *Narciso de Caravaggio*. Uma réplica perfeita, pois a obra original fazia parte do acervo da Galeria Nacional de Arte Antiga em Roma. Ou não?

Caso estivesse diante da pintura legítima Dana não se surpreenderia. Espantoso era que tivessem o mesmo gosto, Caravaggio sempre fora seu pintor preferido. Dana apenas não entendia a escolha da obra. Ethan era bonito e marcante, mas não o considerava um apaixonado por si mesmo. Dando de ombros, afastando-se da tela e das comparações, Dana mais uma vez olhou ao seu redor até encontrar a porta do gabinete. Repetindo a si mesma que a missão era fácil, seguiu para lá com passos mais firmes.

O cômodo não era grande. Em contraste com os móveis claros da sala, possuía uma mesa de madeira escura, uma cadeira revestida com couro preto, uma poltrona igualmente negra. A parede atrás da mesa era decorada com pequenas gravuras e muitos diplomas, enquanto que na que dava acesso à sala e à sua esquerda, estantes ocupavam todos os espaços. A que restava, à sua frente, era totalmente de vidro, formando uma imensa janela que emoldurava uma vista privilegiada de Manhattan.

Era fácil imaginar Ethan naquele gabinete, debruçado sobre algum processo; compenetrado, sem o paletó... Os cabelos bagunçados pelos dedos longos e ansiosos. A gravata frouxa. Voltando a tremer diante da imagem projetada por sua mente apaixonada, Dana se aproximou da mesa impecavelmente organizada e depositou a pasta sobre ela. Em tempo algum se atreveu a chegar mais perto da parede de vidro, temendo a vertigem que provavelmente sentiria quando confirmasse a altura.

Considerando ter cumprido boa parte da tarefa, Dana voltou sua atenção à parede que tinha diante de si, muito interessada na quantidade de certificados. Todos com o nome de Ethan, porém uns pertencentes a algum parente homônimo há muito falecido. Como o diploma datado de 1836, entregue pela Universidade de Coimbra, ou certificado de mestrado vindo de Berkeley em 1949. Estava claro que os homens da família McCain eram fiéis à advocacia em todas as gerações. E todos os Ethans eram altamente qualificados.

Pelos diplomas Dana descobriu que o Ethan atual cursou em Harvard e Princeton, era PhD em sua área, possuía um mestrado em administração de empresas o que tornava, não somente uma quase ovelha desgarrada entre os McCains, como um já exemplar advogado praticamente em garoto prodígio. Sim, pois as datas indicavam que ele recebeu alguns canudos sendo ainda muito novo para tanto.

Dana calculava mentalmente para descobrir com quais idades exatamente Ethan havia conseguido o MBA ou o LL.M quando os acordes suaves de uma de suas baladas preferidas quebraram o silêncio absoluto. Poderia apreciá-la se não tivesse certeza de que era para o apartamento estar vazio. A apreensão que suspendeu sua respiração durou um segundo. De súbito Dana sorriu aliviada, considerando se tratar de algum trote vindo de Joly.

Decidida a desmascarar a amiga, Dana deixou o gabinete ainda sorrindo, contudo o divertimento simplesmente desapareceu ao chegar à sala. O coração parou completamente para em seguida ricocheteiar frenético em seu peito ao avistar Ethan McCain em pessoa – não um saído de seus sonhos –, descendo as escadas distraidamente; vestido somente com uma calça de pijama de seda preta; com os pés descalços, o dorso nu. Tão lindo e atlético que poderia ilustrar a capa da *Men's Health*.

Dana desejou que o chão se abrisse para que ela desaparecesse antes de ser vista. Evidente que não aconteceu e por estar bem visível, Ethan a olhou diretamente ao alcançar o último degrau. A surpresa nos olhos verdes pareceu ensaiada, mas Dana não poderia ter certeza. Incapaz de desviar o olhar, esquecida de cálculos e diplomas, Dana viu quando um meio sorriso surgiu lento e límpido no rosto de Ethan.

– Ora, ora... Se não é a bela Danielle Hall! Ao que devo a honra de sua visita?

Na verdade, para Ethan pouco importava saber, queria sim, ouvir-lhe a voz. Por não querer assustá-la, nada mais falou, assistindo, completamente imóvel, o rosto amado adquirir tons incríveis de vermelho.

– Eh... Eu... Bem... – Dana se odiou pela gagueira e se exortou a articular uma frase coerente. Engolindo em seco, ela respirou fundo e respondeu de uma só vez. – Vim trazer alguns papéis a pedido de Joly.

– Então minha secretária merece uma gratificação pela iniciativa! – Ethan exclamou, alargando o sorriso.

Joelle era a melhor; às vezes. Caso não criasse um incidente de proporções no mínimo catastróficas, Ethan agradeceria pessoalmente por lhe conceder o prazer de ter a companhia de Danielle. Acordada, linda e maravilhosamente corada, ali, na sala dele. Pronta para retomarem o jogo.

Dana piscou aturdida. Ele a confundiu com o comentário sugestivo, destoante de suas últimas ações. Afinal era estranho que ele, conhecido conquistador, deixasse uma mulher praticamente a implorar por um beijo depois de instigá-la. E não estava fora da cidade como ela quis crer para justificar que não a procurasse. Contudo, apesar do estranho afastamento, Ethan parecia muito satisfeito em vê-la.

Talvez devesse questioná-lo, porém o que ela reivindicaria quando não eram nada um do outro? Insegura, acreditando não estar pronta para lidar com a personalidade inquietante de Ethan McCain, Dana instintivamente mediu a distância que a separava da porta. Seu olhar não passou despercebido a ele.

– Já vai tão cedo? – perguntou baixo e manso.

Antes que Dana pudesse responder, Ethan reduziu a distância que os separava. Como sempre, rápido demais. Ou talvez o tempo tivesse parado, ela considerou ao tê-lo diante de si; perigosamente perto para a sua sanidade física e mental. Divino, como em seu sonho, no qual rosnou seu nome.

– Eu... – Dana balbuciou. Sua face queimava. – Acho que devo...

A dispersão e o pulsar frenético do coração humano envaideciam o vampiro. Para ele, estar perto dela, sempre seria igualmente perturbador. Não poderia deixá-la ir embora. Precisava guiá-la no caminho que a traria em definitivo para sua vida. E tocá-la. Desde a manhã parecia tempo demais longe dela.

– Não vá... – pediu. – Já que está aqui, deixe-me cobrar o que me deve.

– Como?! – Dana perguntou aérea. O hálito aprazível a confundia.

– Deve-me uma dança – Ethan a lembrou, aproximando-se ainda mais; precisava mesmo tocá-la.

– Ah... – ela não havia esquecido, mas nada disse.

Os acordes da música ainda enchiam a sala. O cheiro e a proximidade de Ethan inebriavam-na, e então ele ofereceu a mão. Antes que formulasse qualquer resposta, como sempre, Dana aceitou a oferta.

Com o encontro das palmas Ethan suspendeu a respiração em extremo deleite ao imaginar que talvez a humana nunca negasse sua mão estendida. Tomado pela ansiedade, num átimo ele a envolveu em seus braços.

Tendo o rosto pouco acima do peito escurecido por pelos mínimos, Dana não se atreveu olhar para a boca que não pôde beijar. Por sua vez, Ethan a sentia pulsar em seus braços; muito quente. O tempo pareceu estagnar ao puxá-la mais para junto de si.

Dana reprimiu sua surpresa ao sentir a mão livre de Ethan em suas costas, na base da coluna. Até mesmo o toque dele era ambíguo, oscilando entre o respeito e a indecência. Havia apenas uma certeza, Ethan a queimava.

A mão que lhe concedeu a dança era mantida contra o peito largo na altura do coração. Dana podia sentir os batimentos fracos e irregulares, porém não conseguia decifrar a estranheza quando estava mais ciente da frieza da pele e da firmeza dos músculos que sentia nas costas de seus dedos entrelaçados aos dele.

Hazard, do Richard Marx, não era uma balada romântica ou tão lenta, nada que justificasse a proximidade. Contudo, o condutor experiente mantinha sua parceira fortemente cativa, movendo-se de forma lânguida, sensual. Dana focava toda sua concentração aos pés para não cometer alguma gafe estúpida como pisar nos pés de Ethan. Ele por sua vez, enquanto mirava aquela face tão próxima, avaliava se apreciava ou não o fato de Danielle nunca encará-lo. A covardia o divertia e ao mesmo tempo exasperava.

Com um suspiro resignado, Ethan colou seu rosto ao dela. Dana prendeu a respiração quando os lábios frios resvalaram em sua pele; se ele os movesse seria como um beijo em sua testa; não aconteceu. Porém ela não ficou livre de nova tortura, pois a mão em suas costas desceu um pouco mais eliminando o pouco espaço que ainda existia entre eles, tornando o toque somente indecente.

Dana pôde sentir todos os contornos daquele corpo forte encaixados aos dela. Mesmo em repouso, o membro masculino pressionado contra a base de seu ventre, excitava-a. Envolvida naquela dança extremamente erótica, Dana esperou pelo enfarte fulminante e libertador, contudo este não veio. Padeceu lentamente naquela doce agonia até que a música findasse.

Cedo demais, Ethan lamentou com dificuldade em liberar seu par. Sequer percebeu os minutos, imbuído na árdua tarefa de se manter estável enquanto tinha Danielle moldada em si, a pulsação dela a lhe atacar a garganta, o odor de cio a excitá-lo. O esforço masoquista foi bem-sucedido, porém ainda desejava mais. Tanto que muito além dos

últimos acordes, Ethan ainda a mantinha presa. Como se não bastasse, descaradamente cheirou os cabelos dela, comprazendo-se ao sentir sua Danielle estremecer.

Enquanto sua sanidade era posta a prova, Dana determinou que aquela música fosse sua preferida eternamente por embalar a melhor dança de toda sua vida. Infelizmente, a balada que a substituiu era rápida demais, quebrando totalmente o encanto. Ou não, afinal Ethan ainda a segurou por alguns instantes antes de libertá-la. Concentrando-se em permanecer de pé, Dana considerou providencial terem sido interrompidos no dia do baile, pois provavelmente seriam acusados de atentado ao pudor.

Juntando toda sua coragem para encarar o homem que passava a ocupar todos os espaços em sua vida, Dana lentamente ergueu os olhos. Ethan McCain, chefe de seu ex, homem que considerou inalcançável, fitava-a de forma indecifrável. Dana não tinha como saber o quanto ele precisava dela e que, assim como ela, não poderia viver de sonhos indefinidamente. Para Ethan, era de suma importância para sua conquista que momentos como aquele se repetissem.

– Eh... Eu... Seria melhor eu... ir... Joly...

Preferível ficar calada presa àquela tensão sexual que os unia, Dana pensou envergonhada. Sua gagueira desconexa era infundada, afinal, por mais que o endeusasse, o criminalista era um homem como todos os outros que conhecia.

Não, ela se contradisse, mirando os olhos incrivelmente verdes, Ethan era incomparável. Único; lindo e contraditório. Traduzindo, ele sempre seria problema. Onde ela estava com a cabeça para se envolver com alguém assim?

– Eu preciso ir... – Dana anunciou após um pigarro, tentando esboçar um sorriso mesmo estando apavorada, ansiando fugir daquele silêncio e do olhar incisivo que a intimidava. – Desculpe-me pela invasão e... Obrigada pela... Dança!

Dana fez menção de partir, porém a voz de veludo a deteve.

– Aceite jantar comigo!

– Como?!

– Qualquer noite dessas... Aceite jantar comigo. – Ethan ainda a encarava. Não era sua intenção encantá-la, mas se ela recusasse que os deuses o ajudassem, pois o faria. – Sim ou não?

O que responder? Queria seguir a linha da não provinciana e arriscar, mas algo a travava. Dana não identificava qual a origem do medo recorrente que a acovardava nas horas mais impróprias, como naquele instante quando um encontro oficial se mostrou possível. Subitamente algo lhe ocorreu. Talvez o inexplicável receio tivesse bases hierárquicas.

– Desculpe-me, mas acho que não seria apropriado – ela falou sem pensar.

– Por que não? – Ethan endureceu a voz, cobrando uma resposta aceitável. Não via impedimentos quando ela também o queria.

– O senhor é chefe do meu...

– Ethan! – ele a interrompeu franzindo o cenho. – De onde veio esse *senhor* agora?

– Ethan – ela repetiu, recriando-se por estar incoerente. Como não tinha saída, concluiu. – Você é patrão de Paul. Talvez seja estranho sairmos juntos.

Ethan estava preparado para qualquer explicação que justificasse o hesitar, menos aquela. Sequer ouvir o nome pronunciado por ela era tolerável. Foi com muito custo que domou os rancos que agitavam seu peito. Pela expressão subitamente soturna de Ethan, Dana se arrependeu do comentário absurdo. A relação profissional entre os advogados nunca seria um problema. Quis desculpar-se, porém não teve a chance.

– Não vejo qualquer impedimento – Ethan retrucou visivelmente aborrecido –, mas posso demiti-lo se facilitar as coisas entre nós.

E que Dana aceitasse o arranjo, se não, simplesmente eliminaria o empecilho. Thomas, a prudência, a mídia e a polícia que fossem ao inferno! Estava farto. Agora a vida daquele ex-namorado inútil dependia exclusivamente de Danielle, Ethan determinou, encarando-a.

Dana sustentou o olhar impassível e preferiu acreditar que ele estivesse brincando, contudo, algo lhe dizia que ele era capaz de fazer exatamente como disse; ou até pior. Sem que pudesse evitar estremeceu, mais uma vez intimidada por toda aquela *força*.

Nenhuma reação humana passava desconhecida ao vampiro. Evidente que o desejo de eliminar o rábula era real, porém Ethan não queria Danielle temerosa, por essa razão suavizou a expressão e sorriu brevemente para eliminar a seriedade de sua declaração.

– Convidei-a para jantarmos, Danielle, não para cometermos um crime! – gracejou. Sentindo-a menos tensa acrescentou, tomando a liberdade de lhe acariciar o rosto com as costas dos dedos. – Bem... Se no final do encontro eu roubar um beijo seu, talvez agrave o delito transformando-o em atentado violento ao pudor, mas conheço bons advogados.

Que se danasse o receio e seus modos antiquados, Dana determinou. Aquele bom advogado se arrepender no minuto seguinte ao início do encontro era um risco que ela estava disposta a correr. Teve sua dança, e agora via a possibilidade de um beijo roubado. Dana queria aquilo. Contudo, como diria se Ethan não facilitava? Não com os dedos a passear por seu rosto, indicando que falava sério também quanto ao atentado.

A indecisão Danielle minava suas forças, levando-o a bufar exasperado. Com o silêncio Ethan nem mesmo tinha como saber se a surpresa preparada mais cedo naquela manhã com Cindy Howden tinha sido bem-aceita. Ele precisava simplesmente ter suas repostas.

– Na próxima sexta-feira está bem para você? – ele arriscou. Seria uma forma de saber.

– Está! – Dana respondeu, finalmente encontrando sua voz.

– Perfeito!... Temos um encontro, então? – Ethan indagou, abrindo um sorriso completo.

Estranhamente o constrangimento de Dana se foi. Era como se estivesse no caminho certo. Nem mesmo o resquício de temor apagava o contentamento que sentia ao responder enquanto os dedos errantes de Ethan contornavam-lhe o queixo.

– Sim, temos um encontro.

A confirmação redentora chegou aos seus ouvidos como música. E, quando ela coroou a afirmativa com um sorriso, o primeiro dirigido exclusivamente a ele, Ethan soube que não conseguiria deixá-la ir, pura e simplesmente.

– Já que temos um encontro, não vai se importar se eu adiantar meu delito.

Os dedos que deslizavam pelo queixo dela correram velozes pelo pescoço até que a mão fria a segurasse pela nuca. Então, sem que Dana pudesse prever, sem cerimônias, Ethan a beijou. Seu coração desavisado pulsou frenético ao sentir aqueles lábios frios movendo-se nos dela; a princípio apenas como um carinho, um roçar de bocas, ainda assim altamente tentador.

Ethan tentou manter o contato leve, contudo aquele era o beijo tão esperado, com Danielle lúcida então, sabendo do que ela era capaz, forçou passagem por entre os lábios mornos movendo sua língua saudosa. Como resposta ela lhe concedeu a invasão. Ambos liberaram um gemido abafado com o encontro das línguas.

Mil palavras não seriam suficientes para descrever o quanto era bom poder beijar Danielle acordada. Desde a noite que entrou no apartamento dela, após a festa, ele esperava por aquele momento. Os beijos durante os sonhos eram intensos, mas não correspondidos com tamanha paixão.

Inebriada, Dana sentiu a mão que a prendia pela nuca se fechar em seu cabelo enquanto Ethan aprofundava o beijo. Com a impetuosidade, alguns fios foram puxados; doeu, porém ela pouco se importou. Ethan a enlaçou pela cintura com o braço livre e a trouxe para junto de seu corpo, arrebatando-a por completo.

Imediatamente Dana o abraçou pelo pescoço. Ainda que as bocas estivessem coladas, a ela pareceu que ele sorriu satisfeito, mas não tinha como ter certeza. Não pensava; apenas sentia. Esperou dias por aquele beijo, no entanto, estranhamente ela o conhecia. Era fácil e prazerosamente certo estar nos braços de Ethan McCain. Talvez guiadas pela familiaridade inexplicável, suas mãos pareceram ganhar vida própria; acariciaram a nuca do advogado que liberou outro gemido com o carinho inesperado.

Incentivada, Dana deslizou os dedos pelo ombro largo depois escorregou a mão aberta pelo peito forte. Nesse momento, Ethan deteve o movimento, porém manteve a mão dela presa sobre seu coração de forma que ela sentisse o batimento errático. Com isso a pressão em sua nuca cedeu e o beijo, lentamente se acalmou.

Ethan lamentava o iminente afastamento, mas este se fazia urgente uma vez que não responderia pelo o que fizesse dali em diante caso Danielle continuasse a tocá-lo daquela maneira; aquele ainda não era o momento. Estava indo bem e não poderia correr o risco de estragar tudo agravando seu roubo.

Liberando a mão e a nuca da jovem, Ethan segurou-lhe o rosto e passou a depositar vários beijos breves em seus lábios. Depois da sequência torturante, ele juntou testa contra testa e, ainda de olhos fechados, disse rouco:

– Não vou pedir desculpas. Ser precipitado é um defeito que não consigo evitar.

– Um defeito totalmente aceitável para mim. – Dana respondeu com a respiração ainda ofegante.

Ao finalmente abrir os olhos, Dana encontrou Ethan a encará-la. De perto, os olhos verdes eram ainda mais incríveis. De um verde mais forte na borda e pequenos filetes da mesma cor que seguiam através do verde límpido até a íris brilhante. Ela poderia se perder neles eternamente. Ethan igualmente se perdia no olhar caramelo, saboreando a resposta.

– Apesar de eu ter antecipado nosso beijo de boa noite o encontro ainda está de pé! – Ethan a lembrou. Depois, sorrindo mansamente, anunciou: – E hoje à noite eu irei buscá-la no restaurante.

– Ethan, não...

– Ah, Danielle! – Ele libertou seu rosto somente para abraçá-la sem reservas. E assim, com ela presa em seus braços, prosseguiu. – Por que é tão mais fácil para você negar uma coisa quando na verdade a deseja fervorosamente?

Certo! Ethan era convencido, Dana pensou. Contudo como negar? Queria vê-lo aquela noite e ao que seu corpo indicava, desejaria vê-lo sempre. Porém, aquele era o defeito “dela”; não gostava de dar trabalho. Estava acostumada e se virar sozinha. Por mais que Paul cuidasse dela, raras vezes a buscou em qualquer dos seus empregos, salvo raras exceções. Realmente Dana nunca se importou com esse detalhe e toda aquela atenção era nova para ela. Assim como aquela intimidade tranquila surgida do nada.

Como se depois de beijá-lo uma barreira tivesse sido derrubada, Dana suspirou e, valendo-se ainda da familiaridade inexplicável, disse a verdade, ineditamente, sem corar.

– Sim, adoraria ver você, mas eu não gosto de ocupar as pessoas. E sempre saio tarde. Sei que tem seus compromissos. Podemos nos falar por telefone esses dias e...

– Shhh... – Ethan a calou gentilmente; feliz com a declaração. – Como eu poderia fazer isso por telefone? – Então a beijou levemente, sendo agraciado com o disparar do coração humano.

– Bem, colocando nessa perspectiva... – ela disse num sussurro, sem pensar. – Realmente conversar ao telefone não teria a menor graça.

Sorrindo satisfeito, Ethan declarou ainda segurando-lhe o rosto.

– Gosto de você, Danielle Hall, e quero conhecê-la. Como salientou, não dispomos de tempo. Então me deixe fazer como acho que deveria. Se eu dormir no meio de uma audiência, prometo não culpá-la. – E mais uma vez ela lhe sorriu. Ethan acompanhou o riso, então, subitamente sério, antecipando a falta que ela deixaria, falou: – Já que acertamos os detalhes, acho que agora você deva ir ao seu outro encontro.

– Outro encontro?! – Dana perguntou confusa.

– Seu almoço – ele pareceu se divertir com o esquecimento.

– Joly! – Dana exclamou alarmada. Como pôde esquecer a amiga? A resposta estava bem à sua frente. Ainda que estivesse com remorso, disse pesarosa em ir. – Preciso descer agora.

– Sim... – abraçado a ela, Ethan correu a ponta do dedo indicador pela lateral do rosto amado, fazendo-a gelar; ainda que ardesse. Passando a contornar-lhe os lábios, sempre acompanhando o movimento com o olhar, ele disse como se para si mesmo. – Não quero atrapalhar seu almoço.

Dana queria poder responder, mas novamente se sentiu travar. O que diria? Por favor, atrapalhe? Derrube-me no chão, no sofá ou em sua cama e acabe o que seu beijo e sua dança indecente começaram? Por mais que desejasse mudar, oferecer-se explicitamente estava fora de cogitação. Com o ex era fácil, com Ethan McCain tamanha ousadia ainda era impossível.

Como se não esperasse resposta, ele a guiou até a porta do elevador, sem soltá-la. Dana agradeceu intimamente o *auxílio*, pois não confiava que suas pernas a mantivessem em linha reta. A notória relutância em partir alegrava-o e facilitava a separação, seria breve. Antes de colocá-la no elevador, Ethan deu-lhe um breve beijo de despedida.

Assim que as portas fecharam, Dana levou a mão aos lábios. Percebeu naquele segundo que não eram somente suas pernas que tremiam e, sim, todo seu corpo; e também queimava. Toda conversa, além da dança e do beijo, brincava em sua cabeça. Não fosse o cheiro dele brincando em seu nariz, e o formigar de sua boca, Dana poderia dizer que tudo não havia passado de mais um de seus sonhos tão reais.

Capítulo Nove

O elevador perdeu velocidade. Dana se endireitou; alisou o vestido com mãos incertas e arrumou o cabelo atrás da orelha. Ainda tentava regular a respiração quando as portas se abriram no andar indicado. Dana se sobressaltou ao ver Joly a esperá-la de braços cruzados; já arrumada, carregando o casaco e a bolsa que deixou sobre o sofá. Sem deixar que se movesse, a francesa entrou na cabine anunciando sua contrariedade.

– Você demorou! Eu estava preocupada e... – interrompendo-se abruptamente, Joly a mirou de alto abaixo, estendendo-lhe a bolsa e o casaco para que os pegasse. Depois de apertar o botão para o térreo, perguntou: – Alguma coisa aconteceu lá em cima?

– Eu... Estava com Ethan – Dana confessou sem jeito.

– Ele está aqui então... – ela murmurou para si. – Como não fiquei sabendo disso?

– Não saberia responder – Dana se desculpou, erguendo os ombros.

– Estou pensando em voz alta – retrucou Joly, antes de cismar um pouco mais consigo mesma. De súbito indagou: – Então, qual foi o assunto?

– Ethan me convidou para sairmos – ela contou de uma vez; não poderia esconder.

– Ah... Vejo que seguiu meu conselho. – Com o comentário e uma piscadela maliciosa Joly desanuviou o clima estranho. – Chega de sonhos não é mesmo?

– Pare com isso, por favor. É só um encontro! – Dana sabia que corava violentamente. Para mudar de assunto, exclamou: – Nossa!... E que apartamento, hein? Jamais teria imaginado nada parecido mesmo que você tivesse descrito.

– Maluquice de Ethan. Ele o incluiu no projeto original quando o edifício passava pela reforma. É mesmo bonito! – Não havia entusiasmo na voz, demonstrando sua familiaridade.

– Foi uma ideia magnífica! – Dana elogiou quando o elevador já perdia força. – Não me atrevi a chegar perto da parede de vidro, mas acredito que a vista deva ser de tirar o fôlego.

Ao sair para o saguão o temor de Dana se concretizou ao avistar Paul, parado, esperando o elevador comum. Carregava sua pasta, conferia o relógio e estava tão bonito quanto ela se lembrava. Vê-lo despertou sua saudade, porém Dana não saberia como abordá-lo. Quis passar despercebida, mas para sua condenação, Joly deu sequência à conversa.

– Pois da próxima vez não tenha medo Dana...

Ao ouvir o nome, Paul as encarou. Dana percebeu o olhar de espanto e... Angústia?

– Dana?!... O que faz aqui?

A voz incrédula de Paul confirmava a estranheza em seu olhar. Dana se preparou para lhe responder, porém dedos frios apertaram sua mão e, sem que nada pudesse fazer, uma francesa decidida a arrastou rumo à porta de vidro, resmungando algo ininteligível; talvez em sua própria língua. Atravessaram o saguão sob alguns olhares curiosos.

– Perdoe-me, Dana – rogou Joly, sempre a puxando, ignorando a todos. – Eu não sabia que Paul viria mais cedo!... E ele ainda a interroga como se fosse da conta dele!

– Calma, Joly. Você está me machucando!

– Perdoe-me... – ela pediu soltando sua mão.

Dana olhou na direção dos elevadores em tempo de flagrar o olhar entristecido de Paul que acompanhava sua partida. Sim, ele estava angustiado, ela confirmou, e Joly nem sequer havia lhe dado a chance de cumprimentá-lo. Empurrando-a para fora do edifício, a amiga explicou como se sentisse seu lamento.

– É que os homens estão me irritando além da média nesses últimos dias. Acabo descontando em todos de um modo geral. E tudo só piora quando Ethan mente para mim ou Paul vem cobrar satisfações de você depois de tudo o que fez.

– Não se preocupe com isso, Joly. Não sei o que há entre Ethan e você, mas no que se refere a Paul, saiba que vê-lo não me afetou da forma que eu esperava – explicou.

Dana seguia Joly flexionando os dedos dormentes; a amiga tinha um aperto e tanto. Não diria a ela, mas ver o ex alimentou o desejo de conservarem a amizade. Se conseguisse administrar os sentimentos, poderia lidar com os dois advogados, dando a cada um a devida importância. Porém aprimoraria a ideia outro dia. No momento considerou melhor mudar de assunto.

– Para onde vamos?

Dana praticamente corria para acompanhar os passos rápidos de Joly. Por mais que tenha aceitado a mudança de assunto no elevador, percebeu que alguma coisa incomodava a amiga. A resposta veio um minuto depois.

– Vamos aqui perto. Na próxima quadra tem um restaurante pequeno, sempre lotado na hora do almoço, mas reservei uma mesa para nós. – Joly lhe lançou um olhar enviesado. – Tentei ganhar tempo ao pedir que fosse até a cobertura e no final, nos atrasamos do mesmo jeito. – Medindo Dana de alto a baixo, perguntou: – Tem certeza de que não tem mais a contar?

– Eu digo durante o almoço. – Dana sabia que não conseguiria esconder.

– Combinado!

Aparentemente satisfeita com a resposta, Joly acelerou o passo até que chegassem ao restaurante citado. Dana viu então não ter havido exagero, o lugar estava lotado. Porém, tão logo elas foram notadas por um dos garçons que lhes acenou. Dana seguiu a amiga por entre as mesas até que fossem acomodadas num canto reservado.

– Obrigada, Pablo! Você é sempre um amor – disse Joly ao se sentar.

– Servi-la é uma honra, Sra. Miller! – declarou o rapaz, entregando-lhes o cardápio.

Dana pegou o seu sem desviar o olhar da cena. A francesa estava sendo gentil como geralmente era, mas o pobre garçom não escondia sua fascinação por ela, seus olhos castanhos brilhavam.

– Obrigada mais uma vez. – Joly agradeceu, dispensando o cardápio estendido. – Pode me trazer o de sempre. – Então se voltou para Dana. – Você pode escolher o que quiser... Hoje é por minha conta.

– Se a comemoração é por minha causa, nada mais justo que eu pague o almoço.

– Eu convidei, eu pago. E sem discussão.

Dana conhecia aquele tom, e não queria estragar tudo novamente. Em silêncio olhou o cardápio. Subitamente se descobriu sem fome, porém não desejava que parecesse desfeita de sua parte. Então pediu:

– Pode me trazer o mesmo. – Pablo se preparava para anotar quando Joly o deteve.

– Não, ela não vai querer o mesmo... – Olhando-a com uma sobrancelha erguida, disse: – Traga-lhe Risoto de Camarão... E duas taças de seu melhor vinho rosé, por favor.

– Joly, eu não acho que devesse beber...

– Ah, Dana... Estamos comemorando, esqueceu? Será somente uma taça. – A amiga fez uma careta suplicante, tornando impossível a Dana resistir. Satisfeita pela muda aquiescência, Joly dispensou o garçom. Ao ficarem a sós, demandou: – Agora me conte tudo.

– Bom... Como já disse, Ethan estava lá – Dana começou, como sempre, sem conseguir dosar as palavras. – Então dançamos, ele me convidou para um jantar e depois disso, nos beijamos.

– Então seguiu mesmo o meu conselho!... Fico feliz! – Joly parecia sincera – Ethan pode ter alguns defeitos, mas gosta de você. Eu já disse isso. – Com o comentário Dana sentiu o rosto corar, recordando um dos “defeitos” de Ethan. Joly interpretou mal a reação. – Você não se sente constrangida de conversar essas coisas comigo, não é mesmo, *ma chérie*?

– Não, Joly. Se não conversar com você, com quem mais eu o faria? – Ela baixou os olhos e continuou: – Admito que, às vezes, penso que não devesse falar *tanto*, mas você tem algo que... Que me inspira ou me obriga a dizer sempre mais.

– Esse sentimento nada mais é do que confiança. Gosto de você, garota, acredite. Jamais faria nada que fosse para o seu mal. Há muito tempo não tenho uma amiga e no que depender de mim, você terá sempre o melhor. E se o melhor for Ethan... Ajudarei no que puder.

– Obrigada, Joly.

A recíproca era verdadeira. Para surpresa de Dana, algo em Joly mudou. Subitamente a expressão da francesa se tornou sombria e, num tom sério e comprometido, assegurou:

– Sempre ajudarei em tudo para que fique com Ethan, mas se algum dia... Por qualquer motivo, você achar que ele não é o melhor para você... Basta me pedir e eu ajudo a esquecer-lo. Não quero que sofra por Ethan um dia sequer.

Estremecendo ao sentir a convicção em cada palavra, Dana se perguntou como alguém poderia ajudar outro a esquecer o que quer que fosse tão prontamente ao ponto da pessoa nem mesmo sofrer.

– Eu não entendo, Joly. O que você poderia fazer e... – Dana não terminou sua pergunta, pois a francesa a cortou.

– Não há nada para entender agora. Só quero que saiba que eu tenho como fazê-la esquecer o que quiser. Se algum dia, estiver sofrendo, basta me pedir que eu a ajudo a eliminar a dor.

– Pode deixar... – Dana disse com um sorriso. Melhor nem insistir e entrar no jogo. – Se tivesse me dito antes, eu teria pedido para *apagar* Paul desde a semana passada.

– Quer que eu o faça agora? – Joly perguntou seriamente.

– Não! – Dana negou com um sorriso incrédulo.

Nunca imaginou Joly uma estudiosa de Psicologia Científica e Comportamental, detentora de conhecimentos hipnóticos. Pelo olhar que recebia, parecia que sim. Então Dana deu de ombros. Na verdade não sabia nada sobre a francesa e não era tão descrente ao ponto de não acreditar em sugestão e indução. Seja como for, jamais *apagaria* alguém ou um sentimento. Experiências são adquiridas com alegrias e frustrações. Dana esperava não se decepcionar com Ethan, mas, caso acontecesse, sempre iria guardá-lo na lembrança; assim como faria com Paul.

– Não sei como você pensa que conseguiria isso – ela prosseguiu –, mas acredite... Não quero esquecer o que vivi com Paul. Na verdade, sinto falta dele como amigo. Vivemos bons momentos juntos e lamento que tudo tenha terminado sem qualquer explicação. Se tivesse sido o contrário, poderíamos ao menos manter a amizade.

– E isso seria possível? Logo agora que está se envolvendo com o padrão dele?

Dana abriu a boca para responder, porém foi interrompida por Pablo que chegou com os pedidos. Ele dispôs pratos e taças diante de cada uma e se foi. Imediatamente questionou apontando o prato de Joly.

– É isso que sempre come?... Essa carne crua?!

– É *Carpaccio*, Dana.

– Sei disso, mas o nome bonito não muda o fato de ser carne crua.

– Na verdade não é sempre, e eu gosto. – Joly retrucou, dando de ombros. – E não desconverse. Eu lhe fiz uma pergunta.

Com o garfo, Dana passou a revirar o Risoto em seu prato, os camarões estavam bonitos, mas ela perdeu o apetite e a pergunta feita não colaborava para que o encontrasse. Apesar do comentário idiota que fez na cobertura, sabia que pouco importava Ethan ser patrão de Paul. Ainda a rolar o camarão, falou:

– Não sei, mas gostaria que fosse possível. Somos civilizados, então é normal a boa convivência uns com os outros. E vale lembrar que foi Paul quem mandou que eu seguisse com minha vida.

– Percebe-se sua pouca experiência com homens – observou Joly depois de mastigar e engolir uma fatia de seu *Carpaccio*. – Conheço Ethan o suficiente para assegurar que ele não aprovaria essa amizade. E mesmo não conhecendo Paul, sei que ele também não.

Dana sentiu seu mau gênio aflorando depois do comentário. Apesar daquele medo estranho que às vezes sentia de Ethan, ela se conhecia o suficiente para saber que nem mesmo o temor a impediria de se rebelar contra imposições ou restrições.

– Posso não ser experiente em matéria de homens – replicou decidida –, mas respondo por mim! Eu é que nunca aprovaria nenhum dos dois resolvendo quem eu vejo ou converso.

– Dana...

– Estou falando sério, Joly! Já disse e repito, estou apaixonada por Ethan. Não sei o que acontecerá conosco, mas sei que jamais serei propriedade de alguém; nem mesmo dele.

– Bem... Sendo assim, faça como achar melhor. – Joly rebateu indiferente. – Apenas acho que você supervaloriza esse Paul. Se as coisas entre vocês terminaram, você devia deixar como está e esquecer esse papo de amizade. Vai por mim...

– Quer saber? – Dana indagou cansada e sem esperar resposta, concluiu: – Não quero decidir agora, Joly. No momento estou mais preocupada com o que está acontecendo entre mim e Ethan. Você mais que ninguém sabe o que estar com ele significa para mim, mas... Assim que tudo se definir e os ânimos se acalmarem, vou procurar por Paul. Nós teremos uma conversa definitiva e, se for possível, conservaremos, sim, nossa amizade.

– Como eu disse antes, você é minha melhor amiga e só quero o seu bem. Se acreditar nisso a deixa feliz... – Joly deixou a frase morrer no vazio antes de erguer a taça de vinho. – Que as mentes masculinas que a cercam não sejam como todas as demais!

– Não serão! – Apesar do deboche contido no voto, Dana sorriu. Erguendo a própria taça, tocou-a na da amiga e aceitou o brinde. – Não serão!

∞

Nadar, na maioria das vezes, acalmava-o, porém naquela tarde a prática não se mostrava muito eficaz. Ethan estava ligado. E não atribuía à sua excitação o fato de ter avançado significativamente em sua conquista. Na verdade estava em seu melhor estado de espírito em anos desde que deixou a humana pela manhã.

A voz amada a murmurar “meu amor” não se calava aos seus ouvidos. Danielle o amava; talvez ainda sentisse algo pelo rábula, mas ele estava no páreo. E depois de sentir o real ardor com que ela o desejava, sabia que disputava com várias cabeças de vantagem. Como disse a Thomas certa vez, “quem pudesse mais levaria o prêmio”. Ele podia e levaria.

Satisfeito, Ethan nadava de um lado ao outro, tentando distrair-se, mas os acontecimentos daquela manhã não lhe saíam da mente. A melhor imagem era a de Danielle adormecida à claridade do dia. Antes de deixá-la, contornou a boca rosada com a ponta dos dedos, saboreando o fato de ela querê-lo sem truques. Nada nem ninguém, poderia estragar-lhe o bom humor. Até mesmo as cismas anteriores desapareceram.

Pouco importava se Danielle fosse Maria, sua alma gêmea ou outra novinha em folha. Em quaisquer das versões ela era dele e acreditar nisso lhe bastava. Foi movido por esse contentamento primitivo que Ethan desejou tornar o dia de Danielle igualmente pleno, então, muito cedo naquela manhã esteve sentado diante da proprietária e nova editora-chefe do *Today*; com uma xícara de café intocado à sua frente, esperando pela resposta à sua proposta.

– Entendo que queira ajudar sua amiga, Ethan – Cindy Howden dissera – Mas não estamos em condições de contratar ninguém no momento.

– E eu poderia saber por quê?

– Perdoe-me, mas são assuntos internos – escusou-se. – Seus advogados cuidam de nossos assuntos jurídicos, mesmo assim eu não me sinto confortável em citar nossos problemas para alguém que não está diretamente envolvido.

Ethan entendeu, e respeitava a posição de Cindy, mas não ao ponto de aceitar uma negativa, por esse motivo a induziu para que abandonasse a reserva. Cindy revelou que o marido apenas comandava o jornal, que ela sempre lhe depositou total confiança, porém após o assassinato, várias falhas foram descobertas. Logo, o *Today* estava à beira da falência. Ela fazia o que podia na tentativa de recuperá-lo. Cortou pessoal, procurou novos anunciantes e assinantes. Acalentava esperanças reais, mas sua árdua tarefa apenas se iniciava.

A revelação não o surpreendeu. Era esperado que um viciado em jogos como Charles Howden, cedo ou tarde, espoliasse o patrimônio familiar. E a situação lamentável para Cindy se mostrou providencial a Ethan. Danielle merecia seu empenho, então sem preâmbulos, ele indagou quanto à editora queria pelo jornal. Ainda presa por sua influência, a mulher sequer ponderou. Como estava condicionada a fazer, rabiscou um valor num de seus blocos e em seguida o entregou. Era menos do que ele esperava; seria capaz de empenhar muito mais pela felicidade de Danielle.

– Eu o compro – ele anunciou, liberando-a de sua influência. – Depois algum de meus advogados cuidará da transação. Está feliz?

– Você quer comprar o jornal? – Cindy indagou, confusa. – Assim, sem análises de risco.

– Assumo todos os riscos – assegurou como se fosse óbvio. – Resolvo os seus problemas e você resolve o meu. Está feliz? – Ethan repetiu.

– Não sei... – ela respondeu em dúvida. – Pensei em vendê-lo, mas me disseram que conseguiria muito mais pelo edifício do que pelo jornal em si. Então desisti. Não suportei a idéia de ver o trabalho de meu pai ser destruído. Foi ele quem construiu tudo isso aqui – ela revelou saudosista. – Talvez seja mesmo uma boa opção! – Como se lembrasse de algo, Cindy perguntou preocupada. – Você manterá os funcionários ou...

– Cindy, o mundo jornalístico não me interessa! – Ethan foi sincero. – Estou apenas facilitando as coisas para nós dois. Se você se sentir mais segura, podemos ser sócios. Evidente que fico com a maior parte, mas deixo todo poder de decisão por sua conta. O que me diz?

– Gosto mais dessa idéia. – Cindy sorriu e lhe estendeu a mão. – Sócios então.

– Saiba que não volto minha palavra atrás – ele garantiu, apertando a mão estendida. – Hoje mesmo providenciarei para que cuidem do contrato e toda parte burocrática. Agora... Podemos voltar ao assunto inicial?

– Sim, podemos... – a editora o avaliou antes de comentar – É muito empenho por uma amiga. Percebi no dia da festa que aquela moça era especial para você. Não sei por que, mas entendo dessas coisas.

– Danielle é especial e por isso mesmo não quero que ela saiba desse nosso acordo.

Ethan ainda não sabia se as palavras seguintes foram ditas com o intuito de agradá-lo, contudo Cindy assegurou que nada revelaria e que não lhe fazia favor algum. Revelou que pouco antes de ser assassinado, Charles expressou o real interesse em contratar Danielle. Ela apenas seguia o faro apurado do marido para bons jornalistas.

Ocultando um orgulho inexplicável, Ethan pediu que Cindy contatasse Danielle ainda naquela manhã. A editora se mostrou feliz em atendê-lo então, depois de anotar o contato de sua futura jornalista, depositou a caneta sobre o bloco de anotações e comentou mal ocultando um sorriso sugestivo.

– Será um prazer tê-lo como sócio, Ethan. Danielle é uma mulher de muita sorte.

Baseado no que viveram até ali, sorte teria ele se Danielle o aceitasse, Ethan pensou ainda a dar vigorosas braçadas na água agitada. Recostando-se na borda da piscina, passou as mãos pelos cabelos molhados, repassando outro ponto digno de nota. Ele se compadecera pelo drama da editora. Na verdade, a primeira a comovê-lo fora Laureen, lembrou. Então, recordou também que foi atencioso com Cindy no Halloween, evitando, através de Samantha, que ela guardasse a imagem do marido morto.

No encontro matutino ele não quis afastá-la do jornal construído pelo pai, por essa razão ele propôs a sociedade. Mais uma vez Ethan passou as mãos pelos cabelos molhados. Não sabia se gostava da novidade. Não era de sua natureza ser solidário.

Voltando a nadar, Ethan determinou que pela manhã agiu movido pelo pouco interesse em jornalismo. Jamais se ocuparia com os assuntos funcionais e provavelmente entediante de uma redação. Isso era função de sua sócia. Uma herdeira zelosa cuidaria de sua nova aquisição com afinco e competência. A ele somente interessava que Danielle exercesse a profissão escolhida. Era isso! Nada mudou, sentenciou. Seus bons sentimentos eram apenas para uma humana.

Satisfeito com a conclusão, Ethan lamentou somente não saber em detalhes como Danielle reagiu ao convite de emprego. Sua única indicação de que tudo saiu como previsto era o fato de ter um encontro firmado para sexta-feira. Ao ser visitado por um novo entusiasmo, Ethan mergulhou e passou a nadar apenas pelo fundo da piscina, pensando somente na excitante presença de Danielle em sua cobertura e no avanço conseguido.

Voltando à tona, Ethan decidiu encerrar a atividade física que não estava ajudando com a agitação para manter sua cabeça ocupada. Deixando a piscina, como sempre sem se importar em molhar por onde passava, ele foi para seu quarto. Secou-se, vestiu-se e desceu para seu gabinete. Relutando em ignorar o cheiro que Danielle deixou impresso na pasta, abriu-a para avaliar os documentos, somente para fechá-la no minuto seguinte. Impaciente desceu para seu escritório na McCain & Associated. Àquela hora da tarde sua antessala estava vazia de clientes.

– Boa tarde, Joly!

– Boa tarde, podemos entrar em sua sala um instante?

– Evidente que sim – disse Ethan contendo um sorriso. Como havia pensado cedo naquele dia, nem mesmo o mau humor de sua amiga poderia estragar o seu. Joly o seguiu em silêncio. Ele se acomodou à sua mesa e a encarou esperando que falasse.

– Posso saber por que mentiu para mim? – ela perguntou impassível.

– Não queria ouvi-la reclamar por eu não ter cumprido minha palavra.

– McCain, acredite ou não, dessa vez eu não falaria nada. – Joly assegurou, sentando-se à frente dele. Ethan apenas ergueu uma das sobrancelhas, em muda e descrente zombaria. A amiga então reafirmou: – Não vou falar mais nada!

– O que aconteceu? – Ethan indagou desconfiado.

– Você esteve miserável nesses dois últimos dias. Não gostei de vê-lo daquele jeito. Assim como não gosto de ouvir a inquietação de Dana. Sei que ela sente sua falta. Particularmente eu preferia que você refreasse toda sua *paixão*, e esperasse até ela estar acordada, mas enfim... Já fiz minha parte cuidando dela. No mais, vocês são adultos.

– Gosto que seja assim, mas não está desistindo, não é mesmo? – indagou preocupado. – Ainda preciso que você proteja Danielle.

– Não estou desertando de meu posto, se é isso que está pensando. – Então Joly o olhou acusadoramente. – Mas para que eu a proteja preciso de sua ajuda e não será nada funcional se começar inventar viagens que não existem.

– Foi uma mentira branca. – Ethan minimizou. Para mudar de assunto, ele se recostou em sua cadeira e especulou: – Como foi o almoço?

– Almocei com Dana hoje, você sabe. – Não foi uma pergunta, ainda assim Ethan assentiu, curvando os lábios num sorriso. Joly se manteve séria ao acrescentar: – Pode se alegrar. Dana está apaixonada por você.

O tom da amiga apagou o sabor das palavras; Ethan não gostou de ouvi-lo.

– Danielle disse isso? – indagou, voltando à seriedade.

– Admitiu há alguns dias e novamente hoje, durante nosso almoço. – Joly contou, e relutante concluiu: – O problema é que ela viu Paul no saguão.

Ethan prendeu a respiração e permaneceu imóvel; definitivamente nada bom. A amiga prosseguiu:

– Ela me garantiu que não sentiu nada especial, mas voltou a dizer que gostaria de conversar com ele para saber o que aconteceu com o relacionamento dos dois e... Que talvez pudessem ser amigos.

Imediatamente rosnados baixos foram ouvidos. Ethan não queria Danielle perto do rábula. Ele não precisava de sexto sentido para saber o que ia à mente da francesa.

– Não se atreva, Joelle! – Ethan alertou em voz baixa.

– Seria apenas uma conversa... Definitiva.

– Não! – A voz assumiu um tom enérgico.

– Ethan, tente entender... – Joly se acomodou mais uma vez. – A princípio a ideia não me agradou, mas depois percebi que você não pode depender de induções para sempre. Thomas me contou o que aconteceu no tribunal. Alguém retirou sua ordem e pode acontecer novamente. O relacionamento deles precisa terminar, de verdade. Ethan, acredite em mim, eles não serão nem amigos se...

– Não, Joelle! – negou veemente. – Afinal de qual lado você está?

– Do lado dela! – Joly afirmou sem rodeios.

– Pois saiba que não tem como estar do lado de Danielle sem estar do meu lado! – Ethan avisou sombriamente. – Não se atreva a providenciar um encontro entre os dois. Essa história já está terminada.

– Não está terminada e você sabe disso! – Joly exclamou. – Engula seu ciúme e deixe que conversem. Garanto-lhe que se Paul...

– Eu já disse que não! – Exasperado e irritado Ethan foi se servir de uísque.

Estava enganado. Joly poderia, sim, estragar seu humor. Mal podia crer que por um minuto chegou a acreditar na boa intenção da amiga. Tanta boa vontade em não recriminá-lo teria que ter um alto preço. Com certeza intercedia em favor da amiga antes que ele soubesse e impedisse; como faria.

– Ethan – ela tentou mais uma vez – E se eu lhe contasse o que...

– Não quero saber de nada relacionado a esse assunto. – Ethan a cortou, voltando à sua cadeira. – Agora, por favor, deixe-me sozinho.

A educação pouco atenuava a rispidez da ordem. A amiga o olhou com pesar, como se ele fosse uma alma sem salvação. Pareceu considerar insistir no assunto, porém Ethan lhe lançou um olhar enfurecido. Joly seguiu até a porta e de lá perguntou:

– Alguma vez se questionou como resolveria os problemas se não tivesse seus poderes?
– Então saiu.

Ethan terminou sua bebida e se controlou para não atirar o copo contra a porta. Vampira maldita! O que ela insinuava? Que ele não saberia lutar por Danielle de igual para igual? Que era alguma espécie de covarde que se valia da indução para manter Paul à distância?

Ethan depositou o copo vazio sobre a mesa. Sabia a resposta e a verdade o massacrava. Maldita fosse Joly que sempre o fazia pensar racionalmente. Ainda irritado, repassou a conversa tensa que tiveram. Reparou que por várias vezes sua amiga insolente tentou dizer algo, como se soubesse como terminar de vez com o relacionamento amoroso ou até mesmo como minar uma possível amizade. Por que não a ouviu? Contrariado, ligou internamente para sua secretária.

– Você tentava dizer alguma coisa sobre o rábula... Pode me dizer do que se trata? – Ethan perguntou de mau humor antes mesmo que Joly dissesse qualquer coisa. Em tom de derrota, ela respondeu:

– *Sinceramente não quero voltar a esse assunto com você, mas posso lhe dizer uma coisa. Se confiar em mim, asseguro-lhe que depois dessa conversa, Dana não colocará os olhos uma segunda vez sobre o ex-namorado.*

– Eu confio em você, Joelle. – Sem nada acrescentar, Ethan desligou.

Colocado daquela maneira, não tinha como ser diferente. Por vias tortas, enfrentando-o ou desobedecendo-o, a amiga era fiel. E se estava decidida a ajudar Danielle em sua curiosidade doentia, pouco ou nada ele poderia fazer. Mulheres eram ardilosas e somente os deuses poderiam prever o que as duas fariam juntas.

Resignado, Ethan pensou que talvez devesse começar a pensar racionalmente como havia decidido no beco. Se não fosse aquele intruso a rondá-lo, poderia dizer que tudo corria à perfeição. O advogadozinho era um problema menor. Contudo as pulgas sempre incomodariam os cachorros mais poderosos, não incomodariam?

“Mas sempre se poderia esmagá-las”, ele disse a si mesmo.

Com essa possibilidade, cada vez mais tentadora, Ethan começou a estudar os processos que pediu cedo a sua secretária. Pela primeira vez em dias estava concentrado em algo referente ao trabalho quando ouviu a batida leve em sua porta. Antes mesmo de dar permissão para que entrasse Ethan já sabia se tratar de Seager. Finalmente. Sorte dele que agora Ethan estivesse numa fase ponderada.

– Entre! – ele liberou, fechando a pasta.

Seager entrou e fechou a porta atrás de si. Trazia alguns papéis e, sem que Ethan o convidasse, se sentou numa das cadeiras diante da mesa.

– Sr. McCain, desculpe vir incomodá-lo, mas gostaria que me ajudasse em uma dúvida.

– Ajudo em quantas forem preciso – disse, recostando-se –, mas antes tenho uma pergunta.

– Ah, sim...? – Seager indagou incerto.

– Por que se importou com a atitude de Paul na sexta-feira passada?

– Ah... – Seager depositou os papéis sobre a mesa antes de responder. – Se o senhor o tivesse visto também desconfiaria. Paul estava estranho, dizia coisas desconexas. Achei estranho e procurei o Sr. Miller. Ele me deu permissão para averiguar e resolver. Quando Paul explicou o que pretendia fazer achei melhor retirar a ordem. Sei que o senhor não desejaria, de verdade, que algo de mal acontecesse a um de seus funcionários, afinal, sempre nos instruiu para nunca atacá-los ou feri-los.

– Sim, eu sempre os instruo e espero que todos vocês continuem a agir assim. – Ethan avaliava a expressão do vampiro. Sabia que Seager tentava atenuar a ação, mas não seria feito de idiota. – Agora... Não entendo a razão de se preocupar quando sabia que a ordem foi dada por mim.

– Isso não era da minha conta – disse ele baixando os olhos.

– Justamente! Não era e nunca será da sua conta! Então por que interferiu? Quando soube que a ordem fora dada por mim, deveria saber que eu não aceitaria desobediência e mesmo assim você o fez. Eu quero saber por quê?

– Desculpe-me! – Seager rogou voltando a olhar para Ethan. – Mas acreditei que estava ajudando. Afinal, foi o senhor mesmo quem trouxe o Paul para cá. Imaginei que talvez tivesse dado a ordem em um momento impensado e que poderia se arrepender depois. Se eu estivesse errado, o senhor renovaria a ordem e pronto! Como não o fez, acreditei que realmente tinha acertado em meu julgamento. Não foi isso que aconteceu?

Ethan escrutinou-lhe a expressão. Ou Seager era um verdadeiro ator ou falava a verdade. Não tinha como saber. Sua única certeza era que não gostava nada de suas descobertas nos últimos dias. Precisaria ficar mais atento aos vampiros em sua volta.

– Sim, foi o que aconteceu – Ethan respondeu por fim, então sombriamente acrescentou: – Mas para que fique ciente, da próxima vez que acontecer deixe que se cumpra o que determinei. Caso me arrependa o problema será meu. Asseguro-lhe que será mais saudável e inteligente de sua parte cuidar de sua própria vida. Não gosto de interferências nem mesmo quando elas, supostamente, são em meu favor. Fui claro?

– Como água – respondeu Seager sem expressão. – Desculpe-me se o aborreci.

Ethan apenas acenou com a cabeça. Para encerrar o assunto uma vez que seu recado fora dado, perguntou prestativamente em que poderia ajudar o advogado. Depois de esclarecidas todas as dúvidas, Seager se desculpou uma vez mais, agradeceu e saiu.

Suspirando exasperado com a situação, Ethan foi se servir de mais uísque e se colocou à janela para olhar a cidade aos seus pés, odiando sentir que deixava algo passar. Não gostava de desconfianças, porém nada tinha a fazer. Não poderia simplesmente atacar Seager para que confessasse algo não revelado durante a conversa. Caso estivesse somente paranoico seu gesto agravaria sua relação com um companheiro de grupo. E definitivamente ele não desejava isso.

Ethan odiava se sentir de mãos atadas. Não tinha medo de lutar. O que o preocupava era imaginar o quanto demoraria em ver a face de seu inimigo. Ou pior, que depois de um tempo, descobrisse que o intruso sempre esteve perto. Bebendo mais um gole de uísque, Ethan lamentou que a noite ainda tardasse, pois precisava era estar com sua humana para encontrar alguma paz.

Capítulo Dez

Perdida na ansiedade em escolher uma roupa apropriada para a nova carona, Dana nem percebeu o tempo passar. Agora estava atrasada, sentindo-se razoavelmente bonita e totalmente indecisa quanto a ir de carro ou não. Esteve tão entregue ao beijo inesperado que nem lhe ocorreu perguntar como fariam com os veículos. Sem perceber sorriu. Como se no momento em que foi beijada estivesse pensando em alguma coisa, ela zombou de si mesma.

Ainda sorrindo, Dana resolveu que não agravaria seu atraso. Quando Ethan fosse buscá-la bastaria deixar o Accord no estacionamento do restaurante. Já seguia em direção ao serviço quando um pensamento a atingiu; Ethan poderia ir de moto. Instintivamente Dana olhou para seu vestido preferido de lãzinha, para as meias de seda preta e seus sapatos estilo boneca de salto alto. Infelizmente não havia tempo para trocas de roupa, iria como estava.

Importante era saber que naquela noite, provavelmente, teria mais dos beijos de Ethan. A expectativa varreu por completo a inquietação. Imediatamente Dana se viu sobre a moto e imaginou o toque dele em seus joelhos e coxas por sobre a meia. Dana estremeceu. Perdeu-se tanto em pensamentos indecentes que nem percebeu o caminho até Little Italy. Já diante do restaurante, suspirou; o restante do dia seria longo.

– Nossa, Dana! – Roberto exclamou depois de um assobio. – Veio trabalhar ou consumir?

– Brincadeiras à parte – Terry beliscou o marido levemente –, você está muito bonita! Alguma novidade? Voltou com Paul?

Mirando o casal de amigos, Dana considerou se contaria ou não, então resolveu que não tinha nada a esconder.

– Não voltei com Paul. – A amiga abriu a boca para desculpar-se, porém Dana a deteve esclarecendo. – Mas conheci outra pessoa... Ele vem me buscar hoje – concluiu com um sorriso que não conseguiu evitar. Terry acompanhou-lhe no sorriso.

– Talvez eu devesse dizer que é cedo, afinal você acabou de sair de um relacionamento, mas... Não sei se tenho coragem. Não quando vejo esse brilho em seus olhos.

– Está tão evidente assim? – Dana perguntou, encolhendo os ombros.

– Dana, querida, eu quase peguei meus óculos escuros quando entrou aqui. Ai!... – Roberto gritou depois que Terry o beliscou de verdade.

– Querido, vá procurar o que fazer e me deixe conversar com Dana a sós – Terry pediu. Ainda esfregando o braço, Roberto depositou um beijo na cabeça da esposa e saiu,

deixando-as para que conversassem. Terry pegou Dana pela mão e a levou até os bancos altos do bar. Depois de sentadas, falou: – Você tem certeza disso? Não quero ser desmancha prazeres, mas não é realmente cedo? Talvez você e Paul ainda tenham uma chance. Vocês sempre foram tão apaixonados.

– Sei disso, Terry, mas... Não sei como explicar, só sei que acabou.

– Está certo! – disse a amiga dando tapinhas em sua mão. – Só quero que tudo corra bem! Você é uma boa amiga e merece ser feliz.

– Obrigada! – agradeceu sinceramente. Quando Terry se preparava para deixá-la, Dana a deteve. – Eu preciso falar com você sobre outra coisa...

– Sobre o quê?

– Hoje consegui emprego em um jornal.

O rosto da amiga se iluminou mais uma vez.

– Mas isso é maravilhoso! Quando começa? – Então como se algo lhe ocorresse perguntou: – Já veio se despedir?

– Não – tranquilizou-a – Esqueceu que tenho um encontro depois do expediente? Meu primeiro pensamento foi ajudá-la ainda até domingo, mas não será possível. Tenho um encontro na sexta-feira, então... Eu pensei em vir até quinta, se estiver bem para você.

– Fique até quando quiser... Acredito que agora podemos dar conta até semana que vem quando Ana estará de volta. Você já me ajudou bastante.

– Então está combinado. Venho até quinta-feira.

Com a decisão acertada, Dana seguiu para o vestiário. Uma vez uniformizada tratou de se ocupar. Ao contrário do que imaginou o restante do dia não se arrastou. Na verdade voou e quando Dana percebeu já estava quase na hora de sua saída. Faltava apenas uma mesa para fechar a conta quando Terry se aproximou.

– Dana. Vá se trocar. Eu assumo daqui.

– Pode deixar comigo, Terry. Eu...

– Não, Dana. Vá se arrumar de uma vez! – a amiga sorriu. – Vi como esteve flutuando pelo salão o dia todo. Milagre não ter quebrado algum copo. Por falar nisso, como está o dedo?

Seu dedo cortado! Dana o esquecera. Por instinto procurou pelo ferimento. Com por milagre este tinha sumido por completo. Ainda avaliando o dedo, respondeu:

– Está bem...

– Ótimo! Agora vá se arrumar para seu encontro. – Terry lhe piscou. – Sei que está ansiosa.

Como contestar a verdade? Dana esteve ansiosa durante todo o expediente e o sentimento piorou há no mínimo duas horas. Agradecendo, ela obedeceu sem titubear. Antes de se vestir, banhoun-se rapidamente. Poderia não ser oficial, mas ainda assim era um encontro com Ethan. Vestiu-se com o coração aos saltos. Nem mesmo na primeira carona estava tão inquieta. Com mãos trêmulas vestiu seu *trench coat*, pegou a bolsa e partiu.

Acenando para as outras meninas, Terry e Roberto, Dana saiu para a calçada. Diferentemente dos outros dias, a noite não estava fria, mesmo assim Dana colocou as mãos nos bolsos para disfarçar os tremores. Olhou rapidamente de um lado ao outro. Não viu Ethan então resolveu seguir um pouco mais à esquerda na calçada a procurar por um BMW, carro ou moto; não os encontrou. Decepcionada, Dana cogitava seguir para o estacionamento quando ouviu a voz atrás de si.

– Boa noite, Danielle!

Definitivamente ela nunca estaria preparada. Dana se voltou, sentindo o coração bater rápido e irregular. Dizer que Ethan McCain estava lindo seria redundância.

– Boa noite, Ethan! – cumprimentou ao achar sua voz, então, recuperando-se do susto, ela perguntou: – De onde veio?

– Você está linda como sempre! – Ethan elogiou, ignorando a pergunta. Então sorrindo, observou: – Combinamos!

– Como? – Dana perguntou sem entender, envolvida pela maciez da voz.

– Nossos casacos – ele esclareceu com um sorriso manso; divertido.

Sim, os dois casacos eram pretos, Dana tardiamente notou. E se a observação veio como truque para não responder às perguntas Ethan havia falhado. Naquele instante sua curiosidade jornalística estava mais presente que sua alienação na qual ele a lançava.

– Sim combinamos, mas não me respondeu. De onde veio? Não o vi na calçada.

Aproximando-se ainda mais, Ethan tocou o rosto de Dana e correu os dedos ao longo da bochecha até o queixo, arrepiando-lhe a pele. Então mirou a boca e, completamente íntimo, passou o polegar sobre os lábios para remover o batom.

Dana sentiu as pernas amolecerem ao toque e ao olhar de Ethan que assistia a tarefa do próprio polegar com perturbadora atenção.

– Melhor assim – ele disse depois de limpar os lábios dela completamente.

– Certo... – Dana murmurou. Estava abalada, sim, mas ainda queria uma resposta. – Agora me diga de onde veio sem que eu o visse.

Ethan considerou que estava perdendo o jeito em distrair as mulheres. Ou apenas Danielle seria assim tão resistente? Na dúvida, teria que ser mais cauteloso em sua ânsia de estar com alguém tão observadora, ele determinou antes de mentir.

– Você é distraída. Eu estava ao lado da porta. Você saiu e simplesmente não me viu.

– Ao lado da porta? Isso seria impos... – Dana não pôde terminar a frase.

Sem que esperasse Ethan baixou a cabeça e a beijou, terna e mansamente. Era um beijo de boa noite, mas sem dúvida dado também com a intenção de calá-la. E Ethan obteve sucesso. Dana sequer voltaria ao assunto. Se ele queria que acreditasse em sua versão, ela acreditaria. Os lábios frios acariciaram os dela por alguns minutos antes que Ethan a liberasse. Aquele não foi nada se comparado ao beijo da manhã, ainda assim agravou o estado já crítico das pernas de Dana.

– Podemos ir agora? – Ethan perguntou e sorriu ao vê-la aérea. Não tinha perdido o jeito afinal.

– Devemos – Dana respondeu sem pensar, contudo despertou do transe. – Em minha distração também não vi seu carro. Onde o deixou?

– Não o trouxe. Onde está o seu? – Então franziu o cenho. – Tivemos a mesma idéia?

– Não... Meu carro está no estacionamento do restaurante.

– Imaginei certo então! – Ethan exclamou satisfeito. – Vamos?

Abraçando-a pelos ombros, Ethan a conduziu ao local citado. Ao passarem em frente à porta do restaurante, um casal que saía esbarrou neles já na calçada. Dana preparava o pedido de desculpas, quando reparou no rosto da mulher. Lívida, como uma folha de papel, a senhora olhava para Ethan com olhos arregalados.

Alheios à reação da senhora, ele e o outro homem se desculparam simultaneamente. O acompanhante só percebeu o estado da mulher quando tentou fazê-la andar. Antes dele, Ethan já a encarava muito sério. A mulher permaneceu empacada; trêmula.

– A senhora está bem? – Dana perguntou tocando-lhe a mão. A mulher teve um sobressalto então a olhou, apavorada.

– Não vá com ele! – implorou, tentando pegar as mãos de Dana. – Volte para casa criança, e nunca o convide a entrar!

Um arrepio agourento correu pela coluna de Dana ao mesmo tempo em que Ethan a apertava em seu abraço, mantendo-a longe da mulher. Confusa, ela não soube como responder àquilo. Ethan tomou a palavra, debochado.

– O dia do Doce ou Travessura já passou, senhora.

– Descarado! Demônio! Bebedor de... – antes que ela prosseguisse com os insultos, seu acompanhante a puxou pelo braço, desculpando-se.

– Mil perdões... Minha esposa é supersticiosa e anda impressionada com algumas mortes que aconteceram dias atrás. Agora cisma com tudo e com todos. Isso tem acontecido várias vezes. É bem constrangedor. Achei que tivesse parado, mas pelo que vejo...

– Então a leve para casa e cuide dela. – Ethan o cortou friamente. – Já que está assim perturbada o senhor não deveria expô-la aos perigos reais da noite.

“Quando abusava da boa sorte ao se deparar com um demônio real”, Ethan pensou, odiando o fato de não poder calá-la.

Dana estranhou a rispidez velada, não vendo razão para que o bom humor de antes tivesse se esvaído. A mulher ainda encarava Ethan e antes que o homem a puxasse mais uma vez, fez o sinal da cruz e se dirigiu diretamente a Dana.

– Faça o que eu disse. Não vá com ele! Não acredite em suas doces palavras.

– Cale a boca, Daisy! – ordenou o homem, perdendo a paciência. – E vamos embora!

Sem mais palavras o casal se foi sem olhar para trás. A cena foi no mínimo inusitada. Dana custava a crer que alguém acreditasse na existência de vampiros. E o pior, que alguém confundisse Ethan com um deles. Tudo bem que ele era incrivelmente bonito, misterioso e viril, mas isso não significava nada naquele sentido. Sim, Ethan era rápido, era um tanto quanto frio e fazia aparições dramáticas, contudo aqueles eram detalhes que o tornavam único; não imortal.

Ainda encobrando sua raiva, Ethan mirava o rosto confuso de Danielle tentando adivinhar o que ela pensava. Ele não tinha como saber que os tremores de sua humana se davam pela lembrança do sonho onde ele a atacou. Dana recordou nitidamente a expressão transtornada e os dentes à mostra, como se Ethan fosse um verdadeiro vampiro. Bobagem, ela sentenciou.

De súbito, Dana associou a rispidez e a postura rígida ao constrangimento. Sem dúvida um homem na posição de Ethan deveria odiar situações embaraçosas. Ela não soube o motivo, mas teve receio de olhá-lo. Era como se temesse a expressão que encontraria no rosto perfeito. E quanto mais a humana demorava a encará-lo, mais ele se preocupava. Na tentativa de dissipar a tensão Ethan sorriu e comentou calmamente.

– Nunca acreditei, mas é verdade. Há toda espécie de maluco no mundo.

Ao se calar, ele cheirou rapidamente o alto da cabeça de Danielle e retomou o caminho até o estacionamento. Pega de surpresa pelo toque no nariz em seus cabelos Dana nada disse. Apenas o olhou vez ou outra enquanto caminhavam. Quando chegaram ao lado do Accord, Ethan a recostou contra o veículo e apoiou as mãos ao lado dela, deixando-a entre seus braços. Era hora de saber a impressão deixada depois do incidente.

– Por que o silêncio? – perguntou, mantendo seu rosto muito próximo.

– N-nada! – Dana disse incerta, recriminando-se por gaguejar.

– Não ficou impressionada com a velha maluca, não é? – Ethan indagou em tom jocoso, sorrindo envolvente. – Não vai acreditar que sou o bicho Papão.

– Na verdade, a velha maluca se referia a outra criatura.

O sorriso de Ethan morreu. Não sabia sob quais aspectos, mas Danielle pensava a respeito. Aquela era à hora de Ethan especular sobre suas chances de uma pronta aceitação.

– Certo! Já que aparentemente você ficou impressionada, responda-me. Se tais criaturas existissem e eu fosse uma delas... O que você faria?

Inexplicavelmente, outro calafrio percorreu a coluna de Dana fazendo com que se arrepiasse. Ethan estava perto demais. Os olhos verdes, sérios demais. Sem pensar, ela respondeu a verdade como se toda aquela maluquice fosse real.

– Eu pediria para que me deixasse ir embora.

Terrificado com a resposta Ethan soube que jamais a atenderia. Danielle deveria saber que, ao ser escolhida por um vampiro, ela não teria escapatória.

– Se eu fosse tal criatura vil, acredita que a deixaria livre para partir?

Ethan não queria assustá-la mais, mas ele simplesmente não conseguia eliminar a rouquidão em sua voz. Assim como não domava seu próprio coração, aflito com a possibilidade de perdê-la.

Estranhamente, Dana pensou, aquela conversa não estava nem de longe tão divertida como da vez que a teve com Joly. Percebendo o ridículo da situação, tentando quebrar o clima estranho e terminar definitivamente com a conversa surreal, gracejou:

– Se não me deixasse livre eu prometeria apresentá-lo a uma ou duas conhecidas que têm o dobro do meu sangue. Talvez você fosse um vampiro guloso e aceitasse a barganha.

Ethan escrutinou-lhe o rosto por alguns instantes até se render à troça.

– Danielle, você é absurda!

Rogando que a tolice proferida afugentasse a angustia pela simples ideia de ser obrigado a deixar Danielle partir, ele a beijou. Dessa vez o beijo não teve nada do roçar labial anterior. Foi intenso; urgente. Para Dana, Ethan tentava apagar a má impressão, e conseguia.

Com um gemido incontido, ele capturou a língua dela na dele, fazendo-a arfar. Saindo de sua inércia, Dana o enlaçou pelo pescoço. Imediatamente Ethan deixou que seu peso caísse

sobre ela, prensando-a contra o carro. Impossível para um corpo pré-disposto não reagir imediatamente àquele contato. Dana começava a sentir que queimava, quando Ethan a soltou cedo demais.

– É melhor sairmos daqui!

– Sim... – ela concordou. Com as mãos trêmulas começou a procurar pelas chaves em sua bolsa. Quando as achou, tirou-as rápido demais, e elas teriam caído se Ethan não as pegasse.

– É melhor que eu dirija! – Ele opinou com voz rouca, sem devolver as chaves.

O primeiro impulso foi protestar, porém, num lampejo, Dana teve uma visão de si mesma a guiar com Ethan ao seu lado. A tentativa seria inútil e, seu desempenho como motorista, patético. Reconhecendo estar sem condições de discutir ou dirigir, aquiesceu:

– Também acho.

Dana pensou que Ethan fosse assumir seu lugar, em invés disso, seguiu-a até o lado do carona e abriu a porta para que ela entrasse. Sempre um cavalheiro, Dana observou enquanto o via contornar o carro para sentar ao volante. Ela não estava acostumada àqueles gestos. Se comparasse as atitudes dele às de Paul, chegaria à conclusão que o ex nunca passou de um troglodita.

Antes de ligar o carro, Ethan perguntou, tirando-a do devaneio.

– Está muito cansada?

– Não muito. Por quê?

– Gostaria de levá-la a um lugar... Você confia em mim?

– Confio – ela assegurou após olhá-lo por um instante. Alguma coisa lhe dizia que não deveria, mas ainda assim, ela confiava.

Capítulo Onze

Ethan guiava em silêncio, raivoso. Como se não bastassem Joly e Seager para aborrecê-lo, agora havia aquela mulher histérica. Ele lamentava por não ter dado àquela senhora o mesmo fim que aos outros quatro intrometidos que cruzaram seu caminho ao longo de sua existência. Teria sido um imenso prazer quebrar seu voto e matar a maldita sensitiva. Se ainda estava viva deveria agradecer a Danielle.

Ethan olhou para a humana de soslaio, sabendo que, vez ou outra, ela também o olhava; tensa e avaliativa. Para acalmá-la ele ligou o rádio. Logo uma balada romântica rompia o silêncio, e acirrava o ânimo do vampiro, pois ele sabia que o cantor não tinha a mínima chance de não se apaixonar caso cantasse para alguém equivalente à Danielle.

Dana novamente relanceou o olhar para Ethan, após leve estremecimento. Não pelo fato de *Wicked Game*, do Chris Issak, fazer parte de um LP Vol. 666 – número tão sugestivo depois da abordagem estranha –, mas pela canção parecer ter sido composta para ela. Sim, pois amar um famoso conquistador poderia quebrar seu coração.

Muito além do término da música Ethan ainda cismava, mas agradecia intimamente pela descrença de Danielle quanto às palavras da mulher. Ainda assim seu peito estava indócil. Não poderia errar com Danielle, contudo, movido por sua obsessão, era somente o que fazia. Recriminou-se, voltando a olhar em frente.

Sim, ela estava ao seu lado, mas não legitimamente. Valeu-se de manipulação, indução. O relacionamento era novo, construído em bases muito fracas. E ainda havia a verdade que Danielle descartou. Quando revelasse ser um vampiro, ela descobriria as visitas noturnas onde ele lhe fez amor não consentido; mataria a charada do rompimento sem razão. E então? Danielle o perdoaria?

Sendo atacado pela fúria que dispensava a si mesmo, Ethan apertou o volante, tomando o devido cuidado em não parti-lo. Roncos se acumulavam em sua garganta somente por imaginar a humana implorando que a deixasse ir embora. Caso acontecesse, ele morreria com certeza e seria o único culpado. No silêncio entre eles, Ethan também reconheceu o valor das palavras de Joly. Pouco lhe importava saber como seria caso tivesse de disputar Danielle de igual para igual, no entanto, o preocupava o julgamento que ela faria ao descobrir suas ações nada nobres.

Mais uma vez, Ethan a olhou. Danielle estava perdida nos próprios pensamentos; distante. Instintivamente, ele estendeu a mão e capturou a dela, queria trazê-la de volta. Ela olhou para as mãos unidas, encarou-o e sorriu. Aquele gesto imediato e natural o aqueceu, porém Ethan não se permitiu qualquer ilusão. Danielle sorria para o homem, não para o vampiro.

Engolindo um iminente rosnado, Ethan novamente praguejou contra a sensível estúpida. Agora, antes de se revelar, teria que resolver as pendências, criar bases sólidas e fazer com que Danielle confiasse nele. E o pior, deixar que Joly encerrasse verdadeiramente o relacionamento entre os humanos. Consertar aquele erro talvez fosse fácil, mas sem dúvida, seria o mais dolorido.

– Você está me levando para a praia? – Dana sentia que precisava quebrar o silêncio.

– Estou. Algum problema com isso?

– Não – ele poderia levá-la para onde bem entendesse, ela pensou.

Minutos depois de terem atravessado a ponte, Ethan estacionava o carro. Escolheu uma área pouco movimentada. Antes que pudesse detê-la, Danielle saiu sem lhe dar a chance de abrir a porta. Estavam em pleno século XXI, mas o velho vampiro nunca se habituaria àquela independência feminina. Ao menos com Danielle ele queria utilizar o que sobrou de seu cavalheirismo. Para piorar, no contexto atual, o simples gesto de deixar o carro o lembrou uma tentativa de fuga. Inquieto, Ethan desligou o rádio e saiu do veículo em tempo de ver Danielle contornar a traseira para se juntar a ele.

– Da próxima vez, você pode, por favor, esperar que eu lhe abra a porta? – Ethan perguntou, tocando-lhe o rosto.

– Desculpe-me. – Dana estremeceu ao seu toque e explicou enquanto fechava a frente do casaco somente para ocupar as mãos. – Não estou acostumada a essas gentilezas.

– Bem, não quero saber a razão de não lhe tratarem com o devido cuidado, mas saiba que comigo será diferente!

– Vou me lembrar disso – ela respondeu simplesmente, estremeecendo uma vez mais. Então olhou em volta, tentando prender atrás da orelha as mechas de cabelo que o vento jogava em seu rosto. – Por que me trouxe aqui?

– Tive um dia cheio! Quando a rotina se torna desgastante eu venho para cá. Gosto do cheiro do mar; do vento – ele explicou olhando em frente, então se virando para encará-la, completou: – Já planejava vir aqui hoje e desejava vê-la... Apenas juntei as duas coisas.

– Não venho com frequência, mas também gosto daqui. – Dana comentou, recostando-se no carro, evitando olhar para o rosto pálido que contrastava com o negro do casaco e os cabelos castanhos, agitados pela brisa marinha.

– Então combinamos mais uma vez. – Ethan sorriu. – Vamos?

– Para onde?!... – Dana juntou as sobrancelhas. Ethan riu ainda mais da expressão dela.

– Na areia... Chegar mais perto da água.

Com uma careta de incerteza, Danielle olhou para os próprios sapatos.

– Ethan, eu não acho...

– Não seria problema – ele a cortou ao prever a desculpa que usaria. – Se me der licença...

Sem esperar permissão, Ethan a ergueu nos braços, deliciando-se com o arfar feminino, o acelerar do coração. Parecia que agora se alimentava também daquelas reações, considerou ao depositá-la no chão para retirar o sobretudo.

– O que está fazendo?

– Eu já disse que comigo é diferente. Jamais deixaria que sentasse na areia.

Ao final da explicação Ethan estendeu seu casaco no chão. Dana permaneceu imóvel até que Ethan se acomodasse ao lado do casaco e lhe estendesse a mão. Como sempre ela não a recusou. Satisfeito, Ethan entrelaçou os dedos e a trouxe para seu lado. Imediatamente a abraçou pelos ombros deixando que Danielle se apoiasse em seu peito.

– Nunca vim aqui tão tarde. – Dana comentou depois de alguns minutos em silêncio enquanto se recuperava do contato. – Não tem medo?

– Não... E não se preocupe. Jamais deixaria que algo de mal lhe acontecesse.

– Vou acreditar nisso – ela sorriu.

– Acredite... E por favor, nada de falar em assaltos, assassinatos ou qualquer outro crime. Trouxe-a aqui justamente para esquecê-los.

Evidente que havia o intruso, contudo Ethan resolveu arriscar o passeio. Era imperioso recuperar a paz sentida pela manhã em East Village, tão prontamente roubada durante a tarde. Respirar o ar salgado, associado ao de Danielle lhe pareceu tentador; sem contar com toda a privacidade que teriam. Ethan esperava também que a humana se habituassem a ele, afinal, para ela o relacionamento era novo. Para ele a novidade estava em seduzi-la aos poucos, sem encantamentos.

– Certo! Nada que lembre seu trabalho. – Dana concordou, por fim. Ethan nada falou, deixando a ela apenas duas opções; calar-se como ele ou arriscar uma ousadia refreada durante a manhã. Ali, na escuridão da praia, ela se sentia capaz de questioná-lo, então, após um suspiro, perguntou receosa. – Vale perguntar algo sobre você?

– O que deseja saber – aquiesceu em alerta.

Danielle pareceu hesitar levando Ethan a previamente procurar por soluções para os mais variados assuntos que pudessem surgir.

– Por que você deixou meu apartamento daquele jeito? – Dana disparou. – Eu disse ou fiz alguma coisa errada?

A pergunta era simples, ainda assim Ethan não poderia responder sinceramente. Porém já havia inventado uma desculpa para ela; bastou mantê-la.

– Desculpe-me se deixei alguma má impressão, mas expliquei na ocasião... Havia algo que precisava ser feito. Acredite em mim, você estava sendo uma boa anfitriã. – Ethan a sentiu suspirar e, instintivamente soube que tinha algo mais. – Pode perguntar, Danielle.

Antes que prosseguisse, Dana considerou se calar, porém, uma vez que Ethan lhe dava espaço, decidiu aproveitar. Renovando sua coragem, indagou:

– Entendi que tivesse algo a fazer, mas... Por que foi embora sem me beijar?

Ethan duvidou da capacidade de seus ouvidos. Sua escolhida covarde, de verdade, lhe cobrava um beijo não dado? Como que para confirmar, passando a brincar com o primeiro botão da camisa dele, ela prosseguiu desconcertada.

– Desculpe-me perguntar, mas... É que, às vezes, você me confunde. Outro dia, quando eu estava doente, saiu sem dizer algo que parecia ser importante. Então no dia seguinte telefonou para saber de minha saúde. Parecia preocupado, mas depois, sumiu completamente. Daí, do nada, aparece e me dá carona. Duas vezes. Mostra-se interessado, mas vai embora sem me beijar como fez parecer que queria.

Apesar da perturbação causada pelos dedos mornos de Danielle em seu peito e a explanação terminar num fio de voz, Ethan ouviu com atenção. Se qualquer outra mulher o interpelasse daquela forma perderia todo o encanto, porém não a sua bruxa. Pela primeira vez em anos, Ethan precisou procurar por sua voz; não o surpreendeu que saísse rouca.

– Desculpe-me. Nunca foi minha intenção confundir-la.

Dana agradeceu que ele respondesse quando acreditou que nada lhe diria, porém se alarmou quando Ethan a afastou e a fez encará-lo. Preferia que aquela conversa se desse com ela a mirar o mar iluminado pelas luzes da cidade, não olhando diretamente aqueles olhos escurecidos pela pouca luminosidade da praia. Dana ainda procurava por ar quando Ethan tocou-lhe o rosto e prosseguiu:

– Toda essa situação é nova para mim, mas... Se o que quis descobrir com esse discurso, foi o que sinto, eu repito... Gosto de você, Danielle. Gosto muito, na verdade, e naquela noite não quis estragar as coisas entre nós. Não quis forçá-la a nada, pode entender?

– Não me forçaria... – Dana murmurou reflexiva. Baixando os olhos para a boca de Ethan, sem se importar com nada, ela lentamente se estendeu sobre o casaco.

Quem seduziria quem afinal, Ethan questionou ao entender o convite mudo. Com o velho coração a pulsar um pouco mais forte, desprende os olhos da visão que era Danielle deitada ao seu lado e olhou em volta. A alguns metros, um bar situado na orla estava vazio pelo adiantado da hora. Ao que tudo indicava estavam sozinhos. Ethan não temia estar ali, mas poderia ser perigoso se distrair.

Após mais uma breve inspeção, Ethan voltou sua atenção à jovem. Com o casaco dela entreaberto, ele podia ver o vestido xadrez, fechado na frente por pequenos botões. As pernas, ligeiramente dobradas, estavam escondidas sob as meias. Ethan ponderou se seria uma única peça ou se terminaria no alto de cada coxa. Já esquecido do perigo, retraindo sua curiosidade, ele olhou novamente para o rosto amado.

Enlevado, perdeu-se na visão dos olhos ansiosos, nos lábios entreabertos que esperavam por seu beijo. Rendido, Ethan lentamente se curvou sobre ela. E então, numa epifania soube qual o primeiro passo que deveria dar para consertar seus erros.

Mesmo quando ainda era humano Ethan sempre considerou todas as instituições amorosas, dispensáveis. Como vampiro, as considerava ridículas e desnecessárias, contudo, quando fez o pedido tão improvável quanto insólito, sentiu-se aflito em seu ângulo. Inseguro como se fosse um maldito adolescente.

– Sinto-me velho para essas coisas, mas... Namore comigo, Danielle Hall.

Com a respiração suspensa, Dana repassou a pergunta mentalmente. Ainda no carro ela acreditou ter entendido o recado do advogado ao aparecer a pé para buscá-la; ele estava disponível para passar a noite. Sim, ela considerou ser mais uma precipitação, porém não seria hipócrita, ofendendo-se quando também o queria. Então, estava preparada para uma noite de sexo sem compromisso, não para um pedido formal. Era natural que estivesse em choque.

Sem perceber Dana tocou o rosto próximo ao seu para confirmar não se tratar de um sonho. Ethan era real, e fechou os olhos ao toque, virou a cabeça para que a mão escorregasse até o nariz, então cheirou profundamente a palma macia. De imediato o corpo de Dana reagiu ao carinho inusitado.

– Irá ou não responder? – Ethan perguntou rouco, ao encará-la. A demora o consumia.

– Sim – foi tudo que ela pôde dizer. Ethan soltou um chiado estranho, então baixou a cabeça, cheirou-lhe o rosto até a orelha e sussurrou diretamente ao ouvido dela.

– Não seja cruel, Danielle. Sim que vai responder ou sim que aceita?

– Sim, eu aceito! – ela respondeu instável, prendendo os olhos nas estrelas acima, sem vê-las na verdade.

Com quase duzentos anos, Ethan jamais poderia conceber que algo banal vindo de um pedido contrário às suas crenças fosse inundar seu peito de um contentamento sufocante. Feliz, ele ergueu o dorso para admirar aquela que, depois da palavra empenhada, era oficialmente dele. Ethan novamente lhe perscrutou o rosto, antes de se curvar e tomar posse da boca rosada.

A despeito da ânsia sentida, o beijo foi leve. Uma brincadeira pretensiosamente inocente que, por aquecer seus corpos, não pôde ser mantida. Dana sentiu a mão fria em seu pescoço ao mesmo tempo em que Ethan começou a contornar seus lábios com a língua. Dana

capturou-a em sua boca, desejando intensificar o beijo. Com um gemido abafado, Ethan aceitou o oferecimento imprimindo maior força. Correspondendo, Dana o prendeu pelos cabelos da nuca para que não parasse.

Como percebeu na cobertura, realmente era certo beijá-lo. Tão familiar que ela não se surpreendeu quando a mão masculina deslizou pela frente do vestido. Como o beijo, Ethan poderia intensificar aquela carícia, Dana considerou, ansiosa; contudo ele não o fez. Continuou a deslizar a mão levemente, torturando-a ao roçar a palma aberta sobre os bicos intumescidos de seus seios. Acreditando que aquele fosse um novo teste de aceitação, Dana arqueou o corpo ao novo afago, indicando que ele tinha sua permissão para ir além.

– Não podemos fazer isso aqui, Danielle. – A voz de Ethan não passava de um chiado rouco.

Ainda que o namoro não tivesse mais que cinco minutos, Dana não se preocupou que pudesse parecer oferecida ou promiscua quando perguntou em um fio de voz.

– Por que não?

– Lembra-se de onde estamos?

– Não muito – ela admitiu num murmúrio; sua única certeza imediata era o desejo intenso que sentia. – Mas lembro que estamos sozinhos.

– Em uma praia, Danielle. – Ethan a lembrou, sorrindo. – E está frio!

– Está?

Para Dana, a noite estava extremamente quente. Ethan a olhou por um minuto inteiro, então se acomodou ao lado da jovem e apoiou a cabeça em uma das mãos enquanto que com a outra voltou a acariciar levemente a frente do vestido, porém apenas correndo os dedos sobre a fileira de botões. Dana fechou os olhos e inclinou o corpo, oferecendo-se.

– O que eu faço com você, Danielle?

– Me beija? – ela indagou, sorrindo de leve.

– Queremos mais do que isso – ele observou sem rodeios, depois de depositar um beijo leve nos lábios dela. Ao se afastar, encarou-a para prosseguir. – Mas como eu disse antes, tudo isso é novo para mim, então me ajude a agir corretamente. Quero você, mas não aqui... Agora que estamos juntos, sempre terá o melhor que eu puder lhe proporcionar. Pode entender isso?

– Entendo – ela murmurou. Morreria consumida em chamas por seus pensamentos impuros, mas ainda assim compreendia.

Ethan sorriu e a beijou mais uma vez antes de se deitar e a trazer para seu peito, abraçando-a. Com as costas dos dedos, acariciou-lhe o rosto. Dana gostaria de saber o que exatamente era novidade para um conquistador descompromissado. Seria possível que ela

fosse sua primeira namorada? Caso estivesse certa, seria uma mudança expressiva e aquele “gosto muito, na verdade” significaria mais do que Ethan quis dizer. Seria possível?

– Danielle, você está bem? – Ethan a afastou preocupado com os súbitos tremores, simultaneamente seu celular começou a vibrar em seu bolso; não o atenderia.

– Acho que agora senti como a noite está fria – ela mentiu.

– Claro! – Ethan se levantou, puxando-a gentilmente pela mão. – Como fui trazê-la aqui uma hora dessas!

– Tudo bem! – Dana assegurou, mas Ethan já sacudia a areia de seu casaco e o dobrava no braço. Ato contínuo; pegou-a no colo novamente.

– Não está nada bem! É minha função protegê-la, não matá-la de frio!

O tom de Ethan expressava tal seriedade que Dana não cogitou retrucar. Deixou-se ser carregada e acomodada no assento do carona, sem nada dizer. Ethan aproveitou o silêncio para avaliar qual passo daria a seguir; sempre ignorando os toques insistentes do celular. Queria simplesmente levar Danielle para o apartamento e se possível dormir com ela; com o consentimento dela daquela vez, mas não poderia ser assim precipitado. O relacionamento era recente, mas com alguns problemas antigos.

Quando atravessavam a ponte, para distrair-se, Ethan perguntou ainda sério:

– Como foi o almoço com Joly?

– Foi bom. – Dana queria quebrar o silêncio, mas não gostaria de enveredar por aquele assunto. Não quando a conversa com a amiga girou em torno dele e de Paul, então tratou de acrescentar: – Hoje fui contratada para trabalhar no *Today*.

– Que boa notícia, Danielle! Parabéns!

Talvez tenha sido impressão, mas pareceu que a informação não foi surpresa para Ethan, porém, como ele poderia saber? Então a resposta lhe ocorreu. Joelle.

– Obrigada! Começo na segunda-feira. A Sra. Howden me deu essa semana para acertar minhas idas ao Florença.

– Você ainda vai trabalhar no restaurante esses dias? – Ethan preferia que ela parasse.

– Somente até quinta-feira. Na sexta temos nosso encontro.

– Sim, mas eu pensei... – ele se calou abruptamente; não deveria ser de sua conta.

– O quê? – Dana quis saber o restante da frase.

– Nada!... É que... Já que você arrumou um emprego em sua área, poderia parar de trabalhar no restaurante. – Aquela era uma boa desculpa.

De novo não, Dana pensou em agonia. Sentindo seu mau gênio aflorando, perguntou:

– Você não é daqueles que classificam uma pessoa pelo serviço que presta, não é?

– Absolutamente! – Ethan respondeu impassível. – Toda forma de servir é digna e válida. Apenas imagino que deva ser desgastante para você. Ainda mais depois de ter ficado doente. Você poderia tirar esses dias de folga antes de começar no seu novo emprego.

Ante o cuidado, Dana desarmou o espírito combativo.

– Desculpe-me por interpretá-lo mal! É que já tive uma boa cota de brigas por causa de minha ajuda à Terry.

– Paul não aprovava?

A simples menção o enfurecia, porém Ethan não deixaria passar a oportunidade. Dana sentiu um calafrio ao ouvir o nome do ex ser pronunciado pelo atual namorado; soou estranho.

– Pois é... Ele não aprovava – ela respondeu sem olhá-lo, desejando que mudasse o assunto.

– Entendo! – Ethan a inspecionou sem falsa discrição. – Danielle, eu posso lhe fazer uma pergunta? Se concordar, por favor, não minta. Eu saberia.

– Fique à vontade – Dana liberou, mas temeu o que viria.

– Você está bem quanto ao fim do seu relacionamento com Paul? – E que os deuses o ajudassem após a resposta.

– Bem em qual sentido?

Dana tentou ganhar tempo; esteve certa ao temer. Era impossível, mas Ethan se sentiu nauseado ao ser explícito.

– Você ainda o ama? – Após um pigarro, acrescentou: – Entenderei se disser que sim, afinal são poucos dias de separação. Só pergunto por que quero estar preparado para o caso de uma possível... Recaída.

– Não acredito em recaídas – ela assegurou e foi além, afinal, Ethan queria a verdade. – Talvez em uma reconciliação, caso ele tivesse me atendido nos primeiros dias. Mas não aconteceu e, se eu aceitei namorar você, é porque me sinto livre para tanto. Não gosto que mintam para mim ou brinquem com os meus sentimentos, então eu não o faço. Mas já que perguntou, outro dia estive pensando se...

– Se...? – ele a incentivou, satisfeito até ali com as repostas conseguidas.

– Se um dia eu tivesse a chance de conversar com Paul e saber o que aconteceu, ficaria feliz. Talvez pudéssemos conservar a amizade caso resolvêssemos seja lá qual tenha sido o problema.

Deveria estar preparado para a declaração, ainda assim a intenção de Danielle o exasperava.

– Acha mesmo que seria uma boa idéia? Ser amiga de um ex-namorado?

– Somos todos civilizados, não somos?

– Alguns de nós tentamos ser – retrucou friamente.

– Não tenho queixas contra Paul. – Dana prosseguiu. – Algumas opiniões controversas, mas nada mais do que isso. Basicamente sempre nos demos bem.

– Entendo... E seguindo a linha da civilidade, acho a ideia de amizade interessante, desde que recaídas estejam mesmo fora de questão.

O que lhe restava além de mentir? E por ironia do destino, o mérito era todo dele se agora *sua garota* desejava bater um papinho amigável com o ex. Se Joly conhecia algum detalhe sórdido capaz de enviar aquele relacionamento direto ao inferno, estava claro que foi um estúpido por não deixar o advogadozinho dizê-lo na devida ocasião. Para distraí-lo o celular novamente vibrou e mais uma vez Ethan o ignorou.

– Sim, está fora de questão. – A voz decidida dela o liberou de vez de seus pensamentos.
– E você?

– Eu o quê? – Ethan perguntou confuso; o celular se aquietou em seu bolso.

– Alguma ex-namorada amiga ou não amiga?

Ethan conteve um riso sem humor ao imaginar como seria caso Danielle soubesse com quantas mulheres se relacionou. Foram muitas, com pouca ou nenhuma importância e todas esquecidas ao serem descartadas; vivas ou mortas. Inevitável não pensar em Maria, sua única exceção, contudo logo a banuiu de sua mente. Não poderia voltar àquele assunto, assim como não poderia anunciar seu *score* para Danielle.

– Não, não há ex-namoradas. – Com sua resposta, ouviu a aceleração do coração humano.
– Algum problema com isso?

– Espero que não! – Dana murmurou pouco esclarecedora. Como explicaria?

– Eu não entendi – Ethan falou intimista. Curioso ao extremo pediu: – Olhe para mim.

Aquele não era exatamente o melhor momento de encará-lo, mas a firmeza na voz dele não lhe deixou escolhas. Quando Dana o obedeceu, Ethan ordenou:

– Revele qual é o problema, Danielle?

E então, como acontecia com Joly, sem titubear ela respondeu:

– É estranho imaginar que sou a primeira namorada de um homem como você. Não que eu não esteja gostando, mas... É muita responsabilidade.

Incrédula com a própria revelação Dana viu um sorriso satisfeito curvar os lábios de Ethan quando antes não passavam de uma linha endurecida. Ethan por sua vez gostou de saber que ela entendia a importância dela em sua vida.

– Tenho certeza de que você vai se sair bem. – Ethan assegurou alargando o sorriso.

Capítulo Doze

Após a leve indução, o silêncio imperou até que chegassem à East Village. Ethan estacionou e com satisfação notou que Danielle seguiu sua recomendação, esperando que ele a ajudasse a deixar o carro.

– Vou levá-la até sua porta.

Com o anúncio, Dana imaginou estar certa quanto ao recado inicial e nada disse; apenas sorriu timidamente. Sem conseguir ficar distante, Ethan passou seu braço pelos ombros dela e seguiram assim, abraçados.

Por já ter avançado etapas demais, a intenção de Ethan era ignorar a crescente excitação de Danielle e se despedir à porta para que ela descansasse. Voltaria quando ela estivesse dormindo, como sempre. Porém, depois que abriu a porta do apartamento, ela lhe segurou a mão e o levou para dentro. Assim que a fechou, foi até o sofá, descalçou os sapatos e retirou o casaco.

– Sente-se! – Dana recomendou, tentando ignorar o olhar intenso de seu novo namorado.
– Ainda tem um pouco daquele uísque que...

Num gesto rápido, Ethan a puxou para si antes que ela terminasse. Pouco lhe importava o uísque barato depois de ser levado para dentro do apartamento sem qualquer receio. Feliz com o desenrolar dos acontecimentos, Ethan a beijou determinado a não negar nada a Danielle.

Nesse momento seu celular passou a vibrar. Tirando-o do bolso, Ethan o jogou na poltrona e se sentou no sofá colocando Danielle sobre seu colo. Com dedos incertos, ela o tocou na nuca, fazendo-o gemer com o toque morno. Segurando-a pelos cabelos, ele intensificou o beijo, capturando-lhe a língua para uma dança lasciva enquanto ela se acomodava melhor sobre seu membro aprisionado, excitando-o.

Com um gemido abafado, Ethan liberou os lábios macios e correu a boca ao longo do pescoço de Danielle, do queixo, até encontrar o lóbulo da orelha e chupá-lo. Como resposta, Danielle gemeu e deslizou com força sobre o colo dele. Finalmente a humana covarde cedia espaço para sua bruxa provocadora.

Estimulado, com uma das mãos, Ethan procurou pela frente do vestido. Dana não poderia imaginar, mas o instigava com aquela roupa. Tantas possibilidades e promessas escondidas por trás de tantos botões. Ainda sugando-lhe a orelha, ele lhe acariciou os seios sobre o tecido macio. Como sempre o corpo dela reagiu ao toque, fazendo-o vibrar em expectativa. Com a voz extremamente rouca, perguntou diretamente ao seu ouvido.

– Qual a finalidade de tantos botões?

– Fechar o vestido? – ela sugeriu; languida.

– Provocar-me, com certeza! – Ethan sentenciou abrindo o primeiro botão. – Não sabe que botões incitam a luxúria? Em certas comunidades eles são simplesmente proibidos por esse motivo. Você seria banida sem dúvida alguma – ele abriu o segundo.

– Você não me parece ser adepto a tais culturas e juro que não foi minha intenção provocá-lo – afirmou num murmúrio.

– Você mente mal Danielle – ele disse ao abrir mais dois botões. O vão entre os seios já podia ser visto; Ethan correu a ponta dos dedos por ele antes de abrir mais um botão, deixando a frente do vestido totalmente aberta.

– Sou inocente da acusação – Dana brincou liberando um gemido.

– Eu a declaro culpada.

Após a sentença Ethan introduziu a mão pelo decote formado e procurou por um seio dentro do sutiã. Com a palma fria espalmada sobre ele, começou a apertá-lo lenta e ritmadamente. Dana sequer pôde gemer. Com a mão livre, Ethan a prendeu novamente pelo cabelo e a beijou enquanto brincava com o mamilo entre os dedos. Todo esse tempo, o celular reclamava por atenção sobre a poltrona e era prontamente ignorado.

– Acho que agora entendo o problema com os botões. – Dana comentou arfante, com a boca sobre a de Ethan ao tentar abrir a camisa dele.

Quebrando o beijo, Ethan analisou-a, compenetrada na tarefa de abrir botão a botão, sem desviar os olhos. Quando terminou, separou as laterais quase até tirá-la. Então Dana correu as mãos pelos ombros fortes, pela base do pescoço antes de descê-las para o peito onde passou a acariciar os pelos. Ethan fechou os olhos e se recostou mais ao sofá, contendo-se para não urrar, apenas gemeu de puro deleite. Aquela era sua Danielle. Lúcida!... A acariciá-lo, a desejá-lo como ele a ela.

De certa forma estava habituado aos seus toques, porém naquele momento eles tinham um sabor especial. Até mesmo o cheiro de cio parecia melhor, enlouquecendo-o mais. Quão fácil seria liberar seu membro rijo e deixar que ela o montasse ali mesmo. Ethan queria aquilo, precisava. Porém a insistência do celular estava tirando todo o encanto do momento, mas não a atenderia.

Alheia aos toques telefônicos Dana beijou o namorado delicadamente na base do pescoço, perdida na firmeza fria dos músculos que sentia em sua boca e suas palmas. Aquecido pelo corpo morno sobre o seu, Ethan deslizou as mãos pelas pernas de Danielle descobrindo enfim que as benditas meias eram as que terminavam no alto da coxa. Excitado, acariciou a junção delicada da seda, da renda e da pele macia antes de subir suas palmas até as nádegas.

Apertando-as, Ethan moveu Danielle em seu colo disposto a ignorar o vibrar insistente do celular e saciar o desejo primo de fazer verdadeiro amor com sua escolhida. Contudo, algo o inquietava. Cada vez mais uma voz interior lhe dizia que nem mesmo Joly poderia ser tão inconveniente. Ethan gemeu em agonia genuína. Sua natureza ordenava que colocasse um fim ao desejo que os incitava. Queria se deixar distrair e se entregar aos carinhos cada vez mais ousados de Danielle, porém não conseguiria. A insistência poderia ser algo urgente.

Sem acreditar no que estava prestes a fazer, Ethan segurou firmemente o quadril ondulante de Danielle para que parasse o movimento torturador. Respirando com dificuldade, Dana ergueu o rosto para encará-lo.

– O que houve? – perguntou ofegante.

– Preciso apenas de um minuto.

Ethan mal reconheceu a própria voz. Abraçando Danielle, permaneceu imóvel, deixando que seu corpo se acalmasse. Não foi tarefa fácil com a quentura e o cheiro dela impressos nele, mas simplesmente ainda não conseguia se afastar. Passado o momento de paixão, a vibração do celular pôde ser notada, então Dana se moveu, saindo do abraço restritivo para olhar em volta.

– É o seu celular?

– Sim, e está tocando há um tempo. Preciso ver do que se trata. Desculpe-me!

Sem nada dizer, Danielle deixou o colo do namorado e, em silêncio, começou a abotoar a frente do vestido. Ethan ficou dividido por alguns segundos, desejando trazê-la de volta, contudo, com um suspiro resignado, deixou de olhar a figura desolada a sua frente e alcançou o aparelho. E que fosse importante, rogou. Quando abriu o visor imediatamente se pôs em alerta. A última chamada era uma mensagem de texto: Urgente. Escritório. Onde vc esta?

Ethan reconheceu o número de Thomas; realmente era importante. Quando olhou na direção de Danielle, ela já prendia o último botão. Ao terminar, tentou ajeitar os cabelos em desalinho atrás das orelhas e com um meio sorriso triste disse simplesmente.

– Você precisa ir.

– É importante. Desculpe-me!

– Tudo bem!

Danielle cruzou os braços em uma atitude tipicamente defensiva. Ao vampiro a humana nunca pareceu tão pequena e frágil, levando seu velho coração a reclamar por ser obrigado a deixá-la. Então, uma idéia lhe ocorreu. Rapidamente Ethan discou o número de Thomas. Após apenas um toque o amigo atendeu.

– *Até que enfim, Ethan, onde você está?* – O nervosismo era evidente.

– Isso não vem ao caso. – Ethan respondeu sem deixar de olhar Danielle. – O que é tão urgente?

– *Samantha desapareceu. E duas pessoas foram encontradas mortas a duas quadras do edifício onde Andrew mora.*

Ethan não morria de amores pela vampira, mas o desaparecimento de alguém de seu grupo era no mínimo preocupante. E havia as mortes. Ainda a olhar Danielle, falou:

– Logo estarei aí. – Ao desligar Ethan se dirigiu à jovem. – Desculpe-me, mas preciso realmente ir.

– Eu já tinha dito que tudo bem. – Dana disse mais uma vez arrumando o cabelo que, em seu desalinho, insistia em cair sobre seu rosto.

Não, não estava nada bem mesmo que Danielle repetisse a frase mil vezes. A postura dela demonstrava toda a frustração sentida. Caso servisse de consolo Ethan lhe diria o quanto igualmente se sentia desolado em partir justamente quando tinha a oportunidade de tê-la sem ilusões, sem sonhos. Contudo não podia. Satisfazer o desejo de ambos num ato reflexivo para sair logo em seguida também estava fora de cogitação.

Sem conseguir conter um grunhido de pura agonia, Ethan se aproximou e a estreitou num abraço apertado. Dana o enlaçou pela cintura e pousou o rosto sobre o peito nu. Ele cheirou-lhe o alto da cabeça e disse contra os cabelos dela:

– Sinto tanto. Queria muito poder ficar aqui com você.

– Agora eu sei – ela disse sinceramente. Ethan não entendeu o replicar estranho, mas deixou passar. Uma lembrança lhe ocorreu então, afastando-a pediu:

– Pode me emprestar seu celular?

Sem perguntar o motivo, Dana foi até sua bolsa e pegou o aparelho, em seguida entregou a ele. Ethan procurou o que queria, discou alguns números então o devolveu.

– Coloquei o número do meu celular na agenda. Qualquer coisa que queira falar comigo, por favor, faça!

– Está bem. – Dana exalou, satisfeita.

– Amanhã irei buscá-la. Está bem?

– Será perfeito!

Conformando-se com o arranjo, Ethan fez com que ela erguesse o rosto e a beijou. Um beijo leve. Quando a soltou, percebeu que a expressão da jovem estava bem melhor; tranquila. Sorrindo-lhe ela pediu:

– Mas nada de praia dessa vez.

– Nada de praia. Prometo!

Ethan retribuiu o sorriso. Vê-la serena com a separação abrupta, igualmente o tranquilizou. Não precisaria ir embora carregando a tristeza dela consigo; bastaria a dele próprio. Seguindo o exemplo de Danielle, Ethan fechou a própria camisa, antes de pegar o casaco e se dirigir para a porta.

– Leve meu carro. Amanhã eu...

– Amanhã irá com ele para o restaurante. – Ethan a cortou depois de se voltar para encará-la. – Obrigado pela atenção, mas eu não necessito de veículos para ir aonde precise.

Dana até poderia entender a colocação, afinal não faltavam táxis em Manhattan, mas a entonação enigmática fazia parecer outra coisa. Como sempre Ethan não lhe deu chance de ponderar sobre o assunto, subitamente a abraçou e beijou. A intenção era apenas se despedir, porém logo a estreitou mais em seus braços, relutando em partir para averiguar o que acontecia. Antes que Danielle o enlaçasse pelo pescoço, Ethan quebrou o beijo e, prendendo-a pelo olhar, ordenou:

– Durma bem Danielle e... Pense em mim! – Então se foi.

Capítulo Treze

Ethan seguiu a pé para a Wall Street. Andando quando precisava ser discreto, correndo sempre que possível. Afastando-se mais e mais de onde queria estar. Em menos de meia hora subia as escadas do edifício até o andar de seu escritório. Encontrou Thomas, Joly e Seager em sua sala. Andrew provavelmente estava correndo a cidade atrás da companheira. Depois dos cumprimentos, Ethan atirou o casaco sobre o sofá e foi diretamente se servir de uísque. Precisava de algo queimando em sua garganta.

– Desculpem a demora! Estão servidos? – Após as recusas, Ethan se dirigiu a Thomas. – O que houve?

– Foi como eu disse ao telefone. Segundo Andrew, Samantha saiu essa tarde e até agora não voltou e não atende ao celular.

– E as mortes a que você se referiu? Andrew acha que elas têm relação com o desaparecimento? Ele cuidou disso?

– Pelo que Andrew me disse foi claramente um ataque, mas ele estava aflito, não conversamos muito a respeito. Tudo que sei é que infelizmente ele não teve tempo de encobri-las. Elas ocorreram perto, mas não tinha como prever que aconteceriam. Quando Andrew soube o circo já estava armado. Policiais, peritos, jornalistas, curiosos...

– Sr. McCain, eu estava comentando com eles – disse Seager. – Será que isso não é obra daquele tal vampiro?

– Acho que a Samantha surtou, ela sempre foi estranha. – Joly comentou indiferente.

– Pelo contrário – Thomas discordou –, Samantha é séria e centrada. Convicta no intuito de não ferir humanos. Não acredito que os atacasse e se o fizesse, seria discreta.

– Resumindo – Ethan foi se sentar em sua cadeira, subitamente cansado. – Mais um mistério que não temos a mínima ideia de como solucionar. E eu concordo com Seager... Isso tem jeito de ter sido obra do nosso visitante.

– Não sei Ethan... – Thomas olhou para Seager como se avaliasse o que poderia comentar diante dele, então, voltando a encarar Ethan falou: – Pode até ser, mas... Se esse intruso deseja afrontar você, porque escolheria Samantha?

Impaciente, Ethan se mexeu na cadeira ao entender o recado. De repente algo lhe ocorreu, enchendo-o de pavor. Com todos ali, Danielle estava sozinha no prédio. Ethan imediatamente olhou para Joly. Como se o entendesse, ela se levantou, pronta para partir.

– Estamos nessa espera há horas, sem notícias. Vou para casa, se souberem de algo, por favor, me avisem.

Com isso, Joly foi até o companheiro, beijou-o, despediu-se dos outros dois vampiros e se foi. Com sua saída, Ethan perguntou para ninguém em especial, depois de beber todo o conteúdo do seu copo.

– A que horas aconteceu tudo isso?

– Andrew me ligou pouco depois da uma e meia – respondeu Thomas. – Ele já estava preocupado, mas tinha esperanças que Samantha estivesse apenas atrasada na volta de alguma procura por alimento pela vizinhança. Disse que quando desceu para a portaria do prédio ficou sabendo do ataque e seguiu até lá... Foi quando me ligou. Segundo o que ele ouviu na cena das mortes, elas ocorreram por volta das onze horas.

– Bem... Andrew me ligou um pouco antes da meia noite – disse Seager. – Falou que não queria incomodá-los, então fui ajudá-lo a procurar Samantha. Fomos a locais que ela costuma ir, enfim... Quando ele percebeu que poderia mesmo ter acontecido alguma coisa resolveu ligar para o Sr. Miller.

– Por que ele não ligou para mim? – Ethan inquiriu com o cenho franzido. Seager deu de ombros, com expressão incerta.

– Acho que não queria importuná-lo. Bem... Ele não disse isso, mas todos nós sabemos da antipatia que o senhor e Samantha sentem um pelo outro.

– Se ele não disse, essa é sua opinião. – Ethan disparou, encarando Seager com os olhos em fendas; a voz saía pausada. – Acaso você acha que eu me importaria menos com ela por conta de uma antipatia?

– Não, Sr. McCain! Não foi isso que quis dizer. Eu... Desculpe-me, não quis aborrecê-lo. Foi apenas uma suposição infeliz.

– Então é melhor que guarde suas suposições infelizes para você, Holmes. – Thomas falou muito sério – Já temos problemas demais para ainda arrumarmos desentendimentos entre nós.

– Obrigado, Thomas, por antecipar minhas palavras – agradeceu Ethan e, ainda encarando Seager, completou: – E digo mais, Holmes. O dia que eu não quiser ter aborrecimentos com um desafeto, eu prefiro convidá-lo a se retirar do grupo.

– Desculpe-me mais uma vez. Foi mesmo um comentário inadequado – levantando-se Seager anunciou: – Bem... É melhor que eu vá embora. Se precisarem de mim, basta chamar. Até daqui a pouco, senhores. Boa noite, e durmam bem.

– Boa noite, Seager – respondeu Thomas.

– Boa... – ciciou Ethan, com má vontade. Depois da saída de Seager, ele foi se servir de mais bebida. Quando se sentou olhou para o amigo. – Desculpe-me por não ter atendido antes. Se eu pudesse adivinhar...

– Bastava perceber a insistência – o amigo retrucou se recostando em sua cadeira.

– Acredite. Estou aqui somente por isso.

Sim, afinal sua vontade era partir o maldito celular ao meio, Ethan poderia acrescentar. Que noite Samantha foi escolher para desaparecer pensou contrafeito. Ou não teria tido escolha? Bufando enraivecido, ergueu-se e começou a andar por sua sala de um lado ao outro.

– Sinceramente estou farto de tudo isso! Nunca imaginei que um dia passaríamos por uma situação parecida.

– Nem eu Ethan. Por isso mesmo não podemos nos distrair. Todos estavam aqui, menos você. Que é com certeza a figura mais importante. Andrew estava desolado. Não sei por que não lhe chamou, mas que diferença faria? Você não o atenderia assim como fez comigo. Ele não sabe sobre Danielle e sua falta de atenção pareceria no mínimo, descaso.

– Sei disso! – Ethan parou junto à janela. Olhando em frente, distraído, confessou sua impressão. – Acreditei que fosse Joly me perseguindo para que não fizesse mal a Danielle.

– Imaginei que aconteceria, por isso liguei. E se ajudar para uma próxima vez, Joly já deixou claro que não mais interferiria.

– Não era isso que eu queria. Aprecio todo o cuidado que ela tem com Danielle. O problema é que ela me tira do sério às vezes. É para ela proteger a garota, mas não de mim!

– Você deveria ter pensado nisso antes de envolvê-la. – Thomas riu levemente e passou as mãos pelos cabelos. – Sempre soube como ela é exagerada. Diga-me... Em todo esse tempo que estamos juntos, quando viu minha Joly ter uma amiga?

– Nunca. – Ethan respondeu ainda mirando os edifícios iluminados de Nova York.

– Justamente. – Thomas prosseguiu – Ter amigos humanos não é bom para nós, pois simplesmente não os deixaríamos morrer... Bem, você entende o conceito.

Sim, Ethan entendia. Depois de seu pai, Thomas era a pessoa que mais gostava, tanto que provavelmente o teria transformado mesmo sem a desculpa de salvá-lo da paralisia. Após um breve instante em silêncio, o amigo falou ainda:

– Pensei que Joly fosse se animar quando Samantha se juntou a nós, mas elas não combinam, apenas convivem bem. Com Danielle é diferente. Não vá pensar que ela considera sua humana como um objeto, pois a comparação é minha. A impressão que tenho quando ouço Joly falar da garota é a mesma de uma menina que ganhou uma nova boneca.

Ethan riu com a comparação e não se ofendeu. Danielle era realmente uma boneca; linda. E tão quebrável quanto, ele considerou, perdendo o humor.

– Joly está animada com a possibilidade de ter uma amiga que seja eterna como nós e teme que você estrague tudo. Somente eu sei o pavor que ela sentiu quando encontrou a humana desacordada na manhã de sexta-feira, após o seu “descuido”.

– Não foi maior que o meu quando eu soube, acredite. – Ethan retrucou soturno.

– Acredito que tenha sido aproximado. Joly tem Danielle como uma irmã mais nova. Preocupa-se tanto que chega a esquecer dela mesma e você sabe. Tive de praticamente arrastá-la para que se alimentasse. Sem falar o tempo que está longe de nosso lar.

– Desculpe-me por isso. – Ethan pediu encarando o amigo. – Não pedi para que ela se mudasse e sei o quanto deve ser ruim para você.

– Não diria que é totalmente ruim, afinal estou sempre com Joly, você sabe...

– Sim, eu “ouço”.

– O que me incomoda é ter de ficar em East Village. – Thomas continuou. – Simplesmente não gosto daquele lugar Ethan. Não do prédio e, sim, dos sons irritantes. De madrugada até mesmo o falatório dos bares próximos chega aos meus ouvidos. Não gosto de deixar meu carro na rua. Pode me chamar de esnobe, mas não estou habituado à classe média. E seja sincero... Nem mesmo você está.

– É verdade. – Ethan concordou ainda olhando pela janela. – O lugar não me afeta dessa maneira... Talvez seja porque já conheci Danielle ali então nada mais me importa. Mas preferia mil vezes que ela estivesse aqui. Ela merece muito mais do que viver naquele apartamento mínimo.

Sem que pudesse evitar, Ethan lembrou o rábula e a revelação de que Danielle sempre resistira à ideia de morarem juntos. Seria possível que ela também se negasse a viver com ele? Se Danielle esperava mais, como Paul insinuou, Ethan estaria perdido. Não estavam na Idade Média, então não poderia propor casamento sem parecer um louco desesperado.

– Se pensa assim... – A voz de Thomas chamou sua atenção. – Traga-a o quanto antes! Esse sumiço de Samantha me deixou preocupado. Caso tenha sido o intruso quem a pegou, precisamos estar preparados para qualquer coisa. Nenhum de nós está seguro. Joly é esperta e forte, contudo Samantha também o era e pode ter sido capturada. Tremo ao imaginar que a próxima possa ser minha companheira.

Ethan pôde perceber a dor na voz do amigo. Sabia exatamente como Thomas se sentia. Até mesmo ele sofreria se algo de mal acontecesse à amiga.

– Não vamos pensar nisso enquanto não descobirmos o que aconteceu com Samantha. O que podemos fazer é ficarmos mais atentos e evitarmos lugares ermos... – Assim como

uma praia vazia, sua consciência alertou. Em voz alta disse: – Vou ligar para Andrew. Com certeza ele não a encontrou, mas pelo menos posso me colocar a disposição.

– Faça isso.

Ethan se sentou à sua mesa e fez como havia dito. Dois toques depois Andrew atendeu.

– *Thomas? Você tem alguma notícia?* – Sua voz era esperançosa.

– Sou eu, Ethan.

– *Desculpe-me. É que Thomas tem me ligado de seu escritório, pensei que fosse ele.*

– Tudo bem e... Não temos nenhuma novidade, esperava que talvez você tivesse alguma.

– *Infelizmente não tenho. Estou voltando para casa agora. Já ia ligar pedindo para que Thomas fizesse o mesmo. Agora só nos resta esperar.*

– É o certo a fazer. Deixe que eu transmita o recado... Desculpe-me por não estar aqui. Tive alguns problemas, mas agora estou à sua disposição.

– *Não tem problema. Boa noite. E, Ethan...*

– Sim!

– *Durma bem.*

Ethan desligou sem retrucar a recomendação e disse a Thomas.

– Nada. Andrew está voltando para o apartamento dele e acho que devemos fazer o mesmo. Estou cansado. – Olhou seu *Bremont*. – Já são quatro e dez. Preciso dormir ao menos algumas horas.

– Eu também – disse Thomas se pondo de pé. – Vai para o apartamento de Danielle?

– Não. Já estou aqui, durmo em minha cama. Espaçosa, luxuosa e totalmente sem graça.

Thomas riu e se aproximou de Ethan para lhe dar palmadas amistosas no ombro.

– Paciência meu amigo, paciência. Essa é a virtude dos fortes!

– Vou me lembrar disso. – Ethan também sorriu, porém sem humor.

– Bem, East Village me espera. Durma bem, Ethan!

Ele desejou o mesmo a Thomas. Ethan deixou o amigo a esperar o elevador e seguiu pelas escadas até sua cobertura. Sentia-se exausto. Ao entrar no apartamento sequer se importou que tivesse algum resto de areia nos cabelos e no corpo. Apenas seguiu para seu quarto, despiu-se completamente e se atirou sobre a cama, cansado demais até mesmo para pensar.

E então estava estendido na areia. Os edifícios iluminados eram como um pano de fundo. O céu estrelado não roubava a atenção que ele dava à humana. Ela parecia brilhar sob o luar. De pé diante dele, ela vestia apenas meias de seda negra que se destacavam no corpo de pele imaculada. Os cabelos de doce flutuavam indóceis ao sabor do vento.

Ele precisava dela. Como se soubesse, ela lentamente se ajoelhou no vão das pernas dele. Ao baixar os olhos por acompanhar o movimento dela, ele se viu nu, e rígido. Quando dedos quentes tocaram-lhe as coxas, ele fechou os olhos em expectativa, e liberou um urro agoniado quando ela tocou sua dureza de macho.

Ele abriu os olhos e, com a visão turva, focou sua atenção ao que ela fazia em tempo de vê-la substituir a mão pelos lábios. Mais uma vez ele fechou os olhos, rendido àquela sensação de prazer extremo. Enquanto se entregava ao sugar obsceno, ele repetia o nome dela. Inexplicavelmente a boca aprazível se tornou fria e imprimiu maior força. Os grunhidos dele se tornaram incontroláveis, assim como as reações de seu corpo. De súbito ele sentiu lábios quentes nos seus; Danielle, ele exultou. Imediatamente retribuiu o beijo. Travava uma luta de línguas e era profundamente provado quando percebeu haver algo errado.

Ao despertar do sonho lascivo Ethan confirmou estar com duas mulheres. Todas as luzes acesas do quarto ofuscaram seus olhos por um momento, só não fizeram doer suas pupilas porque uma humana desconhecida lançava sombra sobre seu rosto enquanto o beijava.

Enfraquecido, Ethan a empurrou de lado e baixou o olhar. Reconheceu a cabeça ruiva, mas não teve como afastá-la. Samantha o levou à satisfação, não lhe restando alternativa além de deixar que seu corpo traidor completasse o ciclo. A humana insistia em lhe acariciar o peito quando a vampira, a lambe os lábios, avançava para beijá-lo. Nesse momento Ethan reagiu, afastando-as para deixar a cama.

– O que diabos faz aqui Samantha? Enlouqueceu?

– Vim para ficar com você, Ethan – ela respondeu como se fosse óbvio.

Tempos atrás ele se envaidecia ao ser avaliado com interesse por duas mulheres. Atualmente, porém, não somente se incomodou com o olhar insistente, como com as palavras de Samantha. Correndo os olhos rapidamente pelo quarto, Ethan avistou a calça de seu pijama. Foi até ela e a vestiu. Em sua fúria não percebeu que deu as costas à vampira.

– Sempre quis provar esse dragão! – Ouviu-a exclamar. Logo seu corpo se retesou ao sentir as mãos de Samantha em seu peito e os lábios frios sobre sua cicatriz. Ethan se virou bruscamente, empurrando-a para longe.

– Como se atreve a me tocar? – vociferou.

– Ainda há pouco apreciou quando o toquei – ela estalou a língua, sugestivamente.

– Acredite, não era você. – Ethan assegurou. Então olhando e uma a outra, ordenou entre dentes. – Cubram-se as duas.

– Por quê? – perguntou Samantha indo se deitar ao lado da desconhecida. – É uma festa!... Eu trouxe até o presente.

Ethan assistia a cena, contudo custava a crer que fosse real. Cruzando os braços, avaliou as duas mulheres. A humana escolhida era realmente bonita; morena, tinha corpo bem feito, os seios pequenos. Samantha dispensava descrição; era a imagem de perfeição. Se aquela situação se apresentasse semanas atrás, Ethan não esperaria por um segundo oferecimento. Deitar-se-ia no espaço reservado para si e mudaria completamente o conceito de festa para as duas.

Sim, antes seria exatamente o que faria. No presente momento, a visão lhe despertava somente repugnância e alimentava mais seu desprezo por Samantha. Com aquela ceninha ela o impediu de estar com Danielle.

– Se eu tiver que ordenar mais uma vez para que se vistam, acreditem, não precisarão me obedecer. Vou descer. Em dois minutos quero as duas em minha sala, vestidas e prontas para saírem. Mas antes que desapareça, Samantha, quero explicações.

Ethan se retirou do quarto, deixando-as para que o atendessem. Ao chegar à sala seguiu até suas bebidas. Ainda tampava a garrafa quando Samantha, já coberta por um vestido negro, desceu as escadas e se aproximou. Ethan sentiu sua presença antes que ela tocasse em sua marca uma segunda vez. Virando subitamente ele prendeu os dedos estendidos em sua direção e os torceu. Ela gritou e se contorceu na tentativa inútil de se soltar. Ainda apertando e virando a mão de Samantha de forma que ela se abaixasse à procura de uma posição que atenuasse a dor, Ethan ciciou:

– Acredito ter dito que você não tem permissão para me tocar. – Então a soltou, empurrando-a para longe.

– Você é um animal, Ethan McCain! Onde está sua boa educação?

– Dispenso-a somente a quem merece. Ou no mínimo, a quem tenha sido convidado a entrar. Agora conte qual o propósito de invadir meu apartamento.

– Forcei a gaveta de Joly e peguei as chaves – respondeu prontamente, flexionando os dedos, sem se mostrar arrependida.

– Não quero saber como entrou e, sim, o motivo desse circo.

– Já disse, quero ficar com você Ethan. Se estiver à procura de uma companheira, eu sou sua única escolha. Olhe para nós! Somos perfeitos juntos!

– E Thomas se referiu a você como séria e centrada! – ele debochou, medindo-a de alto a baixo. – Vejo apenas uma vampira extremamente convencida, sem qualquer discernimento.

– Diga o que quiser Ethan, mas sabe que é verdade. Eu vi a humana que vem usando ultimamente... Como pode se interessar por aquela criatura tão insignificante?

Com um urro, o vampiro enfurecido voou até ela e a prendeu pelo pescoço.

– Não se atreva a falar de Danielle com essa sua boca imunda ou juro por tudo que me é mais sagrado que acabo com você.

Samantha ergueu as mãos em sinal de paz. Ethan considerou livrar o mundo de uma cobra, mas decidiu não macular seu lar com tal sangue sujo, então a liberou.

– Está bem! – Samantha tornou a dizer em tom conciliador. – Já percebi que garota é mesmo importante. Case-se com a humana então. Monogamia nunca foi nosso forte. Tenha duas, três esposas como de costume. Não me importo desde que eu seja uma delas.

Ethan custou a crer no que ouvia. Mal a suportava, contudo, estranhamente, percebia que havia algo errado com Samantha. Ele ouvia as palavras, mas por breves instantes os olhos da vampira pareciam dizer outra coisa. Queria entender o que, mas toda aquela situação o exasperava.

– Está louca!

– Por você Ethan. Sempre por você. Desde que o conheci. Minha hostilidade é justamente por isso. Por ser tão cego e nunca notar.

– Jamais notaria qualquer coisa vinda de você, pois a detestei no segundo que a vi e agora noto não ter errado meu julgamento. Apenas a suporte em consideração a Andrew; o mesmo que a essa altura sofre com seu desaparecimento. Volte para ele ou vá para o inferno, mas vá sabendo de uma coisa. Se voltar a me dirigir a palavra além dos cumprimentos essenciais, eu mato você.

Enquanto falava, a humana desceu as escadas e se aproximou visivelmente assustada. Num gesto rápido, a vampira puxou a recém-chegada para mais perto e, como se não tivesse sido alertada, resmungou:

– Como pode ser assim tão mal-agradecido quando eu trouxe companhia para nós? Conheço sua fama. Sei que gosta dessas coisas.

Enquanto falava Samantha corria os dedos pelo vão entre os seios da mulher.

– Se conhece minha fama – Ethan retrucou impassível, cruzando os braços –, sabe que já fiz ménage tantas vezes que a prática deixou de ser novidade há muito tempo. E também deve saber que escolho as melhores, não vadias oferecidas. Agora, por favor, suma e leve-a com você.

– Não está com sede? – Samantha perguntou, sem se importar com a ordem, afastando lentamente o cabelo que cobria o pescoço da humana. – Poderíamos bebê-la juntos. Veja o que faço para me adaptar a você.

Então ela cravou seus dentes no pescoço da garota. Ethan assistiu Samantha se servir até que levantasse o rosto. Rapidamente, sem que ela esperasse, ele puxou a mulher para si, lambeu-lhe a ferida e a deixou ao seu lado. Sua pouca paciência se esgotando.

– Não me use como desculpa para praticar atos naturais para nós. Extraordinário aos vampiros é se servirem de sangue animal. Este, sim, seria um sacrifício por amor. Por mim, mate quantos humanos quiser, desde que não se alimente sob meu teto e seja discreta. Sinto-me desobrigado de tolerar qualquer descuido futuro de sua parte.

– A qual descuido se refere? – Samantha o encarou; confusa.

– Aos dois corpos que você deixou a vista de todos, perto de seu prédio.

– Não sei do que está falando. Não matei ninguém! Essa foi a primeira vez que mordi um humano em décadas. E o fiz somente para lhe mostrar que posso acompanhá-lo, ser igual a você. Ainda tenho esperança que mude de idéia.

– Não minta para mim! – Ethan demandou enraivecido.

– Não estou mentindo. Estava longe de casa quando senti que precisava procurá-lo e conquistá-lo de qualquer maneira. Estive aqui, na garagem. Saí apenas para lhe conseguir ela – disse apontando para a humana. – Então voltei e bem... O resto você já sabe. Pode esbravejar o quanto quiser, mas eu sei que lhe dei prazer e você gostou do que fiz.

Ethan ignorou o comentário final. Não precisava explicar que sua satisfação foi por Danielle. E novamente tinha mais com que se preocupar. Se Samantha não mentia, as mortes eram obra do intruso; inferno. Ethan ainda cismava quando mãos quentes tocaram seu braço, fazendo-o olhar para a humana assustada.

– O que está acontecendo aqui? Por que ela me mordeu?

– Porque é louca – ele falou encarando-a –, mas não está doendo, não é mesmo? – ela concordou. – Bem, agora quero que saia daqui com sua amiga e se esqueça de tudo que viu ou ouviu depois que ela a encontrou.

– Está bem... – a humana aquiesceu indo novamente para o lado de Samantha.

– E você. – Ethan se dirigiu à vampira. – Lembre-se que o showzinho termina aqui. Você sabe muito bem que Danielle não é a humana da vez. Futuramente, não quero que lhe dirija a palavra caso ainda esteja no grupo. De minha parte vou esquecer que esteve aqui. Não sei como explicará meu cheiro para seu companheiro e isso pouco me importa. Não quero é ter problemas com ele entendeu? Se Andrew vier me cobrar por sua ação serei obrigado a me defender. Acredite; depois de acabar com ele eu a mandarei ao inferno. Agora desapareça!

Samantha lhe sustentou o olhar desafiadoramente, contudo nada falou. Depois de segurar a mão da humana, deixou a cobertura sem olhar para trás. Ethan pouco se importava com o que seria feito de seu “presente”, queria apenas esquecer e descansar. Todos os acontecimentos da noite o desgastaram emocionalmente.

Vazio de emoções, ele foi até o copo de uísque ainda intocado, sorveu o conteúdo de uma só vez depois se deitou sobre o sofá. Não voltaria para sua cama até que Martha trocasse todos os lençóis. Vampira maldita! Havia estragado sua noite e, mesmo atribuindo pouca importância ao que se passou em sua cama, odiava-a pelo atrevimento de tocá-lo fazendo com que traísse Danielle.

Ethan não entendia como pôde dormir tão profundamente ao ponto de não perceber a invasão. Não por Samantha, afinal seria sorrateira como todo imortal, mas... E quanto à humana? Mesmo descalça seus passos seriam ruidosos para sua sensível audição. Então... Como elas não somente se despiram como ocuparam sua cama sem que despertasse? Ethan se alarmou com a única resposta plausível. Parecia inacreditável, mas talvez ele estivesse sob alguma indução.

Caso fosse possível, como e quando recebeu a ordem? Acaso Samantha possuía esse poder e lhe soprou ao ouvido como ele próprio fazia com Danielle? Não divague, Ethan demandou si mesmo. Caso tal temeridade fosse possível, vampiros mais gananciosos poderiam usar essa influência para subjugar outros. Os núcleos amigáveis não existiriam e, sim, verdadeiros impérios onde o mais forte usaria os outros como bem lhe aprouvesse. E analisando friamente a situação; qual vampiro teria interesse em induzi-lo para que copulasse com Samantha?

Não, a explicação lógica era que estava realmente cansado e pela primeira vez em sua existência dormiu profundamente. Sonhar com Danielle apenas facilitou para que Samantha conseguisse ludibriá-lo. Ethan olhou em direção à imensa janela. Ao ver os raios de sol que encerravam a madrugada, recordou de seus primeiros momentos, antes de toda confusão. E a despeito de tudo que lhe acontecera no final daquela noite insólita, sorriu.

A partir daquele dia não mais confundiria a mente de Danielle. Um primeiro compromisso fora firmado e dentro em breve, se possível muito breve, ela seria sua única esposa. Finalmente acalmado, perdido em pensamentos com sua amada mortal, Ethan adormeceu. Não sonhou. Apenas se recuperou para enfrentar mais um dia de sua eternidade.

Capítulo Quatorze

Ethan acordou com o som dos toques telefônicos; era Joly.

– *Perdeu sua chave?* – Ela indagou após os cumprimentos de praxe. – *Tudo bem pegar a reserva, mas não precisava ter danificado minha gaveta.*

– Não vai acontecer novamente. – Ethan ainda considerava se contaria a alguém o ocorrido.

– *E por acaso sabe que horas são? Apesar de tudo que está acontecendo, tem compromisso agora pela manhã.*

– A noite foi estranha. Perdi a hora. Obrigado por me acordar.

– *Para todos os efeitos estou aqui para isso!* – disse Joly sem entonação especial. Antes que desligasse Ethan não se furtou de perguntar:

– Como Danielle passou a noite?

– *Bem. Nem sinal de nosso visitante e ao que tudo indica, ela conseguiu conciliar o sono sem você por perto. Quando fui vê-la antes de vir para cá, estava dormindo tranquilamente. Quase não tive coragem de acordá-la para induzi-la a ficar em casa e para que não convidasse ninguém a entrar. Ela sairá somente para ir ao restaurante. Achei melhor não alterar sua rotina. Mais alguma informação senhor?*

Apesar do tom sério, Joly parecia tranquila. Melhor assim Ethan considerou. Não queria nenhum dos seus amigos alarmados. Não quando a “desaparecida” está bem.

– Não – disse por fim. – Isso era tudo.

– Então venha... É hora da apresentação.

Minutos depois, quando já se vestia depois de um banho rápido Ethan se eriçou ao relembrar o toque dos lábios frios sobre sua cicatriz. Não gostava da marca; não queria que a vissem muito menos que a tocassem. Sempre tomava o cuidado de não dar as costas a ninguém, contudo, na situação inusitada, acabou por se distrair. A única que teria a liberdade de senti-la seria Danielle. Isso se não a considerasse horrível e destoante na pele de um vampiro. Tudo ao seu tempo, Ethan determinou.

Ao chegar à sua antessala cumprimentou dois futuros clientes que o esperavam. Depois de novamente cumprimentar Joly, seguiu para seu escritório. Antes que fechasse a porta sua secretária já o seguia.

– Vai me dizer por que não nos atendeu? – Ela indagou tão logo se acomodaram.

– Pegue de volta. – Ethan estendeu as chaves de seu apartamento que encontrou ainda na fechadura. Quando Joly as pegou, ele pediu: – Por favor, guarde-as em um lugar menos acessível.

– E que o obrigue a pedi-las em vez de danificar minhas coisas – ela retrucou.

– Desculpe-me. – Para mudar o rumo da conversa, Ethan respondeu à pergunta. – Quanto a não atender ao celular na noite passada, saiba que não o fiz por sua causa. Estou farto de brigas.

– Acontece que eu já tinha avisado que não interferiria – lembrou Joly, rolando as chaves em seus dedos.

– Sei disso, mas não muda o fato que suas atitudes são imprevisíveis. – Depois de encará-la por breves segundos, acrescentou: – Mas esse assunto está no passado. O que importa é o que virá e... Que Danielle assumiu um compromisso comigo.

– De verdade ou você a induziu? – Joly questionou ainda séria.

– Legitimamente, sem truques.

– Então fico feliz... Parabéns! – exclamou Joly, finalmente sorrindo. – E então? Quando vai contar que é imortal? Quando vai transformá-la?

– Calma! Cada coisa ao seu tempo – ele disse. – Ontem você disse algo que me deu o que pensar... Não quero ser aquele que consegue as coisas por se valer de poderes sobrenaturais. Antes de ser imortal sou homem e como tal quero que Danielle esteja comigo livre de dúvidas. – Ao prosseguir sentia uma leve pontada de ciúmes. – Então... Vou confiar em você e deixar que faça, seja lá o que tem em mente, para acabar de vez com qualquer possibilidade de aproximação entre Danielle e Paul.

– Pode confiar. – Joly lhe garantiu. – Quando ela souber uma ou duas coisinhas sobre o namorado... – Ethan fuzilou-a com o olhar. – Certo! Ex-namorado... Enfim, quando Dana descobrir certas coisas que ele fez, não vai querer vê-lo nunca mais.

– Isso é bom... – Ethan ciciou.

– Só não me pergunte do que se trata. Acho melhor ficarmos de fora. Aparentemente será um assunto somente entre eles dois.

– Está bem. – Ethan não gostava da idéia de Danielle se aproximar do rábula mesmo que fosse pela última vez, então perguntou inquieto. – Quando será isso?

– Preciso fazer uma visita e providenciar o cenário. – Joly pensou por um segundo. – Talvez hoje ou amanhã, não mais que isso.

– Desde que não atrapalhe meus encontros com ela...

– Agora está pedindo demais! Não tenho como prever a reação de Dana à descoberta. E espero que você saiba ser sensível e entenda caso ela se entristeça. Não vá se encher de ciúme e destratá-la. Seja paciente.

Ethan bufou. Já se arrependia por ter dado liberdade a Joly para promover o encontro, mas não voltaria atrás. Melhor se ocupar com outro assunto inquietante.

– Serei!... Eu prometo! Agora me diga... Andrew chegou?

– Sim... Está na sala dele. Calado como nunca vi. Perguntei sobre Samantha, mas ele não respondeu.

– Então vamos esperar até que ele resolva falar. Quem são esses que estão na antessala?

Sua eficiente secretária traçou o perfil dos homens que esperavam, porém, antes que dissesse o motivo pelo qual o procuraram, Andrew entrou sem esperar resposta depois de uma breve batida à porta. Ethan esperava por aquela visita, mas não tão cedo. Impossível decifrar a expressão nula do vampiro.

Sem deixar de encará-lo, Ethan pediu para que Joly se retirasse e apresentasse suas desculpas pela demora junto aos clientes. A imortal olhou de um ao outro e fez como solicitado. Quando estavam sós, Ethan fez sinal para que Andrew se sentasse. Já acomodados, esperou que o vampiro mais jovem começasse.

– Não sei mais onde procurar. Ontem fui a todos os lugares conhecidos e em outros tantos que nunca fomos e nada.

Ethan suspendeu a respiração; Samantha não havia voltado para casa. Desejou que ela tivesse partido, mas algo lhe dizia não ser o caso. Aquele novo sumiço poderia ter muitos significados. Analisando o vampiro à sua frente, Ethan disse cauteloso.

– Acredito que ela apareça em breve. Desculpe perguntar, mas... Vocês brigaram por algum motivo? Talvez tenha feito ou dito alguma coisa que a tenha magoado. Mulheres são tão sensíveis às vezes que surtam apenas com nossos pensamentos.

– Se é um profundo conhecedor do sexo oposto quem me diz, devo concordar. – Andrew sorriu brevemente, então sério respondeu: – Não brigamos. Ela simplesmente sumiu.

– Lamento! – mentiu.

– Bom... Só nos resta aguardar... Vim agradecer por se preocupar. Disse que estava com problemas e ainda assim arrumou tempo para os meus.

– Não me agradeça por isso. – Ethan retrucou, estranhando o olhar avaliativo de Andrew sobre si. Igualmente o analisando, inquiriu sem preâmbulos. – Por que não me informou do desaparecimento de Samantha assim que percebeu sua falta?

– Não imaginei que fosse algo sério. – Andrew respondeu depois de um minuto em silêncio. – Chamei Seager para me ajudar a procurá-la, pois não queria incomodar você ou Thomas.

– Desculpe-me, mas não acredito no que diz. – Ethan replicou, encarando-o. Algo lhe era escondido. – Sempre deixei claro que todos devem falar comigo quando necessário. Ainda mais agora com esse vampiro desconhecido na cidade. Poderia me deixar de fora de seus assuntos particulares, mas... E quanto às mortes? Por que não me procurou imediatamente?

– Por que não havia nada a ser feito. Se fosse o caso eu mesmo teria cuidado de tudo e hoje não teríamos mais notícias de mortes macabras nos jornais. – Andrew indicou os exemplares sobre a mesa.

– Ainda assim considero estranho. – Ethan o estudava com o olhar.

– Acha que eu estou mentindo? – Andrew endureceu o semblante.

– Absolutamente – disse o líder surpreso em ver uma centelha raivosa no olhar do vampiro. Sem se intimidar acrescentou: – Talvez omitindo.

– Quer saber? – Andrew se pôs de pé e Ethan, ainda que permanecesse sentado, ficou em alerta. O outro prosseguiu seriamente. – Eu tenho sim um bom motivo para não procurar por você. Apenas chamei por Thomas por insistência de Seager. Não queria outras pessoas envolvidas assim como não quero dividir nada com você agora.

– Seria prudente que baixasse o tom. – Ethan recomendou após um inspirar e expirar profundo. – Não estamos sós. E se continuar exaltado como está logo poderá dizer coisas que não devem ser ouvidas por humanos.

– Eu sei... – Andrew aquiesceu, baixando o tom; desarmando-se. – E reafirmo que não tenho nada a dizer para “você”. Poderia respeitar minha posição?

Pela atitude de Andrew, Ethan acreditou que talvez soubesse o motivo de não ter sido procurado. Então, respeitaria a dignidade de amigo.

– Sim... Não precisa dizer nada.

– Obrigado! Se me der licença vou para minha sala.

– Fique à vontade. – Ethan o liberou.

Acompanhando o vampiro de expressão derrotada que deixava a sala, Ethan considerou que algo estava fora de lugar, mas não soube identificar o quê. Já a porta, Andrew suspirou e, antes de abri-la, voltou-se e encarou o líder.

– Feliz é você McCain, que não se prende a nenhuma mulher. Provavelmente jamais sofrerá a dor pela perda de alguém que ame! Acredite em mim... É uma dor insuportável!

Ethan nada pôde dizer. Talvez já tivesse dado o primeiro passo para o sofrimento ao se apaixonar. Tudo que lhe restava era cuidar para que não perdesse Danielle e almejar que ela nunca o traísse. Porque no dia que acontecesse, matá-la-ia; fosse ela humana ou imortal. Faria como Henry. Com a diferença que não permaneceria no mundo, pois sabia que, como seu pai amou a esposa adúltera até a morte, ele próprio seria louco por sua bruxa eternamente.

∞

Talvez fosse seu bom humor que tornasse aquele dia nublado no mais radiante de todos. Dana nem se importava com os pacotes a mais que trouxe do mercado, como invariavelmente acontecia quando se excedia. E não se recriminava; estava feliz. Inacreditavelmente era namorada de Ethan McCain. Não amante eventual, não paquera dispensável, mas “na-mo-ra-da”. Sim, estava pateticamente feliz.

Como não estar quando aquele relacionamento já começava diferente? No final do encontro, por minutos se viu num angustiante *déjà vu* e acreditou que seria preterida sempre que o serviço chamasse pelo advogado. No entanto, bastou notar na expressão contrariada de Ethan o quão frustrado ele ficou, para ela saber que não seria trocada se não fosse estritamente necessário.

O que ficou gravado na memória foram os momentos compartilhados na praia ou em seu sofá; que por sinal precisou ser limpo da areia encontrada antes que ela saísse para comprar a ração de Black e mantimentos para os próximos quinze dias. Importante era sentir sua vida voltando aos eixos. Era dormir tranquilamente como Ethan desejou. Era ter um seu novo emprego e o encontro de logo mais à noite.

Com um suspiro satisfeito, Dana parou diante da porta do prédio. Sim, o dia estava lindo e tudo se encaixando a perfeição. Lutava com o molho de chaves e os pacotes de compras quando um entregador de flores passou ao seu lado. O rapaz tocou o interfone, precisamente no número correspondente ao apartamento dela.

– Acho que você tocou o número errado. Esse aí é o meu – informou prestativa.

O entregador a olhou de alto a baixo então conferiu a nota.

– Danielle Hall?

– Sou eu! – Dana franziu a testa. Quem lhe mandaria aquela flor linda sem qualquer motivo aparente?

– Então estou certo. Assine aqui – disse ele, estendendo-lhe a guia de entrega.

Tão logo Dana fez como solicitado, sem se importar com seus braços ocupados, o entregador encaixou o vaso precariamente entre os embrulhos e se foi. Dana se perguntou onde estava o cavalheirismo de antigamente. Depois deu de ombros enquanto o entregador mal-educado se afastava. Ethan começava a estragá-la, aquela era a verdade.

Equilibrando precariamente os itens em seus braços, Dana entrou. Em seu apartamento, depositou os pacotes que trazia sobre o sofá, colocou o vaso sobre sua mesa de centro e sentou para admirar o presente.

A flor na verdade se dividia em três; imensas flores de um vermelho vivo ligadas em uma única haste verde e firme. O vaso estava envolto em papel celofane igualmente vermelho, preso por um laço de palha; simples e refinado. Encaixado entre as inúmeras dobras do papel, estava um envelope. Dana o pegou; àquela altura apenas precisava confirmar. Ethan não aparentava ser o tipo de homem que se furtaria de fazer o que quer que fosse somente por que alguém disse não apreciar esse ou aquele gesto. Finalmente ela tirou o cartão do envelope e o leu.

A Amarílis me lembrou você.

Rubra e bela, como no breve instante em que a tive em meus braços.

Ethan S. McCain

P.S. Até a noite. Pense em mim!

O que ela disse sobre ganhar flores? Nem se lembrava. Estava completamente embevecida. E eletrizada por aquelas palavras escritas a próprio punho. Seus olhos corriam do papel à flor; incrédulos. Dana releu o bilhete; novo tremor. Era como se o “pense em mim” fosse dito praticamente ao seu ouvido. Com certeza ela pensaria nele muito mais do que já o fazia.

Subitamente um dos comentários de Ethan durante a conversa sobre flores espocou na cabeça de Dana. Nem se lembrou de guardar as compras. Voou para seu computador à caça do significado contido naquela flor. Encontrou num site especializado; orgulho, esplendida beleza. Dana olhou mais uma vez para a Amarílis. Aquela era sem dúvida uma forma diferente e maravilhosa de começar o dia.

Apenas com o gesto, Ethan deixava claro que a achava “esplendidamente bela”. Um sorriso lhe veio aos lábios. Nem tentaria decifrar o “orgulho” para não se envaidecer em excesso. Ainda sorrindo, Dana pegou o vaso e o colocou sobre a mesinha ao lado do abajur. Sempre que estivesse no sofá poderia admirar seu presente. Então, de súbito ocorreu a Dana o quanto estava sendo mal-educada. Ato contínuo pegou o celular e procurou pelo número de Ethan. Com o coração acelerado, esperou que ele atendesse. Na verdade não esperou; depois do primeiro toque ouviu a voz suave.

– *Bom-dia, Danielle!* – O tom de Ethan denunciava seu contentamento. – *Dormiu bem?*

– Sim, obrigada! – Procurando ganhar tempo, ela retribuiu a pergunta. – E você?

– *Já tive noites melhores!* – Ele declarou. Após segundos de silêncio, Dana retomou o assunto.

– Eu... eu liguei para agradecer as flores. São lindas. Obrigada!

– *Mesmo não estando na natureza?* – Ethan a provocou, depois de um riso breve.

– Um dia ela morreria até mesmo onde nasceu – Dana retrucou com um sorriso. – Pelo menos, antes do fim ela cumpriu a missão de entregar seu recado. Obrigada também pelo elogio.

– *Sabia que procuraria o significado!* – Ethan exclamou satisfeito. – *Não que eu precise de uma flor para mandar meus recados, mas achei que já era hora de mudar sua opinião. O orgulho em questão é da minha parte. Por finalmente tê-la comigo.*

Dana perdeu as palavras. Ethan tinha o poder de deixá-la desconcertada. Quando o minuto de silêncio, onde um apenas ouvia a respiração do outro, se tornou constrangedor ele veio auxiliá-la; a voz denotando comando.

– *Pensou em mim?*

– Sim, mais até do que seria capaz de explicar. – Ainda que fosse fácil responder, Dana estranhou tamanha sinceridade. O “sim” bastaria, mas como invariavelmente acontecia com Joly, sentiu necessidade de ser explicativa.

– *Pois saiba que o mesmo acontece comigo. Não esqueça que hoje eu irei buscá-la.*

– Impossível! – Dana sussurrou. Ethan riu satisfeito.

– *Então... Até a noite, Danielle.*

– Até a noite, Ethan.

Desligaram sem a troca de beijos infindáveis, comum em muitos telefonemas entre casais, porém Dana não estranhou ou sentiu falta. Sabia os beijos reais seriam melhores que os imaginados ou sonhados. Suspirando, ela passou as mãos pelos cabelos. Ainda que não entendesse o súbito surto de sinceridade, sentia-se feliz por ter ligado. A adrenalina boa de início de relacionamento estava de volta; animando-a.

Romance poderia não ser tudo como havia pensado antes, mas sem dúvida era fundamental. E com certeza, um com o advogado, após um tempo de atenções e gentilezas, se tornaria vital.

Com o espírito leve, Dana pegou seu pequeno computador para finalizar duas matérias que havia iniciado como freelancer, mas que enviaria ao *Today* como combinado. Decidindo que antes daria um breve passar de olhos sobre as notícias do dia, abriu o site do *New York Times*. Imediatamente uma das matérias em destaque chamou sua atenção.

Mortes misteriosas continuam

Na noite de ontem os corpos de dois homens aparentando terem entre 30 e 35 anos, foram encontrados sem identificação em Upper East Side...

A narrativa descrevia o estado dos corpos – exangues como os outros – e mais uma vez questionava a existência de alguma gangue ou um psicopata com tendências vampíricas. Como jornalista Dana entendia a necessidade de se fazer narrativas apelativas algumas vezes, mas condenou intimamente o colega por se aproveitar das características macabras das mortes. Matérias como aquelas eram as responsáveis por tornarem os leitores paranoicos. Não era de se admirar que a pobre senhora da noite anterior acreditasse que todo homem charmoso e pálido fosse um vampiro.

Irritando-se, Dana ignorou o ocorrido e não deu maior importância à matéria sensacionalista. Preferiu ler as demais, porém sem se aprofundar nos assuntos. Logo trabalhava em seus próprios textos. Finalizava o primeiro quando Black chegou e se deitou ao seu lado. Ela afagou a cabeça negra.

– Talvez goste de saber que seu mais novo amigo é meu namorado agora. – O felino lhe exibiu a barriga para que a acariciasse. – Se ele fosse um vampiro você saberia não é mesmo? – Black ronronou satisfeito com os carinhos. – Sim, sua dona é maluca... Está com fome?

O restante da manhã passou ligeiro. Apesar de sempre se distrair com Black e seu presente, Dana conseguiu terminar uma das matérias. Naquele começo de tarde, depois de almoçar um pedaço de lasanha gelada, ela se preparou para ir ao restaurante; penúltimo dia. Gostou de ajudar, talvez até sentisse falta da agitação, mas estava satisfeita que estivesse chegando ao fim.

A escolha de roupa não foi problema daquela vez. Ainda estava ansiosa, porém resolveu que não se preocuparia tanto. Escolheu um de seus jeans preferidos e uma camiseta preta básica. Deixou os cabelos soltos, para que secassem naturalmente. Vestiu seu casaco bege, pegou a bolsa e saiu rogando que o restante do dia corresse ligeiro.

O caminho até o Florença foi tranquilo, apesar de Dana constantemente se sentir vigiada. Há algum tempo não acontecia então, ela creditou a sensação à matéria sobre gangues e psicopatas. Talvez também fosse uma leitora impressionável, pensou com deboche, enquanto estacionava seu Accord. Melhor ocupar o corpo para desligar a cabeça, determinou. Ou talvez devesse apenas se ocupar de Ethan.

– Pelo que vejo o encontro foi perfeito – comentou Terry quando Dana entrou no restaurante. – Hoje você brilha mais que ontem.

– Sim... Foi perfeito! – Dana concordou.

– Então é sério? Vão se encontrar de novo? Já esqueceu Paul?

– Nossa!... Uma coisa de cada vez. – Dana riu e se aproximou da amiga. – Em primeiro lugar, sim é sério. Estamos namorando então ele vem me buscar novamente. E quanto ao Paul... Não o esqueci completamente, mas é algo infinitamente menor do que sinto por Ethan.

– Isso foi realmente rápido! – Terry exclamou. – Você e Paul sempre me pareceram o casal perfeito. Nunca imaginei que fosse substituí-lo dessa maneira.

– Nem eu achava possível – admitiu –, porém aconteceu.

– É... Às vezes acontece... – a amiga sorriu. – Depois quero conhecer o novo namorado. Assim como quero saber de todos os detalhes desse encontro de almas. – Olhando em volta, concluiu. – Mas não hoje... O dia promete ser cheio.

Dana apenas retribuiu o sorriso antes de cuidar da parte que lhe cabia. Como Terry previu, o movimento foi intenso e as horas pareceram se arrastar. Para inquietar Dana ainda mais, depois das onze da noite, ela voltou a se sentir observada. Como das outras vezes, Dana olhava em volta, porém nunca encontrou alguém que lhe dispensasse maior atenção. Ainda tentava ignorar a sensação e fazer seu trabalho quando, por volta das 11h45, uma das garçonetes veio chamá-la.

– Ei, Dana, tem uma mulher ao lado do balcão que deseja falar com você.

Imediatamente ela seguiu a indicação com o olhar. Havia somente uma mulher sentada num dos bancos altos. Dana viu apenas o perfil, mas a reconheceu. Olhando em volta, percebeu muitos olhares masculinos na direção da visita inesperada. Não os julgava; ela era absurdamente linda.

Dana não conseguia imaginar o que ela pudesse querer, mas só havia uma forma de descobrir. Colocando a caneta e o bloco de pedidos no bolso de seu uniforme, foi até o lugar indicado.

Capítulo Quinze

Dana piscou algumas vezes e focou a visão até enxergar com nitidez o salão repleto, sem saber o que fazia sozinha, ao lado do balcão. Tudo que sabia era que precisava sair dali. Ele viria encontrá-la! Terry que a desculpasse, mas precisava correr.

– Terry! – Dana chamou ao se aproximar do caixa onde a amiga trabalha. Ao ter sua atenção, anunciou: – Preciso sair. Queria poder ficar, mas não posso. Preciso sair “agora” – enfatizou.

– Está bem... – Terry respondeu confusa. – Aconteceu alguma coisa?

– Preciso me encontrar com meu namorado. Desculpe-me, mas preciso mesmo ir.

– Tudo bem...

Dana sequer ouviu o consentimento final. No vestiário se trocou às pressas, pegou a bolsa e saiu sem despedidas. Seu coração se oprimiu ao vê-lo; estava com tanta saudade. Sem pensar correu até ele. Ao vê-la o namorado se desencostou do carro e abriu os braços para recebê-la.

– Senti sua falta! – disse ele contra os cabelos dela, apertando-a num abraço.

– Eu também... Por que não veio antes?

– Acreditaria se eu dissesse que não sei por que agi daquela maneira?

– Não. Como alguém pode não saber o que faz?

– Mas é a verdade. – Paul a depositou no chão e segurou seu rosto. – Eu não sei por que desfiz nosso namoro.

– Não precisa mentir para mim. Sabe o quanto odeio isso. – Dana pediu tentando se afastar. Ele a prendeu pelos ombros fazendo com que ela o encarasse.

– Estou dizendo a verdade... Iria pedir você em casamento naquela tarde. Estava com o anel em meu bolso, mas... Não sei o que aconteceu. De repente era como se você não significasse nada para mim.

– Isso não está ajudando, Paul. – Dana o alertou magoadá.

– Eu sei meu anjo, mas apenas me escute – pediu. Dana o encarou enquanto ele dizia. – Você é a mulher da minha vida... Sempre foi você... Eu a amo! Reafirmo que não sei o que aconteceu, mas estou consciente agora. Perdoe-me... Nem faz idéia do quanto senti sua falta. Estive no inferno.

A última palavra despertou algo na mente de Dana. Onde ouviu alguém dizer que esteve no inferno? Não lembrava. Não com seu namorado ainda a se explicar.

– Lembra-se que certa vez eu disse que estava com um pressentimento ruim. Uma sensação de que a perderia? – Dana assentiu. – Pois então. Vê-la distante foi como a confirmação de que havia perdido você. Queria lutar contra isso, mas me sentia inerte, sem poder procurá-la. Era mais forte do que eu. Como se eu não fosse dono de minha vontade. Porém hoje, algo aconteceu e eu senti que deveria estar aqui. Era como se tivesse certeza de que você viria para mim.

– E eu vim! – Dana sorriu satisfeita.

– Sim... – Paul acariciou seu rosto. – Você veio.

Sem mais perda de tempo, ele a beijou com paixão própria aos saudosos. Sua língua insinuou-se nos lábios dela pedindo aceitação. Após um minuto, contida por uma estranha e forte hesitação, Dana retribuiu ao beijo. Liberando um gemido abafado, Paul a estreitou em seus braços. Ainda trêmula, ela lhe enlaçou o pescoço deixando que seu corpo se emoldurasse ao dele. Com outro gemido, o namorado a girou e a prensou contra seu carro, prendendo-a com seu corpo.

– Vamos sair daqui? – Paul pediu entre um beijo e outro.

– Vamos para meu apartamento.

– Não devemos ir para lá. Vamos para o meu – ele sugeriu.

Dana não entendeu a restrição uma vez que seu prédio era o local mais perto para estarem como desejavam, porém, apenas assentiu; Paul que a levasse para onde quisesse.

Minutos depois, ao fecharem a porta do apartamento de Paul, uniram as bocas para um beijo urgente. A caminho do quarto, seguiram lutando com suas roupas; peças eram atiradas ao chão, sapatos deixados pelo caminho. O interfone tocou. Ignorando-o, Paul livrou Dana do sutiã para que pudesse tocar os seios expostos. O interfone insistia, porém nenhum dos dois se importou. Já no quarto, em sua afobação, caíram sobre a cama. Paul girou os corpos, então se levantou e foi até o interruptor.

– Quero vê-la – declarou ao acender a luz.

Paul se aproximou para se deitar sobre ela, olhando-a faminto. Dana estranhou o brilho negro. Algo estava errado, deveria descobrir o quê, porém ficava difícil quando padecia com aquela saudade desmedida.

– Voltamos às boas, anjo? – Paul se mexeu sobre ela. – Sou seu namorado de novo?

– Acho que sim... – Novamente algo pareceu fora de lugar.

– Isso é bom – ele a beijou no pescoço antes de perguntar. – Pensou em mim?

A pergunta soou estranha naquela voz. O namorado tornou a beijá-la, uma das mãos esmagando-lhe os seios. Ele não a excitava como antes. Dana sabia que deveria se esforçar mais e corresponder, mas sua atenção era desviada para a janela que começou a tremer subitamente. Provavelmente o vento frio.

“Frio”. Ela gostava do frio. Por quê?

Alheio às divagações, Paul tentava estimulá-la mais, sem sucesso. O toque passou a incomodá-la e mais uma vez a janela trepidou. Uma sensação inquietante encheu o ar. Algo físico, como o anúncio de que não estavam sós. Preso à sacada mínima do prédio ao lado, um vampiro confirmava a impressão.

Ethan chegou àquele ponto, compelido por um pressentimento forte e incômodo que o acompanhou durante toda a tarde. Pelo mau presságio deixou seu escritório para assumir o posto diante do restaurante. Ao acreditar serem somente cismas motivadas pelos acontecimentos recentes e, sedento pelo vício do sangue diário, deixou sua vigília e foi à caça.

A sensação ruim novamente o acometeu quando já havia exposto sua intenção ao ladrãozinho que capturou. Após matá-lo, Ethan encobriu as marcas de seu ataque e voltou ao restaurante para, tarde demais, descobrir que Danielle tinha saído com o namorado. Imediatamente soube se tratar de Paul. Enfurecido por mais uma vez o rábula desobedecê-lo e alimentando um ressentimento crescente pela traidora que prontamente o trocou, Ethan soube por puro instinto que os encontraria em Hamilton Heights.

Com o ódio queimando em suas veias, sufocando-o, retirou o casaco e o atirou no banco traseiro de seu BMW e correu o máximo que o trânsito nova-iorquino lhe permitiu. Tentaria tomar a humana de volta, pois não estava disposto a perdê-la. Infelizmente não chegou a tempo de interceptá-los. Antes de estar ali Ethan ainda tentou impedir aquilo que uma maldita cortina não o deixava ver, ordenando ao porteiro que chamasse por Paul, contudo, o interfone sequer foi atendido.

Em seu limite, requisitou o número do apartamento; 802. Informação totalmente inútil, pois não poderia entrar e lhe pareceu pouco provável que o ocupado casal atendesse a porta. Decidindo pelo pior, Ethan ordenou que o porteiro o esquecesse e voltou à calçada.

Exortado pela curiosidade mórbida e uma necessidade quase doentia em confirmar a traição, Ethan vagou pela calçada com o peito a rugir; os olhos fixos no oitavo andar, até que a luz lhe indicasse para onde ir. Não havia como escalar o prédio por não lhe oferecer qualquer apoio, restando somente à construção vizinha com suas sacadas ornamentais. Em menos de meio minuto, ele galgou pelas grades até estar diante da janela maldita.

Logo a sanha assassina de Ethan se agravou ao ouvir a voz do rábula, cujos gemidos chegavam até ele como punhais. Talvez devesse ser atenuante que nenhum deles fosse da traidora, porém, ouvi-la reafirmar a falta sentida do ex não a livrava do julgamento; Danielle morreria. Com sua decisão o vidro oscilou pela primeira vez, contudo ele sequer notou. Destilava seu ódio pela humana. Ela que saciasse a falta de seu parceiro humano,

antes que se juntasse a ele no inferno. Ao imaginar os dois juntos, Ethan tremeu violentamente, seus olhos arderam.

O ciúme odioso o fez agarrar a grade e apertá-la até que o ferro fundido sob seus dedos se torcesse e esfarelasse. Ethan tentava se alegrar ao visualizar como abriria a garganta de Paul bem diante dos olhos de Danielle, e em todo o tempo a janela oscilava ainda mais...

Sim, alguém os observava, Dana podia sentir; mesmo que parecesse impossível, visto que ninguém poderia subir tão alto. Ela queria ir até a janela, mas estava presa, atada a uma força poderosa que a mantinha cativa de Paul; este ainda concentrado na tarefa de excitá-la. Dana tinha de ceder, porém cada vez mais ele a incomodava.

– Não me respondeu meu anjo. Pensou em mim?

A pergunta chegou aos ouvidos de Dana em outra voz; suave, mansa... E sem rosto. A janela ainda trepidava com a força do vento. Presa naquela espécie de sonho estranho, onde nada fazia sentido, Dana olhou para a vidraça. A sensação de observação vinha diretamente daquele ponto; chamava-a.

– Pensou em mim? – Paul repetiu a pergunta pela terceira vez, beijando-lhe o pescoço.

E então a voz ganhou um rosto. Ethan! Dana se perguntou como pôde esquecê-lo e o que estava fazendo ali. Alarmada, livre da força que a prendia, ela segurou as mãos de Paul para que parassem de tocá-la. Sentia-se exposta, usada, muito suja.

– Por favor, pare!

Ouvir o pedido repentino, totalmente fora do contexto, levou Ethan a se curvar, como se recebesse um soco no estômago; o ar lhe faltou, o vidro da janela trepidou violentamente.

– O que foi anjo? – Paul indagou, irritando mais o vampiro.

– Apenas pare – Dana pediu, ainda sem entender o que acontecia. – Preciso sair daqui.

– Não posso parar. – Paul anunciou, voltando a beijar-lhe o pescoço.

– Paul, é sério... Pare, por favor! – Ela implorou um tom mais alto, tentando empurrá-lo; o toque que por anos a excitou, enojava-a.

Se por um instante Ethan acreditasse ser capaz de invadir aquele apartamento sem prévio convite, teria se lançado contra a janela. Precisava desesperadamente entender o que se passava além das cortinas. Ainda completamente cego pela crise possessiva, ele se pegou àquele fio de esperança de que tudo não passasse de engano, que apenas Paul merecesse morrer. E ele o mataria; agora pelo simples fato de parecer forçá-la.

– Anjo, eu não “posso” parar agora. – Para provar a Dana o que dizia, apertou seu membro rígido contra ela que se debateu, empurrando-o pelos ombros. Paul a encarou visivelmente impaciente. – O que há com você? Estamos juntos, não estamos?

Paul novamente tentou unir as bocas. Todo esse tempo a janela tremia. Dana cerrou os lábios firmemente, negando acesso à língua que forçava passagem. Percebendo que não teria aceitação, ele cedeu.

– Mas que porra, Dana! Sei que não deveria parar, mas não consigo machucá-la.

Com o linguajar chulo e à menção de feri-la, um manto vermelho desceu sobre os olhos do vampiro tornando a noite um borrão ensanguentado. A vida de Danielle lhe pertencia. Se aquele humano asqueroso não deveria sequer fazer amor com ela, como cogitava causar-lhe algum mal? Tomado pelo ciúme, pela dor e pelo ódio extremo, sem deixar de olhar a janela, Ethan verdadeiramente rugiu como o animal que por vezes acreditava ser.

– Obrigada Paul, agora, por favor, deixe-me...

Dana nunca terminou a frase. O vidro que oscilava violentamente trincou e explodiu em mil pedaços para dentro do quarto. Não fosse a cortina cerrada, com certeza teriam sido atingidos. Com o susto, Paul a soltou imediatamente.

– Mas o que foi isso?! – Paul se colocou de pé sem se importar com os cacos espalhados pelo chão. Dana permaneceu imóvel, respirando com dificuldade. Paul pegou uma camiseta aleatoriamente em uma gaveta e a jogou em direção a ela. – Cubra-se.

– Cubra-se?! – Ethan repetiu num grunhido.

Confirmar não ter havido engano algum roubou a atenção de Ethan da força extrema que liberou ao atingir seu limite; tanta que sem estar perto ele foi capaz de quebrar a janela. Tampouco notou as luzes que se acenderam ou os dois moradores que vieram às próprias janelas especular o que havia acontecido, deixando-as logo em seguida. Aturdido por um turbilhão de emoções desencontradas, Ethan viu o maldito advogado abrir as cortinas repentinamente. Seminu, Paul passou a avaliar o estrago em sua janela. A ira reacendeu no âmag do vampiro. O rábula não tinha permissão de vê-lo.

Ansioso, Ethan saltou e se agachou sobre a beirada da grade. Expectante, aguardou que seu rival chegasse mais perto, se Paul inclinasse o corpo alguns centímetros para fora do batente, ele o pegaria. No quarto, ainda a tremer pelo susto, Dana sequer obedeceu, apenas observou enquanto Paul olhava a janela. O vento frio que agitava as cortinas e invadia o quarto a tirou do torpor.

Tomando cuidado para não se cortar, ela foi até a sala buscar suas roupas, ainda incrédula quanto ao que tinha feito. O que diria para Ethan? Aturdida Dana se vestiu às pressas, dispensando o sutiã. Ao calçar os sapatos seu primeiro impulso foi deixar o apartamento, contudo achou que talvez devesse resolver aquela situação de uma vez por todas.

O desejo de sangue do vampiro sofreu forte abalo ao ver a humana, também seminua, passar por seu campo de visão. Ele não soube o que pensar ou fazer. Cogitava descer e interceptá-la na rua quando a viu voltar ao quarto e parar às suas costas do “namorado”;

para o bem de toda sanidade, Danielle estava completamente vestida. Ainda assim, os olhos de Ethan faiscaram. Se ela estivesse ali contra a vontade teria ido embora ao ter a chance.

Aquela era a confirmação definitiva; Danielle era como todas as outras mulheres, uma víbora traidora.

– Precisamos conversar. – Ethan a ouviu dizer em tom estranho.

Queria ver o que aconteceria, contudo Paul fechou as cortinas deixando apenas uma brecha mínima antes de perguntar se ela estava machucada. Danielle negou, ainda com o tom estranho. Entender o que acontecia parecia impossível. Indicando que dividia a mesma dúvida de Ethan, Paul perguntou:

– Dana o que está havendo? Pensei que estávamos bem.

– Não sei explicar, Paul. Talvez por algum tempo estivéssemos mesmo, afinal... Senti tanto sua falta.

Para Ethan a resposta foi tanto odiosa quanto pouco esclarecedora.

– Eu não entendo. – Paul continuava confuso; como Ethan.

– Eu também não entendo. – Dana declarou. – Só sei que, assim, do nada, eu quis estar com você...

As palavras da humana fizeram algo estalar na mente do vampiro. Seria possível que... Ethan não concluiu o raciocínio ao ter a atenção desviada pela conversa indigesta que seguia.

– Então, Dana... Se você sentiu minha falta como eu sinto a sua... Qual o problema? Por que não reage a mim e me afasta dessa maneira. Pensei que me amasse.

– Eu amo... – ela assegurou sem qualquer hesitação. Ferido em seu âmag, Ethan entendeu que esteve se enganando nos últimos dias; não havia interesse dela pelo homem, apenas encantamento pelo atraente predador. Ele estava prestes a deixar a sacada, quando a humana completou: – Mas não o amo como antes. Talvez você não entenda afinal nem mesmo eu sei como aconteceu, mas... Eu me apaixonei por outra pessoa.

Ethan estacou a meio caminho de saltar para a sacada abaixo.

– Como disse? – Paul quase gritou. – Quem é ele?

– Isso não vem ao caso. – Dana retrucou novamente sem titubear. – Tudo que precisa saber é que estou com ele agora.

Não Danielle, Ethan pensou enfurecido, você está com outro, quase se entregou a ele.

– O que diz não pode ser sério. – Paul duvidou. – Não têm dez dias que terminamos Dana.
– Não terminamos. “Você” rompeu comigo e aconselhou que eu seguisse com minha vida.

– E você me obedeceu, rapidinho – ele debochou. – Foi o quê? Amor a primeira vista?

Mais uma vez empoleirado sobre o parapeito da sacada, Ethan ansiou pela resposta e acreditou que morreria no minuto que se seguiu até que Danielle finalmente exclamasse:

– Talvez tenha sido isso mesmo, está bem? Eu já disse que não sei como aconteceu, mas não pude evitar. E agora estamos juntos, então... O que quase aconteceu aqui não vai se repetir. Nunca mais.

– Ainda custo a acreditar. Você já estava me traindo, isso sim.

– Não, Paul. Não estava... E se quer saber a verdade, eu me considero desleal com ele bem agora, enquanto falo com você depois de quase termos ido para a cama.

– Justamente! Quase fomos para cama. Se “ele” é tão importante como pôde ir tão longe?

– Eu já disse que não sei! – Dana alteou a voz. – Não sei por que estou aqui... Eu nem queria estar aqui, droga!

Ainda que estivesse raivoso, a visão de Ethan se clareou. Ali estava a confirmação. Não houve uma recaída. Danielle foi apenas usada; manipulada.

– Preste atenção ao que está dizendo. – Paul pediu conciliador, levando Ethan a rosnar. – Estamos juntos há três anos. Nós somos muito mais importantes do que qualquer desentendimento. Está apenas confusa, anjo. Quando a mantive distante, você quis uma distração. Posso entender isso. E até prometo esquecer se você aceitar voltar para mim.

– Sinto muito. E se você não puder entender ou perdoar, tudo bem. Apenas lamento, pois pensei que pudéssemos ao menos manter nossa amizade.

– Só pode ser piada! Depois de tudo o que aconteceu aqui e todas as coisas absurdas que disse, quer ser minha amiga? Fracamente Danielle Hall!

Com o escárnio, Ethan arriscou sentir algum respeito pelo rival; poderia odiá-lo, mas não negar que Paul tivesse brio.

– Bom, já vi que essa não é a melhor hora para conversarmos e...

– Se você vai insistir nessa bobagem de estar com outro – Paul a cortou bruscamente –, não acho que vamos ter outra hora para conversarmos.

– Está bem. Acho que você está certo. É melhor eu ir embora.

– Eu a levo – ele disse de mal humor. – Não é minha pessoa preferida no momento, mas não posso deixá-la sozinha à uma hora dessas.

– Não precisa se preocupar. Quando chegar à portaria eu chamarei um táxi.

Com sua recusa Danielle atrapalhou os planos de Ethan, ainda muito disposto a se livrar do humano.

– Tem certeza? – Paul perguntou de mau humor.

– Tenho. Obrigada... E me desculpe se o magoei de alguma forma.

– Sinceramente ainda não sei o que pensar... Não digeri a novidade.

– Não há o que digerir. Acredito que expliquei tudo.

– Já que não precisa de mim, vá de uma vez – Paul pediu educadamente. – Eu quero ficar sozinho.

Ethan ouviu a movimentação da humana até que a porta fosse fechada. Confiando que ela não voltaria atrás uma vez que estava – milagrosamente – livre de uma indução, Ethan deixou seu posto, valendo-se das sacadas. Na calçada esperou impaciente. Deixaria que Danielle se fosse, então a seguiria; precisava descobrir quem tramou contra eles. Acreditou que ela ficaria no interior do prédio até que a condução chegasse, porém, sem aviso, Danielle saiu e passou ao lado, eriçando-o com a súbita aparição.

Por não medir as consequências, faltou muito pouco para capturá-la. Ethan refreou seu instinto ao sentir o cheiro do rábula misturado ao dela, vindo com o vento contrário. Não se fiando em sua pouca benevolência, deixou que Danielle ganhasse distância. Afinal, apesar da inocência dela, ele ainda se sentia traído, tinha sede de sangue; melhor não arriscar.

Seguindo-a de longe, Ethan se perguntou para onde Danielle estaria indo. Não era seguro ficar sozinha na rua àquela hora. Então ele riu escarninho da preocupação, depois de ansiar matá-la. Ethan a defenderia do mundo, mas... Quem a defenderia dele? Se Danielle não tivesse despertado, morreria inocente, mas morreria. Com o pensamento Ethan se impacientou. Cogitava prender a respiração para abordá-la, quando há duas quadras do prédio onde esteve, Danielle parou.

Abraçada ao próprio corpo, apertando fortemente a frente do casaco e a alça de sua bolsa, Dana olhou de um lado ao outro. Havia desistido do táxi, pois estava impaciente demais para esperar, nem sabia que rumo tomar. Ainda não atinava como pôde esquecer Ethan, e ter a lembrança de outro episódio semelhante tornava toda aquela maluquice ainda pior. Não sabia de mais nada, apenas que precisava estar com ele.

Ethan então a viu ajeitar o cabelo, remexer na bolsa e sacar o celular. Acreditou que finalmente Danielle chamaria um taxi, mas sentiu seu próprio aparelho vibrar. Entre exultante e incrédulo, atendeu antes do segundo toque, sem deixar de olhar para ela.

– Danielle, onde está?

Ao ouvir a voz rouca e preocupada, Dana se arrependeu do impulso.

– Oi, Ethan... – O que diria? Ela pensou aflita. Afinal estava na rua do ex; quase se entregou a ele. Nervosa Dana não encontrava palavras. – Eh... Desculpe... Talvez...

– Onde, Danielle? – Ethan indagou energicamente. Viu quando Danielle encolheu os ombros, mas não se apiedou. Uma vez que o chamou, não haveria volta.

– Estou em frente ao Saint Nicholas Park esquina com a 139th Street. – Dana estremeceu. Era como se estivesse diante dos olhos acusadores. Estava perdida!

– Não saia daí – ele ordenou e desligou.

Mesmo no limite de sua paciência, Ethan não se moveu. Não poderia simplesmente surgir em menos de dois minutos, então ficou a observá-la. Contentou-o ver Danielle incomodada, minimamente se afastando mais do prédio do ex. Ethan a deixou após dez minutos de observação para logo em seguida retornar. Finalmente a teria de volta.

Capítulo Dezesseis

Dana ouviu a derrapagem numa curva feita em alta velocidade. Logo soube de quem se tratava. Seu coração acelerou apenas com o ronco do motor que se aproximava. Podia sentir o rosto ardendo de vergonha e medo. Por conta daquele encontro estranho e inesperado com Paul, poderia colocar tudo a perder. Quando o BMW parou no meio fio, Dana teve a impressão que já chegou com a porta do carona aberta.

– Entre! – Foi tudo o que Ethan pôde dizer com voz estável.

Com a ordem, a Dana restou obedecer.

– Oi... – ela o cumprimentou num fio de voz ao entrar no carro; não teve resposta.

Ethan partiu a toda velocidade enquanto Dana ainda procurava pelo cinto de segurança. Parecia furioso. Era óbvio, ela considerou. Afinal Paul era um dos funcionários de Ethan e talvez ele soubesse exatamente onde estava. Dana queria explicar, mas não sabia como faria sendo que nem ela mesma entendia. Como diria a Ethan que, além de esquecê-lo, atirou-se nos braços do ex acreditando que daquele encontro dependesse a vida dela?

Ledo engano de Ethan acreditar que ter Danielle ao seu lado fosse arrefecer sua raiva. Parecia que depois de quebrar a janela, as sensações percorriam seu corpo, potencializadas. Ethan apreciava aquele poder inexplicável e súbito, mas também o temia. Não sabia o que aconteceria com quem estivesse por perto caso se descontrolasse, e na presente situação, sua vítima seria sua humana.

Ethan gostaria de se acalmar, mas não ajudava sentir o cheiro de outro homem misturado ao dela. Ele sequer conseguia olhá-la. Inflamado até mesmo pela postura arredia e temerosa de Danielle, Ethan pisou fundo no acelerador, correndo o máximo que podia na ânsia de chegar ao seu destino para que ela se banhasse e se livrasse daquele odor detestável.

Sim, era irracional, mas se sentia afrontado. Como se fosse um animal e um macho rival tivesse invadido seu território, obrigando-o agora a desesperadamente marcar sua fêmea com o seu cheiro. Sentindo aquela força estranha ganhar espaço, Ethan considerou ser primordial domar seu mau gênio. Precisava se distrair. Ser racional, pois para todos os efeitos não tinha conhecimento do ocorrido.

Alguém civilizado teria respondido ao cumprimento; teria perguntado amistosamente o que a namorada fazia em Hamilton Heights àquela hora quando tinham um encontro em Little Italy. Porém não havia civilidade no vampiro naquele instante.

– Tem ideia do quanto tornou minha vida miserável esta noite? – Ethan ciciou.

Dana encolheu os ombros, instintiva, lamentando a quebra do silêncio providencial. O momento pedia uma explicação que ela simplesmente não tinha. Sendo sincera, começava a cogitar a hipótese de editar ao máximo o pouco que se lembrava ou fez. Ethan jamais a perdoaria, ainda mais depois de ter garantido que não acreditava em recaídas.

– Desculpe-me – falou cautelosa –, sinceramente não sei o que aconteceu. Não planejei vir aqui.

– Acredite Danielle – ele retrucou entre dentes, sem total domínio sobre si mesmo. – Se esse seu “encontro” tivesse sido premeditado, agora você não estaria em meu carro.

Dana enregelou ao confirmar que Ethan sabia onde ela esteve. Não a ameaçou, mas pareceu que sim. Estremecendo, ela especulou silenciosamente se ele seria violento. Não eram raros relatos sobre casos de ciúme extremo que acabavam em homicídios passionais. Sempre os repudiou veementemente, então, por essa razão, Dana se desconheceu. Mesmo temerosa, apreciou a possessividade contida em cada palavra.

Criando coragem, ela olhou furtivamente para o motorista. O rosto de Ethan carregava a sombra escura de uma raiva genuína. Parecia ter sido entalhado em pedra. Uma escultura de Michelangelo que enviava uma mensagem muito clara; agora você é minha Danielle Hall e ninguém mais põe a mão. Dana deveria temê-lo, contudo se excitou com as emanções de domínio.

E mais uma vez Danielle estremeceu e se encolheu. Ethan podia sentir-lhe o medo, não queria que fosse assim. Tentava procurar palavras para acalmá-la quando sentiu o cheiro de cio. Sua fúria então voltou com força total. Danielle realmente não tinha noção de perigo. Se ele colocasse as mãos nela, malcheirosa como estava, provavelmente a mataria na tentativa de reafirmar sua posse. Já não havia feito isso, por muito menos, a poucas noites atrás? Ethan apertou o volante e manteve os olhos fixos a sua frente, ignorando-a completamente.

– Entendo que esteja chateado. Afinal, tínhamos um encontro, mas não entendo toda essa raiva... Nada aconteceu!

– Tem certeza? – Ethan a olhou rapidamente, enviesado.

– Tenho. – respondeu desconfortável. – Nada de “grave” aconteceu. Talvez você não acredite, mas... Nem mesmo sei como tudo isso começou. É estranho explicar...

– Então não explique – retrucou de mau humor; agora aborrecido com ele mesmo.

Sabia que Danielle havia sido usada sem chances de defesa. Caberia a ele ajudar e proteger sua namorada, não acusá-la de acontecimentos que iam além do limitado entendimento humano. Ante a constatação, um pensamento súbito o tomou de assalto; ele era o culpado por permitir que Joelle interferisse. Evidente que aquele encontro infernal foi promovido por sua “boa” amiga. Transferindo uma parte considerável da raiva sentida à vampira, Ethan modulou a voz e deu a humana uma alternativa de explicação.

– Apenas me diga. Conseguiu resolver o que queria?

– Como?! – ela pareceu confusa.

– Paul fará parte do seu círculo de... amizades? Foi para isso que o procurou, não foi?

Dana pensou por um momento e resolveu que aquela opção oferecida, sem dúvida era melhor que uma inexistente.

– Sim, foi... E não. Nada de amizade com Paul. – Seria inviável, pensou.

– Ótimo! Receio não ser civilizado o suficiente para dizer que sinto muito quando não sinto.

– Não se preocupe com isso – Dana lhe sorriu timidamente. – Não tem importância.

Ethan agradeceu aos deuses o fato de Danielle não se importar com o rompimento definitivo. Com o coração um pouco mais calmo, subitamente, a considerou muito frágil. Ethan desejou estender a mão e tocar-lhe o rosto, mas o mau cheiro realmente o incomodava. Restou apenas se concentrar em dirigir. O silêncio opressor perdurou todo o restante do percurso. Quando estacionou em East Village, Ethan notou que Danielle se preparou para descer.

– Fique onde está – ordenou, e Dana o obedeceu sem questionar. Ele quase lhe ceifou a vida, então o mínimo que poderia fazer era continuar a ser um cavalheiro.

Ethan contornou o carro e abriu a porta para que Danielle saísse, porém dessa vez não lhe deu a mão. Simplesmente não conseguia tocá-la. Novamente em silêncio, seguiram até o apartamento. Dana sentia Ethan distante mesmo estando às suas costas. A pouca naturalidade adquirida tinha sido perdida após a ação inexplicável. Ao chegar à sua porta Dana ainda não sabia o que fazer, ou dizer.

– A noite foi estranha – murmurou pesarosa. – Vou entender se não quiser entrar e...

– Ainda é cedo. – Ethan determinou. – Podemos conversar um pouco mais se não tiver problema.

– Não tem...

Ainda que estivesse receosa, Dana o presenteou com um sorriso sincero. Então, entrou e deixou que Ethan a seguisse. Black estava sobre o sofá. Apenas ergueu a cabeça negra para encará-los e voltou a dormir.

– Pelo visto Black gostou mesmo de você. – Dana comentou deixando a bolsa na outra extremidade do sofá para retirar o casaco. – É diferente, pois ele sempre foge de estranhos.

– Ainda sou considerado um estranho? – Ethan perguntou bruscamente, inflamado pelas palavras e pelo cheiro do rábula que logo impregnou a sala. Também não ajudou reparar os

seios livres sob a blusa amassada, lembrando-o que ela se vestiu às pressas. O ciúme que ainda o atacava se agravou. – Diga! – demandou. – Ainda sou um estranho para você?

– Ethan, eu não... – ela se calou. A animosidade velada por fim a amedrontava.

– Danielle, leve esse casaco daqui e tome um banho. Livre seu corpo e seu cabelo desse cheiro insuportável. Quando estiver limpa, cubra-se e volte para cá.

Sem hesitar, Danielle obedeceu à indução. Ao ouvir o chuveiro ser ligado, Ethan deixou o apartamento disposto a esclarecer toda ação daquela noite com quem lhe daria respostas. Nem precisou anunciar sua chegada, Thomas o aguardava com a porta aberta, dando passagem para que entrasse. Ethan o mediu, especulando se o amigo teria alguma participação no ocorrido. Não teve a oportunidade de perguntar, pois Joly veio interpelá-lo, ansiosa.

– O que houve que chegaram mais cedo?

– Pergunta como se não soubesse. – Ethan começou, controlando sua voz enquanto olhava de um ao outro, escrutinador. – Danielle deixou o restaurante mais cedo para o encontro que “você” providenciou – disse para a francesa.

– Encontro que eu providenciei? *Impossible!* – Joly exclamou.

– Ora, faça-me o favor Joelle. – Ethan escarneceu. – Sei que sou tão culpado quanto você por permitir, então não negue.

– Está maluco?! Nunca me passou pela cabeça colocar os dois juntos.

– Joly não faria uma coisa dessas. – Thomas tomou a palavra.

– Pois ela fez! – Ethan retrucou olhando para o amigo com cenho franzido. – E a culpa também é sua. Se não ficasse cheio de cuidados com aquele humano infeliz eu já...

– Não agora, por favor! – Thomas pediu, cortando-o. – Precisamos todos saber o que aconteceu.

– Eu já disse – Ethan falou pausadamente. – Danielle saiu mais cedo para se encontrar com Paul, pois Joly ditou novas ordens.

– Eu jamais iria contra as suas palavras. Acredite. Eu não fiz o que pensa – assegurou Joly, sem qualquer receio.

Ethan a analisou por um instante.

– Certo! – ele disse por fim, reconhecendo que Joly não o trairia daquela maneira. – Eu acredito, mas é fato que alguém tirou a ordem e Paul foi procurá-la. E tem mais... Quem o liberou induziu Danielle a acompanhá-lo.

– Está vendo! – Joly exclamou. – Eu jamais faria isso com ela.

– Nosso intruso, então? – perguntou Thomas franzindo o cenho descrente.

– Não sei. Pareceu-me lógico que tivesse sido Joly. Agora volto a não entender. – Ethan passou as mãos pelos cabelos. – Danielle está tomando banho. O jeito agora é descobrir por ela quem a induziu.

– Faça isso – disse Joly. – De minha parte reafirmo que não fui eu. Minha ideia é que alguém conte certas verdades para Dana e só. Talvez ela procure Paul para tirar satisfações. Com certeza brigarão. Nada mais.

– Certo! Eu acredito – assegurou. – Logo saberemos quem foi.

Enquanto novamente agitava os cabelos com mãos impacientes, Ethan cogitou contar aos amigos a façanha com a vidraça; dizer-lhes como sentia seu corpo diferente depois de toda força liberada, mas se calou. Com certeza o assunto se estenderia e a prioridade era interrogar Danielle uma vez que não conseguiu nada novo.

– O melhor que tem a fazer é voltar para o apartamento da humana e ver o que descobre – aconselhou Thomas, alheio aos pensamentos de Ethan. – Se precisar é só chamar, estaremos aqui ouvindo.

– Obrigado!

Ethan os deixou sem mais palavras. Chegou ao apartamento e descobriu que Danielle ainda estava no banho. Inquieto, com necessidade de movimento e uísque, foi até a cozinha vasculhar os armários até encontrar a bebida ordinária que havia ali. Escreveu uma nota metal onde anotou a necessidade de providenciar um puro malte para deixar a sua disposição. Abaixo, na mesma nota, marcou a urgência em apagar todo e qualquer traço deixado pelo rival. Bem, Ethan pensou com escárnio, no momento tinha de se contentar com seus restos.

Ao se servir voltou à sala. Esteve tão distraído em seu ressentimento que sequer notou os passos de Danielle, já sentada no sofá ao lado de Black; ereta e finalmente cheirosa. Tinha os cabelos molhados, vestia um roupão atalhado decentemente fechado, mantinha as mãos sobre o colo, obediente ao seu comando. Disperso, ele se perdeu na visão e desejou ir até a humana para abraçá-la, beijá-la e, sim, possuí-la para confirmar sua posse. Contudo, como se não bastasse seu entrave em tocá-la, naquele momento não poderia.

Logo ao lado havia dois vampiros tão curiosos quanto ele com toda aquela situação, ouvindo tudo que se passava ali. E era seu dever como líder descobrir quem havia se atrevido a mexer com sua mulher. Sorvendo o uísque ruim de um gole só, Ethan depositou o copo sobre a mesa de centro e se sentou sobre ela para que ficasse frente a frente com Danielle. Fez menção de pegar-lhe as mãos, mas se deteve. Ela olhava diretamente para ele com os olhos amendoados. Ethan se perdeu neles e, tão encantado quanto o faria com ela, ordenou:

– Danielle, eu quero que se lembre do que aconteceu hoje no restaurante. Vou lhe fazer umas perguntas e você me responderá a verdade.

– Está bem... – Ela aquiesceu. Ele respirou fundo e iniciou seu interrogatório.

– Paul foi procurá-la? Ou você o procurou?

– As duas coisas. Paul me esperava então fiz como ela mandou e fui encontrá-lo. Ela disse que eu o amava e sentia a falta dele. Bem, eu ainda sentia alguma, só que ficou pior... Ela pediu que eu esquecesse você e a conversa que nós duas tivemos. E também, que aproveitasse meu tempo com Paul, pois você mataria a nós dois. – Juntando as sobancelhas Danielle acrescentou: – Não sei por que você faria uma coisa dessas. Não quero que mate Paul.

As palavras dela o incomodaram, porém nem mesmo teve tempo de se ressentir, pois Danielle logo acrescentou:

– Não quero que você tenha problemas. Nem que seja um assassino, Ethan.

A declaração o surpreendeu; e o inquietou. Danielle se preocupava com “ele”, contudo não poderia fazer nada quanto a não ser um assassino. De toda forma, aquele não era o momento de pensar no assunto. Não havia necessidade de retrucar, então procurou saber o que mais importava.

– Quem mandou que fizesse essas coisas?

– Sua amiga.

Ethan se pôs de pé em um salto ao que foi imitado por Black. Os dois com os pelos eriçados. Assustado, o gato saiu disparado para a cozinha. Antes que pensasse em ir até o apartamento vizinho Joly já entrava sem bater. Ethan deu um passo a frente ao que foi detido por Thomas que se interpôs entre eles com a mão direita estendida, um rosnado baixo em seu peito.

– Não se atreva! – ele alertou a Ethan.

– O que está pensando? Não vou tocar nela, mas Joly me deve uma explicação. – Olhando para ela inquiriu: – Qual a razão de negar quando sabia que eu descobriria?

– Minha Joly não mente! – O amigo falou pela esposa, impedindo-a de avançar.

– Pois não é o que parece.

– *Mon chérie*, pode sair da frente, por favor! Eu me entendo com ele. – Joly pediu docemente. Sempre encarando o amigo que lhe sustentava o olhar, Thomas deixou que ela fosse adiante. Antes que Ethan a questionasse, ela ergueu uma das mãos e anunciou: – Não vim aqui falar com você McCain.

Então, sem se importar com a expressão hostil de Ethan, ela se pôs em frente da jovem que permanecia sentada no sofá assistindo a cena, impassível. Abaixando-se para que seus olhares se encontrassem, Joly perguntou:

- Eu lhe disse para fazer essas coisas Dana?
 - Não você. – Dana exclamou. – A outra amiga... A Alice.
 - Agora acredita? – Joly indagou altiva, encarando Ethan.
 - Acredito – ele respondeu contrariado. Thomas franziu o cenho, olhando de um ao outro. Antes que qualquer um deles prosseguisse, Dana continuou falando.
 - A Alice esteve aqui hoje pela manhã.
 - O quê?! – Ethan e Joly perguntaram em uníssono, alarmados. Ele voltou a se sentar na mesinha de centro enquanto a amiga ocupou o sofá ao lado da humana.
 - Como assim, ela esteve aqui? – Joly perguntou.
 - Ela veio depois que você foi embora, Joly... Pediu que eu a convidasse a entrar.
- Ethan sabia que humanos não podiam ser induzidos a isso, mas tantas coisas estranhas aconteciam nos últimos dias que seu velho coração gelou.
- E você convidou? – A francesa perguntou expectante.
 - Não – Dana respondeu, olhando diretamente para Ethan. – Alice se aborreceu, mas deu de ombros e disse que meu apartamento fedia. Disse que você deveria sentir o mesmo ciúme que ela sufocava há anos e que seria muito melhor se você me matasse.
 - Apenas isso? – Joly indagou, chamando a atenção de Dana para si.
 - Não... Ela disse também que eu estava livre para sair. Que aproveitasse meu último dia de apaixonadinha e que me esquecesse dela. Era cedo, eu estava cansada... Voltei a dormir.
 - O que fez depois? – Joly insistiu. – Mais alguém esteve aqui?
 - Apenas o entregador da flor que Ethan me deu. – Dana voltou a olhá-lo e sorriu, então uniu as sobrancelhas e lamentou: – Ele não é gentil como você. Não me ajudou com as compras.
 - Então você de fato saiu?! – Joly exclamou incrédula.
 - Tive de sair. – Dana respondeu simplesmente, olhando para a amiga. – Precisava de mantimentos.

Alarmada, Joly olhou para Ethan que ouvia a tudo em silêncio. Sem sequer retribuir o sorriso de Danielle, ele se pôs de pé e passou as mãos pelos cabelos. Sua mente fervilhava. Como se fosse possível, odiava mais Samantha pelo atrevimento e por expor a humana ao perigo. Ele próprio reconhecia ter falhado com ela, não somente naquela noite, mas sempre. Joly o olhava interrogativamente, mas foi Thomas quem o interpelou, confuso.

- Que conversa é essa? De qual Alice ela está falando?

– De qual Alice? – Ethan igualmente perguntou para responder logo em seguida. – A versão vagabunda e imprópria para menores do País das Maravilhas.

– Ah... Samantha! – Thomas exclamou ao entender.

– Sim, Samantha. – Ethan confirmou olhando novamente para Joly. – Perdoe-me. Danielle respondeu tão espontaneamente que...

– Que você logo imaginou que eu pudesse mentir e trair – ela o cortou, aborrecida. – Um pouco de confiança cairia bem nessas horas.

– Já disse que sinto muito! – Ele retrucou azedo. – Essa foi uma noite horrível. Tudo muito confuso e intenso.

– Tudo bem, Ethan! – Thomas tomou a palavra. – Entendemos, mas... Agora é que tudo ficou realmente confuso. Eu gostaria de entender qual o interesse de Samantha por Danielle. – Estreitando os olhos prosseguiu: – E saber por que você não está surpreso depois de todo absurdo que ouviu aqui?

– Estava pensando a mesma coisa. – Joly reiterou. – O que está acontecendo? Que história é essa de Samantha sentir ciúme de você “por anos”?

O vampiro sabatinado olhou de um ao outro. Aquela era hora de revelar o incidente ocorrido em sua cobertura. Poderia ser bobagem de sua parte, mas não queria contar na frente de Danielle; mesmo que ela nada recordasse. Ethan se sentou diante dela mais uma vez.

– O que acha de ir dormir agora? – sugeriu carinhosamente.

– Seria perfeito – ela lhe sorriu brandamente. Ethan ergueu a mão para tocá-la, porém cerrou o punho a milímetros do rosto amado e o baixou.

– Então vá. Esqueça tudo o que aconteceu após nossa chegada e durma.

Colocando-se de pé juntamente com Danielle, Ethan a seguiu com o olhar até que ela deixasse a sala, questionando-se quando seria capaz de tocá-la. Com o coração oprimido, tão logo foi deixado só com seus amigos, falou:

– Bem... Primeiro vou explicar porque a atitude de Samantha não me espantou.

– Por favor... – pediu Joly se acomodando melhor no sofá. – Isso está me matando!

Thomas se sentou ao lado da esposa, tão curioso quanto ela. Ignorando-os por um instante, ainda nervoso, Ethan tirou os sapatos e as meias para sentir o chão como se assim pudesse descarregar um pouco daquela nova energia que ainda corria por seu corpo. Depois de um minuto, fitando os dois disse de uma só vez.

– Samantha foi até minha cobertura essa madrugada.

– O que ela queria? – indagou Joly.

– Por que não foi para casa? – Thomas perguntou ao mesmo tempo e prosseguiu: – Andrew ainda estava inconsolável hoje.

– Eu sei – disse Ethan. – Conversamos em meu escritório. Enfim, voltando à Samantha... Ela foi até minha cobertura e se ofereceu para ser minha esposa.

– Ethan?! – Thomas exclamou repreensivo.

– Não tenho nada a ver com isso! – Ethan se sentiu ofendido. – Sempre a detestei e deixei muito claro.

– É verdade. – Thomas concordou. – Desculpe-me. É que você sempre foi tão mulherengo...

– Pode ser, mas nunca me insinuei para as mulheres de nosso grupo.

E que os deuses o desculpassem pela mentira, Ethan rogou incapaz de encarar Joly para que Thomas não flagrasse qualquer cumplicidade que o delatasse. Naquele instante ele percebeu o quanto fora injusto com a leal amiga.

– Então eu estava certa – ela concluiu, tirando-o do devaneio. – Samantha surtou.

– Não usaria essa palavra – Ethan retrucou. – Até mesmo a atitude dela é estranha. Samantha nunca demonstrou qualquer interesse por mim.

– Isso não significa nada. – Thomas ponderou. – Ela poderia muito bem gostar de você e disfarçar, afinal, é comprometida. E agora que você está com Danielle...

– Ela pirou – sua esposa insistiu. – De todos, ela é a única que sabe de Dana além de nós. Se o que ela disse for verdade, com certeza ficou com ciúmes... Percebeu que dessa vez é sério. O que exatamente disse para ela? Ela apenas foi lá e se declarou?

Pela expressão dos rostos amigos, Ethan soube que demorou demais a responder. Thomas franziu o cenho e Joly cruzou os braços, sustentando-lhe o olhar.

– Não me diga que você e ela...? – Joly começou a dizer com a expressão enojada.

– Nada aconteceu! – Ethan a cortou, finalmente se sentando. Da poltrona conseguia ver Danielle sobre a cama. Seria estranho falar aquilo com ela tão perto, mas era preciso.

– Por que eu não acredito nisso? – Thomas inquireu com o cenho franzido.

– Pela mesma razão que me repreendeu há um minuto, minha fama me condena. – Ethan respondeu secamente. – Todavia, neste caso estou inocente. Vou contar como aconteceu, por favor, não me interrompam.

Apesar de o pedido ter sido feito aos dois, Ethan olhava diretamente para a francesa. Então, depois de um bufar exasperado, ele narrou todo o ocorrido na madrugada anterior.

Desde que deixou o escritório até a saída de sua visitante inesperada. Omitiu a felação, afinal aquele detalhe não interessava a ninguém.

Joly se contorceu no sofá em determinadas partes, mas intimidada pelo duro olhar de Ethan, não interrompeu em momento algum. Quando finalmente terminou, Thomas falou:

– Bom... Isso explica o assédio a Danielle e a armação dessa noite. Evidente que Samantha quer a garota fora do seu caminho. E qual outra forma melhor do que você mesmo a matando num de seus acessos? Agora... – olhou para Ethan em dúvida. – Acreditar mesmo que um vampiro possa induzir outro... Não sei se creio nisso. Imagine o perigo que corremos.

– Já imaginei. E tentei refutar a hipótese, mas é a única explicação. Como alguém entraria em meu apartamento sem que eu acordasse?

– Vou acreditar na sua alternativa. Estava cansado demais e como disse que estava sonhando com Danielle quando Samantha se enfiou em sua cama... – Thomas não terminou a frase.

– Certo!... Minha mente pervertida fez todo o resto!

– “Isso” é aceitável. – O amigo deu de ombros.

– Rapazes... – Joly lhes chamou a atenção. – Podemos esquecer essa parte por um tempo e falarmos sobre outra? Ethan... Estou pensando uma coisa. O plano de Samantha tinha tudo para dar certo. Ela retirou a ordem dada ao Paul, provavelmente deu outra. Induziu Dana a voltar para ele, pois sabia que você não aceitaria a traição e a mataria... Ou melhor, mataria os dois.

– Sim, eu mataria! – A afirmação saiu num rosnado.

– Então... Por que não matou? – A amiga perguntou receosa.

– Como?

– Por que não a matou? Dana esteve com Paul e, para todos os efeitos, mesmo que não soubesse o que fazia, ela estava te traindo. É inacreditável que ao encontrar o apaixonado casal, logo “você” fosse perguntar primeiro e arrancar cabeças depois.

Não havia como contestar quando os dois eram testemunhas de sua irracionalidade quanto à Danielle. E de certa forma, o assunto também o intrigava.

– Não tive de perguntar. Nem poderia... Afinal eles já estavam no apartamento.

– Então...? – Joly insistiu.

– Danielle despertou da indução sozinha antes que cumprisse a ordem.

– Impossível! – exclamou Thomas.

– Nunca soube que um humano desobedecesse nossas ordens por livre e espontânea vontade. – Joly comentou. – Dana teria ido até o fim.

Um calafrio percorreu toda coluna de Ethan, pois aquela era a verdade. Então, no momento, pouco lhe importava o que seria possível ou não; relevante era ter acontecido.

– Pois Danielle despertou sozinha – repetiu, esboçando um fraco sorriso.

– Eu não ficaria tão feliz – comentou Thomas preocupado. – Se a humana não é totalmente influenciável nem poderíamos estar conversando essas coisas aqui. Não é seguro!

– E McCain... Você estaria com problemas – complementou Joly. – Afinal, usa a cabeça de Dana como seu parquinho particular; entra, brinca e sai quando bem entende.

Instintivamente Ethan olhou para Danielle, sem se importar com o gracejo. Num átimo estava no quarto ao lado da cama. E, sim, ela dormia. Como a ordem dele não foi específica, ela estava coberta, porém ainda usada o roupão. Por sorte, parecia confortável, sem se abalar com a claridade vinda da sala, nem se movia.

Aquele não era o momento, mas seu coração se aqueceu ao ver os cabelos recém-lavados espalhados pelo travesseiro. Ethan desejou poder ficar ali, velando o sono de Danielle, contudo seus amigos estavam na sala. Subitamente ele perdeu toda a vontade de prosseguir com aquela conversa. Lentamente, com as mãos nos bolsos da calça, voltou até eles.

– Talvez vocês tenham razão. É melhor evitarmos certos assuntos perto dela, mesmo que esteja dormindo.

– Vamos para meu apartamento então? – Joly sugeriu.

– Na verdade, eu preferia que conversássemos outra hora. Ainda tenho algo importante a dizer, mas estou esgotado. A noite foi realmente desgastante.

– Está bem!... Nós também precisamos descansar. Depois conversamos. – Thomas aquiesceu deixando o sofá. – Mas que seja breve, pois precisamos saber como agir. Sabe que Samantha pode tentar novamente e da próxima vez atacar a garota diretamente.

Ethan bem sabia.

– Conversaremos quando amanhecer – assegurou.

O amigo assentiu silenciosamente. Sem que Ethan esperasse, Joly foi até ele e o abraçou. Surpreso, Ethan retirou as mãos dos bolsos e retribuiu o abraço enquanto Thomas os olhava; impassível.

– Obrigada por finalmente ter sido racional. Nem sei como seria se você tivesse se deixado levar pela armação de Samantha.

Incomodado, Ethan apenas beijou os cabelos da amiga e a afastou, entregando-a para Thomas gentilmente. O amigo acolheu a esposa e juntos saíram. Ethan então recuperou o copo e seguiu para a cozinha; precisava de outra dose, dupla. Novamente exasperado, passou a mão pelos cabelos.

Não merecia qualquer cumprimento. Não houve racionalidade. Por sua vontade teria invadido o maldito apartamento, matado Paul com requinte e crueldade bem diante dos olhos de Danielle antes de dar a ela o merecido fim. Como seu pai, vingaria a traição com sangue, entretanto, o desfecho de sua história seria diferente; encerraria sua existência logo em seguida, pois não sofreria nem um segundo pelo amor perdido.

Capítulo Dezessete

Com as pontas de seus dedos brancos e longos, Ethan rolava o copo tombado sobre a bancada. A vontade premente era a de atirá-lo contra a parede, assim como a garrafa de uísque que não lhe pertencia. Porém ele não estava em sua cobertura e faria melhor se extravasasse seu ódio com quem o merecia no momento; Samantha. Ethan não se iludia, sabia que ela atacaria outra vez, o que colocava a humana sob perigo constante até que a vampira fosse encontrada.

Por Andrew esperava não ser preciso tomar alguma atitude mais drástica, mas, se Samantha o desafiasse, ele o faria sem remorsos. Com um suspiro, Ethan novamente assanhou os cabelos. Pensaria no que faria, depois; se ocupar de Danielle era mais urgente. Deixando copo e garrafa intactos sobre a bancada, Ethan seguiu para o quarto e novamente parou ao lado da cama.

A humana havia se mexido, estava agora com o rosto visível. O vampiro se agachou, ficando próximo a ela. Apoiando um dos joelhos no chão, chegou ainda mais perto e, com cautela, passou a cheirá-la minuciosamente. Danielle estava limpa, sem traços do fedor do rábula, mas não conseguia tocá-la. Analisando o rosto sereno Ethan soube a razão; ainda estava enciumado. Nada de grave aconteceu, mas já havia visto o casal em ação naquele quarto; naquela cama onde ele mesmo a teve tantas vezes sem consentimento. Ou o pior, onde possuiu uma Danielle apaixonada e participativa por acreditar que ele, Ethan, fosse Paul.

Com a lembrança seu velho coração protestou. A verdade massacrante era que a humana poderia, sim, ter voltado atrás. O ex-namorado lhe era conhecido. Ethan poderia estar no páreo como arrogantemente pensou naquela tarde, mas descobriu da pior maneira, que não tinha vantagem alguma na corrida pelo coração de Danielle.

Inquieto, ele se afastou. Seguiu até a porta da sacada, tencionava sair, mas parou. Distraído, alisou os veios da madeira, o trinco quebrado. Sua humana era negligente, já deveria ter providenciado o conserto. Ele pouco se importaria, pois agora poderia pedir uma chave. Ethan então bufou enraivecido. Por muito pouco não tinha acabado com tudo. Se Danielle não tivesse despertado, não haveria a necessidade de trincos novos, nem um apartamento para visitar. Àquela hora, ele mesmo não existiria.

– Mas ela despertou – disse a si mesmo, num sussurro exasperado. – Não há motivo lógico para eu ficar assim...

Com um esgar por simplesmente não conseguir domar seu ressentimento, Ethan abriu a porta e saiu para a sacada sem se importar que o vento frio invadissem o quarto. Apoiando as mãos na mureta, olhou para o céu. Noite horrível; infernal. Noite desgraçada na qual Paul voltou a tocar sua mulher, pensou enraivecido.

Maldita fosse Samantha. Se novamente não fosse uma de suas armações, com certeza ele estaria dormindo com Danielle em seus braços depois de terem feito amor com ela lúcida daquela vez; pela primeira vez. Ao pensamento, Ethan apertou o parapeito, sem quebrá-lo. Logo a ouviu se mexer pela primeira vez aquela noite. Talvez sentindo sua falta, porém ele não cederia aos apelos inconscientes de Danielle; queria ser a realidade.

Dana despertou com frio e olhou em volta aturdida. Não se lembrava de quando se deitou. Ainda sonolenta, viu a porta da sacada aberta; estranhou. Mais uma vez olhou em volta. Onde estava Ethan? Teria ido embora? Confusa, ela se apoiou nos cotovelos. Estava vestida em seu roupão, sentia os cabelos úmidos. Ela não entendeu como pôde apagar sobre a cama depois de tomar banho. Aliás, ela nem se lembrava de ter tomado banho.

Sentando-se, Dana tentou recordar. Talvez Ethan tivesse partido depois de deixá-la no apartamento. O sono não a deixava precisar exatamente quando, mas talvez o namorado tenha mudado de idéia quanto a ser cedo e tenha partido. Ethan a teria perdoado por se encontrar com o ex? Dana realmente não se lembrava e daquela vez não estranhou, afinal, uma vez que vinha esquecendo coisas importantes nos últimos dias, seria natural que esquecesse os detalhes de uma noite tão confusa.

Já que não conseguia se lembrar, Dana rogou que ao menos Ethan não estivesse chateado com ela, que lhe telefonasse no dia seguinte e que voltassem às boas como se nada tivesse acontecido. Estremecendo, mais uma vez ela olhou para a porta da sacada. Estava realmente frio. Lentamente colocou os pés no chão. O piso estava gelado, mas ela não procurou por seus chinelos. Descalça como estava foi fechar a porta e se assustou quando viu a figura de costas.

Reflexiva, Dana tapou a boca para não gritar. Ethan estava lá, num dos cantos que de sua cama ela não podia ver. Imóvel, a olhar o céu. Àquela hora? Dana procurou pelo relógio em sua cabeceira; 3h20. Não poderia ser ele, considerou. Subitamente um pensamento louco lhe ocorreu trazendo um sorriso aos seus lábios; estava num daqueles sonhos realistas demais. Sim, estava, e assim sendo, deveria aproveitá-lo como todos os outros.

Perdido em suas cismas possessivas, o vampiro sequer notou quando a humana sorrateiramente foi até ele, então todos seus músculos se retesaram ao ser abraçado por trás e sentir mãos em seu peito. Imóvel e muito rígido, Ethan sentiu Danielle apertá-lo mais e beijar sua escápula, exatamente sobre sua cicatriz sob a camisa. Todo o corpo dele se eriçou.

Em todo aquele tempo que frequentou o quarto dela nunca a viu caminhar enquanto dormia. Pois era o que acontecia, deduziu aborrecido; e ao que tudo indicava, ela sonhava com ele. Mérito todo dele, mas como havia decidido, não cederia. Ethan decidia o que fazer quando Danielle correu as mãos pelo dorso firme, até o limite do cóis da calça e começou a puxar a camisa lentamente. Adormecida a humana era bem decidida. Lamentável ele ter de declinar ao que ela inconscientemente lhe oferecia.

Com a franja da camisa fora da calça, Danielle introduziu as mãos mornas sob o tecido para tocar o abdômen de Ethan. Ao toque perturbador, ele respirou fundo e segurou as mãos gentilmente.

– Por favor, pare... Volte para cama Danielle.

Dana se alarmou ao ouvir a voz firme e... Real. Ela retirou as mãos do corpo frio e se afastou tão rápido que Ethan quase perdeu o movimento. Aturdido, voltou-se e olhou para a jovem parada sob o batente da porta, com as mãos agora a fechar a frente do roupão.

– Ethan, me desculpe, eu... – ela começou olhando de um lado ao outro, confusa. Então o encarou com as sobrancelhas unidas. – O que faz aqui? Pensei que... Tivesse ido embora.

Ethan se surpreendeu ao descobrir que ela estava acordada. Não sabia se Danielle aceitaria uma explicação improvisada, mas arriscaria dizê-la, pois não estava inclinado a lhe apagar a memória. No que dependesse dele, não o faria nunca mais. E para todos os efeitos formavam um casal, não formavam?

– Eu quem peço desculpas – disse sério colocando as mãos nos bolsos da calça e recostando-se ao parapeito. – Esperava que você terminasse seu banho, mas estava tão cansada que dormiu antes de voltar para sala. Eu já deveria mesmo ter ido embora, porém também acabei dormindo em seu sofá. Acordei agora há pouco. Vim vê-la antes de sair e resolvi vir aqui – ele indicou a sacada com os olhos. – Desculpe-me mais uma vez.

Dana ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha e cruzou os braços, visivelmente constrangida. Esboçando um sorriso incerto, gracejou:

– Imagine... Estamos juntos agora. Meu sofá, seu sofá. Sinta-se sempre em casa!

– Sentir-me em casa... – Ele repetiu, reprimindo um gemido raivoso.

Aquela era a raiz do problema. Há muito tempo não somente se sentia em casa como também a considerava sua mulher. Por essa razão toda a ação daquela noite o feria tanto, e os sons vindos do maldito apartamento não cessavam. Para agravar a consternação de Ethan, nem mesmo livre da indução Danielle se colocou na defensiva com Paul, como ali, diante dele.

Com exceção à noite passada, quando surpreendentemente tomou a iniciativa, ela sempre se mantinha arredia. Se antes apreciava e até achava certa graça quando a humana ficava desconexa ou acanhada, naquele instante ele simplesmente odiava. Queria ser aceito naturalmente como acontecia com o ex-namorado nojento ou ser tocado de forma atrevida como ela fazia quando acreditava estar sonhando. Azedo em seu ciúme, Ethan indicou a camisa para fora da calça ao indagar.

– Acorda sempre animada assim ou tive sorte?

O rosto de Dana se tingiu de vermelho. Como explicaria?

– Ethan, me desculpe por isso. É que...

– Não tem problema – ele a cortou debochado. Ouvi-la pedir desculpas por tocá-lo o enfureceu ainda mais. – Estamos juntos agora não é mesmo? Pode fazer comigo o que quiser.

– Ethan...

– Aliás – cortou-a mais uma vez, desencostando-se do parapeito –, temos um assunto inacabado desde ontem.

Dana gelou com o tom esquisito na voz mansa. Ethan se aproximou, instintivamente ela recuou para o interior do quarto. O namorado estava estranho desde o trajeto de carro. Na ocasião ela soube ser por ciúmes, mas acreditava que agora não havia motivo para aquela postura rígida e... ameaçadora. Seria impossível retomar o assunto pendente com o clima tenso estabelecido entre eles. Melhor se antes resolvessem o ocorrido.

– Acho que talvez você queira conversar sobre o que aconteceu essa noite – ela argumentou num fio de voz, afastando-se mais.

– Na verdade eu não queria – Ethan ainda avançava lentamente –, mas já que insiste. O que aconteceu essa noite? Acredita que agora possa explicar?

Ethan estava sendo maldoso; com eles dois, pois ela jamais poderia explicar e ele, decididamente, não queria ouvir a narrativa do que se passou naquele quarto. Contudo ainda se encontrava atado à possessão doentia, cego pelo afastamento da humana temerosa.

– Estou esperando Danielle... Explique!

Dana recuou até estar recostada em seu guarda roupa. Ethan havia fechado a porta da sacada, então a fraca iluminação vinda da sala deixava sua expressão ainda mais sombria, tornava ele todo maior. Era inadequado, mas foi impossível não se excitar. Ethan era lindo e exalava toda aquela... força. Tanta que Dana se confundia mais.

– Então... – ele insistiu ao parar exatamente à sua frente; irritado, porém inebriado pelo cheiro que ela passou a exalar. – Não tem nada a dizer?

De repente o espírito combativo se apossou de Dana. Sim, ela o temia, mas não deveria se deixar intimidar por Ethan. Não cometeu qualquer delito, e estavam comprometidos há pouco mais de um dia.

– Na verdade, não – ela se ouviu murmurar.

– Como disse?! – ele soou baixo e letal, franzindo o cenho.

– Eh... Sei que propus o assunto, mas... Não tenho nada a dizer.

– Deixou-me preocupado – ciciou – e agora se recusa a explicar. Foi o que entendi?

– Exatamente.

– O que quer dizer com isso, Danielle? Que não deve satisfações a mim?

– Bem... – ela engoliu em seco. Uma vez que havia começado, iria até o fim. – Acho que... eu não devo.

Ethan não gostou da rebeldia, mas era obrigado a aceitar parte daquela postura. Contudo, mesmo sem nada a lhe dizer sobre aquela noite, Danielle deveria aceitar algumas regras básicas. Com isso, contrariado, reconhecendo não ser capaz de ignorar por muito tempo a mescla de medo e cio que o incitava, Ethan apoiou as mãos contra o móvel, aprisionando Danielle no vão de seus braços, então baixou seu rosto até o dela para encará-la diretamente.

– Pois está errada – ele contradisse a milímetros da boca trêmula. Sem conseguir ficar longe, cheirou-a no queixo e na bochecha, fazendo-a estremecer ao seu toque. – Está comigo agora Danielle. Quando disse que seria diferente, não menti... Não mudará somente a forma como será tratada. – Ethan subiu mais seu nariz na pele macia para completar diretamente ao ouvido dela. – Será diferente até mesmo na forma como “você” me tratará.

Dana fechou os olhos e agradeceu por estar encostada. O namorado mal a tocava, no entanto, as pernas dela tremiam incertas. O coração a muito havia perdido o compasso, o corpo queimava.

– Pouco importa como era antes – ele prosseguiu –, agora você não desaparece sem explicação. – Ethan lhe capturou o lóbulo da orelha e o chupou lentamente antes de acrescentar. – Não me deixa preocupado ou chama por mim da rua do seu ex para depois dizer que não me deve satisfações. Você “sempre” terá que me deixar a par de tudo Danielle.

Dana tentou conter um gemido, sem sucesso. Os calafrios nascidos em sua coluna corriam certos e se instalavam em seu sexo. Aquilo era tortura, maldade pura. Como Ethan impunha suas vontades machistas daquela maneira, impossibilitando-a de articular uma resposta? Ela sentia que deveria reagir. Não poderia aceitar que ele usasse de sedução para dominá-la. Tentou raciocinar e ser coerente.

– Pois saiba... Que direi apenas o que achar necessário. Com Paul eu não tinha de...

– Shhh... – Ethan a calou. Então, movendo os lábios frios na orelha dela ditou com voz rouca e sombria. – E o mais importante que deve se lembrar. Agora que está comigo, você não pronuncia o nome “dele”. Especialmente depois dessa noite.

Involuntariamente Dana prendeu a respiração. Era impossível, mas parecia que Ethan sabia em detalhes o que se passou no quarto de Paul. Deveria retrucar, mas perdeu o fio de raciocínio quando ele deslizou a boca levemente ao longo do queixo dela para então procurar pelos lábios. E assim, com a respiração misturada a dela, finalizou as recomendações.

– Dos seus lábios Danielle, sairá somente o meu nome.

Após a determinação, ele finalmente a beijou. Dana gemeu rendida ao ter a língua capturada e provada com paixão. Ethan ainda temia machucá-la, porém mal dosava sua volúpia. Prendendo a humana pela nuca, tornou seu beijo ainda mais possessivo; e era pouco. Desde que se permitiu cheirar a pele morna, o corpo dele pulsava; exigindo o dela. Saudoso escorregou a mão livre pelo roupão, até encontrar um seio e apertá-lo.

O tecido atalhado arranhava a pele sensível dos mamilos, fazendo Dana queimar ainda mais. Era impossível pensar em qualquer coisa com Ethan a beijando e acariciando daquela forma invasiva. No fundo da mente dela um alerta indicava não ser prudente deixar que os desmandos dele morressem no vazio. Talvez ela devesse...

Ah, que se danasse! Dana pensou vencida ao ter o bico de seu seio beliscado sobre o roupão. Novamente tinha o que desejou por dias e isso era tudo o que importava. Saindo da inércia, subiu as mãos pelas costas do namorado, sobre a camisa, apertou os ombros fortes depois lhe acariciou os cabelos da nuca. Como resposta, teve seu seio mais uma vez atacado e um gemido abafado contra seus lábios.

Finalmente Danielle o tocava, Ethan exultou. Ainda não era da forma que gostaria, mas os carinhos condiziam com a covardia dos momentos de lucidez. A constatação reacendeu seu ciúme, pois sabia do que ela era capaz. Contendo um grunhido, Ethan desceu as mãos até o nó que prendia o roupão e o desamarrou. Surpreendentemente Dana não se constrangeu por estar nua sob a peça. Com precisão, Ethan tocou o ventre plano e logo subiu as mãos frias até chegar à base dos seios. Massageando-os naquele ponto, sem nunca avançar, quebrou o beijo para se apossar do pescoço esguio. O vampiro sentiu o pulsar da veia, mas se conteve.

Infelizmente não poderia mordê-la, no entanto, não se furtou em marcá-la chupando a carne com força. Danielle resmungou e se contorceu; de dor, de ansiedade para que Ethan subisse mais as mãos e tocasse seus seios nus como deveria. Ele sabia que a torturava, mas a pena não era maior que a dele. Então, provocou-a um pouco mais, antes de pôr fim ao castigo e fechar as mãos sobre os montes fartos, hirtos. Ethan sorriu satisfeito ao ouvi-la arfar e gemer. Dana tentou tocá-lo, mas não teve permissão.

– Talvez seja melhor pararmos – Ethan sugeriu, afastando-se.

O jogo era perigoso, porém ele não aceitaria arrependimentos. Não depois do inferno pelo qual passou. Desejava-a desesperadamente, mas a queria ciente do passo que daria, pois nunca mais apagaria sua memória. Danielle teria que aceitá-lo inteiramente; para o bem ou para o mal.

– Como?!... – Dana estava aturdida, tinha a respiração falha, o corpo tremia de excitação e frio após o súbito afastamento. Demorou até que compreendesse. – Não! Não pode parar agora!

– Não sei... – Ethan saboreava a alarmada negativa, mas precisava de mais. – Eu falei sério, Danielle. Podemos prosseguir, contudo ainda resta um termo a ser aceito. Nada de nomes.

Quando alguém fez a mesma proibição? Dana não lembrava, nem se importava. Ansiosa em ir adiante, passou a abrir os botões da camisa social que ele usava, e sempre o encarando, anuiu:

– Nada de nomes... – Erguendo os olhos âmbar, salientou: – Somente, Ethan.

– Sim!... – ele grunhiu em prazer genuíno.

Afastando as mãos de Danielle, Ethan abriu sua camisa de uma só vez, arrancando os últimos botões antes de despi-la e atirá-la ao chão. Ato contínuo, sem desviar os olhos dos dela, livrou Danielle do roupão. Rapidamente deslizou as mãos pela lateral do corpo esguio, passando pela cintura, os quadris até alcançar-lhe a base das nádegas. Ao apertá-las, Ethan ergueu Danielle, encaixando-a em seu quadril para girá-la e derrubá-la sobre a cama; fazendo com que o móvel protestasse com o peso súbito.

Dana talvez nunca entendesse aqueles movimentos velozes, mas os apreciava cada vez mais, especialmente quando era içada e jogada em sua cama para ter todo o peso de Ethan sobre si. Imediatamente ela o prendeu pelos cabelos da nuca para que não parasse o novo beijo explorador, acomodando-se sob seu corpo, apertando-se contra uma rigidez completa.

– Ah, Danielle... – Ethan gemeu contra os lábios dela.

Precisou de toda sua boa vontade para não urrar ao senti-la se acomodar sob seu corpo, indicando sem palavras o que queria dele. Danielle deslizou as mãos quentes pelas costas dele, sobre a cicatriz, e desceu-as pelas laterais do corpo até alcançar o cós da calça. Ethan sorriu satisfeito quando sentiu as mãos delicadas procurarem pelo cinto e começarem a abri-lo apressadamente, confirmando sua urgência.

Naquele instante Ethan soube; nada poderia tirá-lo daquele quarto. Que o mundo desabasse e todos fossem ao inferno!... Mesmo em meio ao caos, naquela noite, a humana seria dele definitivamente.

Sua necessidade era desesperada; dolorosa. Desse desejo intenso vinha toda a coragem de Dana. Saber que era desejada da mesma forma lhe incentivava a confirmar que não sonhava. E sim, aquele Ethan lhe parecia bem real. O corpo naquela temperatura estranha, porém extremamente agradável; a carne rija, os músculos fortes. A pele lisa e perfeita, com exceção a uma estranha elevação na escápula esquerda. Fosse o que fosse não mereceu maior atenção.

Impulsionada a ir adiante, depois de abrir o cinto, Dana o retirou do cós completamente em uma única puxada e o atirou ao chão. Então, incerta em sua ousadia, acariciou o namorado ainda sobre o linho da calça; deslizando a mão trêmula por toda extensão de sua rigidez. Ethan calou um grunhido e imediatamente afastou suas mãos do corpo delicado

para apoiá-las contra o colchão. Temia machucá-la, pois não confiava ser capaz de controlar a força inédita que novamente se apossava dele tamanha era a intensidade das sensações que sua bruxa lhe despertava.

– Deixe-me levantar um instante... – ele pediu roucamente.

– Não! – A negativa foi igualmente rouca. Dana lhe prendeu as pernas com as dela para que não afastasse. – Preciso que venha agora Ethan. Por favor, venha...

Enquanto falava ela o libertou e separou mais as pernas. Ethan prendeu a respiração. Danielle tinha verdadeira pressa e era como se o convidasse a entrar; a definitivamente habitar em seu corpo. Tantas emoções poderiam assomá-lo naquele instante, porém o vampiro, pela primeira vez em sua existência, se emocionou. Finalmente acontecia!

Atordoado, Ethan se ajoelhou diante da humana e rapidamente abriu sua calça. Logo estava de volta, posicionando o membro enrijecido no corpo quente e vivo. Fechando os olhos, Ethan aceitou o convite simbólico e deslizou lentamente para sua nova morada. Amada. Acordada.

Ao menor movimento Dana arfou; Ethan fazia amor com ela. Desejou-o por tantos dias e quando o tinha era como se ele sempre estivesse com ela; e ainda assim tudo era tão novo. De repente uma idéia maluca lhe veio à mente e, sem que pudesse evitar, ela o abraçou e chorou.

– Ethan...

Seu nome gemido em agonia era como música aos seus ouvidos. Novamente Ethan teve que reprimir um urro animal ao se mover dentro dela. Tudo estava perfeito até que sentisse o cheiro úmido de sal. O choque ao notar o choro silencioso o paralisou.

– O que há?

– Por favor... – ela sussurrou em seu ouvido. – Não pare.

– Por que está chorando? – indagou confuso, pois mesmo chorando ela se movia sob ele.

– Apenas não pare... – Dana pediu, enlaçando-o pelo quadril com suas pernas.

Ethan apreciou a restrição, mas se preocupou na mesma proporção. Gentilmente ergueu o dorso. Queria poder acender o abajur, mas a claridade súbita machucaria seus olhos. Teve que se contentar com a luminosidade da sala e lhe partiu o coração vê-la chorar.

– Eu machuco você?

– Sim... – Ela respondeu num gemido. Não havia tempo a perder caso estivesse num sonho. – Machuca-me quando não me dá o que eu quero... E eu quero você Ethan.

Ao se calar, Danielle o puxou de volta sobre seu peito e correu as unhas sobre a carne das costas de Ethan, soltando-lhe o quadril para investir contra ele que grunhiu, esquecendo-se de todo o resto.

– Ethan...

E novamente seu nome era música. Ele podia ouvir o bater acelerado do coração humano, assim como o errático do seu próprio. Tudo era perfeito entre eles. A sintonia; o compasso. Ethan novamente ergueu o dorso para encará-la. Sem nunca romper a conexão de seus corpos, ordenou:

– Olhe para mim, Danielle.

Dana podia sentir que sua satisfação estava próxima e não lhe negaria o pedido. Quando os olhos castanhos e úmidos encontraram os seus, Ethan desejou rosnar. Estava tenso, expectante. Novas sensações corriam por seu corpo, além das conhecidas. Sua boca sedenta clamava pelo sangue de Danielle e vê-la rendida, a se mover lentamente na tentativa de retardar o próprio orgasmo o enlouquecia. Sentiu-se lisonjeado que ela ansiasse prolongar aquela dança lasciva, mas não se dominaria muito mais.

– Agora me dê o que “eu” quero – pediu roucamente.

Como não atender quando já estava no limite? Dana sequer se lembrou dos vizinhos ao gritar o nome do namorado misturado ao gemido final. Ethan sentiu como se seu corpo explodisse. Alguns objetos no quarto, assim como a porta da sacada oscilaram levemente, porém nenhum dos dois notou; ambos entregues àquele primeiro ato legítimo de amor.

Capítulo Dezoito

Como raramente acontecia, Ethan sentiu suas forças se esvaírem e tombou sobre o corpo quente de sua humana. Ela não ousou protestar enquanto se recuperava daquele ato de amor. O melhor e mais intenso de todos os sonhados por Dana. E o pleno, completo e redentor de Ethan que, estendido no corpo amado, segurou o rosto dela e novamente procurou ver os olhos castanhos. Estavam úmidos, porém ela não chorava. A respiração morna e entrecortada o atingia no rosto. Naquele instante Ethan soube que poderia admirá-la para sempre. Danielle estava simplesmente...

– Divina! – Ele verbalizou o pensamento, fazendo-a sorrir. Na verdade ele não se importou que tivesse dito em voz alta, então acrescentou: – Você é perfeita!

Se Ethan lhe atribua adjetivos absolutos, qual seria o bastante para descrevê-lo? Talvez nem existissem termos equivalentes, afinal toda forma de perfeição era nula se comparada com a plenitude de Ethan. E como não encontrou palavras e não agradeceria o elogio não merecido sem poder retribuir, apenas tocou no rosto resplandecente tão próximo ao seu.

Ethan fechou os olhos para que ela tocasse suas pálpebras. Danielle nada lhe disse nem ele esperava resposta. Quando ela acariciou suas bochechas ele a fitou. A jovem estava concentrada no caminho que os dedos percorriam em seu rosto. Logo ela lhe tocava a boca e, quando tocou seus lábios, Ethan não resistiu e o capturou. Queria muito mordê-lo – tinha necessidade do sangue dela –, porém se contentou em apenas sentir-lhe o sabor da pele.

Danielle olhava hipnotizada para aquele mover lascivo dos lábios dele em seu dedo. Impossível não se render à ação luxuriante e, como ainda estavam ligados o mínimo movimento de seu quadril prendeu-os numa nova dança torturante. Esquecido do dedo, Ethan procurou pela boca de Danielle enquanto investia contra ela. Sua garganta ardia cada vez mais, implorava pela satisfação através do sangue, no entanto, não se atreveria. Alheia a luta interna, a humana novamente se rendeu à familiaridade. Enchendo-se de coragem, com a voz rouca e quase sumida pediu:

– Deite-se.

Ethan a encarou e na pouca claridade do quarto Dana pode adivinhar o questionamento que passava pelos olhos verdes. O grunhido saiu pela boca masculina antes que ele pudesse reprimi-lo. Sua bruxa não tão covarde aquela noite lhe pedia para que se submetesse a ela. Como negar?

Deixou-a por um instante para se deitar de costas. Então mais uma vez grunhiu ao ser montado por Danielle; sua garganta agora estava quase que completamente travada implorando sangue novo e quente. Ethan sabia que precisaria do dobro de força para se

refrear, mas simplesmente não conseguiria parar o serpentear de Danielle, antes disso, segurou-a pelo quadril para incentivá-la.

A luz que vinha da sala formava sombras distintas no dorso nu. Ethan se arrependeu por não ter acendido o abajur, contudo, por mais que desejasse ver a pele imaculada, não queria perder nem um segundo do que ela lhe presenteava na penumbra. Ainda podia ver os cabelos revoltos lhe caindo pelos ombros e rosto, os seios fartos, a curva acentuada da cintura. Recebia os movimentos mais vigorosos e ouvia a pulsação acelerada que denunciava o gozo iminente. De olhos fechados, ela passou a sussurrar seu nome. Sentia a necessidade de chamá-la, mas não conseguia liberar som algum. Por sua garganta somente sairia rosnados guturais.

Cada vez mais consciente do corpo sob o seu, das mãos frias em sua pele e dos roncoss estranhos e excitantes que Ethan represava no peito, Dana pôde sentir a satisfação plena se espalhando por todo seu corpo até explodir em seu sexo e em sua cabeça. Instintivamente ela mordeu o lábio inferior com força e sem premeditar cravou as unhas no peito largo. Elas não causariam estrago, porém tiveram poderes devastadores sobre Ethan tornando sua própria rendição mais intensa. E para a perdição do vampiro, ao sorver o ar sentiu o cheiro de sangue. Imediatamente abriu os olhos e viu que Danielle havia ferido a boca. O filete vermelho corria em direção ao queixo sem que ela notasse.

Aquela era sua salvação. Com os olhos e a garganta ardendo, Ethan correu as mãos até a nuca de Danielle e a trouxe para si. Rapidamente lambeu o sangue que escorria e, tomando o devido cuidado de não fechar o ferimento, o agravou com seus próprios dentes para simular um beijo que nada mais era que um sugar ritmado. Dana arfou. Ethan chupava seu lábio com força e ainda com a dor ou com o gosto de sangue o beijo era intenso.

“Ah, o doce sangue de sua bruxa!”. Infelizmente este lhe vinha em quantidade mínima, apenas suficiente para acalmar sua garganta. Seu instinto clamava por mais, contudo Ethan não voltaria a debilitá-la. Quando a queimação se transformou em leve ardor, ele lambeu o machucado e imediatamente aprofundou o beijo.

Ainda que estivesse exausta, Dana o correspondia com paixão. Seu corpo estava leve, satisfeito depois dos últimos acontecimentos. Não queria dormir, mas sentia que logo se renderia. Aos poucos voltava ao normal depois de toda tempestade que foi fazer amor com Ethan pela primeira vez.

– Nossa! – ela exclamou num breve instante que as bocas se separaram. Ainda não tinha palavras para descrevê-lo e a expressão saiu involuntariamente. Ethan pareceu gostar, pois sorriu contra os lábios dela.

– Justamente a palavra que eu procurava – disse, antes de tornar a beijá-la.

Aos poucos Ethan diminuiu a intensidade do beijo. Sabia que a boca de Danielle não sangraria mais, então, assim que a respiração da humana se tornou regular depositou um beijo breve em seus lábios e a deitou ao seu lado. Finalmente tirou sua calça, porém permaneceu com a boxer; apenas se recompôs. Ela escorregou para baixo das cobertas e

manteve a ponta erguida para que ele se juntasse a ela. Até mesmo aquele gesto simples de ser convidado a se cobrir com ela, alegrou o vampiro.

– O que é engraçado? – Dana perguntou ao notar o sorriso discreto. Ethan foi pego de surpresa, sequer percebera que havia sorrido de verdade.

– Não é engraçado... – disse, puxando-a de encontro ao peito. – Estou apenas... Satisfeito.

“Feliz” seria o termo correto, mas Ethan o considerou exagerado. Danielle talvez não entendesse sua colocação.

– Satisfeito – ela repetiu pensando a respeito.

Seria por de estar com ela? Ou pelo ato em si? Tantas implicações na palavra, no entanto Dana não queria pensar a respeito; na verdade não conseguia. Estava sonolenta; e contente por seu pensamento idiota ter sido somente isso, um pensamento idiota. Ethan estava de fato em sua cama, não era fruto de um sonho realista demais. Considerando o todo, também estava satisfeita. Tranquila, ela deitou a cabeça no peito forte e passou a brincar com os pelos que o cobria.

Com Danielle em seus braços a torturá-lo com os dedos quentes em sua pele, Ethan voltou a questionar o que a fez chorar, afinal, sabia não tê-la machucado e ela lhe mostrou fervorosamente sobre aquela cama que não se arrependia por estar com ele. Então...

– Em que está pensando? – ele perguntou subitamente. Dana não soube o que responder. Estava quase dormindo.

– Em tudo... – sussurrou. – Em nada...

– Excelente forma de burlar uma pergunta – ele sorriu contrafeito.

Dana percebeu o sorriso, porém estranhou o tom, então piscou para se manter acordada.

– Se deseja precisão em minha resposta, seja preciso na pergunta.

Touché, ele pensou. Passando a acariciar os cabelos espalhados pelas costas nuas, foi direto ao ponto.

– Por que chorou?

Seria complicado explicar para Ethan que, desde que o conheceu... Ou melhor, desde que foi dispensada pelo ex, passou a ter sonhos eróticos nos quais ele imperava. E que estes eram tão reais que por dois momentos naquela mesma noite, acreditou estar sonhando. E o pior, que chorou porque, apesar de sempre acordar satisfeita, não mais os queria.

– Bobagem minha. Não gostaria de falar a respeito. Desculpe-me.

Ethan não gostava que ela lhe escondesse o que sentia, mas tentou se conformar, afinal, ele próprio tinha seus segredos; todos graves. Se ela disse se tratar de uma bobagem seria saudável acreditar.

– Entendo – murmurou por fim.

– Obrigada...

Satisfeita pela compreensão, ela sorriu levemente, sonolenta. Queria conversar mais; senti-lo mais, mas seu corpo não lhe obedecia. E não ajudavam em nada os carinhos que ele fazia em seus cabelos. Presa aos resquícios da luxúria que a moveu aquela noite, desejou que estes lhe acendessem uma vez mais, porém faziam justamente o contrário. A cada segundo se sentia mais e mais embalada pelo sono. Aninhada, protegida. Novamente, sem que pudesse evitar, o medo voltou. Aquele era o momento do fim.

– Por favor, não diga...

As palavras saíram quase inaudíveis, mas Ethan as escutaria de toda maneira, apenas não entendeu o pedido.

– Como disse? – perguntou confuso.

– Não me mande esquecer... – ela pediu em um fio de voz. – Não diga que sonhei...

Então ele estacou. Todas as sensações prazerosas que ainda vagavam por seu corpo se esvaíram. Como ela poderia saber? Temeroso e expectante, lentamente ele procurou ver-lhe o rosto. Gentilmente ergueu o queixo de Danielle, receoso em encontrar os olhos castanhos e confirmar que, de certa forma, ela sempre soubesse o que ele fazia. Porém, com um misto estranho de decepção e alegria, constatou que ela dormia. O pedido fora feito pelo subconsciente dela. Aquele mesmo com o qual ele conversou há duas noites.

Subitamente um pensamento inquietante lhe ocorreu. Era evidente que Danielle sabia. Quando era preciso, não ordenava para que os induzidos se lembrassem? Não havia feito isso há menos de uma hora? O preocupante era que acontecesse sem sua ordem. Danielle sabia que ele a induzia; que burlava sua razão assim como se aproveitava de seu corpo. Ethan prendeu a respiração, indeciso quanto à descoberta.

Seria benéfica ou prejudicial quando Danielle verdadeiramente tomasse conhecimento de suas faltas? Mais uma vez os olhos dele arderam como vinha acontecendo ultimamente. Seu velho coração foi acometido por um medo genuíno. Se Danielle não o aceitasse, depois de tudo o que eles viveram até ali, não via como deixá-la ir embora. Mas para que ela confiasse e ficasse seria preciso ter mais tempo; alguns dias talvez.

Ethan então riu sem humor algum. Possuía todo o tempo da eternidade e clamava por míseros dias. Que não teria, pois o cerco se fechava. Samantha o queria e desejava Danielle morta. Com isso, a humana poderia acessar a informação oculta em seu subconsciente a qualquer momento e descobrir que fora usada por ele. Era imperioso encontrar Samantha e

se revelar a Danielle. Não havia muito que fazer com relação à vampira, mas poderia começar a resolver seus problemas contando toda verdade.

Se não o fizesse jamais saberia sua reação. Deveria se pegar aos fatos positivos que tinha. Não era Danielle a autora de uma matéria sobre criaturas como ele? Em cada palavra não estava claro sua admiração pela espécie? Valendo-se daqueles detalhes, Ethan se acalmou. A reação dela no estacionamento poderia ter sido outra se ele tivesse aproveitado o ensejo oferecido pela velha supersticiosa. Danielle o aceitaria.

Com o coração pacificado, acomodou a cabeça de Danielle em seu ombro e fechou os olhos, deixando-se envolver pelo odor dos cabelos que voltou a acariciar. Agora que Danielle dormia, poderia finalmente descansar. Depois de todas as provações pelas quais passou, merecia estar ali, porém antes que se rendesse ao cansaço, Ethan abriu os olhos; alerta.

Como não havia pensado na possibilidade? Com os acontecimentos da noite e seu desfecho, quase se esqueceu que ainda havia uma dúvida a ser esclarecida sobre o ocorrido em Hamilton Heights. Acariciando o rosto sereno, Ethan desejou que não fosse tarde.

– Danielle – chamou levemente; não poderia acordá-la. – Danielle...

– Hum... – ela resmungou.

– Por que não devo sugerir que sonhou?

– Porque eu sempre quis que fosse verdade.

A pergunta foi feita apenas como teste para saber se ainda conversava com o subconsciente dela, porém a resposta o atordoou. Precisou de alguns segundos para voltar ao raciocínio.

– Danielle... – começou com a voz rouca; ainda abalado.

– Hum...

– Por que pediu para... – Foi preciso interromper-se e tomar um respirar profundo antes de dizer o nome. – Por que pediu que Paul parasse? Como desobedeceu a ordem de Alice?

– Eu me lembrei de você – ela respondeu num murmúrio.

Ethan conteve o ar e fechou os olhos. Um sorriso de contentamento se desenhava em seus lábios e imediatamente ele procurou pela mão disposta sobre seu peito para apertá-la significativamente. Se lhe perguntassem ele não saberia descrever o que sentia. Ou talvez resumisse pronunciando a palavra que antes não ousou usar; estava feliz. Era isso. Sentia seu coração velho e decrépito bater mais forte ao ser inundado pela forma mais pura da felicidade.

Danielle lhe pertencia; consciente ou inconscientemente. O êxtase que o inundava o levou a entoar a melodia que ela disse gostar, em seu carro. E assim, cantando, sem nenhum

traço de arrogância, regozijou-se por ter ganhado a corrida pelo coração de Danielle. Por caminhos tortos, sim. Talvez com alguma trapaça, porém a verdade inquestionável é que era o vencedor absoluto. Ethan sorriu; havia levado o prêmio.

Mesmo pela manhã, Ethan ainda era acometido pelo estremecimento bom vindo com a declaração. Contente, apertou a mão de Danielle sobre seu peito e sorriu. Quando poderia imaginar que sua obsessão o levasse ao amor?

Jamais. No entanto, ali estava ele... Era um vampiro mordido por uma humana; irremediavelmente vencido pelo amor e adorava tal rendição.

As palavras de Danielle não somente o alegraram como também o livraram do temor. Ela não era uma humana atraída pelo charme do vampiro, e seus sentimentos pelo “homem” eram tão fortes e verdadeiros que foram capazes de anular uma indução.

O êxtase que o inundava desde a madrugada o levou a desejar que ela despertasse. Vê-la abrir os olhos e sorrir feliz ao confirmar não ter sonhado seria o desfecho perfeito para a noite em que ele conheceu o inferno e o paraíso, porém a razão venceu.

Ethan sabia que no instante em que se perdesse naquele mar caramelo nada o tiraria daquela cama e aquele não era o momento de ser negligente ou irresponsável. Ainda assim demorou bons minutos até que se rendesse definitivamente aos seus argumentos racionais. Ainda possuía muitos assuntos inacabados, alguns deles a tratar com Thomas e Joly; que provavelmente o esperavam.

Ciente de sua responsabilidade, Ethan juntou toda sua força de vontade, deitou Danielle confortavelmente no colchão e escorregou para fora da cama. Imediatamente ela resmungou algo ininteligível e se acomodou sob as cobertas, abraçando o travesseiro antes ocupado por Ethan. Ele se ajoelhou ao lado da cama e estudou o rosto amado.

Sem se conter acariciou o rosto de porcelana, tocou as pálpebras de sua humana, a bochecha... Circulou os lábios; a marca da mordida provocada por ambos era visível para seus olhos. Foi arriscado beber o sangue dela, porém necessário, caso contrário sequer teria sido capaz de falar. O importante era não repetir o feito da sexta-feira passada.

– Jamais irei machucá-la novamente – ele prometeu antes de depositar um leve beijo nos lábios de Danielle.

Finalmente a deixando, recolheu suas roupas. Completamente vestido, sem lamentar ter danificado a camisa que agora não poderia fechar, Ethan seguiu para sala. Encontrou Black deitado sobre o sofá. O felino sequer se moveu com a proximidade do vampiro. Ethan sorriu ao ver a confiança que o gato tinha em si e almejou que com a humana não fosse diferente quando também descobrisse que ele não era um homem comum.

– Você poderia confirmar para sua dona que eu nunca a machucaria, não é mesmo? – perguntou manso. Black abriu os olhos verdes, piscou algumas vezes e voltou a dormir. – Que ótimo!... Agora converso com seres irracionais.

Ignorando o gato, Ethan pegou seus sapatos e as meias. Depois de calçado se dirigiu à porta. Antes que saísse, notou um bilhete no chão. Pegou o pedaço de papel, desdobrou-o e leu. Revirando os olhos, Ethan colocou o bilhete no bolso e foi para o apartamento de Joly, agradecido pelas palavras que o divertiram, nem que por breves instantes antes de voltar a sua dura realidade.

Capítulo Dezenove

Após algumas batidas leves contra a porta a amiga o atendeu. Ethan considerou ter visto um lampejo estranho cruzar os olhos escuros da francesa, porém o cumprimento veio jovial e sugestivo.

– Bom-dia, McCain!

– Bom-dia, Joelle!

Ethan não queria lhe dar ousadia, mas não conteve um breve sorriso. Para seu contentamento, Joly nada comentou sobre sua noite com Danielle ou a camisa sem botões. Ao que tudo indicava, bastou ver em seu olhar o quanto estava satisfeito. Incômodo era novamente notar a curiosidade velada, como se algo a preocupasse. Era como se esperasse que ele lhe “revelasse” algo importante.

– Quer perguntar alguma coisa Joly?

– Não... – Ela disse não muito segura, ainda assim confirmou: – Nada a perguntar.

Ethan deu de ombros; o brilho efêmero não deveria preocupá-lo. Acomodavam-se no sofá, quando Thomas veio se juntar a eles.

– Bom dia, Romeu... – cumprimentou sorrindo. – Pronto para enfrentar o raiar do dia?

– Tenho que estar – Ethan retrucou seriamente. – E seria perfeito se minha Julieta não corresse perigo.

– Bem sei – Thomas comentou ao se sentar ao lado de Joly. – Eu já disse isso, mas... Você sabe que Samantha vai tentar novamente não é?

– Sei. – O tom era tenso; não havia como se manter em paz.

– E o que pretende fazer?

– Manter Danielle por perto o máximo de tempo possível. Não podemos deixar ela sozinha em tempo algum até que eu encontre Samantha.

– Bom... Como aparentemente estão em lua de mel, fique aqui com ela por um tempo. – sugeriu Joly.

– A idéia é tentadora, mas não é a melhor. Precisamos agir como se nada tivesse acontecido. Sei que é arriscado, mas quero que Samantha acredite que terá outra chance. Ela precisa aparecer.

– Realmente é arriscado, mas você está certo – concordou Thomas. – E o que pretende fazer caso ela apareça?

– Bem... Ainda não sei. Para lhe ser franco, minha vontade é tão somente eliminá-la. O problema é que isso criaria problemas com Andrew. Ainda a odiaria com todas as minhas forças, mas talvez ela volte à razão... Estamos passando por tempos confusos. Quem sabe não seja apenas isso.

– E se for apenas isso? – perguntou Joly. – Se Samantha se mostrar arrependida, você perdoará e acreditará nela?

– Não – respondeu sinceramente.

– Então você os mandaria embora?

– Seria o certo a fazer, mas não é hora de divisões. E com certeza eu iria preferir os dois sempre por perto.

– Concordo. – Thomas o encarou. – Até porque Andrew não tem culpa desse surto de Samantha.

– Ele pode até não ter culpa, mas... Tenho dúvidas quanto à inocência dele no assunto. Tenho certeza de que Andrew sabe. Não que Samantha foi me procurar, mas que ela intencionava fazê-lo.

– Por que pensa assim? – perguntou Thomas.

– Ontem percebi algo em Andrew que não tinha reparado antes. Um olhar hostil. Talvez fosse por orgulho ferido, mas me pareceu algo mais. A grande verdade é que não os conheço; nunca me interessei.

– Bem... Isso vale para nós. – comentou Joly, olhando para Thomas. – Não os conhecemos a fundo tampouco.

– Mas vocês viajam juntos há anos...

– Apenas isso – esclareceu Thomas. – Viajamos juntos, mas não permanecemos no mesmo local quando estamos no Maine. Cada casal vai para um lado. Acho que você pode entender a necessidade de privacidade.

– Entendo. E acho que já está na hora de saber mais sobre eles; sobre Seager também.

– Acha mesmo necessário? Eles nunca nos deram motivos para desconfiar.

– Acredite Thomas, confio apenas em vocês dois. – Ethan indicou os amigos. – Ainda mais depois dessa novidade. O casal está conosco há seis anos e eu “nunca” percebi qualquer olhar mais demorado de Samantha em minha direção. E de repente ela me ama? Tanto que até Andrew age como se soubesse? É muito estranho que ele se mantenha calmo quanto a isso. Alguém capaz de dissimular dessa maneira é capaz de muitas outras coisas.

– Do que estamos falando exatamente? – Thomas indagou franzindo o cenho.

– Do intruso. Acho que talvez possa ser um deles. Ou até mesmo Seager.

– Não, Ethan.

– Por que não?

– Porque como você mesmo disse, eles estão conosco há seis anos. Por que somente agora começariam a provocá-lo? E tem a questão do cheiro. Esse intruso já esteve aqui no prédio. Eu e Joly o seguimos. Se fosse qualquer um deles teríamos reconhecido.

– Tinha me esquecido do cheiro. – Ethan admitiu contrariado. – Também o sentimos no Halloween e teríamos reconhecido. Talvez você tenha razão e toda essa confusão seja mesmo porque Samantha sempre gostou de mim e de alguma forma Andrew descobriu. Contudo, isso não anula a necessidade de saber mais sobre todos eles.

– Até aí concordo com você. – Thomas cedeu por fim. – Vamos tentar saber mais.

– Certo, certo... – cortou-os Joly. – Os dois estão cobertos de razão, mas e quanto a Samantha? Ela ainda é um problema real. Dana ainda corre perigo. O que faremos?

– Não há muito a se fazer. – Ethan falou, passando as mãos pelos cabelos, exasperado. – Temos que esperar que ela apareça.

– Então eu fico aqui com Dana? – perguntou Joly. – Hoje é o último dia dela com Terry. Dana poderá ir ao restaurante?

– Sim, poderá – ele respondeu apreensivo. – Como disse quero que Samantha pense que nada mudou. A única coisa que faremos de diferente é que você levará Danielle para meu escritório assim que ela acordar. Dessa forma todos nós estaremos com ela até que seja preciso ir ao restaurante. Você monta guarda e à noite irei buscá-la.

– Combinado – disse Joly.

– Então isso é tudo? – Thomas se pôs de pé.

Ainda havia o fato de ter quebrado uma janela somente com as emanções de sua fúria, porém Ethan não desejava enveredar por aquele assunto. Não quando queria ir para sua cobertura, trocar-se e assumir seu posto no escritório.

– Sim – respondeu, adiando a revelação. – Por enquanto é somente isso.

– Então vou me trocar para ir ao escritório. – Thomas anunciou indo rumo ao quarto.

– Faça isso – Ethan falou antes de pedir a Joly. – Preciso de papel e caneta.

A amiga se levantou e voltou logo em seguida com o que havia pedido. Depois de escrever seu recado para Danielle, dobrou a folha e a estendeu a Joly.

– Quero que deixe isso no travesseiro dela. – Então lhe deu mais uma instrução e concluiu: – Por favor, não demore a levá-la até mim. E tome cuidado.

– Não se preocupe... Tomarei.

– E Joly... – Ethan mais uma vez assanhou os cabelos. Reconhecer seus erros sempre seria incômodo. – Perdoe-me por minha desconfiança.

– *Ah, mon chère ami...* Não precisa se desculpar. Seria pedir demais que fosse racional em algo relacionado a Dana.

De repente ela estreitou os olhos e Ethan pôde perceber o novo lampejo de questionamento; tão forte que seria impossível ignorar.

– Tem certeza de que não quer me perguntar alguma coisa Joly?

– Acho que posso perguntar... Gostaria de saber se está tudo bem entre você e Dana. – Sem esperar resposta ela revirou os olhos antes de indicar a camisa aberta. – E não me venha com gracinhas pervertidas.

– Então seja clara – ele pediu, calando uma resposta com o teor vetado.

Joly mordeu o lábio inferior em evidente incerteza. Estranho; Ethan estava prestes a interrogá-la, quando a amiga falou:

– Quero saber se está tudo bem mesmo... Nenhuma dúvida, medos antigos...

– Por que eu teria algum medo antigo que envolvesse Danielle? – Ethan franziu o cenho.
– Não estou entendendo Joly. Você me faz perguntas, mas às vezes eu tenho a impressão que é você quem quer me dizer alguma coisa. O que é?

A francesa encarou-o receosa, subitamente deu de ombros.

– Ah, esqueça!... Não tenho nada a dizer e se você tivesse algo a me contar já teria feito.

– Eu não estou entendendo.

– Nem precisa, estou desconexa.

Ethan a avaliou por um instante. Logo desistiu de entendê-la. Ao se levantar, de súbito algo lhe ocorreu.

– O medo tem a ver com contar a ela quem eu sou na realidade?

– Sim – ela admitiu após um segundo de hesitação. – Já sabe quando vai contar? Agora a verdade é imprescindível.

– Sei disso. Já me decidi por contar essa noite.

– Isso! – Joly exultou. – Faço votos de que corra tudo bem. Aliás, acredito que Dana não se importará, assim como eu não me importei.

– Além de não se importar você pediu para ser transformada imediatamente. – Thomas acrescentou, vindo do quarto devidamente arrumado para seu ato como advogado competente. Ao se aproximar ele abraçou a esposa por trás.

– Evidente... – ela sorriu, contorcendo-se para encará-lo. – Não é todo dia que nos aparece um ser mítico se dizendo apaixonado. Como eu lhe seguiria se fosse humana?

Thomas não respondeu, apenas beijou a esposa sem se importar com Ethan. Este tampouco se incomodou, já estava habituado àquela narrativa sempre seguida pelo mesmo desfecho. Enquanto os observava, desejou que com Danielle acontecesse da mesma forma. Que, como pensou na noite passada, ela realmente gostasse de criaturas como eles e o aceitasse. Tinha de aceitar como Joelle ao Thomas. De repente Ethan percebeu que estava sobrando na cena.

– Tenho que ir agora – anunciou após um pigarro.

– Está bem... – Joly respondeu sem sair dos braços do marido.

– Não esqueça o que lhe pedi e leve Danielle o quanto antes – Joly apenas lhe sorriu. Ethan maneou a cabeça para os dois que voltaram a se beijar, então pigarreou novamente, começando a se divertir com sua interrupção. – Só mais uma coisa... Qual é o apartamento da síndica?

Sem olhá-lo a amiga respondeu entre um beijo e outro. Ethan não se deu ao trabalho de agradecer a informação, não seria ouvido. Deixando-os, fechou a porta atrás de si e passou resignado pela porta de Danielle rumo à escadaria. Ao chegar à porta indicada, tocou a campainha. Tocou uma segunda vez e esperou pacientemente até que uma senhora sonolenta viesse atendê-lo. A mulher baixa e magra, de meia idade, mediu-o de alto a baixo até encará-lo e estacar. Sorrindo, Ethan tirou do bolso o bilhete que achou no chão aos pés da porta de Danielle.

– Acho que a senhora perdeu isto – disse, estendendo o papel para ela. – Eu lhe seria eternamente grato se, de onde saiu este, não viessem outros. Afinal nem fazemos tanto barulho assim, não é mesmo? – ao se calar, piscou conspirador.

Confusa e fascinada, a mulher prendeu a respiração. Sequer piscava tamanha era sua admiração. Com a mão trêmula ela pegou o papel e o amassou.

– Realmente não ouvi barulho algum – disse debilmente. – Desculpe-me o... O aborrecimento.

– Não por isso. Tenha um bom dia, senhora! – Alargando mais o sorriso, Ethan acenou e partiu, deixando a síndica paralisada ainda uns bons minutos à porta do apartamento.

Capítulo Vinte

Fogo. Frio. Abandono. Isso era tudo que ele conseguia perceber e sentir. Apesar do fogo que consumia sua garganta, pela primeira vez em sua existência sentia o corpo frio. Não via nada à sua frente além da completa escuridão. Estava realmente morto... E sozinho.

Ethan despertou com uma sensação ilusória de sufocamento, sorvendo o ar num largo aspirar. Situando-se, viu estar em seu escritório. Nunca antes adormeceu ao dia, muito menos à sua mesa, contudo naquela manhã ele considerou compreensível. Todo o ocorrido na noite anterior o esgotou emocionalmente.

– E agora esse sonho – sussurrou.

Ethan queria entendê-lo, mas na verdade possuía problemas demais para ainda decifrar sonhos. O que importava era estar perto de conseguir seu intento máximo. Quando se revelasse a Danielle nada mais restaria para separá-los. Suspirando impaciente Ethan passou as mãos pelos cabelos. Não poderia dispersar, pensando em assuntos particulares.

Depois da breve reação raivosa de Andrew, do surto de Samantha e das “inocentes” insinuações de Seager, vigilância era a nova ordem. Como no dia anterior, seus sócios imortais estavam no escritório, ocupando-se de seus clientes e processos como se nada tivesse acontecido. Infelizmente acontecia, e Ethan sabia que as coisas não seriam resolvidas facilmente. Samantha não aceitaria ser preterida. Pior para ela, pensou, pois jamais permitiria que Danielle fosse ameaçada uma segunda vez.

Ainda impaciente Ethan olhou seu *Bremont*; 9h40. Joly estava atrasada. Conformando-se com a demora, mais uma vez ele se recostou em sua cadeira, fechou os olhos e sorriu. Apesar dos problemas, ainda sentia a alegria de ter despertado junto à jovem e a plenitude de tê-la possuído sem ilusões. Com isso Ethan estremeceu ao recordar que ela sabia das induções. Não dispunha de tempo algum, pensou ao apagar seu sorriso. Tanto que contar a verdade passou a ser prioridade. E que os deuses o ajudassem!

∞

Antes mesmo de abrir os olhos Dana soube que estava sozinha em sua cama. Lutando com o temor que a invadia, apertou as pálpebras com força. Não era possível que tivesse sonhado novamente, porém parecia que sim. Se seu namorado tivesse realmente estado com ela não teria ido embora sem se despedir.

– Droga! – Dana reclamou, mirando o teto. – Quando isso vai mudar?

Bem, pensou. Qual a reclamação? As coisas que fez com Ethan na noite passada não foram exatamente iguais a todas as outras? Não. Estava sendo injusta. Todos os sonhos foram bons, mas o da noite passada foi o melhor; maravilhoso, pleno.

Ainda de olhos fechados ela tocou a base de seu pescoço onde Ethan havia chupado com força. Ao apertar a região sentiu-a dolorida. Nem precisava ver para saber que estava marcada.

– Eu não sonhei! – exultou.

Sem que pudesse conter um sorriso imenso iluminou seu rosto. Sentia-se tão contente que seria capaz de gritar; explodir. Dana se desconhecía. Sentia-se eufórica e uma vez que não explodiria, debateu-se na cama como uma criança birrenta. Porém, no seu caso era apenas excesso de felicidade.

De repente lhe ocorreu que Ethan ainda poderia estar no apartamento e parou imediatamente com a criancice. O pensamento lhe encheu de esperança, então abriu os olhos e apurou os ouvidos. Nenhum barulho vindo do banheiro. Nada vindo da cozinha. Silêncio absoluto. Fitando o teto suspirou resignada.

Estava realmente sozinha, mas não se importou, afinal não sonhou. Se o namorado foi embora sem acordá-la devia ter algum bom motivo. Ainda se lembrava da decepção ao deixá-la na madrugada de quarta. Ethan partiu contrafeito. Dana sabia que jamais poderia compará-lo ao ex.

Nossa. Um ex que a partir da noite passada seria esquecido definitivamente. Para Dana só existiria Ethan. Ethan. Ethan. Saboreando o nome mentalmente, Dana se sentou puxando a coberta na frente do corpo nu e olhou em volta. Era impressão sua ou o quarto estava mais bonito? Sorrindo de si mesma por seu surto apaixonado, Dana olhou para o colchão onde experimentou momentos tórridos com “seu” namorado. Ao mirar o travesseiro usado por Ethan o coração de Dana disparou.

Nele estavam depositados um bilhete e um rosa vermelha. Sorrindo, imediatamente Dana pegou a rosa e a cheirou. Então, com a mão trêmula, pegou o bilhete e o abriu.

Danielle

Considero falta gravíssima não estar ao seu lado quando despertar. Se eu fosse você não me perdoaria. Mas como não sou e você possui uma alma infinitamente melhor do que a minha, sei que já estou perdoado. Agora feche os olhos e receba um beijo de bom dia.

Eternamente seu Ethan McCain

Dana arfou. Caso fechasse os olhos e imaginasse um beijo de Ethan, seria seu fim. Apenas por ler as palavras dele já se encontrava em estado crítico; seu rosto ardia e seu corpo todo – como sempre – queimava. Ethan realmente tinha o poder de abalá-la. E sem dúvida alguma, depois da noite passada, ela viveria em eterno ponto de ebulição.

Suspirando, Dana cheirou a rosa mais uma vez. Ignorando as sensações que lhe invadiam, levantou da cama arrumando a cobertura em volta do corpo e correu para a sala. Pegou seu net, sentou-se no chão e o depositou sobre a mesinha. A rosa foi deitada gentilmente ao lado do aparelho. Dana tamborilou sobre o tampo da mesa enquanto seu net fazia todo o processo de abertura. Quando finalmente teve acesso a rede, procurou mais uma vez pelo site com o significado das flores. Correu a página até o fim e encontrou o que procurava.

Rosa Vermelha – paixão eterna, amor ardente, coragem e respeito.

Impossível não arfar novamente. Paixão eterna?!... “Amor” ardente?!... Dana sequer se lembrava das outras palavras... Paixão ela até conseguia assimilar, mas... Amor?... Seria realmente possível?!

Respire Danielle, ela se ordenou, e se acalme antes que seu coração salte boca afora.

Incrédula, pegou a rosa e automaticamente a beijou. Da parte dela sabia que o amava, sem sombra de dúvida. Contudo lhe parecia insólito crer que Ethan sentisse o mesmo, ainda que não tivesse motivos para duvidar de seu “recado”.

Ainda tremia violentamente quando ouviu a batida leve na porta e viu Joly entrar logo em seguida sem esperar por resposta.

– Bom dia, Dana! – cumprimentou com seu sorriso característico.

Ela nem estranhou que a porta estivesse aberta, afinal, Ethan não teria como fechá-la. Antes mesmo de cumprimentar a amiga, imaginou se seria precipitação de sua parte dar uma chave ao namorado. Naquele segundo lhe ocorreu que nem pegou de volta a que deu a Paul anos atrás; nem a dele. Teriam de destrocá-las o quanto antes já que não eram mais nada um do outro.

Dana ainda cismava sobre a chave, com a rosa encostada nos lábios, completamente esquecida de Joly, quando a francesa estalou os dedos para chamar-lhe a atenção. Dana piscou algumas vezes e focou Joly.

– Dana você está bem? – perguntou; estranhamente preocupada.

– Sim... – Dana sorriu. – Por que não estaria?

– Não sei... – disse Joly, avaliando-a de sobrelance. – Você está estranha.

Dana sorriu ainda mais da expressão desconfiada da amiga.

– Só estou feliz... – comentou olhando sua rosa.

Joly ainda não se deu por satisfeita.

– Dana olhe para mim. – Ao ser obedecida, Joly perguntou: – Alguém esteve aqui?

Como em todas às vezes, Dana não pôde se recusar a obedecer, mesmo que levemente irritada com o tom de comando.

– Apenas Ethan. Ele passou a noite aqui comigo.

A amiga ainda a analisou por um bom minuto, então suavizou a expressão e sorriu.

– Então agora entendo o motivo da “estranheza”.

– Não comece Joly... – pediu sentindo o rosto corar.

Então depositou sua rosa sobre a mesa mais uma vez. Quando viu que Joly sentaria no sofá às suas costas Dana fechou a página que havia pesquisado sobre flores. Não queria que a amiga visse o quanto era patética.

– Eu não ia começar nada... Apenas lhe diria que também estou feliz que estejam se dando bem.

– Sim, estamos... Obrigada!

Mais uma vez sentiu seu rosto corar. Era mais do que “se dar bem”. Eles simplesmente se completavam; encaixaram-se em harmonia. Nem em seus sonhos mais delirantes e realistas poderia recriar o que teve com Ethan, mas ela não queria dividir aquela alegria nem mesmo com a amiga. Na tentativa de mudar de assunto perguntou:

– Não era para estar no escritório?

– Sim, estou atrasada, mas depois me entendo com o McCain. Vou daqui a pouco.

– Certo... – arrumando uma mecha de cabelo atrás da orelha, perguntou receosa. – Joly. Você já me disse uma vez, mas... Tem certeza de que Ethan “nunca” se interessou por ninguém?

– Não da forma que está agora, por quê?

– Nada!... Só curiosidade mesmo.

Dana lutou para não se sentir vaidosa além do permitido, ou realmente explodiria de contentamento.

– E você Dana?... – Joly lhe chamou a atenção. – Sente o mesmo? Como ficou aquela história de querer ser amiga de Paul? Já falou com ele?

Impressionada Dana admirou o poder de adivinhação de Joly. Seu contentamento arrefeceu antes que ela dissesse sem que fosse interrogada.

– Na verdade estive com Paul ontem à noite.

– Ah, sim?...

– É... Uma história realmente confusa. Eu simplesmente soube que Paul estava lá me esperando, e fui encontrar com ele. Eu fui com ele Joly... – O coração de Dana se oprimiu. – Acreditaria se dissesse que simplesmente “esqueci” Ethan e fui. Foi como e ele nunca tivesse existido.

Dana não gostou de suas próprias palavras e sentiu os olhos marejarem. Inquieta ela se lembrou da sensação de observação, da repulsa que sentiu ao toque do ex-namorado e de como a imagem de Ethan lhe veio à cabeça fazendo com que se sentisse suja; traidora. Horas haviam se passado e ela ainda não sabia como foi agir daquela maneira. Uma lágrima quente rolou por seu rosto e ela logo tratou de secá-la.

– Mas vocês ficaram juntos? – Joly perguntou aflita. – Você e Paul? Por isso está chorando?

– Não! – Dana exclamou veementemente. – Eu me lembrei de Ethan antes que acontecesse o pior.

– Se lembrou simplesmente?... Não ouviu voz alguma? Não viu ninguém?

– Não ouvi ou vi nada nem ninguém... – Dana juntou as sobrancelhas. – Que perguntas são estas? Acha mesmo que estou ficando maluca?

Era uma boa hipótese. Explicaria os lapsos; os delírios batizados de sonhos.

– Não, Dana... – Joly tentou acalmá-la. – Estava apenas tentando entender. Não sei por que ou como se esqueceu de Ethan, mas não acho que esteja doente. Por favor, nem pense isso.

– Está bem... – respondeu sem descartar a teoria.

– Lembrou-se dele?... Interessante! – Como acontecia algumas vezes, pareceu que Joly falou consigo mesma antes de altear a voz, sorrir abertamente e exclamar: – Você o ama de verdade Dana!

– Acredito que sim.

– Então nada mais importa! E isso me dá uma idéia. Que tal ir comigo para o escritório?

– O quê?... Por quê?

– Seria como uma surpresa para Ethan. Tenho certeza de que ele adoraria.

Dana tinha suas dúvidas. Homens geralmente não gostavam de suas namoradas no local onde trabalhavam. E no seu caso específico, o ex que nunca deveria ser nomeado por ela

trabalhava no mesmo lugar. Dana não queria se encontrar com Paul. Não depois da noite passada.

– Não sei se é uma boa idéia Joly... Não quero parecer uma daquelas namoradas grudentas. – Então ela olhou sua rosa. – Estava pensando em ligar para agradecer essa rosa que ele me deixou, mas isso era tudo. Agora ir até lá...

De repente a idéia lhe tentou. Cada minuto que pudesse estar perto de Ethan seria válido. Como se lesse seus pensamentos Joly falou sorrindo.

– Não vejo porque você não possa agradecer pessoalmente. Vá por mim... Ethan gostaria muito – assegurou, piscando matreiramente.

Dana sorriu e abanou a cabeça de um lado ao outro. Joly era incorrigível e ela própria começava a ficar igual. Ao que parecia nunca teria fim aquela vontade de estar perto de Ethan. Como lidaria com tamanha e súbita dependência se um dia o perdesse? Bem, não pensaria nisso naquele momento. *Carpe diem!*

– Vou com você – decidiu. – Prometo tomar meu café da manhã e me arrumar o mais rápido possível.

Ao se levantar, a coberta escorregou pela lateral do corpo de Dana. Ela tentou segurá-la, mas manteve apenas uma parte no lugar, então todo seu lado direito ficou exposto aos olhos perspicazes de Joly, que deteve a mão com a qual Dana tentava se cobrir.

– Importa-se se eu olhar mais uma vez sua marca de nascença?

– Não me importo.

Dana já estava acostumada à curiosidade acerca daquele desenho em seu corpo. Ainda segurando a frente da coberta, deixou somente a parte que deixaria a marca à mostra e se aproximou de Joly. A amiga não se moveu. Analisou o desenho em silêncio, porém em determinado momento prendeu a respiração.

– É mesmo idêntica – murmurou intimista.

– Idêntica a qual Joly? Conhece alguém que tem uma marca semelhante?

– Não – ela negou e pigarreou. – É idêntica a um desenho que vi certa vez em uma revista. Acho que foi numa sobre tatuagens.

– Não gosto muito dela... Agradeço por ser escondida e clara. Alguns tons a menos nem se veria.

– É verdade. – Olhando para o rosto de Dana, perguntou: – Ethan já a viu?

– Não. – Dana respondeu corando.

Não queria dar detalhes de sua primeira noite com o namorado. Estavam no escuro, nenhum dos dois se preocupou em acender a luz. Dana considerou uma lástima, porém em seguida reconheceu ser providencial. Não estava preparada para ver Ethan em ação. A voz sussurrada de Joly despertou-a do transe inoportuno.

– Ele ainda não viu... Como é possível?

– Como seria possível que ele a tivesse visto? – perguntou Dana incrédula. – Ethan nunca me viu pelada.

– Claro, claro... – Joly abanou as mãos e levantou. – Esqueça isso. Vou me arrumar e saímos logo em seguida, está bem?

– Combinado... Serei breve.

Quando a amiga se foi Dana seguiu para o banheiro. A francesa às vezes era bem estranha e enigmática, pensou. Qual seria o problema se o namorado tivesse visto sua marca? Paul nunca havia dado importância e com Ethan não poderia ser diferente. Talvez quando a notasse fosse novidade, mas com o tempo a esqueceria.

Ao entrar no quarto Dana sorriu para os lençóis bagunçados, já esquecida do desenho, e mais uma vez imaginou como seria “ver” o advogado em ação. Estremecendo com a imagem projetada em sua mente fértil, foi para o banheiro. Tinha pressa. Em outros tempos sua prioridade seria arrumar a bagunça, naquele momento, porém, queria apenas se arrumar para “aproveitar o dia”. Receberia seu beijo de bom dia e agradeceria pela rosa vermelha – que representava amor e paixão – pessoalmente.

E que Deus tivesse piedade de sua alma tão prontamente entregue a alguém altamente envolvente e sedutor.

Capítulo Vinte e Um

Ethan conferiu as horas em seu relógio. Estava prestes a liberar um impropério quando ouviu a batida leve em sua porta. Diferentemente da manhã passada Andrew a abriu, mas não entrou logo em seguida. Recostando em sua cadeira, muito curioso com a visita inesperada, Ethan o convidou:

– Entre.

Ethan se adiantou e fechou a porta atrás de si. Depois de acomodado numa das cadeiras, permaneceu em silêncio. Decorridos alguns segundos sem que se pronunciasse, Ethan perguntou ocultando sua impaciência.

– Precisa de minha ajuda em algum assunto do escritório?

Algo dizia a Ethan que aquele não era o caso, mas precisava que Andrew falasse.

– Na verdade vim me desculpar. Ontem me alterei com você sem que tivesse culpa do que estou passando. Bem... – Andrew o encarou. – Pelo menos é no que quero acreditar.

– O que quer dizer com isso? – Ethan se pôs em alerta.

– Samantha voltou para nosso apartamento ontem à noite.

Ethan prendeu a respiração. Ela estava perto, onde ele pudesse encontrá-la. Tentando manter a calma, perguntou:

– Voltou? E disse o que fez enquanto estava sumida?

– Ela me contou que veio procurá-lo.

Os pelos de sua nuca se eriçaram, e a mesma força da noite passada ameaçou fluir por suas veias.

– Veio sim... E o que mais?

Andrew o olhou intrigado por um segundo, então se pôs de pé e passou as mãos pelos cabelos. Ethan permaneceu sentado, mas não perdia nenhum movimento. Não queria confrontos ali, mas se fosse atacado seria obrigado a se defender. Naquele momento ele se arrependeu por pedir que Joly trouxesse Danielle para o escritório. Evidente que seria péssima idéia mantê-la em meio a tantos ânimos exaltados.

Andrew passou a andar de um lado ao outro enquanto Ethan o seguia com o olhar. Subitamente ele parou diante da mesa e disse em tom de derrota.

– Eu, sinceramente, não queria ter essa conversa com você. Ela é extremamente difícil para mim, mas é absolutamente necessária. Dela depende minha permanência aqui na McCain & Associated.

– Estou ouvindo – disse Ethan sem baixar à guarda.

“Nunca confie em um vampiro” era o lema. E Ethan, depois da noite passada faria uma adaptação livre; “nunca confie em um vampiro enciumado”. Com certeza a criatura seria totalmente irracional e letal. Exatamente por esse motivo Ethan esperava pelo pior mesmo que seu sócio aparentasse estar calmo. Antes talvez não se importasse com o conteúdo da conversa, mas agora que tinha Danielle, e conhecia a dor do orgulho ferido, sabia que ela seria constrangedora ao extremo para ambos.

– Não lhe telefonei quando Samantha sumiu porque sabia que o motivo tinha sido você. – Andrew revelou. Ethan permaneceu em silêncio. Ao se sentar prosseguiu: – Eu sei que parece loucura... Ainda não consegui assimilar a novidade afinal também sempre acreditei que Samantha o detestasse. Mas há alguns dias ela vinha agindo de forma estranha. Sempre que falava de você era para elogiá-lo. Chegou até a comparar-nos certa vez.

– Eu sinto muito. – Ethan disse sem expressão.

– A culpa foi minha por me desesperar quando ela não voltou ao nosso apartamento. Samantha já vinha dando indicações que cedo ou tarde o faria, mas eu simplesmente não quis acreditar.

– E agora ela está de volta?... Ela disse o que conversamos?

– Disse que se ofereceu para você. – Andrew contou sem rodeios.

Mais uma vez Ethan se empertigou, porém mascarou sua reação.

– Exatamente – confirmou sentindo raiva de si mesmo por não ter arrancado a cabeça da víbora quando teve a chance. – Espero que ela tenha dito também que declinei ao oferecimento.

– Sim ela disse. E me contou também que você não está sozinho como ela acreditava.

Cobra viperina, Ethan pensou. Atreveu-se a falar de Danielle provavelmente minutos depois de tê-la induzido. Raivoso, ele cerrou os punhos com força antes de confirmar:

– Realmente não estou... Mas se ela contou como se esse fato fosse o motivo de não aceitá-la, quero que saiba que não o é. Posso ter vários defeitos, ser leviano e mulherengo... Com certeza há um número considerável de mulheres casadas dentre todas que caeei apenas para sexo, mas acredite... Vampiras comprometidas não me interessam.

Novamente sem que pudesse conter pensou em Joly, sua única exceção. Águas passadas. Salvo as duas exceções que mantinham em segredo, não a olhava com desejo.

– Sei disso – disse Andrew; Ethan prosseguiu:

– Perdoe-me a franqueza, mas devo dizer que jamais aceitaria uma vampira casada que viesse se oferecer a mim. Principalmente se essa mulher fosse Samantha. Acredite Andrew... Apenas a suporto por você.

– Isso não é novidade para mim. Somente por isso estou aqui. Não quero mal entendidos entre nós. Estou satisfeito em fazer parte desse grupo e não gostaria de ir embora por causa de Samantha.

– Por mim... Se esse assunto for esquecido e encerrado tanto melhor. – Escolhendo as palavras Ethan especulou: – Você a aceitou depois do que lhe disse?

– Não aceitaria mesmo que ela pedisse. Não seria possível. Depois que perdemos a confiança não tem mais conserto. Mas não foi preciso passar pelo constrangimento de mandá-la embora.

– Ah, não?!

– Não. Samantha voltou somente para fazer as malas. Disse que não queria mais ficar aqui e que iria para a cidade onde nasceu, Midland.

A notícia poderia ser bem-vinda se por acaso Ethan conseguisse acreditar que a louca fosse mesmo para Michigan. Para sua consternação, sentia em seus ossos que aquela não era a verdade.

– Não vou dizer que lamento.

– Nem eu espero por isso. Tudo que quero é que esqueçamos esse assunto e voltemos nossas atividades como sempre fizemos. Sei que você não tem culpa de nada. Ela me disse que tudo foi iniciativa exclusiva dela, mas isso não precisava ser dito. Estou aqui há seis anos e sei que você sempre a detestou.

– Ainda a detesto. – Ethan afirmou soturno. – O sentimento não se extinguiu somente porque não serei obrigado a vê-la nunca mais.

– Sei disso – Andrew se pôs de pé. – E agora não importa mais. Podemos apenas esquecer esse assunto?

– Por mim já foi esquecido no momento em que ela desapareceu de minhas vistas.

Ethan tomou o devido cuidado de não mencionar a cobertura, não sabia até onde a infiel havia contado e não queria estragar a conversa, aparentemente, amistosa. Sem dizer mais nada Andrew se dirigiu até a porta. Com a mão na maçaneta pediu.

– Então faça o mesmo com nossa conversa assim que sair de sua sala.

– Será como se você não tivesse vindo aqui essa manhã.

Andrew maneou a cabeça e saiu. Novamente sozinho Ethan se permitiu respirar com certo alívio. A conversa foi tensa, mas nem de longe constrangedora como ele acreditou que

seria. Serviu também para entender o comportamento de Andrew. A hostilidade sentida era baseada em orgulho ferido. E naquela manhã, Ethan o entendia como ninguém.

Repassava a conversa mentalmente quando ouviu a voz de sua Danielle e a de Joly. Erguendo-se, ele esperou que a amiga batesse em sua porta e a abrisse para dar passagem à sua adorada.

– Eu trouxe uma visita para você. – Joly anunciou sorrindo e revirando os olhos, antes de fechar a porta, deixando os dois a sós.

– Ora, ora... – Ethan simulou surpresa.

Não ficava a vontade enganando Danielle daquela maneira, mas ainda era necessário. Não poderia simplesmente recomendar que ela viesse até ele para sua própria proteção. Enfim, o teatro findaria aquela noite.

Sem mais palavras Ethan apenas sorriu e esperou que Danielle se aproximasse. Aos seus olhos ela estava linda. Usava um vestido preto, meias e botas da mesma cor. O que conferia algum colorido à caprichada produção era o casaco bege que ela carregava num dos braços e o lenço colorido em volta do pescoço. Este item em especial não agradou a Ethan, pois não lhe permitia ver a marca que ele havia feito em tão delicado pescoço.

Pelos tremores da jovem, Ethan sabia que seria humano de sua parte se fosse até ela, mas não era o seu caso. Era um imortal impiedoso que se comprazia até mesmo com o constrangimento do objeto de sua paixão. Uma criatura que jamais se privaria de ver as bochechas de Danielle naquele tom de vermelho que adorava ou de ouvir – enquanto tivesse a chance – o bater pulsante e forte do coração humano.

Por diversas vezes ela ergueu os olhos castanhos para ele e os abaixou como se conferisse onde pisava. Até mesmo o coração do vampiro batia de forma errática com a visão. Quando Danielle estava a dois passos dele, Ethan lhe estendeu a mão. Também não se furtaria do prazer de sempre ver sua humana aceitá-la. Ao ter a palma dela na sua, num gesto rápido, ele a puxou de encontro ao peito e a abraçou. Danielle arfou profundamente. Ethan disse a si mesmo que precisava ser mais comedido em seus movimentos, não espontâneo como se sentia ao estar perto dela.

– Como faz isso? – Dana perguntou, puxando o ar para os pulmões, presa aos olhos verdes.

– Não faço nada – ele respondeu descendo os olhos para os lábios entreabertos. – Apenas tenho pressa.

Danielle nada disse. Ethan aproveitou a proximidade e, sem pedir permissão, retirou o lenço colorido que cobria o pescoço delgado. Um sorriso de satisfação curvou seus lábios ao ver a marca que deixou. Desejou fazer outra, muitas mais... Ansioso, Ethan ergueu a mão livre e tocou a vermelhidão levemente, fazendo Danielle estremecer e corar.

– Dói? – ele quis saber, encarando-a.

– Somente quando aperto.

Ethan então abaixou a cabeça e beijou sobre a marca.

– E se eu fizer assim? – indagou ainda com a boca sobre a pele morna, apreciando o estremecimento.

– Não – respondeu lânguida.

– E assim? – Ao se calar Ethan lambeu e chupou sobre a marca. Danielle arfou e gemeu baixo.

– Sim... Agora está doendo.

– Quer que eu pare? – perguntou com lábios roçando a frente de seu pescoço, indo para o outro lado.

– Por favor, não.

Sorrindo satisfeito, Ethan lambeu a base do pescoço demoradamente antes de chupar-lhe a pele com força. Danielle sequer se moveu, contudo ele sabia que a excitava. E era exatamente daquela forma que ele a queria; sempre o desejando. Dependente dele como ele era dependente dela. Quando sentiu o ardor em sua garganta parou com a brincadeira. Erguendo o rosto, encarou-a. Danielle fitava-o completamente rendida, sorvendo ao ar com dificuldade. Sem nem pensar ele retirou o batom dos lábios dela com o polegar e perguntou muito sério.

– Dormiu bem?

– Maravilhosamente.

– Pensou em mim?

– Todo o tempo.

– Recebeu meu beijo de bom dia?

– Achei melhor vir buscá-lo pessoalmente. – Ela se atreveu a dizer.

Ethan sorriu contente, sentindo o corpo se aquecer em expectativa.

– Então... Bom dia, Danielle!

Ao se calar Ethan juntou as bocas sedentas. O beijo foi leve a princípio, como num reconhecimento, até que aquele roçar de lábios se tornasse insuficiente. Com um gemido, ele a segurou fortemente pela nuca e aprofundou o beijo capturando-lhe a língua. Ethan ouviu quando a bolsa e o casaco foram largados ao chão antes que ela o enlaçasse pelo pescoço. Ao sentir o corpo humano colado ao seu Ethan não pôde reprimir outro gemido de pura satisfação.

Dando três passos atrás Ethan se sentou sem libertar a namorada. Imediatamente Danielle passou as pernas por um dos braços da cadeira para se acomodar melhor sobre o colo dele. Movimento perigoso. Se antes já não podia estar perto dela sem desejá-la, agora que a nova energia corria por suas veias, sentir as mãos quentes em seus cabelos e as nádegas cheias comprimindo seu membro, simplesmente o massacrava. Contudo, como bom masoquista que era Ethan adorava.

Sem se importar com a boa moral no ambiente de trabalho, Ethan se moveu sob Danielle, obrigando-a a se acomodar mais uma vez sobre sua rigidez. Bruxa, ele pensou quando ela gemeu e se moveu por conta própria, incitando-o. Ao que parecia, toda covardia se evaporava sempre que ela estava disposta a atormentá-lo. Com certeza aquela era também sua intenção sempre que escolhia vestidos como aquele. O da vez era de malha acetinada, completamente maleável e muito macia ao toque.

Intencional ou não, Danielle desejava ser molestada e Ethan não a decepcionaria. Obedecendo ao seu instinto, ele escorregou uma das mãos até a frente do vestido a procura de um seio. Nem se deu ao trabalho de sentir a textura do tecido, queria a pele nua. Então, enquanto ainda a beijava, introduziu a mão pelo decote e procurou pelo mamilo cativo no sutiã.

Danielle gemeu mais uma vez e aumentou a pressão sobre o colo. Desprendendo os lábios dos de Ethan, ela passou a cheirá-lo no rosto, no pescoço. Com uma das mãos ela também procurou a gravata e afrouxou o nó antes de desabotoar alguns botões da camisa preta. Assim que teve espaço suficiente, ela tocou o peito de Ethan, acariciando-lhe os pelos no momento exato em que lhe cheirou a orelha antes de capturar-lhe o lóbulo entre os dentes.

Ethan calou um urro. Adorava quando sua bruxa covarde tinha aqueles surtos de ousadia. Eles confirmavam o cheiro dela que clamava por satisfação imediata. E ele resolveu que lhe daria. Não importava o lugar, nem quem os ouvisse, não importava mais nada. Danielle como sempre lhe roubava a razão, esfregando-se a ele daquela maneira, chupando-lhe a orelha. Ela o enfeitiçava; bruxa.

Com um único movimento da mão que espalmava o seio, Ethan afastou o tecido e o deixou a mostra. Reprimindo outro gemido, curvou-se sobre ela e cobriu o bico intumescido, passando a sugá-lo. Danielle arfou e gemeu um tom mais alto. Ela pendeu o corpo para trás, para que ele tivesse melhor acesso ao seu corpo. A garganta de Ethan ardeu; precisava do sangue dela. Esquecendo-se de toda prudência, ele correu os dentes na base da auréola e logo sentiu o líquido quente e doce em sua boca.

Com um grunhido de prazer extremo provou o sangue de sua humana diretamente do seio. Sugando-o com maior intensidade, alimentando-se dela.

– Ethan...

Danielle escorregou mais uma vez sobre o membro aprisionado e imediatamente estremeceu, num gozo lisonjeiro. Feliz com a reação do corpo amado e satisfeito da trapaça

que o deixou ter um pouco daquele sangue doce, Ethan lambeu o seio e voltou a beijá-la. Cogitava trancar a porta para dar fim ao que começou quando ouviu vozes na antessala.

– Desgraçado inoportuno. – Ethan ciciou muito baixo.

Joly tentava a todo custo fazer com que o homem fosse embora, sem sucesso. Ethan não entendia por que ele não a obedecia, nem dispunha de tempo para encontrar respostas. Como ouvia que os argumentos de Joly se esgotavam, ele gentilmente afastou Danielle. Alheia ao que acontecia fora daquela sala, ela ainda tentou abraçá-lo, porém Ethan a deteve arrumando a frente de seu vestido.

– Danielle, prepare-se.

Foi tudo que conseguiu dizer antes que a porta de seu escritório fosse aberta com estrondo e um rábula enfurecido passasse por ela. Possesso, Paul analisava a cena com as narinas dilatadas. Joly que veio logo atrás lamentou alarmada.

– Eu nada pude fazer.

Ethan sabia, e entendia que ela não poderia usar de força para persuadi-lo. Como explicaria ser capaz de subjugar um homem do tamanho de Paul? O mesmo que agora colocava as mãos no quadril e erguia o queixo, desafiador.

Passado o susto inicial, Danielle saiu do colo do namorado e se afastou alguns passos, arrumando o vestido o melhor que podia com as mãos trêmulas; muito vermelha. Ethan rogou que a reação nada tivesse a ver com algum resquício de lealdade para com o ex. A mínima possibilidade o enfureceu. Chispando os olhos para seu rival, Ethan se levantou lentamente, terminou de tirar a gravata, deixando visível seu peito pelo vão da camisa aberta por Danielle. Então cruzou os braços. Estava totalmente descomposto e ainda assim não perdia a altivez.

– Por que nada disso me surpreende? – Paul perguntou por fim; debochado, indicando aos dois com o dedo em histe.

– Porque o mínimo que espero de meus funcionários é que sejam inteligentes. – Ethan retrucou, então, saboreando a palavra antes mesmo de dizê-la diretamente, acrescentou: – Até mesmo um rábula como você deve possuir tal faculdade básica.

– Como se atreve? – O moreno deu um passo à frente.

– Eu que pergunto. Como se atreve a invadir minha sala dessa maneira? – Ethan indagou sem se mover.

– Eu a vi entrar aqui. Já estava estranhando as visitas... Agora entendo o motivo. – Dirigindo-se a Danielle, indagou: – Ainda vai negar que me traía?

Ethan se irritou ainda mais. O humano abjeto creditava mesmo que cobraria fidelidade de Danielle em sua presença?

- Paul eu... - Dana tentou se explicar, porém a voz poderosa de Ethan a calou.
- Acredito que Danielle não lhe deva satisfações. Assim como eu tampouco, então acho melhor sair daqui agora.
- Não vou à parte alguma até ela me explicar o que está acontecendo aqui.
- O que eu disse sobre inteligência? - Ethan indagou, abrindo os braços, exibindo-se. - Olhe para nós. Tem certeza de que precisa de explicação verbal?
- Ora seu... - Rubro de raiva, Paul se lançou contra Ethan.
- Por favor, parem! - pediu Dana saindo do torpor.

A discussão a nauseava, porém ela se obrigou a intervir, colocando-se a meio caminho entre os dois. Apesar do rompimento com Paul, sentia-se extremamente envergonhada por ter sido flagrada no colo de Ethan, então morreria caso trocassem socos por sua causa.

Imbuídos no espírito de luta os dois homens sequer a ouviram. Colérico, ao passar por Dana, Paul a empurrou com força para que saísse de seu caminho e avançou em direção a Ethan com o punho fechado. Ela caiu pesadamente no sofá e se voltou em tempo de ver a mão fechada de Paul ser capturada pela de Ethan a centímetros do rosto transtornado, evitando o soco certo.

Joly veio se colocar ao lado de Dana, abraçando-a protetoramente. Dana sequer notou o gesto. Olhava incrédula, Ethan furioso afastar o punho de Paul do seu rosto, sem o mínimo esforço, demonstrando ser mais forte até do que ela imaginou. Impossível! Ou não? Fosse como fosse, a superioridade era evidente e o brilho nos olhos verdes, assassino. Quando Ethan falou, sua voz era rouca e carregada de fúria, o tom baixo e letal; sincero.

- Se novamente se atrever a tocar em Danielle uma única vez eu não responderei por meus atos.
- E quem é você para me dizer o que fazer? - Paul perguntou sem se intimidar.

O humano era atrevido; sem nenhum senso de autopreservação. Pela primeira vez Ethan sentiu vontade de mordê-lo. Ainda não se contaminaria com o sangue, mas adoraria ver o pavor nos olhos escuros quando lhe mostrasse “quem” ele realmente era. Como não poderia fazê-lo controlou seu instinto e respondeu entre dentes.

- Ethan Smith McCain. Como pôde ver, sou aquele que está com Danielle agora, fazendo o que você não foi capaz... Eu a protegerei de qualquer um que seja louco o suficiente para tentar tocá-la. Encoste um dedo nela carinhosamente somente no dia que não precisar mais de sua mão, e empurre-a ou machuque-a no dia que quiser perder a vida.

Dana estremeceu diante daquelas palavras. Ethan prosseguiu sempre apertando o punho de Paul, domando como podia a força extrema que o exortava a mutilar o rival.

– Se tem algo a reclamar sobre estarmos juntos, reporte-se a mim... Não quero nem mesmo que dirija a palavra a ela.

– Você não decide isso. – Paul retrucou desafiador. Seria sábio, mas ele não se calou. – Por acaso sabe onde sua “namorada” esteve ontem à noite?

A provocação poderia ser ignorada, mas à menção do pior momento vivido pelo vampiro nos últimos anos, reabriu a ferida em seu orgulho.

– Não sei. Diga-me onde ela esteve.

– Agora chega! – pediu Dana, pondo-se de pé. Algo na expressão de Ethan indicava que se o ex retrucasse de alguma forma, seria aniquilado. Por essa razão pediu a Paul. – Por favor... Vá embora.

Dana tomou o devido cuidado de não dizer o nome, pois não queria enfurecer mais o namorado. Aconteceu de toda forma. Ethan preferia que não conversassem, mas para sua condenação, Danielle continuou falando com o ex e inadvertidamente relembrou a noite anterior.

– Acho que tudo ficou esclarecido. Não há traição aqui. Você me deixou livre porque quis então não tem o direito de se meter na minha vida agora.

Antes de estar com raiva por ter sido empurrada, Dana sentia pena do ex-namorado. Ele resistia bravamente, mas o suor que escorria pela lateral de seu rosto muito vermelho denunciava que com muito custo suportava a dor do aperto de Ethan. Com a voz rouca ele, encarando-a sentido, disse:

– Não foi porque eu quis meu anjo. Eu já disse que...

– Não se dirija a Danielle! – Ethan vociferou entre dentes, vendo tudo vermelho depois de ouvir o apelido carinhoso. Ato contínuo apertou mais o punho que segurava.

Dana ouviu o grito de dor juntamente com o som de ossos sendo quebrados. Seu coração doeu profundamente. Como Ethan teve coragem de fazer aquilo? Instintivamente tentou se aproximar de Paul, mas o olhar colérico que recebeu de seu namorado a freou. Nesse momento Thomas, Seager e Andrew entraram na sala e tentaram livrar a mão machucada do aperto de ferro formado pelos dedos de Ethan. Mais uma vez Dana tentou se aproximar, porém Joly a deteve, segurando-a pelos ombros.

– Ethan, por favor... – pediu Thomas; apaziguador. – Solte-o.

Ao ouvir o amigo, Ethan livrou a mão de Paul. Este de imediato a abraçou protetoramente. Com o suor a correr pelo rosto, sendo aparado pelo colega de sala, ele olhou na direção de Dana e perguntou sem se importar com as palavras anteriores de Ethan.

– Tem certeza de que é isso que quer “Danielle”?

Ethan ergueu o queixo, cego de raiva e ciúme. Sua vontade era terminar o que havia começado e esfregar todos os ossos de Paul em vez de quebrar dois ou três. Contudo, Thomas e Andrew o detiveram, com as mãos espalmadas em seu peito.

– Seager, leve Paul daqui. Ele precisa ir para um hospital. – Thomas ordenou.

Dana sequer teve a chance de responder ao ex. Seguindo Paul com o olhar enquanto ele era levado pelo colega, ela percebeu que alguns funcionários curiosos se encontravam ali assistindo toda cena. Nauseada ela sentia seu estômago dar voltas inteiras.

– Eu vou processar você McCain, pode esperar... – Paul ainda gritou da porta.

– Como cidadão tem o direito de tentar – retorquiu novamente impassível.

Ethan gostaria de ver quem se atreveria em testemunhar contra ele. Pensando nisso encarou seus funcionários humanos. Com certeza eles nunca o viram perder o controle e Ethan se odiou, e odiou o rábula ainda mais por aquilo. Então, assim que Seager e Paul deixaram a sala, perguntou para os que estavam na porta.

– Acaso não se tem trabalho suficiente nesse escritório? Se não há com o que se ocuparem talvez seja o caso de dispensar cada um de vocês.

Imediatamente todos se foram, apenas seus amigos vampiros e Danielle permaneceram. Aérea, Dana nem ao menos ouvia claramente o que era dito. Tudo que lembrava era a expressão sofrida de Paul em contraste com a colérica de um Ethan que ela desconhecia. Sem saber ao certo o que fazia, desprendeu-se do abraço de Joly e seguiu para a porta. Com o movimento dela todo o sangue de Ethan gelou. Era como se Danielle respondesse a Paul, indicando que não queria ele, Ethan. Com o coração aflito advertiu:

– Se sair não precisa voltar.

Dana paralisou ao ouvir o tom gélido. Vê-la interromper o movimento não cessou os calafrios que arrepiavam a nuca de Ethan.

– Ethan, talvez... – Joly começou, porém ele a cortou.

– Obrigada por ficar ao lado de Danielle, mas agora ajudaria mais se saísse daqui e providenciasse água para sua amiga. – Então olhou para Thomas e Andrew. – Se não se importam gostaria de ficar a sós com ela.

Todos seguiram para a porta sem argumentações, porém Andrew o fez depois de lançar um olhar inexpressivo para o líder. Ethan captou a condenação velada, e em silêncio o mandou ao inferno. Não admitiria ser julgado quando não mentia. Danielle era exceção. Uma que o tirava do prumo, com isso refreou a má vontade e disse antes que saíssem.

– Obrigado por interferirem.

Não, não lamentava o que havia feito, mas teria sido melhor para todos se tivesse mantido a calma. Joly fechou a porta depois de lançar um olhar pesaroso a Dana, como

quem se desculpasse. A sala então caiu no mais absoluto silêncio. Danielle estava de frente para a porta, de costas para Ethan, exatamente como havia parado depois de suas palavras. Ele não podia ver-lhe a expressão e não saber o que pensava ou sentia o estava matando.

Dana por sua vez tentava entender o agradecimento. Era como se de certa forma Ethan estivesse aliviado por terem livrado Paul de sua mão, mas, se esse era o caso, por que ele mesmo não se controlou? Por que machucar alguém daquela maneira? Era chocante confirmar que não o conhecia. Subitamente era como se descobrisse haver dois Ethans; duas faces de uma mesma moeda. Dana não gostou nada daquela outra face revelada.

Capítulo Vinte e Dois

O silêncio reinante na sala agravava a má impressão. Dana não estava acostumada a demonstrações de violência. E jamais poderia imaginar que a mesma mão que a acariciava gentilmente, levando-a ao céu, pudesse ser literalmente esmagadora.

Novamente aquele medo antigo e desconhecido lhe correu a coluna. A mente dela trabalhava veloz. Sua razão lhe dizia que o melhor a fazer era pegar a bolsa, o casaco e realmente ir embora. Não para correr atrás de Paul, apenas escapar daquele Ethan violento. Sim, uma voz interior lhe dizia ser o certo, mas seu coração se negava a sair daquela sala. Dana sabia que Ethan falava seriamente, e ela não se considerava pronta para perdê-lo.

Mesmo possessivo, com aquele novo lado colérico e irracional revelado, Ethan ainda era “seu” Ethan. O mesmo que se desprendia em atenções, lhe buscava todas as noites em seu serviço sem que tivesse qualquer compromisso com ela. O mesmo homem que ofertava flores carregadas de significados.

Dana respirou profundamente tentando acalmar as voltas em seu estômago e se virou lentamente até encontrar os olhos verdes. A expressão enfurecida havia desaparecido, restando apenas o Ethan que conhecia. Ele a encarava de forma intensa; absolutamente lindo. Os cabelos em desalinho. A camisa aberta até logo abaixo do peito, as mãos na cintura. E uma vez presa àquela visão estava perdida.

Imediatamente Dana se lembrou de sua rosa vermelha. Paixão, amor, coragem e respeito. Se Ethan a amasse e respeitasse apaixonadamente jamais permitiria que alguém a machucasse. E Paul a empurrou com violência. Como esperar que alguém, possuidor de uma personalidade forte como o advogado, assistisse à cena sem defendê-la? Impossível!

Amava-o, não importando como fosse. Paul fez a pergunta cuja resposta era óbvia. Sim... Era exatamente aquilo que Dana queria. Por isso não foi capaz de dar mais um passo depois das palavras de Ethan. Não sairia daquela sala até que ele permitisse. Era um fato; estava perdida.

– Eu sinto muito – ele disse sem deixar de encará-la.

Dana juntou as sobrancelhas. Amava-o verdadeiramente; entendia sua atitude, mas não a aprovava. Procurando pela própria voz, disse.

– Não é para mim que deve desculpas.

– Pois é somente a você que pedirei. – Ele retrucou firmemente.

– Ethan... Você quebrou a mão do... “dele”.

- Ele machucou você. - Ethan a lembrou, estreitando os olhos.
- Era realmente preciso quebrar a mão dele? - Ela rebateu, incrédula.
- Acredite... Minha vontade era quebrar muito mais.

Dana soube que Ethan falava a verdade. Temerosa e fascinada pelo olhar endurecido do namorado, ela o ouviu acrescentar.

- Fui provocado. Estou com esse seu ex-namorado entalado em minha garganta desde ontem. Como espera que eu me sinta e reaja a essa cena lamentável depois de ver que ele claramente ainda acredita ter direitos sobre você? Depois de ter ido buscá-la na rua dele?

Ethan praguejou intimamente por demonstrar sua fraqueza, mas não conseguia evitar quando Danielle o confundia. Precisava conquistar-lhe a confiança, não afastá-la. Ele passou a mão pelos cabelos, tenso. Queria que ela fosse específica. Que dissesse, ali, as mesmas palavras que disse ao rábula na noite anterior; que estava com ele agora. Talvez assim o acalmasse.

Mortificada, Dana reconhecia ser a única culpada. Se tivesse sido sincera com Paul ele não viria à sala do patrão para confrontá-los. E se tivesse explicado o pouco que podia a Ethan ainda na noite passada, agora ele não se sentisse provocado, pois saberia que nada havia acontecido.

- Pois não se sinta assim. Não houve nada entre nós.
- Não muda o fato de ter me deixado para ir com ele.

Dana não soube o que responder, pois não agiu de livre e espontânea vontade. Seu silêncio foi interpretado erroneamente.

- Você é livre Danielle. Se por acaso se preocupa tanto com ele pode ir. Mas sinceramente não ficarei aqui esperando que volte. Não gosto de indecisão.

Evidente que naquele caso ela não tinha escolha. Não para ir atrás do rábula. A preocupação era desnecessária; infelizmente o traste ficaria bem.

- Não vou à parte alguma - disse.

Cansada, Dana foi se sentar no sofá. Nesse momento Joly bateu levemente na porta e entrou trazendo a água pedida por Ethan. Sem dizer nada foi até a amiga e se sentou ao seu lado. Dana aceitou o copo estendido. Apenas naquele instante percebeu que tremia. Ethan se recriminou por ter sido violento diante dela ao notar o quanto estava trêmula ao beber a água; inferno. Ao devolver o copo, Joly a olhou demoradamente.

- Está mais calma? - indagou antes de olhar rapidamente para Ethan e de volta a Dana. - Quer ir embora?

Ethan respirou fundo contando até mil para não mandá-la ao inferno por tentar afastar Danielle mais uma vez. Dana pôde ouvir a respiração pesada de Ethan, porém ele nada disse. Sem encará-lo respondeu.

– Estou bem Joly, obrigada! E... – ela olhou para o namorado taciturno. – Vou ficar.

– Pode ir agora Joelle. – Ethan a dispensou; não era um pedido. Ao ficar novamente a sós com Danielle, prosseguiu: – As coisas fugiram um pouco ao controle. Talvez seja mesmo melhor você ir para seu apartamento. Eu a levo se desejar.

– Como já disse, não quero ir... A menos que esteja atrapalhando você.

– Não atrapalha. Gosto de tê-la aqui.

Ethan decidiu que estava há tempo demais longe de Danielle. Com um suspiro aproximou-se e sentou ao lado. Imediatamente pegou uma mecha de cabelo dela entre os dedos e a cheirou. Relembrar os primeiros dias o deixou subitamente nostálgico; havia sido aquele odor, associado a outro que ele conhecia tão bem que o atraiu para ela. Quanto lutou para chegar até ali? Não poderia falhar agora!... Então, faria o que deveria ser feito. Odiava demonstrar suas fraquezas, mas no momento, retratar-se era imprescindível.

– Não pedi desculpas pelo que fiz a ele. Pedi por tê-la magoado – explicou, sorriu torto e procurou pelos olhos de doce. – Acho que percebeu que não sou tão civilizado quanto aparento, então não vou dizer que tudo bem você se preocupar por ele, pois não está. Por mim você sequer se lembraria que ele existe, mas sei que isso não é possível. Sei que ainda gosta dele. Então, mesmo com a provocação eu não devia ter feito o que fiz. Perdi a cabeça. Pode me perdoar por isso?

Dana lhe tocou o rosto. Ethan era realmente contraditório. Colérico como um animal atizado em um minuto, então aquele homem racional e ponderado no outro. Ainda que lamentasse pela mão de Paul, Dana descobriu que estava enganada; ela gostava das duas faces daquela rara moeda. Então, deu a única resposta aceitável.

– Não tenho o que perdoar. Você não me magoou de forma alguma, Ethan... Eu que preciso pedir desculpas. – Sem tirar a mão do lugar, Dana moveu o polegar na pele daquele rosto magnífico. Ethan fechou os olhos, como Black fazia quando ela o acariciava. – Quando estávamos na praia disse que toda essa situação era nova para você. Pois quero que saiba que é para mim também.

Ethan abriu os olhos e a encarou. Suspirando, temendo despertar-lhe o ciúme, Dana prosseguiu:

– O primeiro com quem me relacionei não conta, pois não foi nada sério, então... – ela interrompeu o carinho no rosto amado e apontou para a porta com o polegar por cima do ombro, indicando Paul. – “Ele” foi o primeiro namorado que tive, por isso nunca houve trocas. Não conheço o protocolo para esses casos. Talvez, nem sempre eu saiba como agir nesse momento de... transição.

– Danielle...

– Por favor, deixe-me concluir... Não me ocorreu que fosse magoar você quando o chamei para me buscar essa madrugada. Queria ver você e agi sem pensar. E se também o magôo ao dizer o nome dele em horas indevidas, acredite, não faço por mal. Mencionar alguém que esteve em minha vida por tanto tempo é natural para mim... E é somente por isso que me preocupo. Não seremos amigos como já lhe disse, mas isso não acaba com meu afeto. Os sentimentos não se desligam assim – Dana estalou os dedos –, por isso não quero que nada de mal aconteça a ele. Assim como não desejaria o mal de Terry, por exemplo.

Se fosse possível Ethan arrancaria aquele afeto do coração de Danielle, contudo não poderia. Assim como infelizmente, talvez, nunca pudesse matar o rábula lenta e dolorosamente para que se arrependesse por todas as vezes que a tocou. Resignado com a limitação, Ethan apenas esboçou um sorriso, tentando parecer compreensivo.

– “Você” é importante agora – ela prosseguiu, novamente o tocou no rosto. – Então não pense que estou indecisa, pois não estou. Pedir para que eu escolha entre um e outro é perda de tempo, pois sempre será você. Só... Por favor, não peça para que eu deixe de gostar ou de me preocupar com ele. Não sou capaz de mandar no meu coração e não desejo, nunca, enganar você.

As palavras de Danielle o surpreenderam. Jamais imaginou que ela se sentisse confusa por não saber como agir. Ethan apreciou todas as palavras, especialmente a parte onde ela afirmou a importância “dele”. Não foi uma declaração como esperava, mas já era um avanço.

Apreciava também o carinho em seu rosto. Danielle não poderia saber, mas com o gesto trazia a paz de volta ao seu coração e reacendia sua esperança. A vida seguiria seu curso. Após aquele confronto não seria preciso suportar o rábula em seus escritórios agora que oficialmente lhe roubou a namorada. Não... Agora que a tomou de volta, pois se Joly estivesse certa, Danielle sempre lhe pertenceu.

Ethan procurava por palavras que expressassem sua compreensão, ansioso por correr as mãos pelas meias pretas que cobriam as pernas roliças para assim encerrar aquele assunto para retornar o interrompido, quando Danielle prosseguiu:

– Não suporto mentiras Ethan; dissimulação ou traições. Prefiro que saiba como me sinto e me aceite assim.

Evidente que a paz não poderia durar mais que breves instantes, Ethan pensou ao ser lançado mais uma vez ao inferno das dúvidas. Sim, aceitá-la-ia, mas... Ela o aceitaria? Ele não somente mentia, como enganava, dissimulava. Também a induziu quando bem quis e lhe profanou o corpo. Quando a verdade viesse à tona, seria absolvido de seus delitos?

– Você não entende como me sinto? – Ela insistiu ao não ter nenhuma resposta.

– Entendo – ele respondeu roucamente. – Não gosto; queria que fosse diferente... Mas entendo. Quanto às mentiras... Às vezes elas são necessárias.

– Pois eu não vejo como uma mentira possa ser necessária. A verdade é sempre o melhor caminho.

Sim, seria, caso a verdade em questão não fosse perturbadora e macabra, ele teve vontade de responder. Em voz alta reiterou intimista, sombrio.

– Acredite. Existem verdades que deveriam ser esquecidas eternamente se fosse possível.

– Por acaso conhece uma dessas verdades? Possui uma que desejaria esquecer?

Danielle não aceitaria. Ao ouvir o tamborilar do coração humano e o tom incerto Ethan soube com toda força que corria seu ser que ela não aceitaria. E se estivesse certo, não poderia perder aqueles últimos momentos ao lado dela. Ainda não havia decidido o que faria caso fosse rejeitado. Não havia um plano B; que ele, definitivamente, tinha de encontrar até a noite, determinou. Pois não voltaria sua decisão atrás.

Para Dana o silêncio de Ethan falava mais do que mil palavras. E não ajudava que ele se mantivesse a encará-la enigmaticamente. Ainda sem nada dizer, ele novamente capturou uma mecha dos cabelos dela e a cheirou, mantendo os olhos fechados.

– Não – mentiu por fim. – Foi apenas uma forma de falar.

Dana perscrutou todo o rosto perfeito tentando decifrar a nova expressão, sem sucesso. Ao que parecia Ethan sempre seria um mistério. Um que mesmo temendo as respostas, ela gostaria de decifrar. Tanto que mudou de assunto, abordando um tema que a intrigava.

– Como fez aquilo?

Silêncio. Dana tinha certeza de que Ethan sabia ao que ela se referia ainda assim repetiu:

– Como fez aquilo, Ethan? Como apertou um punho ao ponto de quebrá-lo?

Ethan a encarou por um tempo. Evidente que ela iria querer saber de onde vinha tanta força. Infelizmente ainda não poderia dizer.

– Acho que a raiva que sentia me deu força extra.

“Força extra por estar com raiva”. Era realmente para ela acreditar naquilo? Analisando o rosto impassível Dana soube que sim. E expressão de Ethan a desafiava a duvidar. De repente ela desejou não saber a resposta. Os calafrios conhecidos percorriam seu corpo, alertando-a de que havia muito a ser dito, mas que aproveitaria mais a companhia de Ethan se permanecesse na ignorância.

– Isso explicaria muita coisa... – murmurou, fechando os olhos.

E lá estava sua bruxa covarde novamente. Definitivamente ele teria que criar um plano B, Ethan pensou aflito.

– Então, por ora, vamos esquecer esse assunto?

Mais uma vez, Dana reconheceu o tom de comando. E ela obedeceria. Já não havia reconhecido ser uma rendida? Abrindo os olhos, ela admirou o homem diante dela. Ethan exalava tanta força e perfeição. Como um deus ou um anjo caído. Repleto de defeitos e ainda assim todos justificáveis e totalmente perdoáveis. E esse ser estranho, capaz de gestos violentos e carinhos extremos era seu dono. Ao pensamento Dana se lembrou de uma brincadeira dos tempos de criança. Porém, antes de ser lúdica a recordação lhe pareceu macabra.

– Sim, vamos esquecer... – ela disse, e em pensamento determinou. “Tudo que meu mestre mandar”.

Por um segundo, durante o silêncio de Danielle, Ethan alimentou a esperança de que ela não se desse por satisfeita e o questionasse. Com o aquiescer, toda expectativa se foi. Conformando-se com o inevitável, Ethan decidiu ser primordial distrair a namorada. Voltar ao clima que estavam antes e tornar as coisas leves; acalmá-la para o que viria à noite.

– Sim, vamos esquecer – confirmou. Então olhou seu relógio e levantou, ajudando-a a fazer o mesmo logo em seguida. – São onze e meia. O que acha de adelantarmos o almoço?

– Não estou com fome – ela declarou mordendo o lábio inferior. – Preferia ficar aqui.

Ethan sorriu satisfeito. Nada lhe daria maior prazer, mas era preciso manter o foco.

– Vamos lá... Distrai-me.

Na verdade, uma vez que fora arrancado de sua luxúria e trazido para a dura realidade, Ethan queria que Danielle comesse algo. Apesar da aparente calma ela ainda se encontrava trêmula. A cena que presenciou foi forte. Não era preciso ter ouvidos apurados como os dele para ouvir o som dos ossos sendo quebrados. De súbito Ethan temeu que, mesmo coerente e falante, ela ainda pudesse entrar em choque.

– Não precisamos sair do edifício. – Ele ofereceu ao vê-la hesitar. – Vamos ao Café no mezanino. Que me diz?

Dito isso foi até sua mesa pegou o lenço colorido para cobrir o pescoço que marcou. Enquanto o arrumava ele não resistiu ao comentário.

– Apesar de termos sido flagrados, o que fazemos somente a nós interessa.

Danielle pareceu não se importar. Apenas sorriu timidamente quando Ethan já arrumava a própria roupa. Não recolocou a gravata, apenas abotoou a camisa, arrumou-a no cóis da calça e vestiu seu paletó. Depois de prontos saíram.

Capítulo Vinte e Três

Dana engoliu o último pedaço do sanduiche e intimamente parabenizou-se pela vitória. Ethan e ela estavam sentados num canto reservado do Café. Ele a brincar com os dedos da mão livre que ela mantinha sobre a mesa. Era perturbador. Talvez se Ethan a acompanhasse na refeição ela não se sentisse tão deslocada, contudo ele alegou não ter o costume de se alimentar durante o dia, restando a Dana fazê-lo sozinha.

Estava clara a intenção de distraí-la, com isso o namorado a crivava de perguntas pessoais. Era estranho falar apenas de si mesma, mas Dana apreciava a atenção. Então, entre uma mordida e outra no sanduiche, ela já havia respondido sobre amigos de escola, presentes preferidos de Natal, animais de estimação, relacionamento com os pais.

– Por que escolheu jornalismo, Danielle?

E agora Ethan enveredava no campo profissional.

– Sempre quis escrever. – Dana respondeu, depois de tomar um gole de sua coca-cola. – Adorava fazer redações. Além de poder discutir idéias, descobrir coisas novas, questionar e tentar entender a sociedade.

– E você entende? A sociedade?

– Não – negou e sorriu. – Acho que ficaria decepcionada se a entendesse tão cedo. Ou talvez entediada.

– Arrisco dizer que jamais acontecerá. A grande verdade é que não temos como entender tudo. – Ethan comentou enigmático.

– Bom... Assim minha missão nunca terá fim. – Dana gracejou.

– Isso pode ser providencial... No futuro.

Poderia ser apenas impressão, mas a Dana pareceu que Ethan desejava dizer mais, porém antes que o questionasse, ele voltou ao próprio interrogatório.

– E você é feliz? Escrevendo? Nunca se arrependeu da escolha?

Após as perguntas ele virou a mão dela sobre a mesa e correu o dedo indicador ao longo da palma, fazendo-a estremecer.

– Não costumo me arrepender de minhas escolhas.

– Fico feliz de saber disso. – Ethan lhe presenteou com um meio sorriso.

Dana imaginou se ele somente se referisse à sua escolha profissional ou a amorosa; talvez fossem as duas coisas.

– Está preparada para começar no jornal? – Ele indagou, inclinando-se para ela.

– Sim, gosto de toda aquela agitação. – Dana respondeu retraindo o impulso de pender para frente e se aproximar daquele rosto perfeito e sereno; tão diferente de um que viu no escritório. – Não vejo à hora de voltar a uma redação.

Um brilho intenso cruzou os olhos verdes. Ethan sorriu abertamente e se inclinou mais para perguntar em tom confiante.

– Não é mesmo horrível quando não vemos à hora de acontecer uma coisa e ela simplesmente demora a chegar?

Ao se calar, sem aviso, ele a tocou num dos joelhos que a mesa mínima mal ocultava. Dana paralisou e olhou em volta, receosa. Ethan moveu o polegar lentamente. E lá estava a pergunta intrigante. Como era possível uma mão tão gentil ser extremamente cruel?

– Sim... É horrível! – Dana concordou; agradecida por receber somente os carinhos da mão poderosa. – Mas o que, exatamente, você espera que aconteça?

Sem se preocupar com quem estivesse em volta, Ethan subiu a palma lentamente pela coxa dela, invadindo a barra do vestido até tocar a divisa entre a meia e a pele. Todos os pelos de Dana se eriçaram; seu coração acelerou ao sentir o toque frio.

– Nada demais – ele respondeu inocente. – Queria apenas ver o padrão dessa renda. Mostre-me.

– Aqui?! – Dana sentiu seu rosto arder.

– Por favor... – Então Ethan se afastou e se recostou na cadeira. – Não sou merecedor, mas dê-me essa alegria.

Dana perscrutou-lhe o rosto à procura de algum traço que indicasse o quanto ele não se considerava merecedor; não encontrou nenhum, óbvio. Ethan parecia sempre confortável em suas atitudes e, nele, tamanha arrogância era extremamente atraente; e aliciadora. Sim, pois, mesmo com o coração aos saltos, Dana se preparou para atendê-lo. Ethan apenas esperava, mirando a coxa, expectante.

Dana nunca entendeu bem o fetiche dos homens por peças íntimas ou carinhos ousados em locais públicos, mas como ele comentou, seria entediante entender tudo. Depois de olhar em volta e se certificar que não eram vistos, Dana pousou a mão na altura do quadril e, com dedos trêmulos, fez a saia de seu vestido subir lentamente. Satisfeita, viu quando Ethan prendeu a respiração no segundo que a renda foi revelada.

– Droga! – Ele resmungou visivelmente contrariado.

“Droga”?!... Dana estava prestes a baixar o vestido, especulando o que havia feito de errado, quando Ethan maneou a cabeça negativamente, inclinou-se e cobriu a mão dela para deter o gesto. Ao vê-lo sacar o celular e atender, Dana entendeu a bronca.

– O que é agora, Thomas? – Ethan perguntou muito sério.

Enquanto ouvia, Ethan largou a mão da jovem e tocou a renda exposta. Alisou-a, sentindo o padrão. O calafrio conhecido correu pela coluna de Dana. Em êxtase, ela viu o namorado abandonar a renda e correr a mão espalmada pela lateral da perna nua até o quadril, então apertou o volume de sua carne oculto sob o vestido.

– Sim, comprei. – Ethan respondeu ao celular, deslizando a mão de volta ao joelho.

Dana se perguntou como ele podia conversar tranquilamente enquanto a tocava daquele jeito, excitando-a. Ainda a ouvir o interlocutor, Ethan deslizou a mão para o interior da coxa roliça. Involuntariamente Dana separou as pernas. O namorado sorriu; àquela altura ela não sabia se da reação espontânea ou de algum comentário do sócio.

Pouco importava saber quando passou a receber um massagear delicado na virilha. Dana reprimiu um gemido, covardemente olhando em volta. Reparou que as mulheres presentes os assistiam. Aquele era o único problema. Elas não poderiam ver o que se passava do lado oculto da mesa, mas sem dúvida deduziam pela posição que se encontravam, e por seu rosto inegavelmente culpado. Dana se esqueceu de sua plateia ao sentir o resvalar dos dedos de Ethan naquela parte dela que pulsava, aflita.

– Ela já está aqui? – Ethan perguntou rouco.

Ao perceber certo tom de alarme na voz de Ethan, Dana sentiu uma leve pontada em seu coração. Quem seria “ela”? Uma cliente, provavelmente. Não teve tempo de cismar, pois Ethan passou a brincar com o limite da calcinha. Dana prendeu a respiração. E esquecida de clientes femininas, plateia ou seus pudores escorregou lentamente para a beirada da cadeira e separou um pouco mais os joelhos. Novamente Ethan sorriu.

– Havia me esquecido completamente. – Ele disse ao celular.

Ethan não voltou a tocá-la. Reclinado para ela, como se conversassem algo particular, apenas permaneceu a brincar com o elástico da peça íntima; era enlouquecedor.

– Subo em um minuto. Leve-a para a sala de reuniões – pediu e desligou.

Então, depois de guardar o celular, reclinado na direção dela; quase apoiado no joelho que antes tocou, ele a acariciou como ela ansiava. Dana arfou, não poderia ir adiante.

– Estamos em público – lembrou-o num sussurro.

– Eu sei. – Ethan sorriu maroto e avançou o limite do elástico para brincar diretamente com o ponto mais sensível de sua namorada.

– O que... aconteceu com... o que fazemos... somente... a nós... interessa?

– Continua valendo. – Ethan se mostrava inalterável, sempre a acariciando. – Ninguém sabe o que estamos fazendo aqui. Nem mesmo seu rosto deliciosamente vermelho é prova de nada. Estamos apenas conversando. Se acaso maliciam nossa aproximação é porque não têm nada melhor a fazer em suas vidas vazias.

– Ethan, por favor... Não... Eu não poderia...

Sabia que Danielle havia implorado para sua razão, então, mesmo adorando o que fazia, Ethan encerrou o carinho. Melhor aproveitar o tempo juntos sem provocações. Era o que Danielle queria, sabia. Cada vez mais se convenciu de que sua bruxa não era tão covarde quanto acreditava. Na verdade, ao aceitar o pedido de Ethan, ela indicou ser tão perversa quanto ele, talvez somente não soubesse ou resistisse.

– Tenho uma reunião. – Ele anunciou, baixando lentamente a barra do vestido dela.

Ethan viu, satisfeito, a decepção nos olhos âmbar de Danielle. Contudo nada poderia fazer para adiar. A reunião era de seu interesse. Precisava voltar ao escritório.

– Já que sabiamente me lembrou que estamos em público, o que acha de chegar até aqui e acabar com a curiosidade de todas.

– Como?! – Dana juntou as sobrancelhas.

Ethan sorriu abertamente. Sua bruxa covarde, mais uma vez, estava de volta.

– Apenas me beije, Danielle. – Ethan esclareceu revirando os olhos. – Não deseja mostrar a cada uma, e a todas elas, que eu tenho dona?

“Dona de Ethan McCain.” O coração de Dana parou por um segundo. Seria possível que algum dia ela própria acreditasse naquilo? Somente o tempo diria. E sim, ela queria confirmar sua posse para as mulheres presentes, mesmo sabendo que um beijo público não provaria nada. Subitamente Dana desejou que provasse.

– Sou mesmo sua dona? – indagou ansiosa.

Próximos como estavam, Dana pode ver um brilho intenso que iluminou os olhos verdes antes que Ethan afirmasse.

– Primeira e única dona do meu coração velho e fraco. Por favor, tenha cuidado.

Dana não entendeu como alguém, no auge de seus 29 anos, poderia considerar ter um coração velho e fraco. Descendo os olhos para a boca entreaberta, ela desistiu de entender, apenas se inclinou para frente e o beijou, sabendo que o amava e no que dependesse dela, nunca o magoaria.

Assim que as bocas se uniram, o namorado segurou-a pela nuca e invadiu-lhe os lábios com a língua sedenta. O beijo nada “simples” foi demorado e profundo, roubando dela todo o fôlego e a razão. Quando as bocas se separaram, Dana precisou de bons segundos para se lembrar de onde estavam. Quando deu por si, Ethan já fazia sinal para a garçonete.

– Deseja pedir alguma coisa agora? – A moça perguntou solícita.

– Não, somente a conta – respondeu, sorrindo-lhe manso; sedutor.

Dana sequer notou ainda afetada pelo beijo, antevendo a tortura que seria ocupar o elevador com “todo” seu namorado. Descer até o mezanino fora um teste psicológico; a subida não seria diferente. Ainda mais depois de ter sido tocada e beijada daquela maneira. A tensão entre eles era visível; palpável. Ethan conseguia levá-la a extremos que jamais imaginou existirem. Com ele, sentia-se viva. Instintivamente Dana procurou pelo rosto amado. O viu sorrir enquanto devolvia a pastinha de couro preto para a garçonete.

– Não tem troco – disse, dispensando-a. Então levantou e estendeu a mão para Dana. – Pronta para vir comigo?

Dana aceitou a mão estendida, reconhecendo que nunca estaria pronta. Ethan sempre seria “demais”. Sabia de antemão que seu coração sempre pararia ao vê-lo, seu corpo sempre responderia de forma positiva ao seu toque. Por isso não teve reservas em mentir.

– Estou.

Ethan sorriu satisfeito e a trouxe para junto de si. Depois de abraçá-la pela cintura, conduziu-a até a saída. Dana evitou olhar em volta, podia sentir os olhares de inveja e cobiça de cada mulher presente e, mesmo desconcertada, rendeu-se também a um pecado capital ao sentir soberba. Ethan agia como se de fato fosse dela. E apenas dela.

Como ninguém requisitaria, o elevador privativo os esperava. Bastou abrir as portas e entrar. Dana ainda saboreava sua supremacia sobre as mulheres que deixaram para trás quando Ethan a empurrou de encontro à parede metálica da cabine e a prensou com o peso do próprio corpo. As portas mal haviam se fechado e ele já havia retirado o paletó e a beijava com urgência. Fúria até.

Com pressa, apertou-lhe os seios sobre o vestido, estimulando mais um corpo já excitado. Sem tempo para pudores, com as mãos trêmulas, Dana abriu-lhe a camisa completamente, afastando-a para sentir-lhe os pelos que tanto adorava. Com um gemido inotido Ethan encostou-se nela mostrando o quanto ele mesmo já se encontrava excitado. Com a voz rouca, disse com os lábios ainda sobre os dela.

– Espero que realmente esteja pronta Danielle, pois não temos tempo e preciso de você agora.

Falou por falar, pois sabia que a humana estava muito pronta para recebê-lo. Sem esperar resposta afastou-se dela o suficiente para desafivelar o cinto e abrir a calça. Hipnotizada, Dana arfou ante a visão do membro desperto. Seu sexo clamou por ele, seu corpo implorou por senti-lo dentro de si.

Preso em sua própria urgência e fascinado com a expressão de adoração no rosto amado, Ethan introduziu a mão pela barra do vestido e abriu caminho pelo tato até

encaixar-se nela; preciso. Dana gritou com a investida e se agarrou a ele, prendendo-se com as pernas no quadril masculino.

Atordoada por tamanha paixão Dana olhou para o lado e os viu no reflexo do grande espelho. Ethan já apreciava a cena, atento ao próprio serpentear, com os olhos escuros de desejo. O tecido do vestido – pesado e mole – não permitia que se visse a conexão dos dois, mas deixava à mostra a coxa alva que formava um contraste gritante com a renda da meia e a bota preta. Para Dana era estimulante ver Ethan em ação, investindo contra ela, mas mais importante era sentir. Apenas sentir...

– Ethan!... – O nome saiu por puro reflexo, ainda assim ele procurou pelos olhos dela no espelho.

– Hoje existo por você – sussurrou –, então nunca resista a mim...

Dana imaginou que ele se referia àquela entrega imediata e como seu corpo estava no limite, atendeu-o. Confiando naquela força que conheceu mais cedo, Dana desprendeu as pernas do quadril de Ethan, deixando que ele a sustentasse pelas nádegas e se movesse melhor. Então aconteceu. Mais uma vez era consumida pela intensidade de um orgasmo violento. O namorado estremeceu em seu corpo e afundou o rosto em seu pescoço, sobre o lenço, urrando como um animal em agonia. Dana simplesmente adorava aqueles sons estranhos que Ethan fazia, assim como adorava ele inteiro. Pele, cheiro, força, possessão... Tudo.

Enquanto era depositada no chão e se arrumava rapidamente, Dana deu-se conta que jamais poderia mensurar o que sentia por Ethan. Acreditou por três anos que amava Paul somente porque nunca havia amado antes. Agora entendia que amar era exatamente aquilo; apreciar o todo; sendo bom ou ruim. Ethan ainda era uma incógnita, naquela manhã havia conhecido uma face dele que a assustou. Temia-a, e ainda assim a aceitava.

Naquele exato momento em que ele a encarava compenetrado a se recompor rapidamente, Dana somente tinha consciência “dele”. Magnífico a abotoar os dois últimos botões de sua camisa. Depois de arrumá-la dentro da calça, igualmente abotoou-a e afivelou o cinto antes de estender a mão e tocar o painel. Naquele instante Dana percebeu que haviam parado; onde esteve? Em órbita, com Ethan McCain, claro!

Magicamente estava de volta a Terra, e era como se nada tivesse acontecido. Ou quase... Ainda aérea e arfante, Dana se olhou no espelho. Seu rosto era a prova viva que haviam, sim, feito amor naquele elevador que já perdia impulso. Como se adivinhasse seu pensamento, Ethan se aproximou e a abraçou, acariciando-lhe o rosto.

– Depois lhe digo o quanto o que acabamos de fazer me deixou feliz – disse deslizando os dedos ao longo da bochecha rosada. – Por ora preciso arrumar um álibi para seu rosto deliciosamente culpado.

Então a beijou. Foi um beijo manso, ainda assim perturbador. Ethan a enlaçou pela cintura com uma das mãos enquanto que com a outra lhe segurou a nuca. Quando o

namorado a soltou as portas do elevador já se encontravam abertas e duas ou três pessoas os assistiam; Dana não ousou contar.

Altivo, Ethan a conduziu para o *hall* e depois para a antessala de seu escritório. Dana sequer olhou para os lados, agradecendo intimamente por ele não soltá-la. Infelizmente seu apoio lhe foi tirado ao se depararem com Cindy Howden. Provavelmente era ela a mulher que esperava por Ethan para a tal reunião. O namorado a deixou onde estava e se adiantou para cumprimentar a visitante.

– Boa tarde. O que faz aqui? – Ethan perguntou ao apertar a mão de Cindy. Em voz baixa, informou, com os olhos postos em Joly. – Pedi a Thomas que a levasse para a sala de reuniões.

– Ela pediu para esperar. – A secretária deu de ombros.

– Sim, Ethan... Queria vê-lo antes de nossa reunião. – Cindy explicou, olhando para Dana com curiosidade. – Não pensei que estivesse ocupado. Boa tarde, Srta. Hall.

– Olá, Sra. Howden. – Dana retribuiu o cumprimento enquanto sua cabeça gritava; “Ethan”?! O que havia acontecido com as formalidades em ambientes de trabalho?

– Acredito que tudo que temos para conversar possa ser dito na sala de reuniões. – Ethan retrucou impassível antes de oferecer. – Joly vai levá-la até lá e providenciar-lhe água ou café. O que desejar. Em minutos estarei com você Cindy. Agora se me der licença...

“Cindy”?! A mente de Dana novamente protestou. Sério, definitivamente o que havia acontecido com as formalidades em ambientes de trabalho? Pensou aborrecida.

– Prometo ser breve.

Antes mesmo que se calasse, Ethan estendeu a mão para Dana, que a aceitou enquanto olhava para ele com as sobrancelhas unidas. Ainda se perguntava que tipo de assunto urgente o advogado e a editora poderiam ter enquanto era guiada para o escritório do namorado.

– Até segunda-feira, senhorita Hall. – disse Cindy.

– Até, senhora Howden.

Dana respondeu educadamente à nova editora apesar de sua vontade ser fuzilá-la por encarar Ethan daquela maneira. Novamente Dana se desconheceu. Quando se tornou aquela mulher possessiva? Resposta; quando descobriu na prática o que era ter Ethan McCain. Não conseguia sequer imaginar que outra mulher pudesse desejar ter o mesmo que ela recebia dele. Se a conversa que tiveram na volta da praia se desse agora, ela não perguntaria sobre possíveis ex-namoradas; amigas ou não. Não queria saber, nem das “não importantes”, pois, sabe-se lá até quantos dias atrás elas existiram.

– O que houve Danielle?

A pergunta a sobressaltou. Nem havia percebido que já se encontrava na sala do namorado. Ethan a encarava de forma estranha, com o cenho franzido.

– Não se sente bem? – Então ele avançou e tocou seu rosto, preocupado. – Eu a machuquei?

– Não... – Foi sincera. E como jamais diria que remoia um ciúme inédito, que a deixava incoerente, tentou sorrir para tranquilizá-lo. – Estou muito bem na verdade. Você foi perfeito.

Dizendo isso se aproximou e o enlaçou pelo pescoço para beijá-lo. Ethan aceitou o beijo, abraçou-a pela cintura, porém não aprofundou ou estendeu o contato. Em vez disso, começou a depositar pequenos beijos nos lábios dela. Dana sabia que aquela era a deixa para afastar-se. O ciúme incômodo de novo a atacou.

– Danielle... – Ethan começou, segurando-a na lateral do rosto. – Estou adorando que esteja aqui, mas a manhã foi tensa e agora não poderei mais lhe dar atenção. Esqueci-me completamente que tinha essa reunião com Cindy.

Alheio ao ciúme recém-adquirido da namorada, Ethan prosseguiu.

– Acredito que o melhor seja ir para seu apartamento. Vou pedir para Joly levá-la.

O que poderia fazer? Ser a namorada possessiva e insegura que questiona o assunto de uma reunião com a viúva atraente, tão íntima que se tratavam pelo primeiro nome? Poderia sentir novos e perturbadores sentimentos, mas ainda era a mesma Dana.

– Está bem... Preciso mesmo ir para casa. Mas não incomode Joly, eu vou sozinha e...

– Absolutamente! – Ethan a interrompeu resolutamente. – Você veio com ela, não veio? Além do mais, passou por momentos tensos, não confio que ande sozinha. Joly pode levá-la até seu apartamento. – Ainda acariciando seu rosto, perguntou: – Alguma chance de você não ir para Little Italy hoje?

Dana apenas maneou a cabeça negativamente, ele continuou.

– Eu sabia, mas não custava tentar. – Então lhe sorriu. – Como vou buscá-la depois, Joly pode levá-la para o restaurante também.

– Ah... Isso já é abuso! – exclamou juntando as sobrancelhas. – Joly não é minha motorista particular.

O sorriso desapareceu dos lábios do namorado enquanto ele dizia seriamente.

– Mas é minha secretária e faz o que eu mando. – Dana abriu a boca para protestar, porém Ethan não lhe deu chance. Assumindo um tom conciliador, pediu: – Não discuta comigo Danielle, por favor. Tenho assuntos importantes a tratar e não gostaria de ficar preocupado imaginando se chegou ou não em seu apartamento ou em seu serviço em segurança. Tenho certeza de que Joly adorará a tarde livre.

– Está bem... – anuiu. O que restava fazer?

Ethan sorriu novamente, dessa vez, verdadeiramente satisfeito.

– Está vendo como não custa nada me deixar cuidar de você?

Após mais um beijo leve, Ethan se afastou para chamar por Joly. Depois de “avisá-la” que seria a ama seca da namorada nas próximas três horas e meia, foi pegar a bolsa e o casaco da jovem que haviam sido tirados do chão e agora estavam sobre o sofá. Dana não perdia nenhum movimento do corpo perfeito e altivo.

Talvez por causa do ciúme, talvez por não desejar se distanciar... Vê-lo pacientemente cuidar de sua partida despertou seu mau gênio. Não queria ser “cuidada”; não era criança para precisar de babás. Sua vontade era dizer exatamente isso, contudo se calou. Ethan tinha um compromisso – que ela esperava que fosse de trabalho –, então não iria atrasá-lo.

Sem bater, Joly abriu a porta e a esperou. Dana não pôde deixar de reparar que seu semblante estava preocupado.

– A Sra. Howden já está lhe esperando – disse para Ethan, então olhou para a amiga. – Está pronta?

– Sim, ela está – o namorado respondeu por ela, entregando-lhe seus pertences. Assim que ela os pegou ele a segurou novamente pelo rosto.

– Na hora de sempre irei buscá-la. – Então a prendeu pelo olhar e recomendou: – Não obedeça a ninguém que diga para sair do restaurante. Saia somente quando me vir... Promete!

Sem entender nada daquele pedido estranho, mas sentindo o desejo ardente de atendê-lo, assentiu ao dizer.

– Prometo.

– Ótimo... – ele a beijou sem se importar com Joly parada à porta. Quando Dana começava a ficar sem ar, ele a soltou e disse de forma intensa. – Até à noite Danielle.

– Até a noite Ethan...

Bom... Aquela era a despedida e sua babá a esperava. Não poderia estender mais sua visita, então Dana vestiu seu casaco e se dirigiu para a porta. Sequer olhou para trás, pois acreditava que suas pernas se recusariam a sair. Estava ficando dependente de Ethan. Nada bom. Sempre apreciou sua liberdade, mesmo quando estava com Paul. “Paul”!

Como se fechar a porta atrás de si a livrasse de um transe, Dana lembrou que teria três horas e meia para não fazer nada. Se Joly ia ficar com ela todo esse tempo as duas poderiam aproveitá-lo de alguma forma. Sem que a francesa esperasse, Dana a pegou pelo braço e a puxou. A princípio imaginou que não fosse movê-la visto que ao seu toque a amiga

empacou como uma mula. Porém a resistência não durou mais que um segundo. Deixando-se arrastar, Joly perguntou juntando as sobrancelhas.

– Por que a pressa?

– Preciso de um banho e descansar um pouco... – disse, olhando para a porta de Ethan, como se ela a pudesse ouvir. Ao entrar no elevador, concluiu antes que lhe faltasse coragem. – Mas antes preciso saber de um amigo.

Capítulo Vinte e quatro

Seguiam pelo corredor do Bellevue Hospital Center, na ala de traumatologia. Joly havia tentado de todas as maneiras fazer com que Dana desistisse da súbita idéia, sem sucesso. Dana sabia que Ethan não aprovaria, mas ela simplesmente tinha de ter aquele último cuidado. E não era como se estivesse indo “atrás” de Paul. Queria apenas se certificar que ele ficaria bem; que o som de ossos sendo quebrados em sua cabeça, não era a prova de que a fratura fora grave.

Sua preocupação não era uma recaída. Ainda não mencionaria o nome de Paul e nunca mais insistiria em uma amizade. Porém, o afastamento não anulava o fato do quão desagradável fora ver o desfecho da cena hormonal e irracional entre os dois. Se o estopim de toda aquela confusão era ela, tinha o dever de certificar-se que os dois ficariam bem.

Como Joly nada pôde fazer para demovê-la, somente lhe restou descobrir através de Thomas para onde Seager o havia levado. E agora estavam ali. Dana queria apenas algumas informações então não considerava estar cometendo alguma falta. Confiava na amiga e em sua descrição apenas para que ela própria contasse sobre a ida até o hospital.

– Dana, quando Ethan souber que eu a trouxe até aqui será capaz de me matar.

Ela olhou em sua direção e juntou as sobrancelhas.

– Não seja exagerada, Joly. Ethan não seria capaz de matar ninguém.

Apesar da expressão colérica naquela manhã, Dana não acreditava que o namorado chegasse ao extremo da violência. Ethan era advogado criminalista, não um criminoso acéfalo. Quando lhe explicasse aquele último gesto de atenção, ele a entenderia. Sim, entenderia. Por via das dúvidas, lembrou como que para si mesma.

– Já disse que não vou demorar, e quando estiver com Ethan eu explico os motivos que me trouxeram aqui. Além do mais, não terei contato com Paul. À uma hora dessas, sei que ele nem está mais aqui, por isso vim. Sabe disso.

Dando de ombros, Joly retrucou profética.

– E de toda forma, o que está feito, está feito *mon chérie*.

Dana sorriu diante da expressão da amiga, um sorriso nervoso. Afastando uma crescente inquietação, prestou atenção aonde ia, procurando o balcão indicado. Encontrou o que procurava ao dobrar um corredor. Nesse ponto Joly parou e cruzou os braços.

– Pode ir até lá – disse de mau humor. – Espero-a aqui.

Sem dizer nada, Dana seguiu à procura de informações junto às recepcionistas. Estava prestes a cumprir seu objetivo quando ouviu a voz de Paul vinda de uma sala próxima. Seu sangue congelou. Encontrá-lo não estava em seus planos, então o pensamento imediato foi sair dali o mais rápido possível, porém Paul já cruzava o batente da porta.

Paralisada com o choque, sabendo que aquele encontro agravaria sua situação quando contasse a Ethan sobre a ida ao hospital, Dana viu Paul se aproximar com expressão carregada no rosto enquanto analisava a tala cheia de fivelas que lhe imobilizava a mão. Naquele momento Dana rezou aos céus para que ele se distraísse ao ponto de partir sem vê-la. Evidente que não seria tão fácil.

Ao erguer a cabeça, o olhar de Paul focou primeiro em Joly, que se aproximava pelo amplo corredor. Então, estacando no lugar ele olhou em volta até seus olhos pousarem em Dana. Paul permaneceu encarando-a com a expressão indecifrável por instantes antes de se aproximar. Tão logo ele parou, Dana disse sem rodeios.

– Vim apenas saber se havia sido atendido e qual a gravidade da fratura.

– A gravidade do que o seu “novo” namorado fez? – ele era impassível. – O médico disse que tive três de minhas falanges proximais quebradas. Quis saber como consegui essa façanha.

Dana nada disse. Imediatamente se lembrou de sua ameaça de processo contra Ethan e se perguntou se Paul teria aproveitado o atendimento para prestar uma queixa formal. Ela não queria; brigas, nem judiciais. Queria apenas que todos seguissem com suas vidas em paz. Dana sentiu Joly se aproximar em silêncio, às suas costas, e permaneceu calada.

– E sabe o que eu disse? – Paul prosseguiu. – Nada. Como explicaria que um bastardo canalha havia quebrado minha mão em punho com um único aperto?

Dana sabia muito bem que ele não precisaria explicar nada. Bastaria acusá-lo e pronto. Sim, ela sabia, mas não foi aquela desculpa furada que chamou sua atenção. Sentindo o rosto ferver, assumiu um tom seco.

– Agradeceria que não se referisse a Ethan dessa maneira. Ele pode ter sido violento, mas você o atacou primeiro. Você me empurrou! Ele apenas se defendeu. Talvez se você não tivesse entrado onde não foi convidado nada disso tivesse acontecido.

– E você ainda o defende?... – Paul se admirou. – Ou pior... Acusa a mim?! “Eu” é que estava me defendendo. Defendendo o que é meu!

– O quê?! Se você está se referindo a mim, saiba que não sou propriedade de ninguém.

– Era minha – ele determinou sem alterar a voz. – E foi tirada à força! Como não vê?

Dana teve a impressão que Joly pigarreou às suas costas, mas não teve certeza. Estava atônita. Ninguém a roubou; não era uma “coisa”. Sim, avanços existiram enquanto ainda era

comprometida, mas Ethan em momento algum tomou qualquer atitude canalha para tomá-la de Paul; simplesmente aconteceu.

– Não vejo porque não há o que ver – ela retrucou empertigada. – Espero que entenda, e que não repita a cena lamentável de hoje. Você não tem direitos sobre mim. Insistir nesse assunto será perda de tempo.

– O que McCain fez com você? Eu simplesmente a desconheço! – Foi sua resposta incrédula.

Isso Dana poderia entender. De certa forma ela não era a mesma.

– Pensei que havia dito que seria breve. – Joly comentou de mau humor.

– McCain agora coloca lacaios à sua disposição? De qual século ele veio para achar que você precisa de damas de companhia?

– De um século onde a boa educação, a amizade e o caráter de um homem valiam muita coisa – começou Joly –, mas com certeza estou falando de algo que você desconhece. Tentei dissuadir Dana de vir justamente por isso. Sabia que alguém como você, que não respeita a vontade alheia, dificilmente seria capaz de entender a preocupação que ela lhe dispensa. Desnecessariamente se quer saber minha opinião.

– E ela é tão respondona quanto o patrão! – Paul exclamou em zombaria.

Dana suspirou pesadamente. Joly sempre esteve certa; não deveria ter vindo.

– Certo, agora já chega! Não sou eu a advogada. Não vim defender ou acusar ninguém... Tampouco sou ré então não admito ser julgada. E como já disse queria apenas saber se estava bem. Não era minha intenção encontrá-lo justamente para evitar cenas inúteis como essa.

– Pois então veja – disse Paul, levantando o braço com a mão imobilizada. – Logo estarei recuperado e com McCain eu me entendo depois. Agora... O golpe que você desferiu contra mim, será difícil de esquecer.

Sem aviso Paul ergueu a mão sã em direção ao rosto dela. Dana se esquivou antes que ele a tocasse; não queria aquilo. Após a noite passada e de tudo que aconteceu depois dela, sabia que não suportaria aquele toque. Paul abaixou a mão e disse pesaroso.

– Sei que a culpa não é sua. Então... Quando a pegar de volta, talvez eu a perdoe.

Dana sentiu o estômago revirar. Acaso ele era louco ou surdo?

– Por Favor, lembre-se do que conversamos ontem, pois não vou me repetir... E já que acredita que sou um “objeto” que é tomado e recuperado, saiba que sou de Ethan agora e você não tem como mudar isso. Não confunda as coisas somente porque me encontrou aqui. E agora que sei que está bem e foi medicado, nada temos a conversar. Boa tarde, Paul.

Dana apenas se virou e puxou Joly pelo braço, sentindo-se uma idiota completa.

– Satisfeita agora? – perguntou Joly.

– Já estamos indo embora, não estamos?... – Dana retrucou aborrecida consigo mesma. – Já percebi a estupidez em vir aqui. Não precisa salientar o fato. Acabo de perceber que nem sempre o que achamos que é certo seja o melhor a ser feito.

– Se realmente entendeu isso, acredito que tenha valido a pena arriscar ver o aborrecimento que causará a Ethan – a francesa disse impassível. – Deveríamos ter argumentado com ele antes de vir aqui.

– Você sabe que não adiantaria. – Dana retorquiu, acelerando os passos para sair daquele hospital o mais rápido possível; os saltos de suas botas ecoando no corredor silencioso. – E não foi nada que eu tivesse premeditado, apenas senti o impulso e o segui. De toda forma não iria querer piorar ainda mais essa inimizade que se instalou entre Ethan e Paul. Pensei que tivesse entendido meus motivos, afinal me trouxe aqui.

– Trouxe-a apenas por amizade e por saber o quanto ficou aflita essa manhã, mas não acho que você deva nada ao seu ex. Assim como sei que não há nada que você possa fazer para não piorar a “inimizade” entre os dois.

– Sei disso agora...

– Espero não ter sido tarde demais. – Joly disse enigmática.

Enquanto andava apressadamente, Dana tentou decifrar a expressão rígida da amiga. Chegou à única explicação lógica. Joly estava emburrada em consideração ao patrão e amigo. Era sua amiga também, não se negou em trazê-la, mas de certa forma talvez ela sentisse como se estivessem traindo a confiança de Ethan.

De repente, Dana também se sentiu uma traidora. Com seu ato impensado reacendeu uma centelha de esperança em Paul. Na tentativa de aliviar sua consciência para seguir em paz com Ethan, acabou por complicar ainda mais a situação. Sentindo uma leve pontada em suas têmporas, Dana se controlou para não sair correndo como uma criança que quebrou alguma vidraça. Agora entendia a gravidade do que fez. Ethan não entenderia; burra.

– Joly, desculpe-me por ter insistido que me trouxesse aqui – pediu arrependida.

– O que houve? – a amiga indagou, encarando-a.

Alcançaram a saída do hospital e seguiram para o estacionamento.

– Você estava certa. Eu não devia ter vindo. Ethan não vai me perdoar.

– Calma *mon chérie*... – Joly a tocou no ombro. – Também não é o fim do mundo. Vou levá-la para seu apartamento, você descansa e tenta esquecer que esteve aqui.

– Obrigada, mas não é simples assim.

– Se acredita que será tão ruim, não precisa dizer nada a Ethan. – Joly propôs.

– E correr o risco de Paul usar isso contra mim depois? Ou o que é pior... Tentar provocá-lo novamente?... Não, obrigada!

Joly a fez parar segurando em seu braço e disse seriamente.

– Decida agora se vai guardar segredo que o resto eu resolvo.

Dana não lhe deu atenção; sabia que não havia nada que Joly pudesse fazer. Conhecia-se; não esqueceria. E nunca mais conseguiria olhar para Ethan caso ocultasse o que fez. Não havia conserto. Remoeria a falta até que contasse a Ethan e visse com os próprios olhos a decepção que lhe causaria.

– Apenas vamos embora de uma vez, por favor – pediu, sentindo-se tonta.

Joly nada disse e seguiram em frente. Já acomodada no carro da amiga Dana abriu a janela para receber um pouco mais de ar, sufocava.

– Dana, você está pálida.

– Bobagens do meu corpo – respondeu recostando a cabeça no encosto do assento e fechando os olhos. – Qualquer tensão me afeta o estômago. Logo ficarei bem, não se preocupe.

– Está bem... Vou levá-la para casa como deveria ter feito desde o começo.

Seguiram para East Village no mais absoluto silêncio.

– Joly, tudo bem eu querer ficar sozinha? – Dana indagou à sua porta.

– De forma alguma. Vou para meu apartamento. Descanse.

Assentindo com a cabeça Dana seguiu para o quarto, descalçou as botas e se atirou sobre a cama. Sua cabeça protestava com as lembranças de Ethan ali em seu quarto, a prensá-la contra o guarda-roupa pedindo. Não!... “Ordenando” que não dissesse o nome do ex. Depois um Ethan colérico a segurar a mão de seu desafeto até quebrá-la. E então Ethan a dizer que ela não precisaria voltar caso fosse atrás do outro. Ethan impôs suas condições irracionais? Sim, mas ela as aceitou de bom grado, então por que magoá-lo?

– O que eu fui fazer? – perguntou a si mesma, apertando as laterais da cabeça que doía fortemente.

∞

Com a saída de Danielle e Joly, Ethan se serviu de uísque. Sentia-se tenso. Desejava que seu nome não fosse associado ao da futura sócia; não para a namorada. Da forma que era obstinada poderia recusar o emprego caso considerasse que interferia em sua vida. Certo, ele estava interferindo, mas Danielle não precisava saber.

Ethan deu um gole em seu uísque e passou a mão pelos cabelos, impaciente. O tempo avançava impiedoso. O imortal não queria argumentações sobre detalhes menores quando algo grande estava prestes a acontecer. Duas batidas à porta o salvaram da iminente exasperação. Segundos após as batidas, como Ethan não respondesse, Thomas entrou.

– Sei que não lhe interessa saber, mas Seager chegou do Belleveu há pouco mais de uma hora. Eu não pedi por detalhes, mas...

– Realmente não me interessa. – Ethan o cortou secamente.

– Acredito que Paul já deva estar em seu apartamento. – Thomas prosseguiu como se ele nada tivesse dito. Ethan não lhe deu nova atenção, então, indo prostrar-se diante da mesa, cruzou os braços e trocou o tema. – Então comprou um jornal?

– Parte dele. – Ethan respondeu terminando seu uísque.

– Cansou de advocacia agora que agride seus funcionários.

– Ah, não... – exclamou impaciente. – Não vai me recriminar pelo que fiz.

– Não – negou igualmente irritado. – Vou recriminá-lo por ter sido aqui. Isso não se trata apenas do que sente pelo humano, se trata de mantermos nosso segredo. Como seria se perdesse o controle de verdade? Por Deus Ethan, havia humanos vendo seu destempero.

Ethan olhou para o amigo odiando-se por saber que ele tinha razão, tentando imaginar como Thomas reagiria se soubesse que agora possuía uma força poderosa e que seria capaz de muito mais caso fosse levado ao limite máximo de seu ódio. Ainda não era hora de descobrir, então, atenuando uma ação que reconhecia ter sido grave, deu de ombros.

– Não se preocupe tanto... Tudo não passou de uma cena de ciúme. Qual é o assunto pelos corredores? O patrão cretino roubou a namorada do funcionário imprestável? Isso deve acontecer todo o tempo nessa cidade; no mundo. Não fui o primeiro nem serei o último. Relaxe.

Thomas suspirou exasperado.

– Se fosse “só” isso não me preocuparia. Como já disse, Paul foi socorrido e passa bem, obrigado. O problema é que ao “patrão cretino” estão acrescentando a força incomum que o torna capaz de quebrar ossos apenas com um simples aperto. Ethan... “Não podemos nos expor”. Você sabe disso e sempre nos recomendou para sermos discretos.

– Está bem, está bem... O que quer que eu faça? Que jure de coração que vou me controlar? Posso até beijar meus dedos cruzados, mas o juramento será nulo, pois sei que não serei capaz de cumprir... Aquele cretino realmente me tira do sério, Thomas. Hoje ele esgotou toda minha paciência. Se você preza pela integridade daquele humano, reze para que eu nunca o encontre sozinho, pois nesse dia ele morre.

– Ethan...

– Estou dando minha palavra – ele prosseguiu. – Eu o mato e acabo com ele de um jeito que não sobrarão nem as cinzas para a família ou Danielle terem a brilhante idéia de poluírem o Hudson atirando-as ao vento.

– Acalme-se, Ethan. – Thomas pediu. – Sabe muito bem que minha defesa nada tem a ver com qualquer apreço ao humano. Somente não quero que sua atitude nos traga problemas, e acho que sempre deixei isso claro.

– Sei disso. – Ethan aquiesceu, controlando-se. O amigo prosseguiu:

– E não quero que me prometa nada, pois não vou mais interferir ou interceder por Paul. Apenas tente se controlar “aqui”. Estou cansado de lhe dar lições de moral, não tenho nem idade para ser seu pai, droga.

Ethan reprimiu o riso diante da expressão exasperada do amigo. Entendia a preocupação, pois partilhava da mesma. Só não contava que em sua vida fosse surgir um humano capaz a irritá-lo ao extremo. Bem, ele pensou. Lidar com o rábula era o menor de seus problemas imediatos, então não tinha de se ocupar dele no momento. Resolvido a seguir em frente, Ethan olhou para Thomas. O rosto ainda sério e a postura rígida voltaram a divertí-lo, que riu abertamente.

– Qual é a graça? – Thomas franziu cenho, ante a súbita mudança de humor.

Ethan riu ainda mais e, contornando a mesa, postou-se ao lado do amigo. Ignorando a pergunta, disse controlando o riso.

– Sei que não é meu pai. É meu irmão. E por escolha minha. – Dito isso deu palmadas amistosas no ombro de Thomas. – E tem toda a liberdade para me dar lição de moral sempre que achar necessário. Nem sempre vou ouvi-las, mas... Ao menos não se entala com elas. Ouvi dizer que dão úlcera.

– Vá ao inferno, McCain! – Thomas exclamou ainda que sorrisse.

Apesar de acompanhar o riso, Ethan disse seriamente se dirigindo à porta.

– Seria como voltar para casa, meu amigo... Mas enquanto puder evitar vou ficando por aqui mesmo. Agora se me der licença, tenho uma reunião e minha futura sócia já esperou tempo demais.

Recuperado Thomas pediu quando Ethan já chegava à porta.

– Posso ir junto? Quero entender essa sua nova aquisição.

– Evidente... Venha.

Os dois se dirigiram a sala de reuniões. Cindy se encontrava sentada ao lado de um dos advogados do escritório; o mesmo que prestava assistência jurídica para o jornal há dois anos. A pasta contendo o contrato estava à sua frente. Assim que entrou ela o olhou acusadoramente.

– Não é educado deixar uma dama esperando.

– Perdoe-me essa falta irreparável. – Teatralmente estendeu a mão para que Cindy a segurasse, então lhe beijou os dedos, galante, sem deixar de encará-la. Ethan ouviu-lhe o coração bater acelerado; todas iguais. – O que poderia fazer para reparar tamanha grosseria?

– Até o final da reunião eu penso em algo – disse ela com voz incerta.

– Feito. – Ethan a soltou e foi se sentar à cabeceira da mesa. Indicando a pasta, comentou: – Já leu o contrato?

– Estou terminando – anunciou, voltando a atenção aos papéis. Thomas que havia sentado ao lado de Ethan cochichou.

– Por que está fazendo isso?

– Por Danielle é claro – respondeu igualmente baixo. – Quero garantir-lhe o futuro.

– Não vai transformá-la? – Thomas perguntou ainda mais baixo, com estranheza.

– Evidente que sim... Assim que tiver a chance, mas até lá ela precisa de ocupação. Não a quero naquele restaurante. – Ethan sorriu a um pensamento. – E depois de transformada ela pode seguir com a carreira, assim como nós.

– Bem... Sendo assim você tem razão. Ouvi sua conversa com Joly hoje pela manhã. Vai revelar a verdade esta noite?

– Sim, depois que a pegar em Little Italy e trazer para cá. Deseje-me sorte.

– Acredite – disse o amigo sério. – Sorte não conta muito nessas horas. Os dados foram lançados, Ethan. Você fez suas jogadas e apostas. Espero que elas tenham surtido efeito e que a jovem verdadeiramente o ame. Só assim para aceitar o que somos; aceitá-lo como é.

Thomas não disse nada além da verdade, ainda assim Ethan se incomodou. A comparação partiu dele, mas agora não gostava de ter seu sentimento associado a um jogo. Assim como em parte se arrependia por ter “jogado” com Danielle, pois sentia que, quando chegasse a hora da verdade, talvez seus atos impulsivos depusessem contra ele.

– Danielle me ama – disse para si mesmo. – Quando souber a verdade vai me aceitar.

Thomas apenas sorriu encorajador. Não teve tempo de retrucar, pois Cindy dizia.

– Para mim está tudo correto. Assino agora se desejar.

O advogado voltou sua atenção para ela e sorriu.

– Perfeito!

Ethan tinha conhecimento dos termos do contrato. Ele seria o dono da maior parte do jornal, porém Cindy teria total liberdade para conduzi-lo como bem lhe aprouvesse. Ethan não mentiu. Não tinha nenhum interesse em jornalismo. Somente em Danielle.

Depois que o advogado que a acompanhava lhe deu sinal verde, Cindy assinou o contrato. Ethan seguiu-lhe o exemplo. Depois de todos os processos burocráticos, ele se levantou e estendeu a mão para a nova sócia. Cindy Howden o imitou e, de pé, segurou-lhe a mão.

– É um prazer tê-la como sócia.

– Já lhe disse que o prazer é todo meu...

Ao comentário, Thomas revirou os olhos e também se levantou.

– Tenho assuntos a tratar na minha sala, se me dão licença. Sra. Howden... – disse com um inclinar de cabeça, numa mesura. – Tenha uma boa tarde.

Então se foi. Ethan se desvencilhou da mão de Cindy e fez sinal para que ela voltasse a se sentar.

– Mais uma falta minha. – Ethan lamentou. – Deveria ter providenciado champanhe para comemorarmos.

– Não costumo beber tão cedo – disse com um sorriso. – Vamos fazer de conta que brindamos e pronto.

– Então está bem. – Ethan a analisou, recostando-se em sua cadeira. – Disse que desejava falar comigo antes da reunião...

– Sim... Na verdade não era nada demais. Queria apenas agradecer pelo que está fazendo pelo jornal.

– Não precisa me agradecer por isso.

– Entendo que não é pelo bem da notícia que está me ajudando – ela comentou receosa –, mas ainda assim lhe sou grata. Não gostaria de perder o que meu pai construiu.

– Imagino que não.

Enquanto falavam o advogado de Cindy se despediu e os deixou. Ethan desejava fazer o mesmo, procurava desculpas para abreviar o término da reunião, quando Cindy comentou:

– Gostaria de saber uma coisa. Se eu não estiver sendo invasiva.

Adivinhando o que viria, Ethan permaneceu imóvel para dizer impassível.

– Exponha sua curiosidade que eu determino se é invasão ou não.

– Antes de qualquer coisa quero que saiba que sou uma romântica incorrigível. Meu marido se mostrou irresponsável, estive à beira de perder o que tenho, mas não deixei de amá-lo ou sinto menos sua falta por causa de sua falha.

– Entendo. Então... – Ethan a incentivou.

Cindy olhou para as próprias mãos, como se criasse coragem para prosseguir ou estivesse perdida em lembranças. De repente, como se a tal coragem chegasse, ela disparou:

– Não pude deixar de reparar em sua proximidade com Danielle Hall e constatar o óbvio; por mais que você tenha dito o contrário, desde que foi à minha sala no *Today* ficou claro que ela é mais que uma amiga.

– Evidente. E o que tem isso?

– Nada demais – ela se apressou em dizer. – Apenas... Gostaria de saber qual a real importância dela.

– Agora eu não entendi – disse analisando-a. – Seja clara?

– Bom... – Ethan ouviu o coração bater aceleradamente. – Sei que comprou parte de meu jornal por ela... E aí entra meu lado romântico. Achei poético que o trabalho de meu pai tenha sido salvo por... Amor.

Cindy pronunciou a palavra em tom de pergunta como em teste. Ethan não via motivos para esconder o que sentia então apenas assentiu; ela sorriu e prosseguiu.

– Como disse... Gosto disso, mas... Profissionalmente falando, gostaria de saber qual a importância de sua... Namorada.

Novamente ela experimentava a palavra. Ethan teria rido da expressão de sua sócia caso não tivesse, finalmente, seguido sua linha de raciocínio. Ainda imóvel, assegurou:

– Garanto-lhe que nunca fui a favor de nepotismo. – Ethan a viu engasgar, mas concluiu como se não houvesse reparado. – Sim, Danielle é minha namorada, aprecio seu trabalho, mas ela está começando agora. Mesmo sendo competente no que faz não tem experiência para ocupar cargos de comando ou administrativos. Se essa era sua curiosidade, fique tranquila. Não espero qualquer favoritismo de sua parte. Dê a Danielle tão somente o respeito e o valor que ela merece.

– Ethan, eu não... – Cindy pigarreou. – Eu jamais pensaria isso...

– Evidente que não... Mil perdões. – Ethan pediu inclinando a cabeça. – Considere o comentário uma precipitação de minha parte. Contudo, veja pelo lado bom... Agora você sabe como lidar com minha Danielle.

– Sim, agora eu sei. – Cindy sorriu embaraçada. – E como disse antes. Não faço nenhum favor. Ela é realmente boa no que faz e foi uma ótima aquisição para o jornal.

– Fico feliz em ouvir isso. Também espero que se lembre o que lhe disse em sua sala. Ela não precisa saber de nossa sociedade.

– Não precisava me lembrar. Não cometerei tal indiscrição.

– Obrigado! – pondo-se de pé, Ethan perguntou: – Então... Pensou em algo para que eu possa reparar minha falta ao deixá-la esperando?

– Estava apenas brincando... – ela lhe piscou ao se levantar. – Esqueceu que sou romântica? Imagino que sua demora tenha sido por estar se despedindo de sua namorada. Faltas cometidas por amor são totalmente perdoáveis, não acha sócio?

Ao estender para Ethan, Cindy não teria como saber que ele rogou para que ela tivesse razão antes de apertar a mão em despedida.

– Ultimamente tento acreditar que seja assim.

Capítulo Vinte e Cinco

Dana despertou com a cabeça doendo; o corpo moído. Sensações incômodas, porém contraditórias. A dor no corpo lhe traria um sorriso ao rosto visto que provavelmente eram provocadas pelos momentos intensos com o namorado; contudo não poderia sorrir. Não estando com a cabeça a doer por se sentir culpada da ida ao maldito hospital. Antes de se render ao sono, Dana cogitou seguir o conselho de Joly e omitir o encontro, porém se sentiu uma hipócrita por considerar enganar o namorado, horas depois de afirmar não suportar mentiras. Ethan merecia mais do que aquilo.

Suspirando, Dana deixou a cama e seguiu para o banheiro. Despiu-se das roupas cuidadosamente escolhidas para Ethan e entrou sob o jato d'água. Tinha esperanças que a água aliviasse a dor, mas depois de alguns minutos se rendeu ao óbvio. Somente um analgésico e a verdade resolveriam seu problema. Impaciente terminou o banho e, depois de secar-se, dirigiu-se ao quarto. Ao passar pela porta viu que Joly já se encontrava em sua sala.

– Sabe que não precisa me levar, não é? – perguntou em voz alta. – Posso ir sozinha sem problemas.

– Não tenho nada para fazer... – Joly respondeu séria. – E Ethan foi claro quanto a deixá-la no restaurante. Já tivemos nossa cota de rebeldia por hoje, não acha?

– Acredito que sim.

Sem dizer mais nada, arrumou-se sem ânimo algum. Escolheu uma calça jeans de lavagem escura, e como as noites estavam cada vez mais frias, vestiu uma camiseta e um casaco de lãzinha. Ele combinava com o lenço que ocultaria as provas do roubo de Ethan. Se não tivessem sido flagrados, provavelmente ela teria mais marcas e o corpo estaria ainda mais dolorido. Seu rosto ardeu com a lembrança e nem a dor de cabeça não foi suficiente para refrear sua excitação. Culpada, por desejar um namorado que enganou, Dana bufou aborrecida e passou a pentear os cabelos com força.

Depois de penteada e calçada, procurou pelo remédio, engoliu duas aspirinas e foi se juntar a Joly. Encontrou a amiga pensativa, sentada em seu sofá.

– Estou pronta.

– Não vai comer nada? – a amiga perguntou, muito séria.

– Estou sem fome – disse de mau humor. – Mais tarde como alguma coisa no restaurante.

– Então vamos.

Dana não saberia dizer o motivo, mas a expressão da amiga estava realmente carregada quando deixou o sofá e rumou para a porta. Como se algo de grave estivesse acontecendo. Não era natural Joly permanecer calada, ainda mais durante trajetos de carro. De repente Dana se deu conta que a amiga estava quieta e pensativa desde que saíram do NY Offices. Foi impossível não especular.

– Joly, você está estranha... Ainda é por causa de minha “rebeldia”?

– Não – respondeu simplesmente.

– Quer me contar?

– Não é nada que valha a pena dividir. São assuntos do escritório

– Sabe que pode confiar em mim, não sabe?

– Sei Dana, mas como disse, são assuntos do escritório.

– Está bem... – Então olhando em sua direção, disse. – Ethan não devia pedir que você se ocupasse comigo quando tem coisas importantes a resolver.

– Não é incômodo algum e... – Joly a olhou de esguelha por um segundo antes de voltar sua atenção ao trânsito. – Sua segurança “é” importante.

Dana se remexeu no assento.

– Às vezes eu acho essa proteção exagerada. Não quero parecer ser mal-agradecida, mas não sou criança. Sempre andei sozinha e graças a Deus nunca, nada de ruim aconteceu. Nunca fui sequer assaltada.

– Fico feliz por você, contudo não acho que seja bom esse excesso de confiança. Por mais que nada de ruim tenha acontecido, não significa que nunca acontecerá.

Dana sentiu um calafrio correr por sua espinha, como um mau pressentimento, ainda assim retrucou:

– Sei disso, mas não posso me preocupar com coisas que desconheço. Se algo de ruim tiver que acontecer comigo, acontecerá. Até mesmo se um de vocês estiver comigo. Somos apenas humanos e estamos sujeitos aos perigos das grandes cidades.

Um sorriso se desenhcou nos lábios de Joly. Dana se perguntou o que poderia ter dito de engraçado. Ainda sorrindo, a francesa aquiesceu:

– Tem razão... Somos apenas humanos. Mas não custa nada tomarmos cuidado. – Joly novamente a olhou com brevidade antes de prestar atenção no caminho. – Não faz idéia do quanto é importante. Ethan simplesmente enlouqueceria se algo acontecesse a você.

Dana sentiu uma fisgada no coração. Seu remorso sufocou todo e qualquer desejo de mais uma vez salientar que sabia se cuidar. Ela era, verdadeiramente, mal-agradecida. De

olhos fechados massageou a lateral de sua cabeça. Ao que tudo indicava as aspirinas não surtiriam efeito.

– Você devia ter ficado em seu apartamento.

– Estou bem... É só dor de cabeça. Assim que começar a me distrair, melhoro. – Dana olhou para Joly. – Obrigada.

A amiga sorriu levemente, então voltou a ficar em silêncio. Dana não mais interveio, deixando que a francesa cismasse com seus “problemas de escritório”. Uma vez no restaurante, despediram-se. Joly a olhou, visivelmente preocupada, porém nada disse. Dana tinha seus próprios problemas então apenas desejou que a amiga logo resolvesse os dela. Suspirando resignada, Dana entrou no restaurante. Terry estava atrás do balcão, conferindo as bebidas, acompanhada de seu marido. Assim que a viu, a amiga a chamou; aflita.

– Dana do céu!... – começou antes mesmo que ela estivesse próxima. – O que aconteceu ontem à noite?

– Como assim? – Dana perguntou juntando as sobrancelhas.

– Como “como assim”?!... Primeiro você vai embora toda apressada dizendo que seu namorado estava esperando, depois um homem... Não! – a amiga se interrompeu, colocou as mãos sobre o balcão para se aproximar enquanto recapitulava. – Não, não um homem... Um deus vem aqui e pergunta por você. Ai...

A amiga foi interrompida dessa vez por um beliscão do marido.

– Eu estou bem aqui. – Roberto a lembrou se indicando de cara amarrada.

– Deixe de bobagem... Você sabe que só tenho olhos para você, mas também não sou cega. – Então pegou o caderno que anotava as bebidas faltantes e o empurrou na direção do marido. – Por que não vai até o estoque e vê como estamos de bebidas?

– Claro. – Roberto pegou o caderno, então apontou para os próprios olhos com dois dedos em histeria e depois para a esposa. – Mas eu estou de olho em você.

Assim que ele se foi, Terry revirou os olhos e se voltou para Dana, agora sem conter o entusiasmo.

– Sério, Dana... O cara era lindo!... Perguntou por você todo preocupado e saiu assim que eu disse que você tinha ido se encontrar com seu namorado.

Dana reprimiu um gemido de agonia. Imediatamente sentiu uma pontada em sua cabeça. A situação não poderia ser pior. Não era de admirar que Ethan estivesse furioso. Se tivesse como saber o que se passou no restaurante depois que saiu, jamais teria o chamado para buscá-la. Cada vez mais sua situação se agravava. A amiga prosseguiu; alheia à expressão torturada de Dana.

– E então, depois que aquele ser maravilhoso foi embora, veio um coroa extremamente charmoso, também atrás de você.

Naquele ponto da narrativa Dana juntou as sobrancelhas, ignorando as pontadas em sua cabeça.

– Um coroa? Quem era?

– Ele deixou um cartão. Mantive-o comigo para poder te entregar – disse Terry vasculhando o bolso da calça. Assim que o pegou, estendeu o retângulo de papel. – Billy Jones, editor chefe.

– Billy?!... – Dana estranhou pegando o cartão. – O que ele queria comigo?

– Não disse. Ele apenas ficava repetindo que teve uma reunião e que por isso se atrasou... Depois disso pediu que lhe entregasse o cartão e foi embora... Tão rápido como o deus grego antes dele. Tudo muito estranho... Então isso me leva à pergunta inicial... “O que aconteceu ontem à noite?”

Dana suspirou olhando o cartão, sem vê-lo na realidade.

– Longa história, Terry... Nem eu mesma entendi a noite passada, mas posso lhe garantir que tudo terminou bem... Não me expressei bem quando pedi para sair. Quem veio me buscar foi meu ex-namorado. – Como não poderia explicar o ocorrido visto que nem ela mesma o entendia, disse: – Precisava resolver uns assuntos pendentes por isso o motivo da pressa. Queria conversar com ele antes que Ethan viesse.

Dana apertou as laterais da cabeça. Definitivamente as aspirinas não surtiriam efeito. E a dor piorou com a voz alta de Terry.

– Pare tudo!... O deus grego que esteve aqui é esse Ethan?!

– Sim...

– Minha nossa!... Agora tenho vontade de bater em mim por todas as vezes que disse ser cedo. Nunca é cedo para estar com um homem daqueles... – Como se tivesse se excedido, Terry mordeu o lábio e se retratou desconcertada. – Dana me desculpe, eu...

– Tudo bem, Terry.

Dana descobriu naquele segundo que seu ciúme era seletivo. Ao que tudo indicava não era extensivo às amigas, somente à estranhas curiosas e a viúvas atraentes. Não se importou com as palavras de Terry. Sentia-se nauseada somente por toda situação.

– Ethan é mesmo um homem muito bonito. Agora... Se me der licença... Vou me trocar.

– Dana! – A amiga chamou como se a visse naquele instante. – Você não está se sentindo bem? Está pálida.

– Estou com pouco de dor de cabeça... Meu estômago também já esteve melhor... Mas não se preocupe... Não é nada que me atrapalhe nesse último dia.

– Tem certeza?... Tudo bem se precisar ir embora.

Ir para casa e ter todo o tempo livre para remoer sua traição? Ela considerou. Não, obrigada.

– Não se preocupe... Estou bem... Vou ficar melhor quando me distrair.

Depois de sorrir para a amiga, Dana seguiu para o vestiário. Ainda trazia o cartão de Billy em sua mão. O que ele poderia querer? Por um minuto a curiosidade foi maior que sua culpa ou indisposição. Esquecendo-se da dor, Dana sacou seu celular e discou o número do ex-chefe. Foi informada pela secretária que Billy havia deixado a cidade a negócios e que estaria de volta somente na semana seguinte. Dana ainda perguntou se ele havia deixado algum recado; não deixou.

Ainda mais curiosa, ela desligou. Dana ligou ainda para o contato que ele havia anotado no verso do cartão, mas o número chamado estava fora de área. Dana então olhou para o aparelho recém-desligado por alguns instantes. Pensou em ligar para Ethan, sentia necessidade de ouvir sua voz mansa, contudo o que diria? Pediria desculpas pelo que foi obrigado a passar na noite anterior? Não queria mais – nunca mais – voltar àquele assunto.

Então o que seria?... Covardemente aproveitaria a distância e lhe diria que resolveu fazer uma visitinha amigável ao ex? Seu estômago se revoltou diante da cena. Pôde ver nitidamente Ethan com a expressão colérica a quebrar o celular como havia feito com a mão de Paul, assim que se calasse. Parecia extraordinário, mas agora sabia que ele era capaz. Não havia escapatória. Resignada guardou seu celular e tratou de se trocar dizendo a si mesma que, como na noite passada eles resolveriam o problema.

Sim, resolveriam, e com certeza a noite teria o mesmo desfecho. Como que para confirmar o pensamento, Dana analisou as marcas em seu pescoço no espelho do vestiário. Elas não a animaram, apenas confirmaram que seria preciso usar o lenço por muito tempo ainda. Estava claro o quanto Ethan era ciumento e sua paixão não era garantia de nada. Conformou-se, Dana ajeitou o lenço em seu pescoço e seguiu para o salão, fazendo uma prece silenciosa para obter a compreensão do namorado.

∞

O tempo realmente avançava de forma impiedosa. Tanto que Ethan sequer sentiu a tarde passar. Ainda havia assuntos importantes a resolver no escritório junto a seus advogados humanos, contudo ele repassou a tarefa para Thomas e deixou a sala de reuniões mais cedo. Passou pelo escritório apenas para pegar sua pasta com o computador e seu sobretudo, para então subir até a cobertura.

Banhou-se e se vestiu com pressa, cada vez mais ansioso com a conversa que teria com Danielle. Mesmo movido por sua ânsia, tomou o cuidado de descer até a garagem em seu elevador privativo. O tempo gasto no percurso o impacientou mais, assim como odor de

Danielle que impregnava cada canto da cabine. Com isso, uma vez em seu BMW, Ethan seguiu diretamente para Little Italy, sem se alimentar. Depois de deixar o carro há duas quadras, caminhou até o restaurante para assumir o posto de Joly.

– Aconteceu alguma coisa? – Ela indagou ao vê-lo.

– Boa noite para você também. – Ethan cumprimentou em zombaria, estranhando o sobressalto da amiga. – Não aconteceu nada novo, apenas quis vir mais cedo.

– Tudo bem... – ela deu de ombros sem olhá-lo. – Já que está aqui eu posso ir embora.

– Espere! – Ethan a segurou pelo braço antes que se movesse, perscrutando-lhe o rosto.
– Diga-me você se aconteceu alguma coisa. Está estranha... O que há?

– Ah... – Joly subitamente o encarou. – Não queria tocar nesse assunto agora, mas já que quer saber. Passei todo o dia cismada com o que aconteceu em seu escritório, mas não tive oportunidade de conversar com você.

– Sobre o que exatamente? – Ethan foi ríspido, pois não admitiria um novo sermão.

– Sobre Paul não me obedecer.

A resposta o surpreendeu e desarmou. Depois de toda confusão, havia esquecido completamente daquele detalhe digno de nota. Danielle despertou de um transe por amá-lo, agora, o que fez o rábula resistir à indução de Joly?

– Foi realmente estranho. Ouvi todas as suas tentativas infrutíferas.

– Não sei o que você pensa, mas a mim, pareceu que ele estava induzido. Por uma força maior que a nossa. É a única explicação lógica.

Ethan estava farto de teorias, todas improváveis, ainda assim preocupantes. E aquela em questão, como contestar? Ele mesmo não experimentou uma nova força. Talvez estivessem convivendo com um ser tão forte quanto eles. Talvez seu intruso estivesse de divertindo bem debaixo de seus narizes. A droga toda era não ter como confirmar a impressão. Era não saber quem teria interesse em lançar o rábula contra ele num enfrentamento temerário.

– Acredito que essa seja a resposta – disse. – Agora mais do que nunca devemos ficar atentos, mas ainda estamos no zero. Quando muito temos uma indicação de que nosso “amigo” esteja perto. E se for esse o caso, não temos a quem acusar... Melhor nos mantermos dentro daquilo que determinei.

– Resolvermos um assunto por vez. – Joly lembrou.

– Sim... E Samantha é nossa ameaça imediata. Não que nosso intruso não seja, mas ela partiu abertamente ao ataque e temos que ficar atentos ao próximo. Se nosso visitante nos vigia de perto, cedo ou tarde se mostrará. E quando isso acontecer quero que Danielle já esteja segura ao meu lado.

– Concordo que fique com ela de uma vez, *mon ami* – disse séria. – Seu ciúme está se tornando doentio. Quase arrancou a mão do humano bem diante dos olhos de Dana. No que estava pensando, afinal?

– Em não arrancar a cabeça do humano bem diante dos olhos de Danielle – retrucou de mau humor. – Não o quero por perto. Não quero que se falem.

Ao se calar Ethan percebeu o lampejo de um brilho estranho passar pelos olhos escuros de Joly. Não o identificou, mas se lembrou de um detalhe.

– Se o episódio de ontem foi patrocinado por Samantha... O que aconteceu com o “seu” arranjo? Aquele que faria Danielle odiar o ex?

– Alguma coisa saiu errada... Não usei de indução. Apenas fiz uma ligação e “sugeri” que a pessoa fizesse o que é certo. Assim que acontecer, saberemos. Dana com certeza vai desejar ter força suficiente para quebrar a outra mão de Paul.

– Certo! – O humor de Ethan ainda não estava dos melhores. – Até lá serei obrigado a ver o quanto ela se preocupa? Por mim ela nem mesmo pensaria nele.

Após as palavras de Ethan, Joly voltou a desviar o olhar, intrigando-o.

– O que há? – perguntou imperativo. – Tem algo a me dizer, Joelle?

– Não. – Ela negou firmemente. – Não tenho nada a dizer a não ser repetir que esse seu ciúme já está se tornando doentio. Agora... Se não temos mais nada para conversar, peço licença para ir embora.

Contrafeito, Ethan a liberou e, seguindo sua determinação de tratar um assunto por vez, esqueceu-a no segundo seguinte. Elegendo a observação seu tema principal, manteve seus olhos fixos na jovem.

De seu posto Danielle lhe pareceu abatida. Não ria ou conversava como nos outros dias. A visão o inquietou ao ponto de seguir para o restaurante antes do previsto. Ethan esperou que ela fosse até a cozinha para entrar e se dirigir diretamente a Terry.

– Boa noite! – cumprimentou a mulher que ditava ordens atrás do balcão do bar.

– Boa noite! – Ela sorriu e, indicando reconhecê-lo, gracejou: – Hoje você não se perdeu de sua namorada.

– Adiantei-me justamente por isso – disse Ethan, relutando em não ser grosseiro; tinha um propósito. Sorrindo-lhe levemente, pediu: – Sei que esta é a última noite de Danielle aqui, mas queria lhe fazer uma surpresa. Só que para tanto preciso de um favor... Importar-se-ia em dispensá-la mais cedo?

– Absolutamente. – Terry respondeu, mirando-lhe a boca. – Vou chamá-la. Fique à vontade. Deseja beber alguma coisa?

– Black Label, por favor.

– Eh... Jeremy irá servi-lo. Eu vou buscar Dana, com licença.

Sem mais palavras ela seguiu para a cozinha. Ao ser servido, Ethan olhou em volta. Como sempre ignorou as mulheres presentes, mas não pôde deixar de notar um olhar masculino sobre si. Ethan conhecia aquele que o encarava seriamente. Era o marido de Terry, e pela expressão ele padecia do mal que atacou Ethan na noite anterior.

Roberto não tinha com o que se preocupar, Ethan pensou. Para demonstrar certa camaradagem ergueu o copo num cumprimento mudo. O homem virou o rosto sem um único aceno, aviltado. Foi impossível conter o riso sardônico. O ciúme poderia ser engraçado. Quando não feria de morte, ele salientou antes de voltar a beber, já esquecido do humano; rogando que o mal de Danielle não fosse grave. Naquela noite, bastaria à revelação da verdade para arreliá-la. Ou não. Quem saberia?

Capítulo Vinte e Seis

Como nos outros dias, a tarde passou sem que Dana percebesse. Tinha consciência somente do movimento constante do restaurante. Assim como da incômoda sensação de observação. Esforçou-se em ignorar esta última e focar na agitação incessante do salão para se distrair. De certa forma obteve resultado; realmente não sentiu o tempo passar. Era pouco depois das onze horas quando Terry a seguiu até a cozinha.

– Pode deixar isso onde está Dana – ordenou, tomando para si o prato com o pedido.

– O que aconteceu?

– O “deus” está aí. – Terry revelou com um sorriso conspirador, deixando o prato sobre o balcão.

– Ethan?! – Dana arfou.

– Se conhece outro deus, por favor, me apresente. – Terry lhe piscou.

Dana não se animou com o gracejo. Olhou para o grande relógio fixado à parede da cozinha.

– Está cedo – murmurou para si mesma. Para Terry, perguntou: – Como ele está?

– Maravilhoso.

Dana revirou os olhos com certa impaciência.

– Estou perguntando se ele parece preocupado ou... Irritado?

– E quem se importa? – perguntou a amiga, guiando-a para o vestiário. – Não reparei nisso. Ele apenas disse que veio te buscar e pediu para que eu a liberasse.

– Mas...

– Mas nada, Dana – Terry retrucou assim que a deixou no interior do cômodo. Depois de entrar e fechar a porta atrás de si, se voltou para ela. – Não tenho palavras para agradecer o que fez por mim.

– Não fiz nada demais.

Dana mal assimilava as palavras. Sua cabeça estava a mil, imaginando se Joly havia a delatado.

– Fez, sim! – Terry a contradisse. – Você não é garçonzete. É jornalista. Em minha opinião, uma das melhores. Não era sua obrigação e, mesmo assim você me ajudou. Como disse,

jamais teria palavras para agradecer. Agora, minha última ordem como sua “patroa” é que se arrume e vá ao encontro daquele namorado maravilhoso que nesse instante deve estar arrasando alguns egos masculinos.

Dessa vez Dana não teve como deixar de rir da expressão da amiga. Sabia bem ao que ela se referia, afinal naquele mesmo dia viu como Ethan roubava a atenção feminina quando estava em locais públicos. Estremecendo com a lembrança do que fizeram, Dana disse a si mesma que tudo terminaria bem.

– Muito bem, patroa. Vou obedecer, mas só se prometer que não vai ficar me agradecendo por uma ajuda mútua. Você precisava de uma funcionária temporária e eu de dinheiro. Estamos quites aqui.

– Certo. Quites então... Agora vá de uma vez! – disse ao se dirigir para a porta. – Não me responsabilizo por danos causados ao seu namorado caso alguma mulher mais afoita queira tirar uma lasquinha.

Dana novamente sorriu. Como na terça-feira tomou banho rapidamente antes de vestir suas próprias roupas. Depois de pegar a bolsa, saiu respirando fundo. Despediu-se das cozinheiras e de algumas das meninas que foram suas colegas naquelas semanas, então saiu para o salão. Não precisou procurar por muito tempo. Bastou seguir alguns olhares femininos, acompanhando o movimento das cabeças em direção ao bar. E lá estava Ethan. Lindo em toda sua glória; realmente um deus.

Ele também a viu e, sem desviar o olhar, acompanhou-a durante o caminhar. A observação incessante era o bastante para agravar o tremor nas pernas dela. Quando Ethan lhe sorriu abertamente, Dana entendeu que ele não sabia o que tinha feito. Caberia a ela apagar aquele sorriso espontâneo. Era uma idiota!

Ver a humana de volta ao salão contentou o vampiro, contudo o sentimento foi mitigado ao confirmar que havia algo errado. Nada bom para seus planos, Ethan pensou ao vê-la se aproximar mirando o chão. Ele precisava que ela estivesse calma, pois no que dependesse dele, a transformação se daria naquela noite. Sim, pois tinha de estar errado em seu pensamento matinal; seria aceito. Suas atitudes seriam entendidas, afinal, segundo sua nova sócia, faltas cometidas por amor eram totalmente perdoáveis. Tinham de ser!

Dana voltou a encarar o namorado quando não tinha alternativas. Ao encontrar os olhos verdes, ela teve que conter um sobressalto. Em algum momento quando mirava o chão, contando cada passo, perdeu a transformação de Ethan. Ele a recebeu de braços abertos, mas não sorria; seu cenho estava franzido. Parecia “saber”. A constatação foi o golpe de misericórdia na culpa de Dana. Mil vezes idiota!

– Não pude esperar – disse ele. – Perdoe-me.

Contrariando a dureza do olhar, Ethan a puxou para um abraço sem se importar onde estavam; sua voz era suave. Depois de lhe cheirar o cabelo, beijou-a. Como um cumprimento de boa noite, nada invasivo ou demorado, ainda assim extremamente

perturbador. Mesmo que de alguma forma ele soubesse que havia algo errado, tratava-a com carinho.

– Também queria ver você. – Dana sorriu para disfarçar o embargo na voz. – Ainda bem que veio mais cedo.

– Tem certeza? – Ethan perguntou, acariciando-lhe a bochecha com o polegar; o cenho franzido acentuando a expressão estranha, analisando-a. – Não parece satisfeita.

– Estou. Sério, eu...

– Então, Senhorita Dana... – disse Terry ao se aproximar pelo lado de dentro do balcão. – Não vai apresentar seu namorado formalmente à amiga aqui?

– Eh... Sim. Terry, este é Ethan McCain, Ethan está é Terry Bedin. Uma de minhas melhores amigas.

Dana considerou a interrupção providencial, porém o semblante carregado de Ethan ao estender a mão para Terry demonstrava que não dividia o mesmo sentimento. A expressão, no entanto, desapareceu como se instalou. Assumindo um tom amigável, ele sorriu ao apertar-lhe a mão.

– Já nos conhecemos não é mesmo? Mas “formalmente” falando... Prazer em conhecê-la Terry.

– O prazer é todo meu. – Terry sorria satisfeita. – Estava pensando em arrumar uma mesa para vocês. O que escolherem é conta da casa. O que me dizem?

Terry olhava de um ao outro ansiosamente. Dana cogitava aceitar, para ganhar tempo, contudo Ethan decidiu pelos dois, mantendo-a presa em seu abraço.

– Agradeço a atenção, mas vim somente buscar Danielle.

– Tudo bem! Mas ao menos aceitem beber alguma coisa. – Terry olhou para o copo vazio de Ethan. – Posso servir mais uma dose e algo para Dana.

Ethan afastou a namorada o suficiente para encará-la antes de responder para Terry.

– Seria perfeito para relaxar.

– Sim, seria. – Ambas concordaram em uníssono. Sorrindo com a coincidência Terry perguntou:

– Ethan vai de Black Label e você Dana?

– Martini, com uma cereja ao fundo. – Ele respondeu por ela, sem pestanejar.

– Como você...?

Ethan esperou que Danielle concluísse, porém ela se calou. Melhor assim. Ele foi imprudente ao fazer o pedido baseado no que viu na Cielo. Não deveria indicar o quanto conhecia sobre ela, especialmente quando não estava bem.

Cada vez mais intrigado, Ethan viu Terry se aproximar com as bebidas. A contra gosto ele deixou que Danielle se afastasse e fosse se sentar num dos bancos altos ao lado. Após agradecerem à dona do restaurante foram deixados a sós. Ethan não perdia um movimento sequer de Danielle, que passou a brincar com o copo, movendo-o com dedos trêmulos. Ao ter uma mecha de seu cabelo capturada por ele, ela se sobressaltou.

– Danielle, o que há?

– Nada – disse com um fraco sorriso. – Estou apenas cansada. Depois que bebermos, podemos ir?

– Certamente.

Ao ouvir-lhe as palavras, Danielle parou de rolar o copo entre os dedos, ergueu-o e bebeu todo o líquido de uma só vez, deixando apenas a cereja ao fundo.

– Terminei – ela anunciou desnecessariamente; suas bochechas tingidas de vermelho.

Ainda com o cenho franzido, sempre a encarando, Ethan seguiu o exemplo e bebeu todo o conteúdo de seu copo.

– Eu também... Podemos ir agora.

Danielle apenas assentiu, mirando um ponto qualquer no chão. Quando se levantou o coração humano imediatamente acelerou. Inferno, Ethan praguejou intimamente. Para aumentar a estranheza, ao deixar a cadeira, Danielle estendeu a mão para ele; pela primeira vez. O gesto o confundiu. Definitivamente precisava fazê-la falar.

Segurando firmemente a mão estendida, Ethan a guiou para fora do restaurante depois de breves despedidas entre ela, Terry, Roberto e as garçonetes. Ele ignorou a todos, ansiando por movimento e privacidade. Tanto que levou Danielle até onde deixou seu carro em vez de buscá-lo. Caminhar até a rua pouco movimentada o acalmaria para que descobrisse legitimamente o que distanciava Danielle.

Tinha de trazê-la de volta antes que a verdade fosse dita. Então, como Joly, Danielle pediria para ser transformada. E ele a atenderia, Ethan reafirmou esperançoso adiantando ainda mais seus passos. Dar-lhe-ia seu próprio sangue depois de beber o dela, enquanto fizessem amor. A cena futura teve o poder de excitá-lo, mas não o distraiu. Agora que chegaram ao seu carro, iria encerrar aquele mistério.

Como sempre, Ethan a conduziu até a lateral do veículo. Porém, em vez de abrir a porta, prensou Danielle contra ele, aprisionando-a no vão de seus braços. Imediatamente ela o olhou, alarmada. Notar o receio e sentir o medo humano atizou a curiosidade do vampiro.

– Tudo bem. Já viemos embora. Agora me diga o que está acontecendo?

Ethan poderia jurar que ouvia o cérebro da jovem trabalhando, indeciso.

– Lembra-se do que lhe falei ontem? Que você sempre teria que me deixar a par de tudo?
– Danielle assentiu. – Então me conte. Por que está assim? Estranha.

Ela pigarreou antes de dizer baixinho, devagar, como se escolhesse as palavras.

– É uma bobagem, mas acho que você não vai gostar. Então... Eu conto se você prometer não ficar bravo.

– Péssima introdução, Danielle. – Ethan advertiu, estreitando os olhos. – Vejo que não poderei prometer o inevitável.

– Bem... Sendo assim, esqueça. Entendo que nosso namoro será pontuado por sua curiosidade excessiva, mas não pode me obrigar a dizer o que não quero.

– Não posso?! – Ethan reduziu mais os olhos, até formar finas fendas. – Quer apostar?

O coração de Dana, já acelerado pela quase corrida até ali, disparou ainda mais. Seu senso falho de preservação avisou, tardiamente, que não seria sábio se opor às manias invasivas de Ethan McCain.

Instintivamente Dana olhou para os lados, temendo o que viria. Contudo, antes que pudesse prever como Ethan a forçaria a revelar sua falta, ele a beijou. Não como um cumprimento, não de leve. O beijo era inquietante e explorador, no qual a língua impiedosa de Ethan prendia a dela num rolar torturante, enquanto ele liberava aqueles sons guturais que faziam todos os pelos dela se eriçarem.

Passada a surpresa, Dana deixou que a bolsa escorregasse até o chão e tentou abraçá-lo, porém se deteve ao sentir os dedos frios em sua nuca e seu cabelo ser segurado com força. Não doía, contudo Dana estremeceu ao recordar do que aquela mão restritiva era capaz.

– Vai dizer agora?

– Acho melhor não – ela murmurou com os olhos fechados. – Como disse, é uma bobagem.

Ethan grunhiu e novamente a beijou. Agora com fúria enquanto sua mão livre invadia a barra da camiseta sob o casaco de lã leve. Dana estremecia aos toques, mas não se deixaria seduzir. Estava decidida a se valer das palavras dele, e elegeu seu deslize vespertino como uma das tais verdades inconfessáveis.

Contudo, como resistir e não confessar até o que não fez quando tinha aquela língua áspera agora a chupar a ponta de sua orelha? Como não declará-lo vencedor da aposta depois de sentir a mão aliciadora invadir o sutiã e apertar seu seio?

– Diga. – Ethan pediu persuasivo junto à orelha dela. – Não contar faz parecer pior do que pode ser na verdade. Diga o que não sei Danielle.

– Apenas vamos embora – pediu Dana, recriminando seu corpo traidor que se contorcia, procurando maior contato com o do namorado. – Já disse que é uma bobagem. Por que não aceita?

– Porque sua maldita introdução, e suas ações antes dela, disseram-me que é mentira!

Queria que ela confiasse nele, mas para infortúnio dos dois, Ethan sabia somente conseguir tal feito pela indução ou sedução. Como iludi-la estava fora de cogitação, ele novamente a beijou, e separou-lhe as pernas com sua coxa para se mover minimamente contra ela

Vergonhosamente excitada, Dana especulava como era possível que o medo de serem flagrados aumentasse sua libido, tornando-a uma oponente tão fraca. Mais um pouco daqueles beijos invasivos ou daquele mover obsceno entre suas pernas e ela explodiria. Para sua derrota, Ethan sabia que sim, e parou o que fazia.

– Se deseja ir embora para continuarmos o que iniciamos aqui, conte-me agora.

E apesar do “se” Dana sabia que não havia escolhas para ela. Pelo pouco que já conhecia de Ethan, ele poderia deixá-la excitada, talvez, depois até lhe dispensasse por não seguir suas regras; mas não a deixaria sair dali sem ter uma resposta. Ciente da verdade Dana temeu o que viria e simplesmente chorou.

Ethan se enregelou. Ao que tudo indicava, jamais estaria preparado para enfrentar o choro de Danielle. Aturdido, com seu próprio desejo arrefecido, imediatamente a soltou. Enquanto ela chorava, contida, com o rosto escondido nas mãos, ele cuidadosamente arrumou as roupas dela que moveu.

– Deseja me matar de preocupação? Por favor, Danielle, conte o que aconteceu.

Inferno! Ethan praguejou aflito ao notar que o pranto se intensificou. Preferia nunca mais se valer de seus artifícios, mas quebraria sua palavra e a induziria. Decidido, ele a abraçou e inverteu a posição de ambos, recostando-se ao carro. Então a segurou pelos ombros, afastando-a para ditar a ordem. Precisava saber...

– Ethan, me perdoe! – Ela implorou de chofre, detendo a pronta indução.

Perdoar?!... Ethan sentiu uma fígada em seu peito. Subitamente era como se soubesse a razão do medo e do choro compulsivo. Baixando a voz, indagou:

– Por que, exatamente?

– Agi sem pensar quando fui até lá! – Dana disse embargada. – Estava apenas preocupada. Eu juro. Juro que não era minha intenção encontrar com ele. Achei que depois de tanto tempo já teria ido embora. Por favor, Ethan. Eu...

– Seja clara Danielle. Lá, onde? – cortou-a, domando os rugidos que agitavam seu peito por já saber a “quem” ela se referia.

– No Bellevue. – ela revelou, antes de novo acesso.

– Você foi ao hospital. – A constatação saiu entre dentes. Ethan se recriminou ao senti-la estremecer sob seus dedos, sabia que precisava sufocar o ciúme que parecia rasgar seu peito, mas simplesmente não conseguia.

– Sim – ela murmurou entre lágrimas –, mas eu juro, dou minha palavra de que nunca quis encontrar com ele. Como não queria nem ligar para ele, achei que ir até o hospital seria melhor... Não vê? Era minha obrigação. Toda essa confusão é por minha culpa, então... Eu somente queria ter certeza de que vocês dois ficariam bem... Só saber.

E mais uma vez ela soluçava. Depois da torrente de palavras e de todo o terror que ela demonstrava, o ciúme se tornou uma chama fraca no peito do vampiro. Evidente que odiava a desobediência, mas não poderia culpá-la.

Com seu sentimento de posse sufocado, Ethan se perguntou qual a novidade na atitude da namorada. Pensando friamente, ele percebeu ter sido ingênuo em acreditar que Joly se negasse em atender aquele maldito instinto de Danielle de fazer o que considerava certo. E também soube que não deveria haver perdão para ele por deixar a humana em tal estado de pavor.

Aquele medo isolado – terror pelo terror –, sem estar misturado ao cio, era o último sentimento que Ethan desejava despertar em Danielle. Ela não era uma de suas vítimas e não deveria se sentir como uma; especialmente naquela noite. Sabendo exatamente o que estava em jogo, Ethan respirou fundo e disse totalmente controlado.

– Acredito em você Danielle.

Ethan segurou o rosto da namorada e secou-lhe os olhos delicadamente, fingindo não ver a expressão incrédula. Era evidente que depois de assistir o descontrole e ouvir dele o ultimato para que não voltasse caso saísse, ela acreditasse que namorava um monstro incapaz de perdoar. Danielle não estava tão longe da verdade, mas para ela, sempre haveria exceções.

– Não está... Irritado comigo? Ou... Magoado?

Com a pergunta Ethan entendeu o embate daquela noite. Aquela última palavra, verbalizada de forma incerta e embargada, deixou claro que boa parte da resistência se baseou no desejo de não feri-lo. E ele gostou daquilo. Quando falou, tentou imprimir leveza em cada palavra, apesar da seriedade do assunto.

– Não posso dizer que seja o namorado mais feliz no momento ou que vá parabenizá-la por ser tão desprendida e preocupada com alguém que... “detesto”. Mas, não... Não estou magoado ou irritado com você.

Danielle suspirou e voltou a chorar. Ethan especulava sobre o que havia dito de errado quando um sorriso tímido se desenhava nos lábios rosados. Vê-la sorrir e chorar ao mesmo tempo mirou o resto de força que ele ainda pudesse ter. E antes que ela pensasse em agradecer ou mencionar algo mais sobre sua falha da tarde, Ethan a beijou. Imediatamente Danielle se atirou em seu pescoço, aquecendo assim seu coração. Era exatamente assim que queria sua bruxa. Apaixonada; entregue. Covarde, sim. Aterrorizada, nunca.

Ethan a beijou profunda e demoradamente, porém não deixou que entre eles o clima esquentasse como antes. Ambos voltavam a se excitar, porém já haviam se arriscado demais ficando parados naquela rua escura. E ainda havia um obstáculo complicado e tenso para transpor naquela noite. Diante do qual, qualquer indisposição causada pelo rábula era ínfima. Quebrando a intensidade do beijo, Ethan depositou dois breves beijos nos lábios de Danielle antes de soltá-la.

– Você está bem agora? – indagou, acariciando seu rosto. – Eu... Gosto muito de você Danielle. Não quero vê-la assim novamente.

– Sei disso! – Ela mordeu o lábio inferior. – Por isso nunca mais vou fazer algo que o contrarie, prometo. Quero sempre estar bem com você. Nunca gostei de brigas, por isso não vou provocá-las.

Então ela sorriu, como que para embasar o que dizia. Mas estava errada.

– Como já disse, não tenho experiência em relacionamentos duradouros, mas acredito que nesse caso deva ser como qualquer outro. Brigas sempre acontecem, Danielle. Pelo menos entre pessoas que se importam umas com as outras. Quero que as coisas dêem certo entre nós. Então vamos nos basear em respeito e confiança mútua, está bem?

– Está! – Ela disse decidida. Ethan prosseguiu:

– Não retiro o que disse. Eu sempre vou querer saber o que fez ou onde foi. E talvez não aprove uma ou outra atitude sua, mas isso não significa que tenha de se transformar em alguém que não é. Mulheres sem opinião e iniciativa são desinteressantes. Por favor, não se torne uma. Interessei-me por você desde o primeiro minuto em que a vi e aceito-a como é.

– Sei disso. – Dana murmurou, novamente emocionada. – Mas é que eu tive tanto medo... Achei que fosse me mandar embora.

“Ah, o medo não fora dele afinal”! Ethan regozijou-se e se permitiu renovar suas esperanças de que ela o aceitaria. Danielle estava disposta a mudar por ele, para não perdê-lo. Como isso seria possível? Como podia acreditar que ele a mandaria embora somente por ser ela mesma? Suas atitudes equivocadas assim como o rábula dos infernos, não eram maiores que o amor que sentia por ela.

Ethan teve vontade de externar seu pensamento, mas não o fez acometido por um medo súbito de se expor. Aquele sentimento que invadia seu coração era novo e forte. E Ethan determinou que ali, no meio da rua não era o local ideal para uma declaração daquela magnitude. Era hora de ir embora.

– Isso jamais aconteceria Danielle. Não por isso. Quero que confie em mim e traga todo e qualquer problema para que sempre resolvamos juntos. Combinado?

– Combinado! – Ela concordou, sorrindo.

– Ótimo! – Ethan exclamou, então soltando seu rosto passou as mãos pelos próprios cabelos. – Bem... Eu vim buscá-la mais cedo disposto a lhe fazer um convite.

– Um convite?

Ethan pôde ver um brilho breve de expectativa e excitação cruzar os olhos de Danielle. Finalmente a sentia como queria; entregue e despreocupada. Então ele sorriu consigo mesmo; estava criando um pequeno monstro.

– Sim... Queria que esta noite você fosse para meu apartamento.

– Ir para seu apartamento?! – Dana quase engasgou ao repetir a novidade.

– Sim. Por que não? – Ethan perguntou antes de se abaixar para resgatar a bolsa que ela deixou cair ao chão. – Vamos?

Depois de colocar a bolsa de Danielle sobre o assento traseiro, Ethan abriu a porta do carona para que ela entrasse, ouvindo o coração humano bater frenético. Com ela acomodada, contornou o carro e assumiu seu lugar para seguir até a Wall Street. Não houve um assentimento verbal, mas toda a ação se deu sem que a humana o detivesse.

Agora sabia; ela sempre aceitaria.

Capítulo Vinte e Sete

Ethan guiava em silêncio pelo tráfego intenso de Nova York. Como sempre Dana tinha dificuldade em desviar a atenção das mãos brancas que apertavam o volante. Era impossível evitar os calafrios de prazer ao recordar que quase sucumbiu a elas. Definitivamente Ethan era muito bom em tudo que fazia; sabia exatamente onde tocar e quando tocar. Dana também não pôde evitar a pontada do ciúme ao constatar que tamanha ciência só se adquiria na prática.

Estava claro que Ethan era experiente, o que confirmava a fama de mulherengo. Fama esta que Dana desejava que estivesse no passado. Com um suspiro, ela reconheceu que não gostava daquele sentimento, e considerou entender um pouco mais o namorado. Se ela ficava mortificada em apenas imaginar as possíveis ex, como Ethan não se sentia em relação a Paul, que ela insistia em manter presente?

Olhando de esguelha para o semblante sereno, Dana igualmente reconheceu que Ethan havia sido compreensivo ao extremo e no que dependesse dela, nunca mais os colocaria naquela situação. Não se tornaria sem opinião e sem iniciativa – não queria desinteressá-lo –, mas evitaria desentendimentos. No caso do ciúme agiria como na mentira, se não era bom para ela, jamais seria bom para o outro, então não o provocaria. Tarefa por vezes inglória pela relativa facilidade, visto que Ethan parecia viver com todas as emoções à borda.

Dana olhou mais uma vez para as mãos ao volante e estremeceu, excitada ao reconhecer que a luxúria talvez fosse o traço mais “transbordante”. Para agravar seu desejo, ela saboreou as palavras ditas de forma tão intensa. Ethan “gostava” dela, “interessava-se” por ela. Não foi uma declaração explícita, e talvez ela fosse uma tola romântica por ficar toda animada, mas Dana não se importava, afinal, tinha sua rosa significativa.

Ao pensamento, Dana deixou de admirar as mãos do namorado para olhar o braço forte escondido sob a manga do casaco. Com o coração aos saltos, analisou o ombro largo, o queixo anguloso; o perfil cinzelado.

– Nunca lhe disseram que é feio ficar encarando? – Ethan perguntou sem se voltar.

– Quem inventou essa regra, definitivamente, não conhecia você. – Dana retrucou com o coração a pulsar ainda mais; desejando ardentemente que ele, de verdade, a amasse como a rosa vermelha sugeriu.

– Não posso ser tudo isso – desmereceu-se divertido, sorrindo torto depois de olhar brevemente para ela.

“Sim, você é”, Dana pensou, porém jamais diria. Tudo que não queria era que seu namorado lindo e convencido se tornasse ainda pior. Alguém experiente, com excesso de confiança como Ethan, sabia muito bem o quanto era bonito e desejável; admirado por todas. Dana então suspirou, e antes que fosse atacada por seu ciúme, estendeu a mão e tocou aquele rosto perfeito.

Nada demais; apenas fazia carinho na curva acentuada do queixo anguloso, ainda assim o ouviu suspirar pesadamente. Apreciando daquele contato com a pele firme e fria, Dana se inclinou levemente na direção de Ethan, então deixou o queixo e introduziu a mão pela gola da camisa para brincar os cabelos mínimos da nuca. Ela sabia que seus carinhos eram nada se comparados ao que ele lhe fazia. Justamente por isso, ficou satisfeita em vê-lo apertar o volante e acelerar o carro.

Contente, Dana percebeu que mesmo não tão experiente, conseguia provocá-lo. Logo também descobriu que, assim como não deveria entrar em apostas com Ethan McCain, não deveria iniciar um jogo que mal conhecia. Como resposta aos seus carinhos primários, sem se importar com a velocidade que seguia Ethan lhe tocou uma das coxas e apertou próximo à virilha. De pronto seu corpo reagiu, e estremeceu mais ao ouvir a voz rouca.

– Acabaram-se os vestidos?

– Ainda tenho algum deles. – Dana corou ao se lembrar das vezes em que um vestido esteve entre eles; em especial a última.

– Pois deveria usá-los mais vezes. – Ethan recomendou atento ao caminho, sem mover a mão do lugar, somente apertando o mesmo ponto.

– Vou me lembrar disso – ela murmurou.

Após alguns minutos daquela doce tortura, Dana percebeu que haviam chegado ao NY Offices sem nunca pararem. Se Ethan furou sinais de trânsito ou se teve sorte, ela não saberia dizer. Ao se dar conta de que iria “mesmo” para a cobertura de Ethan, Dana se empertigou no assento, sentindo o coração voltar a bater acelerado. Estava no território do namorado, iria para a cama “dele”.

Enquanto Ethan manobrava na garagem, Dana agradecia aos céus por não ter dado a devida dimensão à proposta. A lembrança de sua primeira visita à cobertura ainda estava fresca em sua memória. A primeira dança. O primeiro beijo. A proposta do primeiro encontro oficial em público que ainda seria na noite seguinte... Tantas coisas haviam acontecido entre eles que parecia estranho ter se passado somente dois dias.

E lá estava ela. Namorando... Amando, Ethan McCain. Se lhe dissessem isso há duas semanas teria rido incredulamente. Dana se encontrava tão imersa em seus pensamentos que nem ao menos ouviu o praguejar baixo do namorado e o pedido para que ela ficasse onde estava, antes que ele deixasse o carro.

Em sua distração, impulsivamente Dana saiu para a garagem. Ainda alheia ao que fazia, não viu que Ethan a olhou alarmado quando ela fechou a porta. Dana seguia para a traseira

do veículo, quando surpreendentemente Ethan se materializou em seu caminho, encarando-a com os olhos verdes maximizados.

– Eu pedi para você ficar no carro. Volte para...

– Ora, ora, ora... Que casal mais simpático! – Soou a voz feminina; escarnecedora.

Imediatamente Ethan se virou sem terminar a frase, deixando a namorada às suas costas, tapando-lhe a visão. Em sua curiosidade, Dana se afastou para o lado em tempo de ver a ruiva deslumbrante surgir, vinda das sombras. Dana se lembrava dela da noite do baile, a Alice. Se não lhe falhava a memória ela era esposa de um dos funcionários, ou sócio, de Ethan. O que ela fazia ali e àquela hora?

– Samantha. É melhor ir embora.

A voz de Ethan era tensa e rouca. Dana olhou para a ruiva, então para as costas do namorado e novamente para a mulher; confusa.

– Por quê? – Samantha sorriu levemente. – A namoradinha não pode saber sobre nós?

Dana sentiu o baque no coração.

– Não existe esse “nós”. – Ethan a corrigiu entre dentes. – Sabe que é inútil tentar me envenenar com Danielle. Agora vá de uma vez, Samantha. Podemos resolver isso outra hora.

Dana arfou aflita. Se não existia um “nós” o que teriam para resolver depois? O que a ruiva casada insinuava? Que era amante de Ethan? Estarrecida, Dana considerou a hipótese.

– Não me mandou embora de sua cama a duas noites atrás.

– Você me deixou para vir se encontrar com ela? – Dana indagou num fio de voz, afastando-se de Ethan como que repelida por uma descarga elétrica.

Ethan a ignorou por completo. Toda sua atenção era destinada à Samantha; a amante deslumbrante, claro! Aquela atitude soou como resposta. Dana sentiu que sufocaria. Ainda sem olhá-la, num ato estranho e lento, Ethan retirou o casaco e deixou que este caísse ao chão para então se curvar em posição de defesa. Quando falou sua voz parecia um rosnado.

– Melhor ir agora, Samantha.

A ruiva o ignorou, sempre a exibir um sorriso zombeteiro.

– Não contou para sua humana o que fizemos? Tsc, tsc, tsc... Que feio Ethan McCain! – Samantha maneava a cabeça negativamente, repreensiva. – Como ela se habituará às regras de criaturas como nós se não instruí-la corretamente?

“Sua humana”?... “Criaturas”?... Dana não sabia o que pensar quando Samantha a encarou e respondeu por Ethan.

– Sim, meu bem. Ele veio ficar comigo. Vampiros como Ethan até se divertem com humanas insossas, mas preferem mesmo...

– Já chega! – Ethan vociferou, cortando-a.

E numa fração de segundo ele se moveu, indo a uma velocidade incrível até a ruiva que simplesmente saltou sobre ele e caiu a menos de um metro de Dana. Esta prendeu a respiração diante da cena impossível que a assustou mais do que a expressão transtornada da mulher que a encarava, raivosa. E novamente, inacreditavelmente, Ethan estava de volta. Puxou Samantha pelos cabelos longos, afastando-a no segundo exato em que estendia as mãos para o rosto de Dana, com os dedos em garras, pronta para arranhá-la.

Sem forças para se manter de pé, Dana cambaleou para o lado até se recostar na traseira do BMW. Um bolo uniforme subia por sua garganta enquanto assistia vidrada o desenrolar da cena animalesca. Sua cabeça apenas gritava; vampiros, vampiros.

Após ter sido afastada, a ruiva se voltou contra seu captor sem se importar em ter chumaços de seu cabelo vermelho arrancados. Com os dentes a mostra, a emitir um grito histérico se lançou contra o pescoço de Ethan. O ataque certeiro e rápido foi inevitável. Dana sequer viu todo o movimento. De repente Samantha estava como que agachada sobre o peito de Ethan com os dentes cravados no pescoço dele, movendo a cabeça freneticamente, rosnando como uma fera indômita.

Quando Ethan finalmente conseguiu prender sua agressora pela cabeça e derrubá-la ao chão, Dana viu, horrorizada, o ferimento aberto em seu pescoço e o sangue que escorria livremente, maculando a camisa branca. Com o rosto transformado pela cólera, sem soltar sua oponente, Ethan segurou firme nas laterais do rosto perfeito e o torceu; forte como se não estivesse mortalmente ferido. Dana apenas ouviu o “creck” seco, então tudo escureceu a sua volta.

Ethan nem ao menos viu a humana cair, preso em sua fúria. Tamanho era seu ódio pela vampira que desprender sua cabeça não bastou. Em um gesto rápido, procurou pelo coração e o arrancou, atirando-o ao lado do corpo inerte. Ainda olhou para Samantha por alguns instantes como se, de certa forma, ela pudesse voltar à vida. Quando se deu por satisfeito, Ethan correu os olhos em volta; ofegante, atacado pela força e pela raiva que ainda corria nele. Foi quando viu Danielle caída sobre o chão frio da garagem, e estagnou.

Mortificado com a cena, sequer sentiu a dor em seu pescoço. Esquecendo-se que estava com as mãos sujas com o sangue de Samantha, saiu da inércia e foi até sua humana. Ao chegar ao lado dela, sentiu-se fraco, então se lembrou que na ânsia de ver Danielle não havia se alimentado aquela noite. Sabia que a ferida já começava a cicatrizar, mas sem sangue fresco em seu corpo o processo seria relativamente lento. E não havia tempo a perder.

Não gostou do que decidiu, odiou Samantha ainda mais por obrigá-lo a fazer aquilo, mas era necessário. Sentando-se no chão ao lado de Danielle, Ethan a puxou para seu colo, sujando mais as roupas dela enquanto retirava o lenço que lhe cobria o pescoço e afastava a gola do casaco para mordê-la. Desculpando-se em silêncio, sugou-lhe o sangue aos poucos, lentamente, racionando, sentindo a ferida gradativamente se fechar. Em todo o tempo os olhos de Ethan ardiam e ele jurava que nunca mais beberia de Danielle, nem minimamente em suas trapaças. Com exceção apenas para quando fosse transformá-la.

Quando soube ter bebido o suficiente, fechou-lhe a ferida. Ethan ainda a manteve em seus braços por alguns minutos, recuperando-se parcialmente até que pudesse carregá-la. Precisava limpar a sujeira, alimentar-se corretamente e o pior de todas as coisas... Acordar a namorada e reparar o estrago causado por Samantha.

Depois de se levantar com Danielle nos braços, Ethan seguiu até o elevador. Assim que apertou o botão da cobertura, sentou-se novamente, sempre com ela em seu colo. Ethan pousou a cabeça dela em seu ombro e escovou-lhe os cabelos com a mão livre de sangue. Na tentativa de se acalmar, passou a entoar a música que surgiu em sua mente na noite passada quando estava com Danielle adormecida em seus braços.

Maldita Samantha! A vontade de Ethan era descer até a garagem e desmembrá-la. Picá-la em pedaços pequenos por ter se atrevido a tentar machucar Danielle. E acima de tudo, por tê-lo denunciado antes que pudesse contar a verdade à sua maneira.

Com o velho coração diminuído no peito, o vampiro abraçou a jovem fortemente. Seus olhos ainda ardiam.

– Por favor, me aceite – murmurou.

E assim, abraçado à humana, ele entoou seu pedido até que sentiu o elevador perder impulso. Quando as portas se abriram no *hall*, Ethan já se encontrava de pé. Ao entrar no apartamento, correu escada à cima para depositar Danielle gentilmente em sua cama.

Como era preciso sair sem o risco de Danielle acordar sozinha, tentou despertá-la dando leves tapas no rosto pálido, chamando-a. Após alguns segundos ela abriu debilmente os olhos, porém nem ao menos teve tempo de focá-los ou perceber onde estava. Assim que olhou em sua direção, antes que qualquer entendimento lhe passasse pela mente, Ethan deu a ordem.

– Durma Danielle.

Imediatamente ela fechou os olhos. Dessa vez, porém, apenas em sono profundo. Ethan jurou a si mesmo que aquela também seria a última ordem que daria. Não desejava mais enganar ou iludir Danielle. Para o bem e para o mal, queria-a lúcida. Sem deixar de olhar o rosto sereno, Ethan a livrou dos sapatos. Depois de trocar a camisa suja de sangue, beijou demoradamente os lábios inertes de Danielle, e saiu.

Correu escada abaixo, agora tinha pressa. Ainda não estava totalmente recuperado, mas simplesmente não suportaria esperar a lentidão do elevador. Encontrou os restos da

vampira exatamente como havia deixado. Não sentiu um único resquício de remorso pelo o que fez. Novamente havia livrado o mundo de uma praga peçonhenta.

Logo Ethan tratou de juntar os restos de Samantha, pegou o próprio casaco que deixou ao chão, o lenço de Danielle e os levou até seu SW4. Finalmente se livraria de cretina, pensou ao assumir o volante tendo o lenço da jovem em sua mão. De volta à rua, dirigia rapidamente, porém obedecendo – na medida do possível – as leis de trânsito. Não poderia chamar a atenção aquela noite. Tinha um destino certo; seguia para o Queens.

Atravessou a ponte sem nem perceber. Induzir um humano para lhe conseguir gasolina e um isqueiro. Logo chegava ao seu destino. Naquela noite os grandes latões não estavam tão cheios. Ethan havia parado com a traseira de seu carro exatamente para o beco. Abriu o porta-malas, pegou o corpo de Samantha, seu casaco junto com o tapete e os atirou na lixeira. Jogou também a cabeça que trazia pelos cabelos ruivos. Ato contínuo, ele incendiou os restos. Pesaroso, Ethan olhou para o lenço de Danielle, mas o atirou ao fogo por estar maculado com o sangue da vampira.

Estava acabado, mas não poderia ir embora. Ethan praguejou intimamente ao ouvir os passos antes mesmo de sentir o cheiro de viciado. Por sua visão periférica viu um garoto mal vestido se debruçar na janela de seu SW4 enquanto outro avançava até ele, no interior do beco.

– Ei, playboy de merda!... Que porra pensa que está fazendo no meu bairro?

– Por que não chega mais perto para eu te dizer. – Ethan chamou sombrio.

Atraído por sua voz, o garoto que vasculhava o carro se ergueu da janela e olhou para Ethan. O homem que estava à entrada do beco, levou uma das mãos às costas para sacar sua arma. Imediatamente a apontou na direção de Ethan.

– Não vou a lugar nenhum playboy de merda. Você é que vai vazar agora... – Enquanto falava ele se aproximava. Estreitando os olhos para analisar Ethan na penumbra, exclamou: – Mas que porra é essa?... Esse cretino tá coberto de sangue!... Vaza daqui, porra. Não quero confusão nessa área. Some antes que eu me arrependa.

– Não haverá tempo. – Ethan assegurou com a voz rouca.

Precisava urgentemente de sangue e, uma vez que o alimento veio até ele, não tinha porque esperar mais. O homem que o enfrentava era grande, lhe serviria bem, então chamou atenção do garoto que o acompanhava.

– Ei, você. – Quando o garoto o olhou por sobre o ombro do homem, Ethan o prendeu pelo olhar e ordenou: – Esqueça que nos viu aqui e vá para casa. Não se importe com gritos ou qualquer outro som que escute. Apenas vá direto para casa.

– Que porra é essa?! – O homem vociferou. – O playboy de merda tá achando que é quem pra dar ordens aqui? Fique comigo, mano – pediu inutilmente ao amigo, que deixou o beco, obediente.

– Que merda!... Como fez...?

A pergunta morreu no vazio quando Ethan surgiu exatamente à frente dele. Com o susto a arma foi disparada atingindo-o à queima roupa no estômago. Ethan sentiu o sangue correr, mas não se abalou, apenas sorriu satisfeito ante o mutismo de seu atacante ao ver que ele não se curvou ou caiu depois do tiro certo.

Sempre fitando o homem incrédulo, Ethan introduziu o dedo na ferida para tirar o projétil. Ao retirá-lo, analisou-o entre os dedos ensanguentados por um segundo antes de deixar cair ao chão e dizer didático.

– Não posso deixar essas coisas em mim, elas incomodam...

Ali, naquele contexto, Ethan apreciava imensamente o terror. Não via mais seu atacante; agora a figura trêmula e imóvel era sua presa. Depois de apenas um passo Ethan pôde pegá-lo pela gola do casaco, erguendo-o. A boca do homem estava aberta, seus olhos vidrados, mas ele não emitia som algum.

– Preocupe-me a toa com o que seu amigo pudesse ouvir. O que houve com os xingamentos? O gato comeu sua língua?

Após a retórica, Ethan levou o homem para o fundo do beco e se serviu dele. A vítima sequer se debateu quando cravou os dentes em sua carne; talvez nem tenha percebido a morte. Ethan por sua vez, a cada sugada na jugular, sentia a vida fluir em suas veias. O sangue fresco recuperando definitivamente as feridas de seu corpo.

Não tinha mais tempo a perder, Ethan carregou o peso morto que era o corpo do homem e o jogou na lixeira em chamas. Em seguida, sem demora, voltou ao seu carro, fechou o porta-malas, assumiu o lugar do motorista e se foi.

Ethan ainda não comparava a noite com a passada, mas não podia deixar de maldizer sua sorte por estar mais uma vez preso numa situação horrível. Enquanto cortava entre os carros, dirigindo por puro reflexo, lembrou-se das palavras incrédulas de sua namorada.

“Você me deixou para vir se encontrar com ela?”

Sim. De certa forma foi exatamente o que fez, e se pudesse prever tudo o que viria depois que a deixou ir embora, teria acabado com a raça de vampira há duas noites. Samantha maldita! Naqueles últimos dias a vadia conseguiu estragar tudo que planejou para ele e Danielle. De súbito, pareceu a Ethan que Samantha sempre soubesse de antemão todos os passos que ele daria, permitindo a ela se adiantar.

Apertando o volante, Ethan cismou se era possível que vampiros previssem o futuro. Era perturbador acreditar que sim, assim como a possibilidade de indução entre imortais. Cada vez mais Ethan começava a acreditar que estava certo; nas duas teorias. Se Samantha estivesse induzida a fazer o que fez, teria morrido inocente, mas Ethan não lamentaria. Tinha de defender Danielle.

Por outro lado, se Samantha fosse capaz de prever o futuro, isso poderia fazer dela o intruso. Era muito mais fácil aceitar o ódio da vampira que seu amor, afinal, eles sempre se detestaram. Então Ethan se lembrou da questão do cheiro. Não reconheceu o odor em nenhuma das vezes que esteve em contato com ele. Contudo, algo lhe ocorreu. Da mesma forma que ele descobriu ter uma força nova e extrema, Samantha poderia ter descoberto como disfarçar a essência natural dos vampiros.

Ethan se encheu de esperança. Se Samantha era seu intruso, estava livre. Ele acalentava esse pensamento quando chegou ao edifício. Mal estacionou, Ethan tratou de apagar os vestígios da passagem da vampira pelo NY Offices. Para Andrew ela estava em Midland, então assim seria. Não arriscaria provocar a fúria no outro caso ainda houvesse algum sentimento dele para com a esposa infiel. Ninguém deveria saber. Pelo menos, por enquanto.

Com o chão da garagem limpo do sangue de Samantha, Ethan correu escada acima. Seu coração somente se aquietou ao ver que Danielle não havia se movido um milímetro. Sabia que precisava de um banho. Sentia-se sujo; estava sujo. De sangue e morte. Tudo dera errado na manhã e na noite que precisava de paz.

Acreditava não ter mais forças para afastar-se, mas se obrigou a seguir ao banheiro mesmo assim. Não poderia deixar que Danielle o visse coberto de sangue. Lembrar-se de tudo que viu já seria suficiente. Após uma ducha rápida, no *closet* escolheu somente uma calça de sarja cinza chumbo, estava impaciente para camisas. De volta ao quarto, Ethan não conseguiu deixar de olhar Danielle. Subitamente ficou apreensivo imaginado qual seria a reação quando a despertasse.

Ao sentar na beirada da cama e perscrutar o rosto sereno da namorada, Ethan sentiu sua coragem e decisão esvair-se. Agora não se tratava simplesmente de contar. Danielle sabia; havia visto. Precisava fazê-la confiar nele, saber que nunca a traiu e convencê-la a aceitá-lo. Trabalho demais para um velho coração cada vez mais temeroso.

Ethan não conseguia ver-se longe de Danielle, talvez por esse motivo não tenha sequer pensado no maldito plano B para o caso de não ser aceito. Aflito em seu âmagô, o vampiro se deitou ao lado de da humana e a trouxe para seu peito, abraçando-a. Como no elevador, cheirou o alto da cabeça amada e entoou o pedido.

– Por favor, me aceite.

Capítulo Vinte e Oito

O tempo corria sem que Ethan tivesse coragem de despertar Danielle. Deitado ao lado dela, agora a admirá-la, ele acariciava a pele alva do rosto jovem há incontáveis minutos. Contornava as pálpebras lilases, o nariz altivo, os lábios de um rosa pálido, tão delicados que ele não poderia deixar de comparar a pétalas de rosa. Danielle estava linda em seu sono induzido, como a princesa propagada pelos irmãos Grimm, envenenada ao morder uma maçã.

Se fosse possível, ele faria como no conto alemão, colocá-la-ia num esquife de vidro e, como nunca seria um príncipe, jamais a despertaria. Passaria a eternidade velando-a. Tudo para não perdê-la. A variação seria acordá-la e induzi-la a aceitá-lo. Mantê-la cativa com seu encantamento para sempre, ainda para não perdê-la. Entretanto, tal ação arbitrária não garantiria uma permanência, visto que Danielle, surpreendentemente despertava de induções.

Persuadi-la nunca seria uma opção caso Danielle não o aceitasse. E a cada minuto que passava Ethan se convencia que seria exatamente isso que aconteceria no instante em que a despertasse.

Como Thomas salientou Ethan nem mesmo poderia contar com a sorte. Assim como não poderia contar com a predileção de Danielle por vampiros. Algo dizia a ele que toda adoração notada nas palavras da matéria não valeria de nada quando ela estivesse diante de um verdadeiro ser maldito. Tudo que Ethan poderia desejar é que Danielle não se assustasse, deixasse que ele se explicasse e aceitasse sua condição.

“Somente isso” Ethan pensou ironicamente, rindo escarninho de seu dilema.

Agora ele via seu erro, mais um entre tantos que cometeu com Danielle. Devia tê-la preparado. Deveria ter-lhe contado sobre sua imortalidade dias antes. Talvez na praia quando ela aceitou namorá-lo. Contudo não o fez, tornando o momento da descoberta algo trágico.

Ele sabia que ela sofreu quando o viu ser atacado, e desejava fervorosamente que ela tenha desmaiado antes do desfecho violento da luta travada. Que a lembrança do sangue manchando a camisa dele – e não uma cabeça decepada – fosse a primeira que ela tivesse quando acordasse. E precisava fazê-lo; era inútil adiar o inevitável.

Ethan acariciou os cabelos de doce. Brincou com as mechas por entre os dedos. Trouxe-as até o nariz e aspirou. Estranhamente o cheiro não despertou seu desejo, apenas oprimiu seu coração; ele a perderia.

Aproximando o rosto ao de Danielle, beijou-lhe as pálpebras, a ponta do nariz, então, roçou sua boca levemente nos lábios inertes. Segurando as bochechas da jovem, manteve os rostos grudados; testa contra testa, nariz contra nariz, deixando que a respiração de ambos se misturasse.

Erguendo o rosto, deixou que o nariz de Danielle lhe tocasse a base do pescoço. O que ele não daria para que ela lhe cheirasse como havia feito pela manhã no escritório. Ou o tocasse carinhosamente como havia feito há pouco em seu carro. Daria a própria vida se fosse possível ter um minuto a mais com Danielle lúcida em seus braços. Todavia, com o coração ainda mais oprimido, reconheceu que não o teria.

Ethan permitiu-se um último olhar, não cogitando qualquer tipo de aceitação da parte dela quando acordasse. Recusava-se a ter esperanças para não sofrer com a provável rejeição. Afinal, criaturas de histórias de terror nunca tiveram finais felizes, não é mesmo?

Então, subitamente decidido, Ethan aproximou os lábios do ouvido dela e a chamou.

– Acorde Danielle!

Ela franziu a testa e murmurou algo ininteligível.

– Acorde Danielle! – repetiu beijando-lhe a orelha.

Ela entreabriu os olhos lentamente, esperando que a visão se ajustasse à claridade. Ela olhou em volta, aturdida. Então, focou no rosto de Ethan e sorriu mansamente.

– Ethan! – Ela tocou o rosto com receio. – Você está aqui!

Danielle lhe sorria. Ethan se permitiu nutrir um fio de esperança. Seria possível que ela entendesse e aceitasse o que se passou na garagem?

Então, como que por resposta a sua pergunta íntima, Ethan a viu franzir a testa, como se algo na cena que via estivesse errado. E estava! Então o rosto amado se tornou lívido e se contorceu em desespero. Danielle se sentou abruptamente olhando para o pescoço dele enquanto o inspecionava com dedos afoitos.

– Você está bem?

Dana tateou ainda o peito musculoso e perfeito à procura de algum ferimento. Quando não encontrou uma cicatriz sequer na pele de mármore ela o olhou, confusa.

– Não está ferido?! Como é possível? Eu vi você ser atacado... Seu pescoço... Aquele sangue?... Você deveria estar morto!

– Calma, Danielle, eu posso explicar...

– Explicar? Explicar o quê?... Como é possível? – Ela o encava incrédula. – Eu vi o ferimento. A quantidade de sangue... Tanto sangue... – Como se duvidasse de seus olhos, perguntou como se para si mesma. – Não vi?

Quão fácil seria iludi-la se ainda confiasse inteiramente na eficácia da ação; mentir-lhe, apagar-lhe a lembrança. Aquele era o momento, porém Ethan não se sentia propenso a enganá-la. Na verdade, estava cansado de iludi-la; aquela era a hora da verdade. Não importando as consequências.

– Sim – Ethan confirmou pausadamente –, você viu.

– Mas então, como...? – A voz falhou.

– Você sabe a resposta. Nada pode me matar, Danielle! – Recapitulando, ele corrigiu: – Talvez estacas de madeira.

“Um vampiro”?! Impossível! Dana sorriu descrente. Porém, voltou a analisar o pescoço incólume. Não encontrou uma mísera marca. Mas havia a imagem da ruiva “montada” no peito de Ethan, gravada em sua mente. A mordida fatal. Não haveria escapatória. Pelo menos uma que não envolvesse intervenções cirúrgicas, transfusões e dias e dias de recuperação num hospital. Como era possível que ele estivesse ali? E, antes disso. Como era possível que alguém, homem ou mulher, pudesse fazer um ferimento como o que ela viu, somente com os dentes?

Correndo os olhos pelo quarto, Dana encontrou a camisa abandonada ao chão. A mancha de sangue provando-lhe que não delirou ou sonhou a cena. Mais uma vez ela voltou os olhos ao pescoço perfeito, imaculado. Seria possível?

“Nada pode me matar Danielle” disse ele. “Talvez estacas de madeira”.

Com o coração a bater acelerado, Dana olhou para Ethan que a encarava expectante. Analisou os olhos incrivelmente verdes destacando-se no rosto pálido. As feições perfeitas. Perfeitas demais para qualquer ser humano. Ela se lembrou da velocidade anormal. Da boa audição. A pele levemente fria, sempre. Subitamente a imagem de um Ethan colérico; transformado, lhe veio à mente.

Com um simples aperto de Ethan ossos foram quebrados como gravetos. Na sequência, o *creck* seco de um pescoço sendo partido pelas mãos firmes soou na cabeça de Dana. Seu corpo estremeceu. Ainda analisando o rosto irretocável, de repente ele lhe surgiu como se o visse pela primeira vez. Tamanha beleza e força não poderiam realmente ser humanas. Por mais que fosse impossível conceber, tinha de se render ao óbvio. Ethan era “mesmo” um vampiro.

– Como pode...? – Dana ouviu a própria voz de muito longe.

De súbito o ar lhe faltou. Sem que percebesse o movimento, puramente instintivo, ela se afastou de Ethan até ser parada pela cabeceira da cama espaçosa. Ele estendeu a mão em direção a ela, porém se deteve ao vê-la encolher as pernas até abraçar os próprios joelhos.

– Danielle, deixe-me explicar...

– Sempre acreditei que vampiros não existiam... Agora... Você me diz, não só que estou enganada, como que você é um deles? Não pode ser isso.

– Você sabe que digo a verdade.

Ethan falava tranquilamente, contudo Dana não conseguia se acalmar. Se ele era mesmo um vampiro e escondeu este “detalhe”, tudo que viveram só poderia ter sido um truque; enganação.

– Vai me matar, não vai? – Apesar de tremer dos pés a cabeça, a voz de Dana soou estranhamente tranquila. – Por isso me trouxe para cá?

– Não, Danielle! – Ethan permaneceu imóvel para não assustá-la. – Jamais a machucaria.

“Não vá com ele. Não acredite em nada que lhe disser.” Ecoou a voz da senhora.

– Não acredito em você! – ela avisou com a voz sumida.

– Danielle, quantas oportunidades eu já tive? – ele perguntou ainda sem se mover.

Como ela poderia saber? Tentava pensar com clareza, mas a mente presa num turbilhão não encontrava um raciocínio lógico. Assim como era extremamente impossível deixar de encará-lo. Ethan lhe sustentava o olhar intensamente. O silêncio no quarto era absoluto. E então, como se lembrasse ou decidisse algo importante, Ethan prendeu seu olhar incandescente ao dela e ditou:

– Lembre-se do que sabe sobre mim.

A princípio as palavras não fizeram sentido algum para Dana, contudo, de repente, imagens novas e estranhamente conhecidas vieram-lhe à cabeça. Ethan sobre ela, movendo-se lentamente dentro dela, mas não na noite anterior. Antes disso, quando ela despertou de um sonho. Ethan rosnando o nome dela e a mandando esquecer. A lembrança vívida a excitou tanto quanto a apavorou.

Então outra imagem veio. Ethan a prensá-la de braços contra o colchão. Ele a mandou ficar quieta, dizendo que lutar seria pior. Uma mordida enquanto investia contra ela, então outra depois de saciar-se em seu corpo dolorido depois de estocá-la repetida e violentamente. Ela se lembrou. Ethan foi o causador de sua “doença”! O que ele fizera? Bebido demais dela? Como poderia afirmar que não a machucaria? Por Deus, ele já tinha feito!

Sem que pudesse reprimir as imagens, viu-se em outras noites com Ethan em sua cama. Até mesmo na noite em que foi dispensada por Paul. E em todas às vezes Ethan bebeu de seu pescoço; uma vez do interior de sua coxa quando sonhou estar em Albany. Dana arfou. Viu-se ainda refletida num espelho com Ethan a segurá-la por trás enquanto a prensava contra a pia e o sangue escorrendo por seu pescoço. Novamente ele a mandou esquecer.

Ar... Precisava de ar, Dana arfou incrédula. O que acontecia entre eles? Não em dois dias; há vários dias!... Quando nem ela mesma sabia o que queria. Quando acreditou estar ficando louca, Ethan já frequentava sua cama sem seu conhecimento? Usava-a? O que era para ele afinal? Algum tipo de vítima predileta?

Aflita, Dana forçou o ar para seus pulmões. Subitamente não queria se lembrar de mais nada, mas independente de sua vontade as imagens continuavam a vir.

Dana se viu parada em frente à Cielo – ainda acompanhada de Paul – na primeira vez que viu Ethan. E então, em meio as suas dúvidas, teve uma nova lembrança. Um rosto feminino. Primeiro ao lado de Ethan, depois em uma manchete de jornal. Como era mesmo o nome? Sarah qualquer coisa. O sobrenome não importava! O que importava era que Dana se lembrava agora. Aquela garota encontrada morta era acompanhante de Ethan quando o conheceu; não na escadaria do prédio onde morava e, sim, na porta da casa noturna.

Ele poderia dizer que não a machucaria, mas como acreditar na palavra de um assassino que a enganou por tanto tempo?

– Você matou a garota que estava com você na saída da Cielo! – acusou.

O olhar de Ethan se tornou incrédulo, então ele estendeu a mão para tocá-la.

– Não! – Dana gritou e se encolheu.

Ethan recolheu a mão mais uma vez e admitiu com a expressão sombria:

– Matei!

– E todas aquelas outras pessoas – Dana acusou depois que subitamente todas as manchetes horríveis gritaram em sua cabeça.

– Não, Danielle! – Ethan se pôs de pé, impaciente. – Não tenho nada a ver com o que tem ocorrido nos últimos dias. E Sarah foi um acidente!

Sim... Dana pensou. Um acidente que também quase a vitimou. Então era aquilo que Ethan fazia? Copulava com todas depois as matava. Dana era sem dúvida a incauta da vez. Não foi o que disse Samantha antes de atacá-la? “Vampiros como Ethan até se diverte com humanas insossas”.

Aquela era a verdade, e talvez, aquela fosse a hora dela uma vez que havia sido levada para a cobertura e testemunhou a imortalidade de Ethan. Dana sentiu o bolo se formar em seu estômago. A cabeça, povoada de imagens, dúvidas e pavor, dava voltas inteiras. Forçava-se a respirar quando Ethan pediu:

– Danielle, por favor, me escute.

Dana, sempre encolhida, olhou para ele. Lentamente, como que para não assustá-la mais, Ethan se sentou. O coração de Dana passou a bater ainda mais descompassado. Com a voz pausada ele disse:

– Sei que está com medo. Que tudo que viu é demais para assimilar de uma hora para outra. Mas quero que saiba que está segura comigo. Não vou fazer-lhe mal. Nunca. Está me entendendo?

Imagens antigas e recentes se misturavam, confundindo-a. Dana olhava para Ethan, via-o mover os lábios, mas a voz dele vinha de muito longe. Ele dizia que não faria mal a ela, que estava segura, mas como acreditar? Ele mentiu. Ele a usou, não usou? Dana se forçou a pensar, e pescou algumas imagens que rodavam em sua cabeça. Então percebeu um detalhe importante; nada daquilo era novidade para ela. Dana sonhou com todas as cópulas. A novidade era descobrir que todas às vezes tinham ocorrido de fato.

E ela não apreciou cada uma delas? Não desejou que fossem verdadeiras. Tanto que mesmo temendo Ethan; mesmo sendo contra sua natureza, decidiu não ser provinciana e arriscar uma aventura com ele? Acaso seu coração o amava menos naquele segundo do que há uma hora? Com mentiras ou não, ela ainda o amava. Iria acreditar na morte accidental. Ethan não poderia ser um assassino frio. Mas... E se o fosse? Conseguiria amá-lo menos?

Dana sabia que seria impossível não amá-lo, então, por tudo isso, demandou a si mesma que se acalmasse para ouvir toda explicação. “Tinha” que haver uma explicação. Com o estômago a dar voltas, murmurou:

– Sim, estou entendendo.

– Como lhe disse, com Sarah foi um acidente. – Ethan começou pausadamente. Dana estremeceu ao ouvir o nome, mas nada disse. Ele prosseguiu: – Há muito tempo. Muito tempo mesmo... Eu não mato mulheres ou inocentes.

Dana abriu a boca para perguntar sobre a ruiva, mas, provando que tiveram o mesmo pensamento, Ethan sequer deixou que falasse.

– Com Samantha foi diferente. Você viu. Ela atacou você, atacou-me. Eu apenas nos defendi.

Dana somente assentiu. Sem conseguir baixar o olhar, ela flagrou um lampejo que cruzou os olhos fixos nela; duas contas em chamas verdes. Como agora, tudo nele assustava-a, ela ficou na defensiva. Vê-lo abrir a boca, e fechar indeciso acirrou a curiosidade de Dana. Ela gostaria de saber o que deixaria um vampiro em dúvida, e desejou que ele dissesse algo. A falta de assunto não era boa, pois permitia que as imagens invadissem sua mente; indo e vindo.

O silêncio se estendeu por alguns minutos; nada, nada bom. Dana teve vontade de gritar com Ethan para que falasse logo ou lhe livrasse da sucessão de imagens estranhas que a ordem dele desencadeou. Mas era evidente que não o faria. Não sabia nada sobre vampiros reais, mas de uma coisa poderia ter certeza, não seria prudente pressioná-los. Ethan em especial. Ela o viu no limite da cólera, então ficaria calada, com o estômago revoltado e a cabeça povoada, até que ele se resolvesse. Ao seu pensamento Ethan falou decidido.

– Mas não foi sempre assim. Matei muitas mulheres e inocentes no passado e... Já que agora é hora da verdade. Sinto que devo lhe confessar uma coisa.

“Confessar”? Dana estava tão concentrada em se manter calma, em manter em ordem os *flashes* coloridos e em sossegar sua náusea, que não assimilou a palavra. Queria apenas que Ethan falasse de uma vez, pois parecia importante.

– Acredite – ele prosseguiu. – Com Sarah foi mesmo um acidente e eu realmente, jamais, causaria algum mal a você.

Nesse momento Ethan se aproximou lentamente e estendeu a mão na direção dos cabelos de Dana. Ela se obrigou a ficar imóvel. Queria demonstrar que mesmo receosa confiaria nele. Porém novamente Ethan se deteve. Com um suspiro resignado, afastou seu punho cerrado e seguiu adiante.

– Há vinte e seis anos, eu estive no Oregon.

Dana que havia concentrado sua atenção naquele toque que não veio, obrigou-se a encará-lo.

– Precisamente – ele prosseguiu –, estive em Salem. E conheci uma jovem garçonne.

– Não! – Foi tudo que Dana pôde dizer. O bolo em sua garganta a sufocou. Ethan não iria dizer o que ela pensava, iria? Ele não confirmaria as maluquices que povoavam sua mente desde que era uma criança. Não ele. Não justamente “ele”. Dana não queria ouvir mais nada, porém ele não se calou.

– Eu fui o responsável pela morte de sua tia.

– Não... – ela repetiu em um fio de voz.

– Por favor, acalme-se. Tenho uma explicação para o que fiz, mas preciso contar desde o começo. Eu abordei Maria em um bar e...

“Não”! Tudo o que Dana conseguia fazer era olhar fixamente naqueles olhos verdes e ouvir-lhe a voz enquanto negava mentalmente. Então, de repente, como se aquele “lembre-se” ecoasse na cabeça dela, as imagens indóceis espocaram bem diante de seus olhos. Ela não ouvia e, sim “via” uma lembrança inquietante que se desenrolava como um filme. Um com cenas vívidas onde Dana vagava entre mesas de um bar. Ela trabalhou lá; conheceu as pessoas.

Naquele momento específico o salão estava cheio, pois havia uma comemoração especial na cidade para o dia dos pais. Dana se lembrou de um homem estranho sentado num canto escuro do bar que a encarava fixamente. Não viu claramente seu rosto na ocasião, mas agora sabia ser Ethan. Ela teve medo e saiu para... Fumar?!

Sim... Na ocasião ela fumava. E dava uma longa tragada tentando se acalmar, admirando a fumaça que subia para o céu clareado constantemente pelos fogos comemorativos

quando Ethan se aproximou. Novamente teve medo, mas ele disse que ela o conhecia; que esperava por ele. E ela soube ser verdade, pois seu coração se encheu de saudade como se há muito tempo o procurasse. Ethan se aproximou e sem rodeios a possuiu ali mesmo, prensada contra a parede e mordeu seu pescoço, bebendo dela sem nunca parar.

Enquanto via a cena, Dana lembrava a sensação de estar sendo levada para longe de si mesma até que sobrasse apenas o nada.

– Você me matou! – Ela sussurrou. Um bolo uniforme a travava.

– Não, Danielle! – Ethan negou imperativo. – Você está confundindo tudo. Eu...

Dana não o ouvia. Outra lembrança, mais antiga, veio-lhe à mente. Apesar de não conhecer o lugar, ela sabia que estava em casa. Usava um vestido preto e comprido, estava de luto pelo marido morto recentemente; tinha um filho. Estendia roupa, afastada da casa quando Ethan chegou. Ele vestia roupas antigas. Tocou-a; acariciou-a, despiu-a por inteiro no quintal e a possuiu selvagemmente. E mais uma vez bebeu dela sem nunca parar.

Dana arfou e sem notar, chorou.

– Você me matou... – repetiu num pesaroso fio de voz.

– Não! – A negativa do vampiro também saiu num sussurro.

Novamente Dana não o ouviu. Agora estava em um quarto renascentista. Era francesa. Usava espartilho e meias; os seios fartos e à mostra balançavam livres. Ethan estava sobre ela, estocando com força antes de morder-lhe o pescoço e beber, beber até que somente sobrasse o mesmo vazio sepulcral.

– Pare Danielle! Olhe para mim!

As ordens de Ethan fizeram parar as lembranças e, assim como veio, por encanto, o turbilhão de imagens cessou deixando-a trêmula, vazia e gelada.

Dana nem foi capaz de acusá-lo mais uma vez, nem olhá-lo, como Ethan demandou. Todo o peso das muitas mortes comprimindo seu peito. O mistério do medo recorrente e inexplicável foi desvendado. Todo o temor que sempre sentiu por Ethan voltou com força total, agora firmado em bases sólidas. O homem que ela amava era o seu eterno algoz.

Aflita, Dana sentiu o bolo compacto subir por sua garganta e, ainda que suas pernas estivessem fracas, ela conseguiu correr para o banheiro e alcançar o vaso sanitário, porém não vomitou. Por mais que convulsionasse, nada expeliu. Sem ar, Dana tossiu algumas vezes então caiu sentada no chão frio.

– Danielle... – Ela pode ouvir a voz vinda da porta, porém não captou o tom aflito.

– Não se aproxime, por favor – implorou.

Agora sabia que o pedido era inútil. Ela quase se deixou enganar, mas a verdade era que estava à mercê de Ethan. Ele poderia fazer o que bem entendesse e ela não impediria como das três vezes passadas. Ainda assim, educadamente ele se retirou da porta, voltando para o quarto. Dana passou a mão pela testa fria.

Tentando se acalmar, ela se levantou e seguiu até a pia. Não reconheceu seu reflexo no espelho. Os cabelos estavam em desalinho, o rosto pálido além do normal. Os olhos assustados; inchados. Chorava e nem ao menos sentia as lágrimas. Ao baixar o olhar para seu casaco de lãzinha Dana teve um sobressalto; havia sangue em algumas partes. Mais na gola.

Trêmula, Dana inspecionou o pescoço a procura de marcas. Encontrou somente as deixadas por Ethan na noite anterior e naquela manhã. Mas a falta de perfurações paralelas não era prova de que Ethan não tivesse começado a se servir dela. Nunca encontrou uma cicatriz em seu corpo, no entanto, agora sabia de todas as mordidas.

Novamente lágrimas vieram aos seus olhos. Dana não entendia a razão da encenação uma vez que Ethan sempre esteve decidido a matá-la. Não foi o que ele fez em todas as suas vidas? Para alguém que não acreditava em reencarnação, ela descobriu da pior forma que esteve errada; e que Ethan a matou mais de uma vez. Quem sempre esteve certa era Stacy, que até nos sonhos da filha, tentou alertá-la. *"Dana não se iluda!"*

Capítulo Vinte e Nove

A mãe quis preveni-la do perigo iminente, mas como não se iludir com Ethan? Ele era encantador; criou o cenário perfeito. Tanto que agora Dana o amava imensamente. Porém não deveria ter se envolvido. Ele era frio e letal como todo vampiro deveria ser, e ela, uma tola romântica. Mas não cairia mais nas mentiras de Ethan. Decidida, Dana disse a si mesma que precisava fugir dali. Ou morrer mais uma vez tentando. O que não poderia era ficar mais um minuto em companhia de alguém que se revelou ser seu assassino.

Respirando fundo, ela retirou os cabelos da frente do rosto com as mãos trêmulas e os juntou num rabo improvisado. Depois de dar um nó nos fios compridos improvisando um coque, com o coração aos saltos, ela saiu para o quarto. Ethan não estava em parte alguma. Sem nem ao menos sentir que estava descalça, Dana seguiu para a porta. Saiu cautelosamente e foi até a escada, desceu-a devagar, sempre olhando em volta, tentando adivinhar uma forma na penumbra.

Onde Ethan estaria? Na verdade ela não queria saber. Com o coração sangrando, Dana desejou apenas que ele se mantivesse longe tempo suficiente para que ela pudesse ir embora.

– Acredita mesmo que possa fugir de mim?

A pergunta feita de algum ponto na sala escura a alarmou, paralisando-a de medo. Subitamente algumas luzes indiretas se acenderam. Olhando vagarosamente em volta, Dana viu que Ethan estava sentado no sofá, num ponto que permaneceu na penumbra.

– Por favor, deixe-me ir embora. – Ela pediu num fio de voz, sem encarar seu algoz.

– Não antes que me escute. Sente-se, por favor!

– Estou bem de pé... – Dana murmurou, baixando o olhar para os pés.

Foi quando ela os viu descalços e sentiu o frio do chão, porém não se importou. Não estava bem, seu corpo tremia violentamente agora, porém ela sentia que somente poderia se mover se fosse em direção à saída. Sabia ser inútil, pensou medindo a distância dela até a porta, mas cogitava uma breve corrida até o elevador.

– Pego-a antes mesmo que se mova Danielle! – Ethan pareceu ler seu pensamento.

Dana permaneceu imóvel, tremendo em seu próprio eixo, concentrando-se apenas em se manter de pé. O medo a trespassava, nunca se sentiu tão desamparada. E custava crer que fosse Ethan quem desencadeava todas aquelas emoções negativas. Não Ethan. Aquela era para ser uma noite perfeita como as anteriores e não acabar daquela maneira. Não

descobrimo que Ethan era um assassino sanguinário e que para ele, ela nunca passou de diversão; comida.

Era evidente que ele brincava com todas antes de matá-las como os felinos faziam. Quantas vezes ela viu os gatos que criou em Salem fazerem o mesmo quando pegavam um eventual camundongo no jardim?

– Mas que droga, Danielle! – Ethan exclamou enraivecido. – Já disse que não vou fazer mal a você!

Seria tão mais fácil acreditar, mas não podia. Instintivamente, Dana se encolheu ao brado poderoso e fechou os olhos.

– Vou me aproximar – ele anunciou mais brando. – Não se assuste. E, por favor, não corra, senão serei obrigado a detê-la. Preciso que me escute. Depois disso, dou-lhe minha palavra de honra que, se ainda quiser ir embora, eu não a impedirei.

Quando Danielle teve coragem de abrir os olhos, Ethan já estava parado diante dela, encarando-a intensamente. Com o susto, ela levou a mão à garganta, seu coração batia ali, com certeza. Franzindo o cenho, Ethan se afastou um passo. Com o semblante carregado, falou lentamente.

– Acredite Danielle. Não era minha intenção matar alguém de sua família. Assim como Sarah, aquilo não foi intencional... Se pudesse voltar no tempo, eu faria diferente.

Infelizmente ele não podia. E todo o problema era que o “alguém da família” era ela própria. Ela foi Maria; assim como foi Regina e Valerie. Ethan a matou; três vezes. Dana sufocava com o vazio da morte em seu peito. Ele nunca teve piedade; nunca a manteve viva. O que havia de especial agora para que fosse diferente? Não havia nada, então ela não poderia acreditar. Morreria pela quarta vez, mas não seria iludida.

– Eu não quero saber – disse Dana mirando os pés, sem coragem de encará-lo.

– E não tenho nada a ver com as mortes que têm acontecido, tampouco. – Ethan prosseguiu como se não a escutasse. – Não sou o único vampiro nessa cidade. Não sou um santo, mas não mato indiscriminadamente. Acredito que fosse Samantha que estivesse fazendo essas coisas. Se eu estiver certo as mortes acabam, mas se não estiver... Enfim... Sobre Samantha é apenas especulação. A verdade é que, se não era ela, não conheço o vampiro que está atacando as pessoas. Mas quando o descobrir eu o mato, juro! Ele é um louco descontrolado. Asseguro-lhe que “eu” não sou assim.

Ethan esquecia que Dana conhecia seu descontrole. E como não conseguia acreditar em nada mais, ela não duvidou que a vampira morta por ele fosse sua amante. A lembrança das palavras de Samantha a feria. Dana também havia lido as matérias que descrevia as mortes recentes na cidade. E Ethan falava como se fosse tão fácil; eximia-se de culpa. A revolta por ter sido iludida gritou na cabeça de Dana. Subitamente ela se sentiu forte; talvez fosse a coragem momentânea própria aos suicidas.

– Você apenas causa acidentes, não é? – indagou acusadora, erguendo o olhar. E morrendo aos poucos por ser obrigada a encarar aqueles olhos que ainda adorava apesar de toda mentira e traição, disse: – Causava acidentes antes mesmo que eu nascesse e ainda hoje não aprendeu a se controlar. Como pode odiar outro de sua espécie pela falta de controle quando você mesmo não o tem?

– As coisas para mim não são simples assim, Danielle! – Ethan respondeu. – Mas não sou como ele! E isso realmente não vem ao caso agora. O que preciso lhe dizer é... Não posso me desculpar pelo que aconteceu no passado e nem tenho como consertar o mal que fiz para sua família. Porém eu imploro que me perdoe.

– Não tenho nada a perdoar – ela sussurrou. – Agora me deixe ir embora.

– Ainda não! – Ethan negou firme.

– Você deu sua palavra! – Dana o lembrou; embargada.

– Eu ainda não disse tudo. – Ethan deu um passo à frente, instintivamente Dana deu um para trás. Imóvel, olhando-a com expressão indecifrável, Ethan declarou: – Eu amo você Danielle!

– Não faça isso! – Dana pediu, sentindo novas lágrimas aflorar-lhe os olhos. Desnecessário mentir uma vez que a mataria. – Não se dê ao trabalho de me iludir. Tenho consciência de que não sou melhor que todas as Marias, Sarahs ou quaisquer outras que eu nem sei o nome.

– Acredite Danielle.

Ela não poderia. Sem poder mandar em seu coração, mais uma vez sentiu ciúmes. Nunca foi especial, nunca foi dona de um coração velho e fraco. Provavelmente Ethan nem ao menos possuísse um. Com o pensamento o estômago dela protestou e o bolo em sua garganta se moveu, sufocando-a mais uma vez. Engolindo em seco e lutando com as lágrimas, pediu:

– Encerre logo sua farsa. Se não pretende deixar que eu saia, acabe comigo de uma vez. Assim como elas, o dia do meu “acidente” também chegaria não é mesmo?

Dana tremia violentamente. Sim, morrer seria uma boa forma de acabar com a tortura. Contudo não desejava morrer. Nem mesmo nos braços de Ethan.

Sem que Dana tivesse chance de reação, ele estendeu a mão e desfez a amarração que mantinha o longo cabelo preso. Depois que os fios caíram em cascatas ao redor do rosto dela, ele capturou uma mecha e a cheirou. Enregelada, Dana viu o vampiro fechar os olhos e cheirá-la, movendo os lábios como se saboreasse o odor.

– Não haverá acidentes para você, Danielle! – Ethan assegurou, antes de abrir os olhos e encará-la. – Acredite em mim, por favor. Está sendo muito difícil falar essas coisas. Nunca me declarei, pois jamais senti por alguém o que sinto por você. Todas essas sensações são

novas para mim. Não sei colocá-las em palavras. Tudo que consigo fazer é dizer que a amo e pedir que fique. Não sei se posso suportar vê-la ir embora, então, por favor... Fique!

Ao se calar Ethan lhe estendeu a mão.

“Não acredite”. Todas as vozes do passado gritavam em coro na cabeça dela. Dana nunca imaginou que esse dia chegaria, porém, aceitar a palma fria seria seu fim. Então, ela apenas olhou para a mão estendida e com o coração em frangalhos, recusou-a, dando um passo atrás.

– Não posso... – A voz falhava. Não sabia o que pensar.

– Não vou lhe fazer mal algum, apenas fique. Gostaria de explicar-lhe tantas coisas. Acredite em mim, Danielle.

– Acredito se me deixar sair.

Ethan afastou-se, colocando as mãos no bolso da calça. Permaneceu a escrutinar o rosto da jovem, então pediu:

– Deixe-me ao menos levá-la até seu apartamento.

A idéia de ficar confinada no espaço exíguo de um carro com Ethan a apavorou. Ou talvez não chegasse viva até a garagem. Dana não conseguia pensar em nada, só que precisava sair dali. Sua súbita coragem se esvaia segundo a segundo e cada vez mais temia por sua segurança. Não via como acreditar em Ethan. Se ele fosse mesmo capaz de amar, por que se apaixonar agora e não das outras vezes? E se, incredivelmente ele estivesse sendo sincero, porque não se revelou desde o começo, antes de seduzi-la, antes de beber seu sangue?

De repente o estômago de Dana convulsionou fazendo com que liberasse um soluço. Ela tapou a boca, para contê-lo por puro reflexo. Sabia que não passaria mal novamente. Quando se sentiu recuperada da ânsia, preparou-se para implorar que Ethan a deixasse partir e o olhou. Encontrou os olhos verdes endurecidos; estóicos. Antes que ela dissesse qualquer coisa, ele liberou-a friamente, dando-lhe passagem.

– Vá de uma vez, Danielle!

Ainda que o amasse, Dana não hesitou. Seu instinto de sobrevivência a impulsionou e assim que viu seu caminho livre, Dana andou a passos rápidos para a porta. Quando chegou ao elevador, apertou o botão nervosamente para que abrisse, enquanto olhava na direção da porta de Ethan, temendo que ele mudasse de idéia e fosse interceptá-la. Assim que pôde, voou para interior do elevador, agora temendo que Ethan fosse se colocar junto dela, porém não aconteceu. Sem forças, Dana deixou-se cair no piso da cabine depois de apertar o “térreo”.

As portas não estavam completamente fechadas quando Dana ouviu o som de vidro sendo quebrado com violência. Então madeira partida e mais vidro estilhaçado. Tapar os

ouvidos com as mãos não impediu que os sons de destruição chegassem a ela. Até vários andares abaixo o estrondo da fúria de Ethan a quebrar coisas na cobertura pôde ser ouvido. Dana novamente chorou, encolhendo-se mais no piso, em posição fetal. Queria acreditar que estava segura, porém enquanto não saísse do prédio, tudo poderia acontecer.

Quando o elevador chegou ao seu destino, Dana se sentia esgotada. Porém, ao ouvir a porta sendo aberta, obrigou-se a ser forte. Levantou apoiando-se nas paredes metálicas e saiu para o saguão. Ela sentia as pernas pesadas, via a porta distante como num pesadelo, mas obrigava-se a continuar em frente.

Há poucos metros, o vigia noturno deixou o balcão de monitoramento para abordá-la. Dana ajeitou a roupa, cruzando os braços na tentativa de cobrir as manchas de sangue, apreensiva. Não sabia se o homem era como Ethan.

– Senhorita?!... – Ele perguntou, avaliando-a. – Onde estava?

Dana não poderia dizer. O que contaria? Que acabou de vir da cobertura de um vampiro? Que esse mesmo vampiro quebrou todos os móveis, talvez para não vir atrás dela para partir-lhe o pescoço?

– Sou nova aqui – mentiu nervosamente, olhando o painel onde constavam os escritórios e agências que existiam no edifício. – Trabalho na... Na MarkTour... E estava... Fazendo um trabalho que deixei atrasar... Acabei dormindo em minha sala.

O vigia olhou para os pés descalços dela.

– Cadê seus sapatos? – perguntou desconfiado. – Não está me escondendo nada? Foi atacada? Talvez por seu patrão?

Dana pode ver o brilho de malícia nos olhos escuros. Talvez ele achasse que ela estava fugindo de algum encontro amoroso. Bom, ele não estava totalmente errado. A noite, para ela, começou com esse objetivo. Novamente Dana começou a tremer. De frio, de medo, de descrença. Parada ali no saguão toda aquela história de vampiro e morte parecia tão absurda. Como não respondeu o vigia prosseguiu, agora com expressão alarmada.

– Ou viu algum fantasma?! – Subitamente ele tocou numa das mãos dela. Com a temperatura de seus dedos indicou ser humano. – Não gosto desse turno da noite. Esse edifício é mal-assombrado. Conte para meus amigos, mas eles não acreditam... Poucas semanas atrás eu ouvi um grito de mulher ecoando por essas paredes. Era um grito de agonia ou desespero. Foi apenas uma vez, mas eu não me esqueço do som.

Dana acreditava nele. Se havia vampiros no prédio, porque não fantasmas. Se bem que algo lhe dizia que a mulher em questão estava bem viva. Pelo menos quando chegou, e isso há “poucas semanas”. A revelação roubou o ar de Dana. Ethan realmente era um vampiro e costumava levar as vítimas para seu covil. No limite de suas forças, disse a si mesma que ela era apenas a insossa da vez. Precisava sair dali.

– Chame-me um táxi, por...

Foi tudo que disse antes que a escuridão a engolfasse. Quando deu por si estava soerguida do chão com o vigia curvado sobre ela, visivelmente preocupado, amparava-a pelas costas. Com a mão livre ele lhe dava breves tapas no rosto.

– Senhorita?... Senhorita?... O que aconteceu? Está sangrando...

Dana focou no rosto contrito. Ela queria responder, mas um rosnado ruidoso que ecoou pelo saguão calou qualquer palavra e fez enregelar seu sangue.

– Tire as mãos de cima dela! – Ethan vociferou, rouca e pausadamente.

Quando o vigia a largou, Dana se apoiou nos cotovelos para que não caísse. Em segundos o homem estava de pé. Ela temeu por ele, porém nada podia fazer; temia também pela própria sorte. Evidentemente que Ethan nunca pretendeu deixá-la ir embora. A cena deveria ser parte da caçada e agora ele estava ali, para acabar o que começou.

– Quem é você? – perguntou o vigia, destravando o coldre de sua arma.

Pobre inocente; pensou Dana. Ethan quebrava pescoços com as mãos. Para confirmar o pensamento, em uma fração de segundo, ele prendia o vigia pelo colarinho do uniforme. O homem era grande e forte ainda assim parecia nada pesar, pois seus pés estavam a muitos centímetros do chão. Abaixando-o para junto se seu rosto erguido, Ethan respondeu entre dentes.

– Ninguém que lhe deva satisfações! Agora volte ao seu posto, esqueça o que viu aqui e durma.

O vigia fez como ordenado tão logo Ethan o soltou. Incrédula, Dana viu o homem seguir para trás do balcão. Não poderia ver mais que isso, mas tinha certeza de que o vigia pousou a cabeça sobre a madeira do balcão e dormiu.

Estava sozinha; perdida. Sem conseguir se mover Dana chispou os olhos para Ethan. Ele parecia um gigante enfurecido, parado aos pés dela. Tinha o peito nu de onde parecia vir os sons estranhos; a respiração ofegante. A brincadeira macabra de gato e rato havia acabado. Era o fim. Dana gostaria de tentar ganhar tempo, porém estava no limite.

– Ethan... Por favor... Não... Eu acredito... Que não tenha matado... Eu... Perdô... Eu... Juro não contar... – Dana não conseguia ser coerente. O medo inexorável roubava suas forças, a voz, o raciocínio. – Por favor... Por favor... Apenas... Não...

– Cale a boca e durma Danielle! – Ethan rosnou.

Antes que ela tombasse, ele a amparou. Dana caiu adormecida em seus braços. Sentando-se ao seu lado, rapidamente Ethan a trouxe para seu colo e a abraçou. Tantos sentimentos atormentavam seu peito. Ethan sentia raiva dela e de si mesmo. Amava-a desesperadamente e a odiava ainda mais por temê-lo e deixá-lo. Assim como também sentia medo das sensações novas e dolorosas que a rejeição lhe despertava. Medo que as

pontadas agudas em seu coração se agravassem. Ele foi ingênuo por acreditar que não ter esperanças ajudaria.

Como era possível que naqueles breves minutos de separação já sentisse tanto a falta dela? Por que a única coisa que Danielle lhe pedia era tudo que não conseguia fazer? Estava magoado. Triste depois de ver a reação enojada da humana à simples idéia de ser acompanhada por um vampiro até seu apartamento. Ferido de morte por assisti-la fugir de sua cobertura sem acreditar no amor que ele declarou. E ainda assim não conseguia deixá-la ir.

E como se não bastasse, havia o ciúme irracional. Quando chegou ao saguão, desesperado em encontrá-la, sentiu uma gana assassina ao ver que outro homem a tocava. Seu primeiro desejo foi matar o vigia pela ousadia de bater-lhe no rosto. Precisou de certo autocontrole para raciocinar direito e ver que o homem apenas a socorria; de um susto causado por “ele”. Ele era o mal de Danielle, não outro.

Embalando-a em seu colo Ethan se perguntou onde havia errado. Esperou tempo demais? Não deveria tê-la feito se lembrar? Ou errou ao contar sobre Maria? Não saberia. Todas as palavras ditas pareciam certas. Mostrar seus momentos juntos pareceu certo, por isso, depois de reconsiderar, quebrou sua palavra. Se Danielle estava descobrindo a sua verdade, nada mais justo que soubesse de tudo; que contasse tudo. Se ela se acostumasse com a idéia sabendo de todos os detalhes não haveria pendências.

Enquanto estava com ela em sua cobertura, por breves instantes se permitiu ter esperança. Apesar de assustada, Danielle lhe respondia. Acreditou que talvez fosse uma questão de tempo quando ela passou a aceitar a verdade e pareceu se acalmar por alguns instantes. Porém, a primeira punhalada a cortar seu coração foi o olhar apavorado ao descobrir que ele havia matado Maria. A segunda foi ver seu enjô e ouvir a acusação de tê-la matado. Do que ela estava falando afinal?

E vê-la tentar fugir, tão temerosa que nem se importava com os pés descalços no chão frio. O novo acesso de ânsia quando se ofereceu em levá-la foi o golpe de misericórdia. Danielle nunca o aceitaria. Com certeza, para ela, era uma criatura vil e asquerosa.

A verdade chocante o atingiu como um raio. Ainda assim desejou segui-la e trazê-la de volta então, odiando-se por se descobrir tão fraco, ele extravasou toda fúria e desespero em sua mobília. Possuído pela mesma força da noite anterior, Ethan destruiu boa parte dela sem nem ao menos tocar – apenas com o desejo e simples gestos de seus braços e mãos, garrafas, copos, cadeiras e até mesmo seu sofá, foram arremessados contra as paredes.

Logo toda a destruição se mostrou inútil ao constatar que não suportaria sem Danielle. Sabia que ela ainda estava no edifício, então correu escada abaixo para interceptá-la no saguão. Pegá-la-ia de volta. Ela era sua! Sua!... Poderia mantê-la cativa em sua cobertura até que o aceitasse. Não havia feito o mesmo com Laureen? Com o tempo ela aceitaria seu amor.

Ethan acreditou no arranjo até que a visse novamente; apavorada e frágil. Caída no chão frio sem forças sequer para levantar ou formular uma frase. Com Danielle em seus braços sabia que jamais faria com ela o mesmo que fez à outra humana. Não suportaria ver o pavor diário; não suportaria uma única hora sob seu olhar receoso. Ethan entendeu naquele instante que se a amava tinha de deixá-la ir.

Com o coração aos pedaços, Ethan sacou o celular do bolso da calça e ligou para a única criatura que poderia ajudá-lo.

– Joelle?

– *Ethan?! Que tom é esse?*

– Preciso de você... – anunciou, ignorando a pergunta alarmada.

– *Onde você está?* – Ela perguntou subitamente impassível.

– No saguão do NY Offices. Venha sozinha.

Quando desligou, Ethan recolocou o celular no bolso e apertou Danielle em seus braços. Mantinha-a firmemente presa, a cabeça em seu ombro, sentindo-lhe a respiração pausada e morna em seu peito; pela última vez. Nem poderia se lamentar, visto que tudo aquilo era o esperado. Sabia que terminaria daquela forma antes mesmo de acordá-la. Só não pôde prever que o fim doesse tanto.

Menos de meia hora depois, Joly encontrou Ethan sentado da mesma maneira, com Danielle nos braços. Ela parou exatamente ao lado deles, alarmada.

– Ethan, o que você fez?! Você não...

– Danielle descobriu a verdade, Joly – respondeu sem erguer a cabeça ou abrir os olhos. – E não me aceitou.

– Ethan... – Seu tom era pesaroso.

Ethan não suportaria a compaixão da francesa.

– Pode levá-la para East Village? – pediu, finalmente encarando-a. – Ainda me preocupo com a segurança dela.

– Claro Ethan. Dê-me Dana...

Joly lhe estendeu os braços. Aquela era hora de ser forte e entregar a humana. Escolheu pedir ajuda a Joly por saber que jamais se mostraria um fraco diante dela. Então, erguendo-se ainda com Danielle no colo para senti-la um último minuto, passou-a para os braços da amiga.

Esta nada disse, apenas acomodou a amiga adormecida e olhou-o, indecisa. Como Ethan se manteve firme, o queixo erguido, ela saiu. Ele ficou onde estava até que as portas do

elevador se fechassem. Era isso. Precisava ser realista. Danielle não o aceitou; não acreditou em seu amor e pior... Tinha nojo dele. Tudo que lhe restava era conviver com a rejeição.

Saindo de seu torpor, Ethan olhou para o vigia que dormia com a cabeça apoiada sobre o balcão. Colocando-se às costas dele, prestou atenção às imagens das câmeras de segurança. Procurou o número das que lhe interessava. Câmera quatro; entrada dos elevadores... Três; saguão... Depois disso, ele se obrigou a ir até a sala dos vídeos, onde danificou a gravação das duas câmeras. Agora era voltar para sua zona de guerra e se ocupar de esquecer Danielle.

Capítulo Trinta

A mente estava vazia de pensamentos; esgotada de idéias. Ethan simplesmente não sabia o que fazer. Apenas sentia. Principalmente a opressão no peito. Nunca esteve tão consciente de ter um coração como naquele momento. Estava sozinho; como no sonho que teve naquela manhã. Agora o entendia; foi seu sexto sentido preparando-o. Depois de tantos erros cometidos, não poderia esperar por um desfecho diferente. Contudo sua intuição não o preparou para a rejeição. Para a fuga. Para o asco de Danielle.

Sim, estava sozinho. Queria ficar sozinho, mas evidente que não seria assim tão fácil. Largado em sua cama, ouviu a porta da cobertura ser aberta. Então a exclamação de espanto de sua visitante indesejada e logo Joly estava ao seu lado. Ethan nem ao menos se deu ao trabalho de olhá-la.

– Ethan, o que aconteceu?

A vontade de Ethan era ignorá-la até que fosse embora, mas sabia que não se livraria de Joly tão facilmente. Contrafeito, reconhecendo o quanto ela o ajudou, respondeu:

– Danielle não reagiu bem ao fato de eu ser um vampiro.

– Talvez você tenha se precipitado em contar.

– Ela não descobriu por mim. Eu não teria como esconder mais. Como se não bastasse Samantha contar sobre nossa condição, a louca ainda nos atacou. Tentou matar Danielle como se eu não estivesse ali para defendê-la e quando a impedi, ela se voltou contra mim. Mordeu meu pescoço. Não tinha mais tempo para nada. Era admitir e pronto.

– Samantha?!... – Joly espantou-se. – E o que fez?

– O que mais poderia fazer?... – perguntou mirando o teto. – Matei-a. Também diante de Danielle.

– Sinto muito, Ethan. – Joly tocou seu braço e como ele não se moveu, ela retirou a mão. – Realmente essa não foi a melhor maneira de descobrir sobre nós. Talvez Dana esteja apenas assustada.

Ethan nada disse de imediato. Levantou-se e foi se colocar junto à grande janela de vidro para mirar a cidade com olhar vago. Após alguns segundos, passou as mãos pelos cabelos, derrotado.

– Também contei que matei Maria.

– Não, Ethan!... Por que foi fazer isso?

– Queria que ela me aceitasse sem mentiras e já que estava revelando tudo ao meu respeito... – ele deu de ombros; não poderia mudar o que fez. – Também queria que Danielle soubesse que jamais faria mal a ela, então deixei que se lembrasse de todas às vezes que a mordi para que visse que sempre a poupei.

Ethan inspirou profundamente antes de prosseguir.

– Agora vejo que não fiz o certo. Ela se lembrou que me viu com Sarah e soube que eu matei a garota na noite que nos conhecemos. Depois veio com uma conversa estranha de que eu a tinha matado também e se apavorou ainda mais. Eu argumentei dizendo que ela estava confundindo tudo. Pedi desculpas por sua tia. Mas ela não aceitou. Passou mal e eu nada pude fazer para ajudar.

Joly ouvia sem silêncio. Ethan olhava fixamente para a vista de sua janela então não via a expressão de pesar da francesa. Alheio à compaixão da amiga, prosseguiu:

– Deixei-a. Novamente para que Danielle percebesse que não era minha intenção fazer-lhe algum mal. Dei-lhe espaço. Desci para esperá-la e adivinha... – ele riu sem humor. – Ela tentou fugir de mim... “De mim”! Como se fosse possível... Eu podia ouvir-lhe o coração, Joly. Ela estava apavorada e o medo dela me massacrava. E nada do que eu disse ou fiz foi capaz de acalmá-la.

– Ethan, e se...

– Eu disse que a amava! – Ele revelou sem ouvi-la. – E Danielle simplesmente não acreditou na minha palavra.

– E se você se desculpasse por tudo...

– Desculpar-me?!... Por tudo? – Ethan riu escarninho, então, subitamente sério a encarou.
– Já me desculpei pelos meus erros. Sou culpado de ter matado Maria. No mais... Exatamente pelo que eu me desculparia? Desculpas são pedidas por aqueles que se arrependem ou que têm a pretensão de mudar. Não me arrependo das vezes que estive com ela. E eu não pedi para ser um vampiro nem posso mudar minha condição tampouco.

– Sei disso... Acho que não me expressei direito. O que quis dizer é... Talvez você devesse procurá-la e tentar conversar quando ela estivesse mais calma.

– Ela não vai se acalmar.

– Ethan, dê tempo ao...

– Danielle teve nojo de mim! – Ethan bradou, cortando-a. – Nem sequer conseguia me olhar. Não pude me aproximar sem que ela se encolhesse como um animal acuado ou sufocasse em ânsia. Danielle não está nervosa, está em pânico. E eu não consigo... – Ethan comprimiu as laterais de sua cabeça. – Eu não consigo tirar a imagem de seu rosto apavorado de minha mente.

– Ethan, dê tempo a ela... Depois a procure e...

– Não, Joly. Já basta!... Não vou impor minha presença. E não me humilharei nem mesmo por Danielle. Ainda mais por algo que foge inteiramente de minha vontade. Não ficarei como ela quando o rábula a dispensou. Não foi você mesma que disse que “sempre” se precisa de um motivo para o término dos relacionamentos? Pois bem. Danielle me deu uma razão inquestionável. Não sou compatível. Ela não me aceitou. É uma escolha e direito dela. Nada posso fazer.

– Ethan, talvez...

– Pare, Joelle. Não farei nada. Ou o que você me sugere? Que eu fique à porta dela? Que eu ligue de hora em hora para saber se as náuseas já passaram para que possa me aproximar? Acaso sou assim tão asqueroso; nojento.

– Sabe que não é...

– Você! – Ele exclamou, novamente sem ouvi-la. – Você não titubeou quando Thomas contou o que era, titubeou?

– Não!

– Exatamente! E vocês se conheciam há horas. Estou demonstrando que gosto de Danielle há dias... Ainda assim ela agia como se eu fosse voar no pescoço dela a qualquer momento.

– Cada um reage de uma maneira.

– Sim! Por isso mesmo que vou agir a minha maneira e esquecer Danielle.

– Acha que consegue?

– O amor que sinto por ela não nasceu comigo. Da mesma forma que entrou em meu coração ele sai.

– Dias atrás você me disse que seria capaz de viver a volta de Dana...

– Caso ela não me perdoasse por ter matado sua tia. Agora foi diferente. Jamais vou esquecer sua primeira reação. Se ela acredita que posso ser capaz de machucá-la depois de todo esse tempo nada mais tenho a fazer... Ela que... – Ethan se calou, contrariado, os punhos cerrados.

– Ela que, o quê? Siga com a vida?... Case e seja feliz?

Ethan sentiu o conhecido aperto no coração. Não conseguia imaginar Danielle tendo com outro o que ele desejou para si. Contudo nada poderia fazer. Não se humilharia. Declarou seu amor por ela todas às vezes que a manteve viva; todas as vezes que fez amor com ela. Se de um minuto ao outro deixou de ser o mesmo homem somente por ser imortal, talvez o

amor da jovem por ele não fosse tão forte ou verdadeiro quanto ele acreditou que fosse. Sufocando um bolo estranho em sua garganta disse sem expressão.

– Que assim seja!

– Mesmo que ela volte para Paul?

Os olhos de Ethan chisparam para Joly, reduzidos em fendas finas. Um rosnado se formou em seu peito.

– O que pretende? – Sua voz era baixa e ameaçadora. – Sei que você a levou para vê-lo. Depois de me trair quer me afrontar? Acaso não está vendo que já está ruim o suficiente? Qual o objetivo da provocação?

– Não vou pedir desculpas pelo o que fiz. Apenas atendi ao pedido de Dana. Não era para que se encontrassem. – Joly se interrompeu por instantes, como se pensasse sobre algo, então começou cautelosa. – E, talvez esse não seja o melhor momento, mas já que sabe que conversaram, queria lhe falar sobre algo que ele disse e...

– Não me interessa.

– Mas pareceu importante, Ethan...

– Já disse que não interessa – disse entre dentes, incisivo. – Acredita que logo agora vou querer saber o que eles conversaram?

– Está bem. – Joly aquiesceu. – Não quero provocá-lo ou deixá-lo pior, mas saiba que ele tem esperanças então... Apenas perguntei o óbvio.

– Bem... Sendo assim eu lhe respondo o óbvio. Mato aos dois, Joelle. E esta é minha palavra de honra. – Ethan sentiu a boca amarga antes mesmo de terminar. – Vou ficar afastado de Danielle. Ela é livre para fazer o que bem entender. Mas “nunca” em tempo “algum” pode voltar para aquele humano. Se um dia encontrá-los juntos acabo com os dois sem um pinga de remorso.

– Pois aí está a prova que você não vai esquecê-la. Tente mais uma vez Ethan. Dê-lhe apenas tempo para se acostumar à idéia...

– Então eu me humilho e me declaro exatamente quando? – debochou. – Antes ou depois de Danielle correr para o vaso sanitário mais próximo? Acredita mesmo que eu suportaria vê-la enojada mais uma vez?... – Novamente ele sentiu o bolo estranho em sua garganta com a lembrança de Danielle a tapar a boca. – Se esse era o sábio conselho que tinha para compartilhar... Pode ir agora.

Como vinha acontecendo nos últimos dias, Ethan sentiu os olhos arderem. Porém dessa vez foi diferente, ele sentiu-os úmidos. Como Joly não se moveu, pediu:

– Poderia deixar-me agora, por favor!

– Ethan...

– Agora! – bradou imperativo. – Deixe-me em paz.

Quando Joly se preparou para sair, Ethan imediatamente ocultou seu rosto, virando-o para a janela. Em silêncio a francesa seguiu para a porta e ele agradeceu por isso. Joly saiu sem despedidas; tanto melhor. Ele não queria testemunhas para as duas lágrimas que rolaram por seu rosto. As primeiras – e Ethan esperava que fossem as últimas – em quase 170 anos de imortalidade. Ethan as secou, enfurecido; odiando-se pela fraqueza.

– Bruxa maldita!

O vento trouxe o cheiro de Danielle até ele naquela noite infernal no Central Park apenas para bagunçar seu destino. A diaba roubou-lhe a paz, a razão, a própria vida. Ethan queria odiá-la; verdadeiramente odiá-la por deixá-lo naquele estado miserável; envolto em sombras.

Quantas vezes ele leu, viu em filmes ou ouviu em alguma música sobre as mazelas de um amor perdido? Várias vezes ao longo de sua eternidade cômoda e solitária sem nunca entender o sentido de tamanho sofrimento. Ridicularizava-o até. E agora lá estava ele, um vampiro quase bicentenário, descobrindo e sentindo o gosto amargo de uma separação indesejada como qualquer mortal.

Agora, e somente agora entendia a falta citada por Danielle quando ele a atacou; quando pretensiosamente acreditou que saciar os desejos do corpo bastava. Não que não estivesse sentindo falta do corpo de Danielle, já sentia. Mas o que mais lhe doía era saber que não a teria por perto. Que não poderia ouvir seu riso ou acariciar os cabelos de doce. Detalhes tão simples que agora lhe pareciam extremamente essenciais.

– Maldita! – Novamente vociferou. – Maldita! Maldita!...

Uma vez que ela não lhe queria não deixaria que lhe afetasse daquela maneira por muito tempo. Aquela dor não poderia durar para sempre, poderia? Como disse a Joly, o sentimento não nasceu com ele, então morreria da mesma forma que havia surgido. Iria embora como o sopro do vento que trouxe o odor traiçoeiro que lhe apresentou Danielle.

Seria forte; libertar-se-ia. Esqueceria Danielle Hall e ela que tivesse uma vida honrada, monotonamente correta e previsível. E quando morresse fosse habitar algum paraíso sem graça, com anjos assexuados, pois ele, Ethan McCain, não se aproximaria para lhe provocar repulsa nem mesmo se um dia a encontrasse no inferno.

∞

Dana piscou algumas vezes até focalizar o teto de seu quarto. Não fosse a dor real, poderia jurar que havia despertado de um pesadelo. Sentia o peito vazio e a cabeça povoada de imagens e sons inquietantes. Imediatamente encolheu-se abraçando as pernas, e chorou copiosamente. Nem se importava em saber como chegou até sua cama. Por que se importaria com isso depois de descobrir que todos os momentos mais bonitos e

significativos de sua vida não passaram de mentira? Foi enganada dias e dias. E não somente por “ele”; também por Joly, Thomas e sabem-se lá quantos mais que não fossem humanos.

Talvez tivessem uma competição sádica e interna. “Quantos idiotas insossos enganamos no ano”. E Ethan com certeza era o campeão absoluto. Iludia as idiotas desavisadas, fazendo-as acreditarem que eram importantes, aproveitava-se sexualmente e alimentava-se delas até que se cansasse e as matasse.

Porém ela ainda estava viva não? O que deveria pensar? Que a brincadeira ainda não tivesse terminado? Com o coração aos saltos imaginou se ele ainda viria procurá-la. Manipularia sua mente como fez com o vigia ou como ela própria nos últimos dias. De repente a imagem de Paul lhe surgiu e sua voz soou nítida em seus ouvidos; “eu iria lhe pedir em casamento naquela tarde. Estava com o anel em meu bolso, mas... Não sei o que aconteceu. De repente era como se você não significasse nada para mim”.

E ainda... “Você é a mulher da minha vida. Sempre foi você. Eu a amo. Reafirmo que não sei o que aconteceu, mas estou ‘consciente’ agora”. Como agora ela sabia o que encerrou seu namoro. Paul não a dispensou sem motivos e, sim, foi usado como ela. Tudo não passou de um movimento de jogo; como se fossem peças em um tabuleiro. Com a verdade revelada as coisas poderiam voltar ao que eram antes. Poderiam... Contudo Dana sabia que nada mudaria. Manipulados ou não também era verdade que não amava Paul. Nunca o amou. Conheceu esse sentimento nos braços de seu futuro assassino. Amou uma farsa.

Dana sufocou. Puxou o ar violentamente pela boca fazendo seu peito doer ainda mais. Não poderia ficar naquela cama onde sempre se lembraria dele, onde tinha o cheiro dele. Movida por seu desespero, saiu da cama às pressas e procurou por suas malas. Começou a juntar suas coisas de qualquer jeito, precisava sair dali, mas... Para onde iria? Salem? Albany?... Nenhum lugar seria longe o bastante para esquecer; para não sofrer.

Sem forças, desabou sentada no chão. Logo estava deitada no piso. Ao sentir a temperatura fria não teve como evitar comparações e chorou. Por que ele havia brincado com os sentimentos dela daquela maneira?... Por que deixá-lo tinha de doer tanto?

De súbito uma idéia lhe ocorreu. Talvez aquele fosse o motivo de matá-las. Todas as mulheres se apaixonavam desesperadamente depois de serem docemente seduzidas por ele, ao ponto de ser insuportável deixá-lo. Tirar-lhes a vida talvez fosse um ato raro de misericórdia, visto que humana alguma deveria carregar a dor que ela sentia naquele momento. Talvez devesse procurar em sua memória o momento em que suas versões “pediram” para morrer visto que não suportariam ficar sem ele.

E Ethan, como vampiro e cavalheiro que era, matou-as da melhor forma para ambos; com amor. Caso estivesse certa, Dana especulou se teria coragem de fazer o mesmo. Procurá-lo e pedir, por favor, que a matasse, mas que não a deixasse definhando pouco a pouco de amor por ele. Sabia a resposta. Jamais o faria; era covarde demais para morrer. Sufocaria mais uma vez, de claustrofobia, caso se imaginasse eternamente em uma cova.

Morrer jamais seria uma escolha voluntária. Mesmo que lenta e prazerosamente, nos braços de Ethan.

Ainda chorava com o rosto colado ao piso quando ouviu a campainha, então duas batidas leves à sua porta. Todo seu sangue gelou, fazendo-a sentar. Era ele! Mas... Por que um vampiro que estava ali para matá-la anunciaria sua presença? Acalmando-se, cogitava em não atender quando ouviu a voz de Joly.

– Sei que está aí, Dana. Quero falar com você.

Não era Ethan, mas de toda forma era “um” vampiro. Dana prendeu a respiração, colando-se a porta aberta do guarda-roupa. Talvez se ficasse quieta ela fosse embora.

– Acha mesmo que não me responder muda alguma coisa? Tenho livre acesso ao seu apartamento, esqueceu?

Jamais esqueceria. Depois de secar o rosto como podia, Dana se levantou e, abraçada ao próprio corpo, seguiu para a sala dizendo a si mesma que era apenas Joly. Que, se ela estava ali para matá-la a mando de Ethan, pouco ou nada poderia fazer para impedir. E de certa forma, reconhecia que sua curiosidade ganhava espaço e a exortava a confirmar toda aquela loucura. Se havia amanhecido em sua cama, provavelmente a porta estava destrancada. Com a voz trêmula disse, sentando-se em seu sofá.

– Entre.

A porta foi aberta lentamente e Joly surgiu; linda como sempre. O rosto mais pálido do que nunca, destacado pelos cabelos pretos. Não era maluquice. Sua amiga era realmente imortal.

– Bom-dia, Dana! – cumprimentou fechando a porta atrás de si. – Sente-se melhor?

– Do que exatamente – perguntou com a voz embargada.

Seu coração estava aos saltos; descrente de tanta amabilidade. Tentando acalmar seus tremores, dizia a si mesma que era somente Joly. Somente Joly. Sem nenhuma nomenclatura mítica. Dana a olhou de esguelha quando ocupou a poltrona que Ethan costumava usar.

– Ethan me disse que você... – ela escolheu as palavras. – Passou mal... Teve... Enjôos quando soube... Sobre nós.

– Ah... Isso! – Trêmula, agora por ter ouvido o nome, Dana arrumou uma mecha de cabelos atrás da orelha e abraçou os joelhos depois de apoiar os pés sobre o sofá. Somente Joly. Somente Joly. – Já expliquei uma vez, tenho estômago fraco. Sempre que passo por situações estressantes fico nauseada, tonta. Na maioria das vezes desmaio... É uma reação bem idiota na verdade, ainda mais em momentos que preciso ser forte. Mas não tenho como evitar... Quanto a isso, estou bem. Obrigada. – respondeu por fim, ainda a medir a vampira de viés.

– Ethan achou que você tivesse sentido nojo dele.

Dana apenas olhou diretamente para a francesa, sem se mover. Teria rido se a situação não fosse trágica.

– De todas as coisas que poderia sentir por ele, acredite, nojo seria a última delas.

Pensou como poderia ser diferente. Como alguém em sã consciência poderia sentir nojo de um ser tão magnífico, mesmo que ele fosse seu algoz? Ao recordar o fato, encarou Joly mais uma vez.

– O que faz aqui? Veio terminar o que ele começou?

– Não seja ridícula! – Joly perdeu a paciência. – Vim vê-la como faço todos os dias para saber se está bem.

Novamente com os olhos marejados, Dana se permitiu acreditar que Joly falava a verdade.

– Desculpe-me – pediu num suspiro. – Como vim parar aqui?... Por acaso ele...

– Eu a trouxe.

– Ah... – tentando secar uma lágrima, perguntou: – Por que, Joly?

Dana não foi clara, mas sabia que a imortal havia lhe entendido.

– Não cabia a mim... Contar sempre foi responsabilidade de Ethan.

– Cabia a ele contar antes de me matar?

– E por que Ethan a mataria se ele a ama? – Joly indagou cansada.

– Não precisa mentir mais... A farsa acabou.

– Nunca houve farsa. Sempre disse a você que era especial. Sempre a incentivei a ficar com ele.

– Não foi sempre... “Ethan é o problema” te lembra alguma coisa? Se tivesse me contado a gravidade do problema não teria me aproximado. Não teria deixado Paul aceitar o emprego. Nada disso teria acontecido – falou sem acreditar em uma única palavra, então juntou as sobrancelhas. – Por que veio morar aqui afinal?

– Ethan pediu que eu tomasse conta de você. Não fosse por isso e você tivesse descoberto a verdade provavelmente teria que matá-la logo em seguida. Os humanos não podem saber de nós.

– Então veio realmente me matar – não foi uma pergunta. – Agora que sei a verdade.

– *Quelle absurdité!* Não seja idiota, Dana. Ninguém vai matá-la. Mas espero sinceramente que saiba guardar segredo. – De repente um brilho estranho cruzou os olhos negros. – Ou talvez eu não deva confiar... E deva apagar sua memória.

– NÃO! – o grito foi involuntário.

Imediatamente Dana se lembrou do vigia noturno. Não estava na cabeça do homem, mas sabia que ele havia esquecido todo o ocorrido no segundo que Ethan lhe ordenara. Não aconteceu o mesmo com ela?... Agora seus lapsos inexplicáveis estavam esclarecidos. Foi tão malignamente usada que talvez nunca soubesse tudo que lhe apagaram da memória. Se Joly desejasse fazê-lo novamente ela nada poderia contra a imortal para impedi-la, porém, por mais que a verdade fosse chocante e a ferisse de morte, não desejava esquecer.

– Por favor, prefiro que me mate a que mexa com minha cabeça.

– Deixe de drama garota; eu já disse que ninguém vai matá-la. Sei que o que descobriu é demais para se assimilar de uma hora para outra, mas... Quantas vezes eu tenho que repetir que vim apenas para saber se estava bem?

– Tudo bem... – Dana anuiu.

– Bem, também quero saber se entendeu tudo que Ethan lhe disse.

Dana estremeceu. O que restou para ser entendido? Claro como água sabia que foi usada nessa vida e morta por três vezes em outras.

– Sim, eu entendi – disse secamente.

De repente Dana se deu conta que conversava com Joly com fluidez, como tudo não fosse mais do que fruto de sua imaginação. Porém, tão rápido como se deu conta que era normal estar com Joly, se lembrou de suas visões, do rosto de Sarah, da outra jovem... – não lembrava o nome –, e dos corpos encontrados recentemente. Jamais poderia ficar à vontade diante de um vampiro. Joly pareceu notar que sua postura rígida.

– O que é agora, Dana? Ainda está com medo?

– Não – mentiu. – Só curiosa. E quanto às outras pessoas? Como vocês podem existir sem que saibamos?

– Porque vivemos discretamente.

– Não é discrição que vejo nos jornais – Dana retrucou.

– Ah, Dana... – Joly suspirou. – Nossa última passagem por aqui foi há oitenta e seis anos. Você é jornalista. O *Today* não existia naquela época, mas você pode ter acesso aos outros arquivos... Pesquise. Veja se acha nos noticiários antigos algo parecido com o que está acontecendo agora. Eu adianto o resultado. Não vai encontrar nada. E sabe por quê? Porque nada parecido aconteceu naquele tempo, nem agora.

Joly suspirou mais uma vez, impaciente, e prosseguiu:

– Se deixar de ser egocêntrica, vai lembrar que os ataques começaram recentemente, a pouco mais de um mês. Estamos em Nova York a três anos dessa vez. Não somos nós que estamos fazendo isso. Tem um vampiro novo e louco na cidade. Não o conhecemos, apenas sabemos que ele não gosta de Ethan e que faz essas coisas para provocá-lo.

Sem que pudesse evitar a voz de Ethan reverberou na mente de Dana. “E não tenho nada a ver com as mortes que têm acontecido, tampouco. Não sou o único vampiro nessa cidade. Não sou um santo, mas não mato indiscriminadamente.” Certo, sobre os ataques ele não mentiu, mas...

– Como podem ser vampiros se não matam as pessoas?

– Não precisamos matar para ter dos humanos o que precisamos. Muitos de nós bebemos também de animais. – Dana tentou falar, mas Joly antecipou-se. – Menos Ethan. Ele ainda conserva as características originais. Até tentou mudar, mas não se adaptou.

– Mas, então...

– Ele adquiriu o hábito de matar ladrões, assassinos, estupradores. Esse tipo de gente. Thomas e eu não concordamos, mas respeitamos.

– Ele bebeu de mim, Joly. – Dana salientou, num fio de voz. – Quase me matou.

– Sim, quase. – Joly concordou. – Mas não o fez. Foi um acidente e eu cuidei de você.

– Ele me fez lembrar. Agora sei que Ethan invadiu minha cama por noites seguidas. Naquela em especial ele me machucou. Bebeu de mim duas vezes. Não diga que foi acidente.

– Não posso dizer o que o levou a fazer aquilo. Geralmente Ethan bebe das mulheres com as quais copula. Chame de tara, fetiche... Como queira. Mas nunca é intenção dele matar nenhuma delas e definitivamente ele jamais desejaria matar você.

O coração de Dana protestou com violência ao comentário. Engolindo seu ciúme, retrucou:

– Está enganada, Joly. Ele matou Sarah, matou outra que não me lembro o nome... E sabem-se lá quantas mais que não temos conhecimento.

– Com Sarah foi acidente, e quando Laureen morreu Ethan nem estava na cidade. E...

– Você cita os nomes como se as tivesse conhecido. – cortou-a.

– Não cheguei a conhecer Sarah – declarou Joly, com um brilho indecifrável em seu olhar. – Laureen, sim. Ela era uma das amantes de Ethan e foi morta pelo mesmo intruso que eu comentei. Ethan e ela não estavam mais juntos. Ele a dispensou antes de viajar, mas isso não impediu que nosso visitante a estuprasse e matasse de forma cruel.

Dana entendeu o brilho fugaz; maldade pura. Vampiros eram mesmo insensíveis. Se não, por que usar as palavras para feri-la? Já seria doloroso e humilhante apenas indicar que agora ela corria perigo por ser uma das tantas ex- amantes do vampiro. Saber sobre aquela Laureen somente agravou o ciúme de Dana que agora não conseguia evitar as imagens de Ethan junto a outras mulheres. Dizendo as mesmas palavras, fazendo-as acreditar que eram especiais. Dana tinha certeza de que todas, assim como ela – idiota – haviam acreditado.

Sem que percebesse, ela voltou a chorar. Que diferença faria para sua dor se não soubesse das outras? Se tudo que Ethan disse a ela tivesse, inacreditavelmente um fundo de verdade, não anulava o passado.

– Sinto muito por Laureen.

– Dana. – Joly assumiu um tom conciliador. – Não quero alarmá-la, mas o mesmo pode acontecer com você. Talvez seja o caso de pensar com calma em tudo que descobriu e considerar aceitar Ethan como ele é... Ele salvou sua vida ontem e...

– Ethan me matou. – A voz sumida dela se misturou a de Joly, cortando-a.

– Como?! O que disse?

– Com certeza eu o perdoaria por ter me enganado e usado por dias; afinal você mais que ninguém sabe que apreciei aquilo. – Dana sentiu o rosto corar, mas não se deteve. – Isso não seria problema. Assim como eu poderia acreditar nesse conto absurdo de que um vampiro me ame, mas... Quando Ethan me fez lembrar... Eu o vi me matando.

Joly ouvia em silêncio.

– Já conversamos sobre isso, talvez se lembre. – Dana quis ativar-lhe a memória. – No dia que você viu minha marca de nascença eu contei sobre minha tia. Eu expliquei sobre a crença de minha mãe sobre eu ser a reencarnação de Maria. Eu nunca acreditei nessas coisas, mas... Inacreditavelmente eu me lembrei. Ethan confessou ter matado minha tia, mas era eu.

Joly ainda permanecia em silêncio.

– E não foi somente aquela vez... Ethan me matou mais duas vezes antes dessa. – Joly uniu as sobrancelhas, sempre encarando Dana, sem nada dizer enquanto esta prosseguia. – Sempre que Ethan “copulou” com minhas versões passadas, ele bebeu delas sem nunca parar, até matar. Acredita mesmo que ele... – Dana se interrompeu, tomou fôlego e recapitulou: – Você pode me dar sua palavra de que dessa vez Ethan fará diferente? Que todas as outras mortes foram acidentais?

– Céus! Todas tinham a marca da rendição...

– O que disse? – Dana não entendeu todas as palavras exaladas num suspiro fundo e intimista. – Todas tinham o quê?

– Você tem certeza do que viu? – Joly indagou incisiva, ignorando a pergunta. Um brilho estóico, de resoluto entendimento cruzou seus olhos negros, mudando sua expressão ao procurar por confirmação. – Ethan a matou três vezes. Foi isso o que você disse?

– Sim... Não sei que poder é esse que ele usou comigo, mas eu me vi em todas as situações onde estivemos juntos, inclusive nas minhas vidas passadas. Agora, Ethan me poupou nas vezes que se serviu de mim, mas me matou três vezes no passado. O que me garante que cedo ou tarde ele não faça novamente?

– Realmente não existe garantia de nada quando se está próximo a um vampiro velho, cheio de medos, manias e taras como Ethan. – concordou Joly com voz sombria. – Entendo seu medo e... Recomendo que se mantenha distante.

– Aí está a Joly que conheci! – Dana sorriu sem humor. – Então admite que eu possa estar correndo perigo? Que de certa forma não passo de diversão?... Ou alimento para as manias e taras de Ethan?

De um salto, Joly pôs-se de pé.

– Diversão?!... Não se dê tanta importância, Dana. – Joly pediu friamente. – Não acha que a atenção que dispensamos a você seria muito empenho para que Ethan conseguisse uma simples trepada? Para isso ele tem facilidade e se vira sozinho, afinal, o que não faltam são mulheres bem dispostas a pularem na cama dele. Ethan poderia ter se interessado por qualquer uma, mas aconteceu com você. Ele a amou *chérie*, e eu pensei que pudéssemos ser amigas. Mas visto que as coisas tomaram outro rumo, não vejo como isso possa ser possível.

Joly a encarou firmemente, com o queixo erguido; impassível.

– Vim tentar convencê-la a aceitá-lo por minha própria conta, pois temia por sua segurança, mas agora acho que ficará segura enquanto não pegamos esse intruso. Lembre-se sempre de minhas recomendações e ficará bem. No mais, a verdade é que Ethan já decidiu esquecer você. O que faz ele muito bem!

– Joly? – Dana não entendeu a mudança brusca.

– Então... – A francesa não se interrompeu. – Não há motivos para estendermos nossa conversa. Não vou apagar sua memória. Confio em sua discrição, mas não nos procure... Não vamos procurá-la tampouco. Siga sua vida Danielle. Seja feliz e nos esqueça.

Sem qualquer aviso, Joly se foi. Dana mal viu a porta abrir e fechar. Então era isso? Sem mais explicações, sem despedidas? E Ethan havia... Decidido esquecê-la? Dana arfou.

Tudo encenação; nunca esteve enganada. Negassem o quanto quisessem, a verdade nua e crua era que realmente não passou de diversão. Com os olhos turvos pelas novas lágrimas, Dana olhou para as flores que ganhou. Lembrou-se dos bilhetes, das palavras ditas na praia, dos momentos em sua cama e no escritório. Então gemeu de pura agonia.

Vampiros burlavam a lei natural da vida; eram eternos. E os anos de existência os tornavam perfeitos. Perfeitos com palavras, perfeitos amantes... E cruelmente perfeitos na arte de mentir. Para ela, reles mortal atada irrevogavelmente à humanidade, restava aceitar que serviu de passatempo e que este havia chegado ao fim. Mas estava viva, não era o que queria? Agora era seguir em frente e esperar que novos ciclos se iniciassem e se concluíssem; tendo a certeza de que não seria feliz, não iria esquecer.

Capítulo Trinta e Um

Rendendo-se ao inimaginável, okay descobrir que por alguns dias flertou e namorou um vampiro. Horrível era saber que para ele tudo não passou de um jogo no qual a cartada final era o cumprimento de uma tradição macabra. Apesar da dor imensurável, as lágrimas secaram. Dana comia quando tinha fome, afagava Black quando o gato estava ao alcance de suas mãos. Dormia e acordava com a visão das flores que recebeu de Ethan.

Sentindo-se vazia, Dana se recusou a usar a cama onde experimentou sensações incríveis. Todas sendo parte da encenação. Não ligou a TV ou o som, mas jamais ficou alheia aos dias; às horas. Não conseguia acreditar nas palavras de Joly de que não seria procurada. Todas as outras morreram, porque com ela seria diferente? Ethan viria terminar o que havia começado. Sim, ele viria, e ela esperou.

Porém, passou sexta-feira, sábado... E nada aconteceu. Nenhum vampiro insensível veio procurá-la. Naquela manhã de domingo uma nova dor se instalou no peito de Dana ao cogitar, pela primeira vez, ter cometido um erro de julgamento. Seu medo de morte argumentou com seu amor, dizendo que Ethan a matou antes, três vezes. Mas seu amor replicou que talvez tenha sido mesmo acidente ou puro instinto; que daquela vez pudesse ser diferente.

Seu medo insistiu dizendo que vampiros eram cruéis, sanguinários e egocêntricos, jamais amariam alguém além deles mesmo. Seu amor rebateu salientando que toda criatura evolui. Que mesmo tendo tirado a vida dela em outras encarnações, nada impedia que agora Ethan estivesse mais comedido, racional e menos instintivo. Tudo bem que ainda estar viva talvez não fosse garantia de nada e que talvez o jogo ainda valesse, mas... Tudo tinha um limite, não tinha?

Até mesmo criaturas imortais não brincariam com alguém tão sem graça quanto ela por tanto tempo. Sendo sincera Dana reconheceu a verdade nas últimas palavras de Joly. Teria sido muito empenho conjunto em sua conquista para o favorecimento lascivo de um só. Pensando friamente, Dana considerou que se a intenção fosse apenas brincar/fornicar/matar nem mesmo Ethan precisaria se esforçar tanto, afinal ele tinha livre acesso à cama dela, à vida dela...

Como ele salientou, oportunidades para eliminá-la não faltaram. Em vez disso, não era ela que, mesmo temendo a força de Ethan, sempre se sentiu protegida ao lado dele?

“Jamais deixaria que nada de mal lhe acontecesse” Ethan afirmou antes de lhe dar carona em sua moto.

“É minha função protegê-la, não matá-la de frio!” Ethan disse na praia quando estavam completamente sozinhos e sem testemunhas. Hora perfeita para um ataque; que não veio.

E como argumento definitivo de seu amor para calar seu medo, tinha todas as suas vidas passadas onde esteve com Ethan. Agora que acreditava em reencarnação, poderia crer em almas gêmeas. Talvez fosse exatamente o que acontecia, talvez estivesse atada a Ethan num ciclo sem fim. O vampiro a mataria quantas vezes desejasse, pois ela sempre voltaria para ele.

Contraditoriamente, a cada novo argumento convincente de seu amor, antes de se sentir feliz, Dana sufocava, arrependida de sua injustiça. Magoou profundamente aquele que depositou o coração em suas mãos, cuja voz se sobrepôs à luta interna que travava para desferir o golpe de misericórdia.

“Não haverá acidentes para você Danielle! Acredite em mim... Está sendo muito difícil falar-lhe essas coisas. Nunca me declarei, pois jamais senti por alguém o que sinto por você. Todas essas sensações são novas para mim. Não sei colocá-las em palavras. Tudo que consigo fazer é dizer que a amo e pedir que fique... Não sei se aguentarei vê-la ir embora, então fique!”

– O que eu fiz?! – Dana gemeu aflita.

Ela apenas se deu conta que Black estava ao seu lado quando se levantou de um salto, assustando o felino. Alheia ao gato, ela passou a andar de um lado ao outro, abraçada ao próprio corpo, tremendo violentamente ante a verdade. Esteve diante de um vampiro... Ele poderia ter acabado com ela num estalar de dedos, no entanto, tentou acalmá-la de todas as maneiras.

“Primeira e única dona do meu coração velho e fraco. Por favor, tenha cuidado”. A voz de Ethan ecoava na cabeça dela, torturando-a ainda mais.

– O que eu fiz? – repetiu.

Julgou e condenou sumariamente a veracidade do amor de Ethan, sem nem ao menos deliberar. Dana se respondeu. Precisava procurá-lo para reparar seu mal feito, determinou. Mesmo receosa procurou por sua bolsa. Tinha de ligar para Ethan o quanto antes; pediria desculpas, imploraria seu perdão, faria qualquer coisa para que ele a recebesse de volta. Decidida, correu ao quarto, olhou em todos os lugares e nada.

– Droga!... Onde está minha bolsa? – resmungou.

Ao se lembrar caiu sentada sobre a cama. Sua bolsa estava no BMW do namorado, esquecida depois do ataque de Samantha; a vampira que insinuou ser amante de Ethan antes que ele a matasse. Dana arfou. Porém, antes que sufocasse, uma voz baixinha disse em sua cabeça... “E se ela estivesse mentindo”?

Só havia uma forma de saber e naquele instante Dana tinha a desculpa perfeita. Ainda estava com medo, mas não deixou que este apagasse o surto de ânimo. Depois de arrumada, Dana pegou as chaves de reserva do apartamento e do carro e saiu apressada. Desceu as escadas aos saltos. Com a decisão tomada tinha urgência em encontrar Ethan. Seguiu para a Wall Street impacientemente. Quando finalmente chegou à porta do edifício,

estacionou mesmo em frente sem se importar com a placa de proibição. Já não pensava com clareza. Por se sentir mais perto seu peito gritou de saudade e suas pernas fraquejaram.

Seguindo em frente, passou pelas portas de vidro. Imediatamente estremeceu ante a lembrança de Ethan em pé, gigante e lindo quando ela estava caída ao chão do amplo saguão paralisada de puro pavor. Na verdade não se recriminava por sua reação, pois esta era totalmente justificada depois de tudo que descobriu, viu e ouviu. Mas poderia ter tentado lidar melhor com a situação, recriminou-se enquanto seguia decidida para o elevador de portas pretas. Antes que o alcançasse, foi chamada pelo vigia do dia.

– Senhorita?... – disse do balcão. Assim que Dana se voltou em sua direção, ele informou:
– Preciso saber onde está indo? Identifique-se.

– Como? – Dana se surpreendeu com a novidade.

– Hoje é domingo, senhorita – o vigia explicou educadamente, porém o tom de enfado era evidente. – Os serviços destinados ao público em geral estão fechados. Hoje somente funcionários têm acesso às entradas e aos andares.

Claro! Pensando rápido, inventou uma desculpa como fez com o vigia da noite.

– Mas esse é justamente o caso – Dana disse sem piscar. – Trabalho na McCain & Associated e preciso pegar uns papéis para meu patrão. Serei rápida.

– Ah, sim... – exclamou incrédulo. – Poderia mostrar seu cartão de identificação?

Dana simulou pesar.

– Veja bem... Esqueci de trazê-lo. Mas como disse, se me deixar subir, serei rápida.

– Que pena! – ele a imitou na expressão pesarosa. – Sinto muitíssimo, mas não posso abrir exceções.

Dana sentiu ganas de socá-lo. Demorou tanto a acordar de seu transe covarde para agora ser barrada por um idiota debochado como aquele. Controlando-se para que seu mau gênio não viesse à tona, ela tentou pensar com clareza. Não queria ir aos escritórios, queria apenas falar com Ethan. Tendo isso em mente, pediu.

– Certo, eu entendo perfeitamente. Mas o que preciso pegar é realmente importante. Talvez se você entrasse em contato com o senhor McCain na cobertura, ele liberasse minha entrada.

A menção de Ethan o vigia a encarou de forma estranha, franzindo o cenho.

– Lamento mais uma vez... Não tenho como chamá-lo visto que sua cobertura está em reforma e até onde eu fui informado, o Sr. McCain não se encontra. Os trabalhos começaram sexta-feira à tarde. Sendo funcionária do escritório acho que deveria saber disso, não?

– Havia me esquecido – ela recapitulou com o coração em frangalhos. – Obrigada mesmo assim.

– Talvez se você se lembrar do número de seu cartão, eu possa checar e liberar sua entrada. – ofereceu o vigia, talvez comovido com sua expressão derrotada.

Dana nem ao menos respondeu. Saiu para a rua em tempo de ver seu carro sendo multado.

– Não falta mais nada! – Dana zombou de sua sorte.

O guarda nem ao menos tomou conhecimento de sua aproximação; prendeu a multa na palheta e se foi. Dana pegou o pedaço de papel sem olhá-lo. Na verdade não se importou. Estava vazia novamente. Foi até o NY Offices para nada. Com o desencontro talvez nunca soubesse onde encontrar Ethan, ela reconheceu ao entrar no carro. Não conhecia outro endereço e tinha apenas o número de celular marcado na agenda do seu aparelho; que não tinha acesso uma vez que sua bolsa estava no carro dele.

– Que ótimo! – Ela novamente ironizou ao dar a partida em seu Accord.

O sentimento de inutilidade a acompanhou todo o trajeto de volta. Havia se afastado de Ethan em um surto de pavor e ao que tudo indicava não poderia consertar os estragos de sua reação. Dana não poderia fazer como Ethan que, aparentemente, já seguia em frente. No dia seguinte a toda confusão ele providenciou a reforma de sua cobertura. Prático e rápido. Ao contrário dela que permaneceu apática e lenta em seu sofá.

O que ela estava pensando afinal? Que fosse encontrar Ethan, magnífico e benevolente esperando pacientemente por ela em uma cobertura destruída? Evidente que não. Rendendo-se ao óbvio, Dana subiu os degraus até seu apartamento, pesadamente. Precisava voltar ao seu sofá e sofrer, apaticamente, por ter sido instintiva e covarde.

Ao fechar a porta do apartamento atrás de si ela teve um sobressalto. Sua bolsa estava sobre a poltrona e seus sapatos deixados para trás estavam ao lado.

– Ethan!

Com o coração aos saltos correu por todos os cômodos mínimos de seu apartamento. Nada. Ele não estava lá. Mas esteve não esteve?... Só havia uma forma de saber. Trêmula da cabeça aos pés correu até a bolsa e procurou o celular. O número de Ethan não estava mais lá. Dessa vez, Dana caiu sentada no chão. Incrédula, correu as setas para cima e para baixo em sua agenda e nos arquivos das ligações efetuadas, mesmo sabendo ser inútil.

Aquela era sua resposta definitiva. Não precisava temer por sua vida. Ethan não mentiu; nunca pretendeu matá-la. E uma vez que o amor declarado foi desprezado, ele não a procuraria, deixando claro que não queria ser procurado. Então a voz de Joly veio aos ouvidos de Dana. “Ethan já decidiu esquecer você e esse é o certo a se fazer”.

A Dana restou voltar para seu refúgio no sofá e abraçar as próprias pernas. Então o pranto voltou em lágrimas quentes e desesperadas. Com os olhos marejados, sorvendo o ar com dificuldade, olhou para as flores que ganhou. Em sua pressa em sair na quinta pela manhã, nem ao menos tinha colocado sua rosa na água. O amor e a paixão amarelavam pouco a pouco sobre o móvel e seria assim até que a rosa vermelha murchasse de vez.

Somente a Amarílis – representação fiel de Ethan em sua beleza e seu orgulho – seguia firme. Estava claro que Dana o feriu na alma e, uma vez que não cuidou de seu coração velho e fraco, não lhe era mais interessante. Bem feito!

O restante do domingo passou arrastado. Dana conversou com Martin e Stacy por telefone, porém não se lembrava de nenhuma palavra trocada com os pais. A manhã de segunda encontrou-a apática, obrigando-se a respirar. Terrivelmente culpada, Dana esperou por aquele dia em especial como um naufrago por uma ilha aprazível.

Sentindo os membros doloridos, deixou o sofá e, antes de qualquer outra coisa ligou para o número de Joly na McCain & Associated. Com um pouco de sorte, talvez o próprio Ethan atendesse. Porém, depois de vários toques, a voz que ouviu atender ao telefone era totalmente desconhecida.

– McCain & Associated, bom-dia!

– Eh... – Dana pigarreou, pois a voz saiu embolada. – Bom-dia... Eu poderia falar com Joelle Miller ou... Com o senhor McCain, por favor?

– Lamento, mas não será possível... O senhor McCain não se encontra, pois saiu em viagem e a senhora Miller estará fora todo o dia acompanhando o senhor Miller. O assunto é importante? Posso anotar o recado se desejar... – ofereceu a moça amavelmente.

– Não é necessário, obrigada! – Ethan viajou; era mesmo o fim.

Aquele era o primeiro dia de trabalho de Dana no *Today* e por mais que lhe custasse, ela deveria se espelhar em Ethan e seguir em frente. Depois de recolocar o fone em sua base, Dana se arrastou para o banho, tentando manter a cabeça livre de pensamentos perturbadores, caso contrário voltaria ao sofá.

Arrumada para aquele novo dia, depois de se vestir sem nem notar, Dana repôs a comida e água de Black, e saiu. O caminho até o jornal igualmente passou despercebido à jornalista. Ao entrar na redação, por puro reflexo cumprimentou quem cruzou seu caminho e primeiro a saudou, até que chegasse à sala de Cindy Howden.

– Por Deus garota! O que aconteceu com você? – Cindy perguntou com espanto antes de qualquer cumprimento.

Imediatamente Dana olhou para as próprias roupas. Enxergou-as pela primeira vez e notou estarem de acordo.

– Você está bem vestida, Senhorita Hall. – disse a editora. – O que me preocupa são as olheiras, a palidez... Não se sente bem?

– Eh... Sim. – Dana evitou sorrir, pois sabia que não conseguiria e seu rosto contorcido talvez alarmasse a mulher. – E que não tive um bom final de semana... Problemas pessoais. – alegou simplesmente.

– Se tem certeza, bem vinda ao grupo. Venha! Vou apresentá-la a todos.

Enquanto Cindy circulava a mesa, Dana gemeu intimamente. Não queria conhecer ninguém, apenas ser colocada num canto onde tentaria ocupar sua cabeça com trabalho. Evidente que não seria tão fácil. Como não poderia negar, resignada Dana se deixou levar até o centro da modesta redação.

– Por favor... – Cindy começou em voz alta e harmoniosa. – Gostaria de ter a atenção de todos para lhes apresentar a nova integrante de nossa equipe, Dana Hall.

Em sequência ao seu nome, vários “oi” e “olá” foram ouvidos. Dana desejou ser dragada pelo piso por saber que sua aparência estava horrível. Por sorte a apresentação foi breve. Depois que acenou aleatoriamente num cumprimento geral, sua editora-chefe a conduziu até uma mesa dupla e a deixou no lado que a partir daquele dia ocuparia.

– Espero que aqui se sinta em casa. E estimo que possa resolver os problemas que a deixaram assim, apática. Bem... – reassumindo o ar profissional indicou alguns papéis deixados sobre a mesa. – Aqui estão alguns temas que separamos para você na última reunião de pauta. A ordem de publicação está anotada em cada nota. Caso tenha alguma dúvida pode ir até minha sala. E... Se precisar sair, basta me avisar...

Dana acenou com a cabeça, agradecida pela deferência logo no primeiro dia de trabalho. Enquanto observava Cindy se afastar, elegante em seu terninho azul, Dana não pôde deixar de lembrar a intimidade que a viúva mantinha com Ethan. Com um aperto no peito Dana especulou se Ethan havia realmente desistido dela, e se um dia teria na editora uma nova escolhida. Uma humana nada insossa, Dana reconheceu sentindo o baque violento em sua auto-estima.

Com um suspiro resignado, que a sufocou levemente por conta do ar eternamente rarefeito após a separação, Dana ligou o computador e, enquanto este concluía as etapas de iniciação, ela folheou as notas com as matérias sugeridas. Separou a primeira que seria usada dali a dois dias e tratou de se ocupar. Poucas horas depois de atividade alienada, Dana ouviu de muito longe o toque vindo do telefone ao seu lado.

– Dana Hall. – Somente ao atender reparou em alguns olhares repreensivos em sua direção.

– *Bom dia, Danielle.*

O nome dito inteiro fez parar o coração de Dana até que ela percebesse o engano.

– Billy?!... Como soube onde me encontrar?

– *Tenho bons contatos* – elucidou. – *Preciso ver você. Podemos almoçar juntos hoje?*

Imediatamente Dana lembrou que o ex-patrão foi procurar por ela no Florença. Quanto tempo havia se passado? Suspirando, ela reconheceu não estar curiosa em saber o que Billy poderia querer com ela, assim como não desejava almoçar. Acompanhada ou sozinha.

– Desculpe, mas não tem como. Imagino que seus contatos tenham lhe informado que hoje é meu primeiro dia... Ainda estou me familiarizando. Vou comer qualquer bobagem por aqui mesmo. Talvez possamos nos encontrar outro dia – sugeriu sem vontade alguma.

– *O que quero conversar é importante.* – Billy insistiu.

– Se é tão importante fale por telefone. Estamos conversando agora.

– *Tenho medo de sua reação. Preferia acalmá-la antes de dizer o que você precisa saber.*

A menos que Billy confessasse se transformar em lobisomem a cada lua cheia, nada mais poderia abalá-la. Dana teve que conter o riso nervoso, pois sabia que se começasse logo estaria presa numa gargalhada histérica.

– Acredite... Pode dizer o que quiser. Sei que desmaiei na sua sala, mas hoje não vai acontecer. Prometo.

– *Está bem... Está bem...* – ele aquiesceu pausadamente. – *O que preciso falar é justamente algo sobre o dia que te dispensei. Eu...*

– Billy, eu acho que agora é tarde para você mudar de idéia. – Dana cortou ao inferir a intenção do ex-chefe. – Acabei de ser contratada e não vou voltar atrás.

– *Não é nada disso. Não que não me arrependa. Isso aconteceu antes mesmo que você deixasse o prédio. Você é boa garota e sabe disso. Não preciso ficar elogiando seu trabalho.*

– E nem eu espero por isso – retrucou de mau humor. – Mas fiquei curiosa. Já que sou assim tão boa, porque me dispensou?

– *Fui obrigado, Dana.* – Billy admitiu de chofre.

– Como?!... Acho que não entendi. Quem o obrigaria a me dispensar de seu jornal?

– *Essa era a parte que eu queria prepará-la, mas agora vejo que nem mesmo se estivemos frente a frente seria melhor de ouvir, então...* – o homem tomou fôlego e prosseguiu. – *Não me orgulho de muitas coisas que faço e uma delas é ter certa queda por garotas mais jovens.*

Dana apertou o fone com força para não gritar. O que aquela confissão tinha a ver com ela?... Alheio a sua raiva, Billy continuou, desculpando-se.

– Por favor, não pense que sou algum pervertido, afinal as garotas de quinze e dezesseis anos já eram consideradas boas para se casarem desde o tempo de meus avôs. E as de hoje em dia são tão espertas e insinuantes que é praticamente impossível resistir a elas.

– Sinceramente sua preferência sexual por ninfetas não me interessa. Prefiro que vá logo ao ponto. – Dana retorquiu secamente.

– O ponto é Danielle, que conheci uma garota meses atrás. Cai na besteira de me apaixonar antes de descobrir que a diabinha tem apenas quatorze anos... Sei que é errado, mas eu não consigo mandá-la embora de minha vida. Amo-a, mas não quero acabar com um casamento de anos assim como também não quero ser indiciado por atentado violento ao pudor ou abuso de menores.

– Ainda não entendo o que isso tem a ver comigo – Dana declarou agora enojada.

– Sou um homem reservado, Dana. Quando confiei esse segredo ao Collins jamais acreditei que ele fosse usá-lo para me chantagear. Foi somente por isso que a dispensei. Ele me obrigou ameaçando contar para minha esposa caso eu efetivasse você em meu jornal.

– Qual o interesse do senhor Collins em me prejudicar se foi ele mesmo quem me indicou para você?

– Não estou falando de Pedro, Dana. Ele é conservador ao extremo; jamais aprovaria meu erro. Quem pediu sua cabeça foi Paul.

– O quê?! – Dana gritou. Impossível, sentenciou. Ao notar as cabeças voltadas em sua direção, ela baixou o tom. – Não brinque com coisa séria, Billy. Você está acusando Paul... “Paul” de ter chantageado você para que me mandasse embora de seu jornal?

– Sim, estou... Esse assunto me remoeu dias e dias até que recebi um incentivo para contar a verdade.

Dana simplesmente deixou de ouvir a explicação. Sua cabeça estava povoada de imagens suas e de Paul. Ele cuidando dela, incentivando em seu trabalho, sempre a elogiando. Dizendo não ser nada demais aceitar a ajuda do pai dele. E a pior de todas; consolando-a após a dispensa do *Daily News*. Cretino. Canalha. Traidor. As palavras que não poderia verbalizar espocavam na cabeça dela. Dana ainda estava presa em seu acesso silencioso quando ouviu a voz de Billy.

– Eu precisava te contar, e agora que você sabe, preciso que me perdoe. Nunca foi minha intenção mandá-la embora, mas não tive escolha. Bem, sei que não mereço, mas se ainda tem alguma consideração por mim, por favor, não diga ao Collins que sabe. Posso confiar em seu sigilo?

– Confiar em meu sigilo? – Dana começou pausadamente. – Minha vida profissional foi decidida com base nesse seu mundo podre e “eu” tenho que ser discreta?... Acaso acredita que sou grata por ter me contado a verdade?... Cedo ou tarde isso aconteceria, com ou sem sua interferência, porque ela sempre vem à tona.

– Mas Danielle, veja bem...

– Veja bem você... – ela o interrompeu. – Nunca vou agradecer por isso. Não vou ser discreta. Na verdade, estou cansada de ser discreta. Paul me deve explicações e vou cobrá-las. Se ainda tem medo de ser delatado, aconselho-o a mandar sua amante de volta às bonecas dela. Ah... E antes que eu me esqueça... Você não é perverso e, sim, um pedófilo safado. Talvez eu devesse agradecer ao Paul por ter me afastado de uma pessoa tão suja.

Ao bater o telefone, Dana tremia incontrolavelmente. Aquela declaração tornava toda a injustiça cometida contra Ethan ainda pior, contudo teve o poder de eliminar a apatia. O sangue de Dana pulsava forte e a exortava a sair dali. Quando olhou em volta, Dana percebeu que novamente era o centro das atenções. Talvez por seu olhar endurecido, todos tenham voltado aos seus afazeres sem comentários. O único que arriscou sanar a curiosidade foi o rapaz que dividia a mesa dupla com ela; Jeff qualquer coisa.

– Desculpe-me, mas não pude deixar de ouvir que se desentendeu com alguém – disse solícito. – Você está bem?... Quer que eu providencie um copo com água?

– Não, obrigada. – disse sem olhá-lo.

Ele ainda tentou insistir, porém foi ignorado. Dana pegou sua bolsa no encosto da cadeira e marchou até a sala de Cindy Howden. Depois de duas batidas nervosas, entrou sem esperar resposta.

– Perdoe-me – disse tentando aparentar uma calma que não possuía –, mas recebi um telefonema importante... Urgente na verdade. Sei que mal cheguei, mal comecei minhas atividades, mas preciso sair... Serei breve e prometo que compenso ficando até mais tarde.

– Tome o tempo que precisar querida.

Dana não esperou por uma nova liberação. Em minutos estava a caminho de Hamilton Heights, rogando fervorosamente que Paul estivesse lá; queria respostas imediatas. Enquanto acelerava Dana lamentou que o ex-namorado não estivesse em seu trabalho. Se é que ele ainda teria coragem de trabalhar na McCain & Associated. Assim como lamentou a ausência de Ethan, pois poderia resolver dois problemas de uma só vez. Se Ethan não estivesse fora da cidade, ela poderia finalmente lhe pedir perdão. E talvez, quem sabe, quando voltassem às boas, o namorado quebrasse a outra mão do rábula traidor; não foi assim que Ethan se referiu ao desafeto?

Em Hamilton Heights, diante do prédio, Dana fez como de costume; buzinou duas vezes. Logo o porteiro abriu o portão para que entrasse. Assim que estacionou e deixou o carro, Dana correu para o elevador. A raiva lhe dava força. Dana queria que Paul a encarasse para que ele admitisse, olhando em seu rosto, a qualidade de mentiroso ardiloso que era.

Já no oitavo andar, Dana agradeceu por não ter tirado a chave do ex-namorado de seu próprio chaveiro; não teria paciência de esperar que ele viesse abrir a porta. Sem prévio aviso, entrou na sala ampla. Não sentiu a mínima nostalgia, somente remorso por ter estado ali na noite de quarta totalmente esquecida de Ethan. Ao se lembrar ela sentiu o

baque no coração; agora era obrigada a esquecê-lo. Ele não era mais seu namorado como pensou minutos antes. Não eram nada um do outro.

Respirando fundo, Dana deixou suas lamentações e se concentrou em sua missão naquele apartamento. Depois de fechar a porta e se voltar, teve que tapar a boca para não gritar de susto. A sala estava vazia a um segundo, não havendo tempo hábil para que Paul já estivesse ali, parado no meio do cômodo.

– O que está fazendo aqui? – Ele perguntou com expressão estranha.

Ainda com o coração a palpitar pela súbita aparição, Dana o mediu por um instante. Paul parecia diferente, mas ela não identificou o que poderia ser. Com certeza estava nu sob o lençol que mantinha preso à cintura. Satisfeita Dana constatou que a visão daquele corpo não exercia qualquer apelo sobre o dela. Outra constatação, seguida a primeira, atordoou-a; ela não se importava.

Diante de Paul não fazia a menor diferença se ele havia atrapalhado a contratação ou não. De repente toda a vontade de confrontá-lo se foi e Dana desejou ardentemente não estar ali. Intimamente agradecia o fato de, depois de tudo, não ser preciso encontrá-lo nunca mais.

Sem um tema a ser discutido, permaneceram se encarando em silêncio, cada qual perdido em seu próprio pensamento. Decidida a ir embora, Dana começou a tirar as chaves do ex-namorado de seu chaveiro para devolvê-las sem notar que ainda era encarada.

– Dana o que veio fazer aqui? – Paul perguntou, agora com voz rouca.

Antes que ela pudesse responder, uma voz conhecida soou ainda no corredor.

– Amor, por que a demora?... O que veio ver aqui na...

Dana ergueu o olhar no segundo exato em que a moça se interrompeu e parou à entrada da sala. Parando o que fazia, Dana encarou uma Melissa tão surpresa quanto ela própria. A amiga vestia apenas uma calcinha e o sutiã que Dana deixou para trás na quarta-feira. Inacreditável. Ainda que não se importasse, não teria como deixar passar.

– Melissa? – Dana perguntou diretamente a Paul, com uma sobrancelha erguida. – E ainda se achou no direito de me cobrar fidelidade?

– Anjo, não é nada disso. Eu posso explicar. – O ex começou sem qualquer alarme. Como se estivessem apenas os dois, assegurou: – Ela não é importante.

– Ei, eu estou bem aqui! – protestou Melissa. Depois de passar por Dana, se colocou entre o casal para medir Paul de alto abaixo. – Como não sou importante? E todo o tempo que nós estamos juntos? Não disse que “ela” era o passado e que agora assumiria nossa relação?

Caso pudesse Dana teria rido do duplo descaramento, mas nem a cena patética era capaz de recuperar seu humor. Apesar de não afetá-la, atiçou-lhe a curiosidade.

- De quanto tempo estamos falando exatamente?
- Não dê ouvidos a ela - Paul rosnou.
- O suficiente. - Melissa respondeu altiva. - Gostou do vestido e dos sapatos da *Saks*?
- Cale a porra da boca, Melissa! - Paul novamente rosnou.

Paul parecia tão colérico quanto Ethan, na vez que quebrou a mão do desafeto. Dana nunca viu o ex-namorado alterado daquela maneira, mas não se intimidou. Seus brados não eram nada impressionantes se comparados aos do patrão. Melissa parecia pensar da mesma forma, pois continuou seu tagarelar debochado.

- Eu o ajudei a escolher - revelou maldosamente. - Paul queria comemorar o novo emprego com o advogado famoso, mas se sentia culpado por ter feito você perder o seu.

- Melissa, eu estou avisando... - Paul ciciou. Ele tentava calá-la, porém somente com pedidos. Nunca se moveu um milímetro para impedi-la de continuar. Permaneceu parado onde estava com as mãos em suas costas, segurando o lençol.

- Sua namorada não está dizendo nada novo, além do fato de ela ter bom gosto ao escolher algo que eu apreciasse. - Com os polegares em histe, Dana devolveu o deboche. - Valeu Lissa! O vestido é lindo e os sapatos confortáveis. Agora, quanto ao meu emprego. - disse novamente a Paul. - Fiquei sabendo há pouco sobre sua contribuição para minha dispensa. Por isso estou aqui. Gostaria de entender como pôde ser tão frio e dissimulado.

- Não fale assim com Paul! - Melissa o defendeu, puxando Dana pelo braço.

- Escute aqui Melissa. - Dana a alertou depois de bater na mão que a segurava. - Não dou a mínima que estejam juntos. Graças a Deus, ao destino ou a minha boa sorte, eu não tenho mais nada, ouviu bem? "Nada" a ver com Paul. Faça bom proveito de um homem que a usou tanto quanto a mim.

- Não fui usada... - Melissa replicou.

- Foi, e muito mais, pois eu nunca o ajudei a escolher presentes para você. Nunca encontrei restos seus aqui... - ela disse indicando o sutiã -, assim como jamais os usaria se os encontrasse. Não sou de sua classe, então não ouse me tocar.

- Escute aqui sua... - Melissa começou, porém a voz firme de Paul a fez calar.

- Cale a porra da boca, Melissa. E saia daqui. Não vê que está sobrando?... O assunto é somente entre mim e Dana.

Dana não se comoveu com a expressão sofrida da ex-amiga. Engolindo o choro, Melissa correu para o quarto e bateu a porta com violência.

- Anjo... - Paul chamou a atenção de Dana. - Entendo que esteja chateada, mas como disse antes, eu posso explicar tudo que está acontecendo.

– Não se dê ao trabalho – liberou-o, voltando a desprender as chaves dele de seu chaveiro. – Sim, eu queria entender, mas agora não tem importância. Não quero saber como funciona a mente podre de Melissa, Billy ou a sua. Pessoas mesquinhas. Tão inseguras que precisam se alto afirmar transando com o namorado da amiga, procurando pela juventude e virilidade perdida em garotas inexperientes, como seu amigo Billy. Ou impedido que alguém cresça profissionalmente – disse apontado para ele.

Paul nada disse. Apenas seu maxilar se movia dando indicações que não gostava de nada do que ouvia. Sem se importar, Dana terminou de retirar a chave de seu molho.

– Vocês são nojentos e tudo que quero é distância de toda essa sujeira. – declarou ao atirar a chave. Esta atingiu o peito de Paul e caiu ao chão, pois ele não se moveu. Dana pouco se importou, e concluiu: – Agradeceria se nunca mais me dirigisse à palavra.

Sem olhar para trás, Dana deixou o apartamento. De volta ao carro, novamente ela se sentiu vazia. Livre da raiva, não sobrou nada para impulsioná-la. Na verdade, ficou um pouco pior, ao perceber quantas vezes magoou Ethan demonstrando afeto por um ex-namorado que desconhecia. Naquele momento Dana descobriu que o tempo de convivência com alguém não tinha a menor importância. Muitas vezes se prendeu ao fato de não conhecer Ethan, julgou-o por tê-la enganado e usado, contudo, ele foi mais verdadeiro em dias do que Paul em anos.

Deixando a garagem e o prédio, Dana se perguntou em que mundo viveu até quinta-feira passada. Não estava gostando daquela nova realidade que lhe era imposta. Por outro lado era agradecida por ter sido despertada. Lamentava apenas que tivesse acontecido tarde demais, e que agora, estivesse sozinha. Sem o amor de Ethan para dar um pouco de beleza àquele novo mundo, feio e sujo.

Capítulo Trinta e Dois

Dana olhava para a tela de seu computador sem ver as palavras. Nesses momentos de lucidez se surpreendia por conseguir redigir alguma matéria. Era como se trabalhasse no automático. Aquele era seu quinto dia no *Today*. Dana não saberia dizer se gostava ou não, assim como pouco ou nada tinha a dizer sobre seus colegas. De todos, somente tomava consciência de Cindy, ainda dividida no sentimento que dirigia a ela. Ora ressentimento pela proximidade com Ethan, ora agradecida por toda atenção e carinho demonstrados desde a segunda-feira.

– Dana? Dana? Você está bem?

Piscando algumas vezes, Dana olhou na direção da voz masculina e se deparou com o colega que tinha a mesa ligada a dela; não se lembrava o nome dele.

– Sim, estou. Por quê?

– Sei lá... – ele começou sem jeito. – Você está parada há tanto tempo fitando o vazio que achei estranho.

Sem mover a cabeça, Dana correu os olhos em volta até novamente pousar o olhar na tela de seu computador, situando-se onde estava. Mais uma vez se desligou, mas sabia se tratar de quinta-feira. Fazia exatamente uma semana que estava sozinha. Esteve por tanto tempo “desligada” daquela vez que o monitor exibia o logotipo do jornal em movimento.

– Dana?

Dessa vez, com o braço esticado e o corpo erguido em sua direção, o rapaz estralou os dedos diante de seu rosto. Impaciente Dana o encarou.

– O que foi agora?

– Você estava fitando o vazio novamente e... – ele coçou os cabelos da nuca, procurando as palavras. – E seu olhar é meio sinistro... Ele me assusta.

– Então não me olhe. – Dana aconselhou secamente.

– É impossível Dana! Nós nos sentamos de frente um para o outro.

– Por que está me chamando de Dana? – perguntou na defensiva.

– Esse é seu nome profissional, não? É como você assina suas matérias e todos te chamam assim. Sério mesmo, você está bem?

Claro, como foi esquecer? Aborrecida com a incoerência, Dana resolveu que o rapaz não tinha culpa do que acontecera a ela nos últimos dias. Tentou lhe sorrir; não conseguiu.

– É verdade – anuiu. – Eu ando meio aérea, desculpe. E sim, eu estou bem... Somente com um pouco de dor de cabeça, mas nada que deva se preocupar.

– Tenho aspirina aqui, se desejar... – ofereceu solícito.

– Tomei algumas antes de vir para cá, obrigada.

O rapaz lhe sorriu abertamente. Dana reparou seu rosto, mas não soube dizer se o achava bonito – para ela toda forma de beleza se resumia a Ethan. Nada seria comparável.

– Tudo bem... – Novamente ele coçou os cabelos negros da nuca. Incerto, prosseguiu: – Não pude deixar de notar que você não saiu para almoçar... De novo.

– O que tem isso? – Dana perguntou, novamente de mau humor com a intromissão.

– Nada se você deseja virar um faquir... – ele riu da própria piada, mas como não foi acompanhado, refreou o riso. – Sério. Não é legal ficar sem comer. Se quiser posso arrumar algo para você. Posso pedir um lanche... Você curte *McDonalds*?

– Não muito e sinceramente não estou com fome. – Apaziguadora, completou: – Obrigada por se preocupar, mas estou realmente sem apetite.

– Está certo – desistiu –, mas se precisar de algo, pode pedir sem receio.

– Obrigada.

Dana sequer o olhava. Forçando-se a manter a concentração, tocou seu mouse para voltar ao trabalho. Ao ver a manchete que apareceu na tela, Dana recordou que desligou justamente por lê-la. No monitor Melissa lhe sorria da ilustração em uma nota policial, igual às dos últimos dias.

A ex-amiga havia sido morta como Sarah e Laureen – jamais esqueceria aqueles nomes. A morte de Melissa inquietava Dana por agora saber que a colega de profissão foi assassinada por um vampiro louco e sádico que perseguia pessoas inocentes, e ex-amantes de Ethan. Mas Melissa não era amante de Ethan, então, onde ela se encaixava naquela história? Seria somente a vítima inocente? Dana não conseguia acreditar na coincidência. Então o quê?

De repente pareceu haver uma peça faltante naquele quebra-cabeça macabro e Dana temeu por sua própria sorte. Estava sozinha. Ethan se foi; Joly se foi... A vampira havia dito para ela seguir suas recomendações que ficaria bem, mas seria o suficiente? Doía-lhe o coração pensar daquela forma, mas para todos os efeitos, ela “era” uma ex-amante de Ethan; um alvo provável.

E foi exatamente nesse ponto do raciocínio anterior que se “desligou”, pois pensou que talvez não fosse ruim ser encontrada morta. Na verdade aquele vampiro louco lhe prestaria

um favor, visto que já se sentia uma morta-viva há uma semana. A dor da perda por vezes era lancinante. Encontrava paz somente quando ficava sozinha no vazio; respirando, respirando.

– Dana.

Dana deu um sobressalto quando sentiu uma mão tocar seu ombro. Quando olhou em volta percebeu que a luz ambiente tinha mudado. Procurando pelas janelas viu que já havia anoitecido. Desligou-se por uma tarde inteira!... Dana reprimiu um gemido de agonia. Se continuasse assim logo seria dispensada do *Today*, e por motivos reais.

– Dana – chamou o colega de mesa. – Estou realmente preocupado com você.

– Não precisa. Foi só a dor de cabeça... Mas já está passando. – Automaticamente Dana moveu seu mouse e mudou a página com a matéria sobre o assassinato de Melissa, abrindo a que estava redigindo sua matéria. – Assim que terminar isso aqui eu vou para casa descansar, não se preocupe.

– Desculpe insistir, mas não precisa terminar nada. – Quando ela o encarou com as sobrancelhas unidas ele se corrigiu. – Bem... Cindy não se incomoda quando levamos algo para terminar em casa. Quase todos já se foram, inclusive ela. Então não vejo problema se você salvar o que está fazendo e terminar depois. Sei que não é da minha conta, mas não me sinto confortável em ir embora te deixando aqui assim desse jeito.

Dana olhou em volta. Realmente o número de jornalistas havia reduzido a cinco contando com os dois. Os outros três estavam imersos em seus afazeres; nem tomavam conhecimento da conversa deles. Como não faria diferença onde “não” fazia seu trabalho, Dana aquiesceu.

– Você está certo. – Tentou lhe sorrir. Agora lhe incomodava não lembrar o nome do colega solicitado. – Pode ir sossegado, prometo que já vou para casa.

– Nada disso. – Ele negou firme. – Não vou correr o risco de chegar amanhã e encontrar você na mesma posição que a deixei. Eu te acompanho até seu carro.

Dana pensou em retrucar, mas nada disse. Salvou a meia página de sua matéria e juntou suas coisas.

– Vamos então... – chamou ao se por de pé para acompanhá-lo. Desceram em silêncio e ao chegarem à garagem, Dana se despediu. – Até amanhã.

– Até amanhã Dana.

Ao assumir seu lugar ao volante, Dana se sentiu observada, como há dias não acontecia. Especulou se seria Ethan, mas descartou a hipótese no segundo seguinte, antes que se enchesse de esperanças vãs que apenas tornariam sua noite ainda mais vazia em meio aos lençóis. Sim, agora ela dormia na cama, desejando fervorosamente sonhar com Ethan; nunca acontecia. Vivía no vazio dia e noite, mas a ausência de imagens boas ou ruins não

impedia que acordasse queimando no desejo mais intenso que seu corpo pudesse sentir. A falta de Ethan a consumia de todas as maneiras.

Tentando afastar a lembrança e sensação ilusória de observação, Dana girou a chave e nada aconteceu. O carro resmungou, engasgou e nada. Exatamente como dias atrás. Droga. Ela ainda tentava dar partida quando seu colega de mesa se aproximou de sua janela. Dana o ignorou, determinando ser quem a observava afinal.

– Não adianta ficar virando a chave. É mais fácil quebrá-la que fazer seu carro funcionar.

– Sei disso. – Ela retrucou de mau humor. – Por que não me deixa em paz?

– Porque se eu fizer isso você não tem carona. – Ele gracejou com seu bom humor irritante e inabalável.

– E quem disse que eu preciso de carona?

– Seu carro.

Dana não tinha como contestar. Poderia pegar o ônibus ou o metrô, mas não se sentia inclinada a se desligar sozinha em um meio público de transporte. Poderia fazer isso no carro dele. Bastaria lhe dar seu endereço e seguir em silêncio. Contendo um bufar exasperado, Dana pegou sua bolsa e saiu do carro.

– Está bem, me desculpe... Aceito sua carona.

– Legal! – Ele exclamou, conduzindo-a até o próprio carro.

Dana agradeceu intimamente por ele não ter feito menção de abrir a porta para ela. Assim que afundou no assento, Dana desejou desligar, mas não poderia ser assim. Depois de saber para onde deveria seguir o rapaz nunca mais se calou. Tudo que Dana assimilou é que ele escrevia para o caderno de esportes, ponto. No mais, apenas ouvia-lhe a voz, acenava afirmativamente quando achava que devia e se forçava a sorrir quando ele fazia o mesmo.

A vontade de Dana ao pararem a frente de seu prédio, era deixar daquele carro o quanto antes para se refugiar em seu apartamento, como nos últimos dias. A noite ameaçava chuva, clima perfeito. Porém parecia que o rapaz estava com disposição para mais monólogos.

– E então, consegui animá-la um pouco?

– Sim, obrigada! – Dana tentou sorrir.

– Nossa... Você é péssima mentirosa, mas pelo menos sorriu. Isso pareceu sincero.

Dana sorriu novamente, um tanto arrependida por não lembrar o nome dele. Mas talvez fosse melhor assim, afinal ela não se sentia inclinada a fazer novas amizades; não fora do

âmbito profissional. Logo Dana percebeu que o mesmo não se dava com o rapaz, ao sentir um toque em seu cabelo. Ela teve um sobressalto e se esquivou em direção à porta.

– O que pensa que está fazendo?

– Dana, me desculpe, eu...

– Não se desculpe. Eu é que não deveria ter vindo com você. – Ela o cortou, aborrecida.

– Não, Dana. É sério, me desculpe... – ele insistiu. – É que você parece tão frágil e irreal. Sozinha em seu próprio mundo que... Sei lá!... Senti necessidade de te tocar.

Dana concluiu que ele estava sendo sincero e relaxou no assento. Não estava 100% certa; jamais confiaria em seu julgamento visto que cometeu várias avaliações erradas nos últimos tempos, mas abriria uma exceção naquele caso.

– Tudo bem! Só não... Faça isso novamente. Não gosto de ser tocada.

– Isso não pode ser verdade. – Ele franziu o cenho, avaliando-a. – O que aconteceu? Deixe-me adivinhar... Rompeu com o namorado?

– Mais ou menos isso, então... Tão cedo não quero saber de envolvimento. – Nunca mais, pensou. Pois Ethan ocuparia todos os espaços disponíveis até o último dia de sua vida.

– Bem... Realmente lamento ouvir isso. Sei que você pouco vê quem está perto, mas eu estive de olho em você desde o dia que foi na redação para sua entrevista. Estava ansioso pelo dia que começaria a trabalhar conosco – ele sorriu consigo mesmo. – Tales não gostou nada de ceder a mesa a você, mas ele me devia um favor.

– Armou para que eu me sentasse com você?

– “Armou” é uma palavra muito forte – Ele comentou na defensiva. – Apenas quis melhorar meu campo de visão. Vamos combinar que você é mais interessante que o Tales.

Dana novamente se aborreceu, ainda mais que aquele assunto apenas a entediava profundamente; não envaidecia como talvez ele esperasse.

– Obrigada pela carona, pelo elogio, mas preciso mesmo ir – anunciou, procurando a maçaneta. – Até amanhã e...

Tudo aconteceu muito rápido. Ao se voltar para a despedida Dana descobriu o rosto dele muito perto, à espera. Bastou segurar o dela e a beijar. Ela bateu nas mãos grandes que a prendia pelo maxilar firmemente; porém o rapaz era forte. Sem se importar com seus protestos abafados, ele passeava a língua pelos lábios fechados, forçando passagem. Por ser fraca, Dana cogitou mordê-lo para que a soltasse, porém não foi preciso. Subitamente o carro foi sacudido por uma forte batida na traseira. A força da pancada fez os vidros vibrarem.

– Mas o quê...?

Dana aproveitou a surpresa de seu atacante e saiu para a calçada, completamente esquecida do beijo. Segurando sua bolsa fortemente, ela olhou toda a rua nas duas direções, confirmando suas suspeitas. Não havia nada ali que pudesse ter batido no carro. Dana não queria alimentar falsas esperanças, mas sua cabeça gritava somente um nome; Ethan.

– Merda! Meu carro foi amassado. – Ele reclamou antes de se aproximar, visivelmente preocupado. – Dana, você está bem? Eu...

A frase foi interrompida por uma sonora bofetada bem no centro de sua face esquerda.

– Eu disse que não gostava de ser tocada! – Dana vociferou. – Nunca mais se atreva a encostar as mãos em mim, ouviu bem?

Sem esperar resposta Dana correu para a entrada de seu prédio, ansiosa para chegar ao apartamento e confirmar sua suspeita. “Seja você, seja você” entoava o pedido enquanto saltava de dois em dois degraus. Diante de sua porta, Dana respirou fundo e entrou preparada para não gritar caso Ethan estivesse a sua espera, transtornado pelo ciúme.

Para sua decepção a sala estava vazia. Ainda esperançosa, Dana correu até o quarto, foi até a sacada e nada. Apoiando-se no parapeito, ela sorveu o ar pausadamente forçando caminho até que este chegasse aos seus pulmões.

– Onde está você? – gemeu aflita. – Apareça... Por que não volta? Não precisa me aceitar de volta, apenas me deixar pedir desculpas...

Não teve resposta. Ethan não estava ali. Nunca mais estaria em lugar nenhum para ela. Sem forças, Dana caiu sentada no chão da sacada. Abraçada às próprias pernas, Dana chorou copiosamente até que sentisse frio. Então, ainda sem forças, arrastou-se até sua cama onde se deitou com sapatos e tudo. Abraçando-se ao travesseiro que costumava ter o cheiro de Ethan, ela chorou até dormir, completamente esgotada e vazia; sozinha.

Quando chegou à redação na manhã seguinte – depois de despachar o mecânico que a trouxe e levou seu carro – Dana estava preparada para ignorar seu inconveniente colega de mesa. Para o bem de sua paciência, ela não precisou se esconder atrás de barreiras invisíveis, pois ele não estava lá. E não chegou ao longo da manhã. Ela não sabia o que havia acontecido, mas agradecia por ser poupada de uma proximidade constrangedora e indesejada.

– Oi... – Dana ouviu o cumprimento de um colega, que se aproximou de sua mesa, horas depois. – Dana, não é isso?

– Sim, é isso. – confirmou vagamente.

– Dana... – o homem parecia sem jeito, mas não de verdade, pois tinha um brilho malicioso no olhar.

– Agradeceria se dissesse o que deseja de uma vez.

– É que Jeff não veio trabalhar hoje... – disse ele. Dana se perguntou quem raio era Jeff. O homem prosseguiu: – E isso é realmente incomum...

– E o que eu tenho a ver com isso? – Ela perguntou seca. Não estava interessada em fofocas de redação.

– É que vocês saíram juntos ontem, então pensei...

Certo. Ela se lembrou que Jeff era o rapaz que a atacou. Suspirando fundo, cortou-o.

– Não sei o que pensou e nem me interessa. Não tenho como saber o porquê de ele não vir hoje. Agora, se me der licença, tenho mais o que fazer.

– Claro, claro... Desculpe. – Ao se afastar ele completou para si mesmo. – Como se contemplar as paredes fosse ofício agora.

Dana nem poderia retrucar. Tinha consciência que era justamente aquilo que fazia na maior parte do dia. Vez ou outra se perguntava quanto tempo demoraria até que Cindy lhe chamasse a atenção. Não precisou esperar muito, pois logo depois que voltou do almoço a editora a chamou em sua sala. Dana assumiu a cadeira indicada e esperou apreensiva até que Cindy Howden deixasse de olhar a tela de seu computador para encará-la.

– Eu gostaria de saber o que está acontecendo senhorita Hall.

– Em qual sentido? – Dana perguntou mordendo os lábios.

Era extremamente difícil ficar perto de Cindy sem se lembrar de Ethan. Por vezes se perguntava se a viúva sabia sobre a imortalidade. Se eles... Não Dana, demandou a si mesma. Esqueça-o. Sem notar, ela passou a torcer os dedos. Não queria esquecer nem ser esquecida.

– Dana Hall, você está me ouvindo? – A voz de Cindy rompeu sua bolha.

Ela se esforçou a prestar atenção. Sua editora estava de pé, parada ao seu lado, olhando-a assombrada. Dana pousou as mãos quietas sobre o colo.

– Desculpe-me. Eu me distraí... O que a senhora disse?

– Eu estava justamente falando dessa sua distração. Você não me pareceu ser assim dispersa quando nos conhecemos ou quando a vi no escritório de Ethan.

– Já disse. Estou passando por problemas pessoais e...

O que diria? Dana tinha de ser profissional, mas simplesmente não conseguia. Ethan a ocupava como um todo, não tinha como trancá-lo num canto de sua cabeça. Ainda mais depois de ouvir seu nome dito de forma íntima.

– Eu entendo – disse Cindy complacente, antes de voltar à sua cadeira –, mas gostaria que você se concentrasse mais no que faz. Sempre que leio suas matérias desde que se

juntou a nós, percebo que você foge da proposta, como se nem percebesse o que está escrevendo.

– Por que essa impressão? – Dana se alarmou. – Eu escrevi alguma bobagem? Se eu...

– Calma, Dana – pediu a editora erguendo as mãos. – O problema não é se escreve bobagens ou não. É que... O tom que você adotou em suas matérias me assusta. Não era assim antes. Você sempre foi impessoal, mas sentíamos sua empatia com o assunto. Agora você imprime um tom melancólico; derrotista.

Dana se manteve calada, pois não argumentaria contra os fatos. Cindy prosseguiu, colocando seus óculos de leitura para ler diretamente no monitor.

– Veja o final da matéria que me enviou. “Com o país a mercê de políticos e suas opiniões divergentes, a guerra ao terror que seca os cofres públicos e ceifa as vidas dos jovens mutilando suas famílias, e cercados de pessoas doentes no âmago de seu caráter desprovidas de afeto fraterno, não temos muito que agradecer no próximo Dia de Ação de Graças”.

Dana olhava para Cindy como alguém que cometeu uma falta grave. A editora retirou os óculos e a encarou.

– Isso fugiu totalmente do contexto. O Dia de Ação de Graças é uma data festiva, não o dia de salientar problemas que todos estão cansados de ver na mídia diária.

– Sei disso... Desculpe.

– E nem vou comentar o fato de você sugerir um pouco acima que a data fosse abolida.

– Nem tenho mais como me desculpar.

– Nem eu quero isso. – A editora declarou conciliatória. – Quero apenas que você faça as matérias de antes... Com esse mesmo afincio, mas dispensando a depressão.

– Tomarei maior cuidado, pode deixar.

– Não quero simplesmente que “tome cuidado” – Cindy falou firmemente. – Quero que você saia dessa apatia; que venha realmente se juntar à equipe. Formamos uma família aqui. E desejo que você faça parte dela.

– Mas eu faço. – Dana tentou sorrir.

– Ah, sim?... Qual é o nome do rapaz que divide a mesa com você?

– Jeff. – Ela não acrescentaria que lembrou naquela manhã.

– E sobre o que ele escreve?

– Não faço a mínima idéia – admitiu séria, começando a se aborrecer com o interrogatório. – Certo, talvez eu ainda não esteja totalmente enturmada, mas...

– Menina, você nem sabe que está no meio de uma turma! – exclamou Cindy derrotada. – Nem eu, que ainda amo meu marido e sinto a falta dele todos os dias não me entreguei assim depois de sua morte. Então, sinceramente não entendo o luto por Ethan. Ele está vivo. Relacionamentos terminam todos os dias, você precisa aprender a lidar com isso.

Dana sentiu o estômago girar. Subitamente a constante falta de ar se agravou. “Eles estavam juntos”, a cabeça dela gritou. Aquela era a única explicação para que a editora soubesse do rompimento. Lutando com o pranto iminente, Dana procurou por confirmação.

– Como sabe sobre mim e Ethan?

– Eu tenho olhos para ver, menina. – Cindy lhe sorria brandamente. – a proximidade que demonstram é esclarecedora e eu os vi na McCain & Associated, esqueceu?

– Não, não esqueci. – Dana também jamais esqueceria o sentimento corrosivo que a invadiu naquela tarde, assim como jamais esquecia o que sentia agora. – Mas isso não explica o fato de você ter mencionado uma separação. Como sabe disso? Foi Ethan quem disse?

A pergunta deixou um gosto amargo e tornou difícil controlar a comoção. Ethan a esqueceu mais rápido do que poderia imaginar. Ao pensamento uma lágrima rolou pelo canto do olho, rapidamente Dana a secou com mão trêmula. Sem ar, ela desistiu de ouvir a resposta e desejou sair dali. Não queria detalhes sobre o novo caso de Ethan McCain. Preparava-se para pedir licença, quando Cindy respondeu.

– Há dias não tenho contato com Ethan. Aliás, desde aquela tarde que nos encontramos no escritório.

– Mas então, como você sabe? – Dana queria acreditar na editora.

– Como já disse, eu tenho olhos para ver... E experiência suficiente para reconhecer os sintomas de rompimentos.

– Ah... – exalou apenas.

– Acredite. Lamento que não tenha dado certo entre vocês. Formavam um lindo casal. Senti que havia algo entre vocês desde o Halloween. Charles também notou e como gostava muito de Ethan, decidiu lá mesmo que a contrataria. – A voz de Cindy se tornou embargada. – Se ele não tivesse morrido naquela noite, você estaria conosco há muito mais tempo.

– Assim?... Sem conhecer meu trabalho? – Dana limpou uma lágrima que teimou em cair; não esperava por aquela declaração.

– Sim... Ethan é uma ótima referência. Trabalhamos com seus advogados desde que ele chegou à cidade. Nunca fomos íntimos, mas Ethan sempre foi extremamente atencioso e meu marido apreciava isso. Dizia que ele era um cavalheiro como não mais se via, então... Como não se encantar? E também tem o fato de Ethan não desperdiçar elogios... Se ele aprovou seu trabalho, não tínhamos porque duvidar.

Dana deixou de ouvir na parte em que a editora disse não ser íntima de Ethan. Contudo, apesar do alívio, ela não se animou. Nada tinha mudado.

– Bem... – Cindy recomeçou receosa. – Já que estamos no assunto... Se não fosse muita intromissão de minha parte, eu poderia saber por que terminaram?

Claro, pensou em zombaria. Depois de se enfiar na minha cama e no meu coração noites e noites até me viciar nele, descobri que Ethan é um vampiro e que me matou três vezes no passado. Lógico que não acreditei que não mataria de novo e fugi. Provavelmente já fui esquecida, enquanto me encontro nesse estado lamentável. Em voz alta ela disse:

– Eu descobri uma coisa que ele fez... E... Não reagi bem. Acho que Ethan esperava outra atitude de minha parte. Eu o decepcionei. Magoei na verdade, e isso parece não ter perdão para alguém como ele, pois depois disso não consigo nem me desculpar.

Ao terminar a explicação não teve como conter as lágrimas, então ela apenas abaixou a cabeça e chorou. Estava cansada.

– Shhh... Querida, não fique assim – pediu Cindy lhe estendendo as mãos sobre a mesa. Sentindo-se sozinha, Dana as aceitou. – Vamos deixar de formalidades, está bem? – Dana assentiu, ainda chorando. Cindy então prosseguiu: – Deve ter alguma coisa errada nessa história, Dana. Duvido muito que Ethan não a deixasse se desculpar. Talvez até resolvessem esse mal-entendido.

– Acho... – Dana fungou. – Acho que eu não era tão importante assim.

– Impossível! – exclamou a editora descrente.

– Não! É bem possível na verdade... Não entendo nem como ele foi se interessar por mim em primeiro lugar...

– Você é uma jovem bonita. E mesmo que não fosse, saiba que o amor não tem explicação e tampouco precisa de entendimento. Ele apenas acontece e acredite... Ethan a ama!

– Acho que sim, mas agora...

– Dana... – Cindy chamou-lhe a atenção, dando tapinhas em suas mãos. – Talvez eu arrume uma encrenca dos diabos, mas acho que posso provar o quanto Ethan a ama.

Dana encarou a editora, incrédula. Se a relação era apenas profissional, como Cindy poderia saber algo que validasse os sentimentos de Ethan?

– Ele me pediu descrição quanto ao que vou dizer – Cindy prosseguiu –, mas acredito que a verdade ajude a mudar o julgamento errado que está fazendo.

– Certo... – Dana desprende as mãos e se recostou na cadeira, cruzando os braços numa atitude defensiva. – Prove o improvável.

– Ethan esteve aqui na semana passada para pedir que eu a contratasse.

– Então eu devo saber que ele me ama porque veio pedir pessoalmente um emprego para mim? – Dana perguntou cética.

– Não... – Cindy negou com certa impaciência. – Você saber que Ethan a ama porque ele comprou mais da metade de um jornal à beira da falência somente para que eu tivesse condições de contratá-la.

– Eu acho que não entendi – ela murmurou, piscando algumas vezes. Ethan fez o quê?!

– Foi o que você ouviu. Fui até o escritório aquele dia justamente para assinar os papéis. Ethan agora é meu sócio, e isso por sua causa.

– Ele não fez isso... – Dana negou intimista.

Talvez os atropelados se sentissem como ela naquele momento. Apesar da dor extrema, seus membros estavam dormentes, sua cabeça zunia. Cindy tinha de estar inventando aquilo. Era demais acreditar que duvidou de Ethan, que o temeu, renegou o amor declarado e fugiu sem titubear no dia em que ele selou um contrato que a favorecia profissionalmente. E isso sem intenção de reconhecimento, afinal Cindy comentou o pedido de discrição.

– Dana, você está bem? – Cindy se pôs de pé, preocupada. – Você está pálida...

Ela não a ouvia. Precisava sair dali. E foi o que fez. A editora ainda a chamou de volta, mas Dana sequer ouviu, apenas pegou sua bolsa e deixou a redação. Na calçada, sem sentir os pingos finos da chuva, ela andou até o meio fio e esperou por um táxi. Assim que este encostou, uma mulher vinda do nada tentou entrar antes dela. Instintiva, Dana a empurrou e entrou no veículo, deixando a mulher a xingá-la. Que se danasse! Tinha urgência.

Com o coração aos saltos e as pernas bambas, Dana atravessou as portas de vidro do NY Offices. Nem mesmo olhava para os lados; seu foco eram os elevadores. Não era possível que Ethan ainda estivesse viajando; ele “tinha” que estar ali. E agora que acreditava estar perto a ansiedade a sufocava mais. Mesmo tendo sido extremamente injusta, Dana rogava que Ethan a ouvisse. Quem sabe assim, se ele ainda a amasse não a perdoasse e a recebesse de volta?

Diante da mínima possibilidade de estar com Ethan novamente o coração de Dana falhou uma batida. Ela estava mesmo indo de encontro a um vampiro. Ar, ar. Ela precisava de ar, mas continuava a avançar decidida. Estava a poucos passos de um dos elevadores quando sentiu um toque leve em seu ombro. Com um sobressalto, Dana se voltou.

– Desculpe-me, senhorita – disse um dos seguranças –, mas preciso pedir que se retire do edifício.

– Como?! – Dana juntou as sobrancelhas.

– Não é bem-vinda!

– Como assim, não sou bem-vinda?

– Por favor, senhorita... – o vigia pediu educadamente. – Não crie problemas... Apenas se retire. Tenho ordens para não deixar que suba.

– Ordens de quem?

– Não preciso responder a isso. – Ele disse impassível, pousando uma das mãos nas suas costas para guiá-la até a saída.

– Não toque em mim! – Dana se esquivou. – Conheço o caminho.

Contrafeita, Dana obedeceu tentando adivinhar quem poderia proibir sua entrada no edifício. O segurança a deixou na calçada sem que encontrasse uma resposta.

– Sinto muito, senhorita. Apenas cumpro ordens.

Dana sequer respondeu. Deu-lhe as costas arrumando a bolsa sobre os ombros. Olhou de um lado ao outro. Então viu duas mulheres e um homem saírem da lateral esquerda do edifício. “Entrada de serviço”. Agora que estava decidida não desistiria facilmente, então sem hesitar seguiu para lá. Mais algumas pessoas saíam, alguns olhavam para ela, outros a ignoravam. Para quem a olhava Dana sorria e cumprimentava com um aceno de cabeça.

E assim, misturando-se, ela passou pela porta. Suas pernas estavam mais estáveis. Era questão de honra alcançar o andar dos escritórios. O corredor até o elevador era pequeno. Dana o cruzou rapidamente. Uma vez na cabine, sentiu-se expectante. A cada andar que avançava, saboreava uma pequena vitória. Caso Ethan não estivesse, poderia ao menos falar com Joly ou Thomas.

De repente o elevador perdeu impulso. Dana olhou o marcador dos andares; décimo sétimo. Tentou não se alarmar, porém, quando as portas se abriram Dana se viu diante do mesmo segurança que a colocou para fora.

– Fui informado que você seria insistente.

– Mas como...?!

– E se pretende enganar alguém – cortou-a –, não venha com o crachá de um jornal preso a roupa. Vocês não entendem negativas. – comentou entrando na cabine para apertar o botão do térreo. – Qual parte do “não é bem-vinda” a senhoria não entendeu?

– Entenderia se me dissesse quem proibiu minha entrada. – Dana retrucou, calando o desejo de mandá-lo ao inferno. – Têm vários serviços nesse prédio; eu poderia estar indo até a agência de viagens.

– Mas nós dois sabemos que não está, então, por favor, poupe-me de expulsá-la novamente. Mantenha-se longe dessa vez.

Dana cruzou os braços, atacada por sentimentos ambíguos; indignação e tristeza. Caso precisasse de alguma prova de que Ethan jamais a procuraria, ali estava ela sendo esfregada impiedosamente em seu nariz. Toda a boa expectativa se foi. Ao ser posta para fora do NY Offices, foi cortada de vez da vida de Ethan. Eterna e definitivamente.

Capítulo Trinta e Três

Depois da empreitada fracassada, Dana se deu o restante da tarde de folga. Estava esgotada. Odiando ter descoberto sobre a nova sociedade. Se antes não poderia se desculpar, agora que não era bem-vinda, não poderia agradecer a generosidade e desprendimento de Ethan. Na presente situação, Dana pressentia que nem o desligamento a livraria da dor. Esta seria vitalícia até que morresse velha, solteirona, chata e cercada de gatos. Talvez devesse adiantar sua nota de falecimento para poupar um colega do cargo enfadonho.

Danielle Ann Hall, encontrada por vizinhos em avançado estado de putrefação. Causa mortis; falência múltipla dos órgãos (ou inanição). Não deixa filhos ou netos nem ninguém que chore por ela, apenas uma centena de gatos que serão encaminhados para o departamento de controle de animais.

Nota perfeita! Dana zombou. Monótona e sem graça, bem de acordo para alguém que virou às costas para a chance de viver um amor real, visceral, pleno e feliz. Que na pior das hipóteses, perdeu a chance de morrer prazerosamente sob peso de um vampiro. Agora era tarde, muito tarde para lamentos. Não era imortal. Não tinha força para lidar com um segurança idiota, não poderia se transformar num morcego nem tampouco escalar paredes.

Ao pensamento Dana se sentou ereta, alarmada. Vampiros podiam voar ou escalar paredes? Provavelmente sim, afinal Ethan entrou naquele apartamento facilmente. Dana então especulou quais as chances de ele saber o que havia acontecido no apartamento de Paul e considerou que eram grandes. Sendo um vampiro, ele poderia localizá-la com facilidade, e se seu pensamento estivesse certo, justificaria tamanho ódio. Justificaria o ciúme e os pedidos para que nunca pronunciasse o nome do outro.

Pumft! Evidente que nunca mais seria bem-vinda. Inocente ou não ela cometeu todos os delitos indesculpáveis a uma namorada e Ethan sempre a desculpou. Se ele errou ao usá-la, ela errou sendo cega ao não ver os sinais de tudo que o magoava. Deixá-lo daquela maneira, tão ferido ao ponto de extravasar a dor nos móveis e vidros da cobertura foi apenas a gota final.

A constatação fez o coração de Dana doer ao ponto de “desligá-la”. Quando voltou a si a tarde nublada cedia lugar à noite. Um trovão distante a livrou de vez da apatia. Com um suspiro profundo, Dana se obrigou a levantar. Precisava de um banho, roer alguma coisa e se enroscar em sua cama. Ao se por de pé, Dana lembrou que em sua distração deixou de pegar a correspondência.

– Droga! – reclamou já se dirigindo à porta.

Considerou melhor pegar logo as benditas cartas, assim poderia se refugiar em sua concha particular até segunda-feira pela manhã. Ao chegar ao último lance de escadas Dana

avistou a senhora Flores. A vizinha idosa lhe despertava lembranças perturbadoras, mas não teve como evitá-la.

– Está melhor, minha filha? – A idosa exibia um sorriso afável.

– Estou sim, obrigada... – ela respondeu ao chegar diante dos boxes para as cartas.

– Você não me parece bem... Tem certeza de que não está doente, novamente?

Quem dera Dana pensou, saudosista. Graças a ela nunca mais ficaria “doente”. Para acalmar a senhora usou a desculpa ensaiada.

– Estou apenas com dor de cabeça. Logo vai passar não se preocupe.

– Assim espero minha querida.

– Obrigada. Agora se me der licença... Vou subir.

– Fique à vontade – disse a senhora, voltando a separar suas cartas ali mesmo na entrada. – Dê minhas lembranças à jovem Joly – recomendou subitamente.

– Como disse? – Dana estacou.

– Eu disse... – a senhora começou pausadamente. – Dê minhas lembranças à jovem Joly. Ela passou tão rápido que nem tive tempo de cumprimentá-la.

– Joly passou por aqui? – Incrédula e trêmula, Dana se apoiou no corrimão.

– Sim, antes que você descesse. Não a encontrou enquanto descia?

A negativa de Dana sequer foi ouvida, pois ela imediatamente correu escada acima. Assim que passou por sua porta jogou as cartas pelo vão mínimo da soleira e seguiu até a porta da amiga, para logo bater contra a madeira insistentemente.

– Joly... Sei que está aí. Abra! – Nada. Silêncio. – Abra Joly! – Dana pediu sempre batendo à porta. – Preciso falar com você. Abra, por favor...

Dana começou a sentir necessidade de ar. Era inacreditável que Joly a ouvia implorar sem atendê-la. Vampiros seriam, mesmo, assim tão insensíveis?

– Por favor, Joly... Apenas converse comigo um pouco – pediu. – Ainda podemos ser amigas... Eu também sinto a sua falta!

Nada. Nem um único ruído vinha do interior do apartamento. A ansiedade virou desespero. Ainda batendo à porta, Dana sentiu as lágrimas quentes caindo por seu rosto. Sabia que logo perderia as forças e a voz. Então lembrou.

– Você disse que gostava de mim... Prometeu que me ajudaria... – Queria falar mais alto, mas a voz não passava de um sussurro; a garganta ardia. – Disse que eu não precisaria sofrer por Ethan... Que me faria esquecer... Disse que...

Dana se interrompeu ao abrir súbito da porta. Para a jovem, diante dela não havia uma vampira, apenas uma amiga, então se atirou contra ela, abraçou-a e chorou.

– Dana, está tudo bem. Pode me soltar agora – Joly pediu após alguns minutos.

– Desculpe por isso – pediu ao se afastar, chorando mais. – Eu pensei que nunca mais fosse ver você... E é... Inacreditável que esteja aqui!

– A idéia era essa – disse Joly calmamente. – Não vejo motivos para nos vermos uma vez que não nos aceita.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra – Dana argumentou secando o rosto com as mãos, antes de se sentar; ainda não confiava na firmeza de suas pernas.

– Como não tem?

– Nos tornamos amigas antes de meu envolvimento com... Ethan...

– Sim – concordou Joly. – Mas a sua reação em nosso último encontro não foi exatamente a de uma amiga. Parecia que eu ia devorá-la.

– Sei disso. – Dana olhou para as próprias mãos. – E não me orgulho de meu medo. Mas você tem que concordar que a verdade é chocante.

– Concordo. Por isso não a visitaria todas as manhãs para descobrir se o medo tinha acabado. Somos civilizados, Dana. Queremos viver em paz... Se nós não ameaçamos quem não conhecemos, imagine o que sentimos ao ver o terror nos olhos daqueles que são importantes.

– Posso fazer uma idéia. – murmurou. – E me desculpe. Quando foi ao meu apartamento tudo era muito recente.

De repente, todo o acontecido pareceu surreal. Apenas a dor e a saudade, não. Ouvindo as palavras de Joly soube que havia magoado Ethan muito mais do que acreditou, afinal ele teve uma visão privilegiada de todo seu terror por ele.

– Mas me diga – começou Joly. – Quer mesmo que eu a faça esquecer?

– Como?! – Dana não entendeu a pergunta, estava dispersa.

– Você citou minha promessa. Estou só confirmando. Quer esquecer? Sei que está sofrendo por Ethan, então se quiser...

– Não! – Dana se alarmou. – Por favor... Não. Só queria que você abrisse a porta.

– Pois funcionou perfeitamente. Então... Se não quer esquecer, o que quer comigo?

– Eu já disse... Acho que podemos ser amigas e...

– E...? – Joly a incentivou.

– Gostaria de ter notícias de Ethan. Saber se ele... Se ele está bem.

– Não posso falar sobre ele.

– Por que não?! – Dana juntou as sobrancelhas, seu coração aos saltos. – Então ele me apagou de um jeito que nem ao menos permite que você me conte como está?

– Não é nada disso. – Joly explicou. – O caso é que não tenho muito a contar. A última vez que falei com Ethan foi sexta-feira passada, pela manhã.

– E como ele estava? – perguntou ansiosa.

– Parecia bem. Pediu que eu providenciasse alguns reparos em sua cobertura, olhou alguns papéis...

– Ele... Falou de mim?

– Sim, apenas para dizer que não queria vê-la nunca mais. Lamento. – Joly respondeu com uma expressão de pesar. – Depois disso nem uma única palavra e ainda proibiu que eu ou Thomas a mencionasse...

– Nossa! – exclamou Dana, afundando-se no sofá; lutando contra novo pranto. – Foi depois disso que ele viajou?

– Ethan não viajou – revelou Joly, sentando-se ao lado. – Ele simplesmente sumiu.

– O quê?! – A notícia a alarmou ao ponto de fazê-la arfar.

– Calma, Dana. Respire.

– Mas ele pode estar por perto – Dana insistiu ao se lembrar. – Ele esteve no meu apartamento no domingo, quando trouxe minhas coisas e... Ontem quando Jeff estava me beijando, tenho certeza de que foi ele quem bateu no carro.

– Não foi Ethan. – Joly a contradisse com pesar. – Eu trouxe sua bolsa e seus sapatos.

– Você? – Dana não ocultou a decepção.

– Sim, alguém tinha de devolver suas coisas. Agora... Que história é essa de beijo e batidas em carro?

– Ontem – Dana começou, desconcertada – aceitei a carona de um colega de trabalho, e ele confundiu tudo. Ele me beijou a força depois que chagamos e enquanto eu tentava me livrar alguma coisa bateu no carro com tanta força que ele me soltou. Mas não havia nada nem ninguém quando sai para a calçada, então pensei que...

– Não. Não sei o quê ou quem possa ter sido, mas tenho certeza de que não foi Ethan. Vi quando você saiu do jornal com esse rapaz, mas precisei desviar um pouco minha rota. Como achei que estivesse segura não a segui. Desculpe-me por isso. Nem quero imaginar que você tenha corrido algum risco enquanto eu corria atrás de uma pista falsa.

Antes de se sentir invadida, Dana agradeceu intimamente pelo cuidado. Contudo, ela não se interessava por pistas falsas ou verdadeiras, se interessa em Ethan e era sobre ele que queria saber, e agora se recusava a não ter esperança.

– Então se você não estava por perto nem viu nada, talvez tenha sido mesmo Ethan.

– Não, Dana. Thomas me avisaria caso ele saísse da casa.

– Casa?! Onde?... Aqui na cidade? – Joly assentiu. – Mas você disse que ele havia sumido.

– Sim. Depois de dois dias eu e Thomas deduzimos que talvez ele não se afastasse da cidade. Acertamos no palpite, mas não mudou muita coisa; ele não nos recebe.

Uma voz fraca em sua cabeça disse que talvez não fosse saudável ter esperanças, mas Dana simplesmente a ignorou.

– E se você me levasse até lá?

– Sinto muito, Dana – descartou Joly. – Ethan deixou bem claro que não quer ver você. Ainda tentei argumentar, pedi que lhe desse tempo para assimilar tudo que viu e ouviu, mas ele foi categórico.

Dana não se importou com a negativa, apenas se pegou aos detalhes que interessavam.

– Se Ethan foi assim incisivo, provavelmente estivesse apenas magoado. Talvez agora me receba...

– É inútil ter esperanças. Conheço Ethan o suficiente para saber que ele diz exatamente o que quer dizer.

– Não custa tentarmos... – Dana insistiu. – Por favor!

– Dana...

– Desculpe-me, Joly – interrompeu-a. – Sei que errei com vocês. Ainda mais com Ethan, então eu realmente preciso vê-lo. Por favor, me diga onde ele está.

– Dana, eu entendo que esteja arrependida, mas não posso fazer nada. Ethan nos avisou que consideraria alta traição se desobedecêssemos à ordem. Você sabe o que significa isso? Ele pode nos banir do grupo.

– Tenho certeza de que Ethan não faria isso. Além do mais, nós já nos rebelamos antes. Não seria novidade para ele.

Se Ethan realmente não a recebesse seria o fim definitivo, mas ali, diante de Joly, tudo parecia possível e Dana decidiu que não descansaria enquanto não a convencesse a ajudá-la.

– Por favor, Joly... Você pode me levar até a porta, de lá eu me viro sozinha.

A amiga a olhou como se a avaliasse, então, subitamente suspirou aliviada.

– Havia perdido a esperança de ouvir essas coisas! Por que demorou tanto *chérie*?

– Eu... Eu não estou entendendo.

– Ah, Dana! Eu tenho ouvido seu sofrimento, mas isso nunca foi prova de nada. Você fez o mesmo por Paul, no entanto, não o amava. E Ethan a ama verdadeiramente, não merece que você o procure somente por estar “acostumada” ou “tarada” por ele. Ou o que é pior, apenas para aplacar sua culpa.

– Não, Joly. – Dana tocou as mãos frias da amiga. – Eu amo Ethan de verdade. Acredito que o amei desde o dia que o vi. Se tivesse me procurado antes eu teria lhe dito exatamente isso.

– Eu procurei. – Joly a lembrou secamente.

– Aquela vez não conta. Eu estava sob o efeito do medo. E ele nunca foi um bom conselheiro. Você poderia ter dado o desconto e me procurado depois disso.

– Se eu tivesse procurado, não teria minha prova de que seu sentimento é sincero. Mas hoje foi diferente... Você foi procurá-lo. E depois que deixei que soubesse que estava aqui, veio me procurar também.

– Como?

– Eu proibi sua entrada no edifício. Queria ver o que você faria. E você insistiu, por isso deixei que soubesse onde me encontrar... Eu precisava ter certeza de que não estaria arriscando minha permanência no grupo por uma paixão qualquer. Eu sempre soube que você era a única que poderia impedir Ethan de definir em seu inferno particular, mas você também tinha de saber o que deseja; esse detalhe é de suma importância para mim.

– E eu sei... Se ainda tiver uma chance eu quero Ethan. – assegurou decidida. A amiga apertou suas mãos e sorriu. Um sorriso estranho que levou Dana a se recusar a pensar na palavra “definhar”, mas tinha de saber do resto. – Por que disse “inferno particular”?

– É como Ethan chama a casa onde está. Ele simplesmente a odeia.

– Então por que ele não se desfaz dela?

– Quem entende como funciona a cabeça de Ethan? – Joly deu de ombros.

– Talvez, ninguém. E já que agora tem certeza de que não estou indecisa, vamos!

Dana se levantou subitamente entusiasmada com a possibilidade de encontrar o excêntrico vampiro, porém Joly a puxou pela mão e a fez se sentar.

– Vou levá-la, mas tenha calma. Antes precisa saber que Ethan se mantém incomunicável há dias e provavelmente esteja com um humor do cão.

– Não tem problema! – Dana não mais o temia. – Já disse que vou pedir desculpas, depois veremos o que acontece. Posso gritar do portão – gracejou para quebrar a tensão.

– Acredite Dana, nada nessa história é engraçado. – Joly se mantinha séria. – Pelo contrário. Algo muito importante está em jogo e quero lhe contar para que possa ter certeza do passo que está dando.

– Então me diga para sairmos de uma vez – pediu Dana, tentando não se impressionar com o calafrio que correu sua coluna –, pois nada que disser me fará mudar de idéia.

– Bem... Sabemos que Ethan não está se alimentando, então talvez não seja seguro você chegar tão perto.

– Mas isso é possível?! Vocês podem ficar sem se alimentar? – Dana indagou preocupada. Joly a olhou por um segundo então desviou os olhos para o chão. – Responde Joly!

– Quando se deseja morrer, sim.

– O quê?!... – De um salto Dana se levantou. – Isso é impossível! Vocês são imortais!

– Não é bem assim... Temos um corpo e precisamos mantê-lo. Buscamos em outras fontes o que nosso organismo debilitado não produz. O sangue fresco nos hidrata, logo, se não o bebemos ressecamos até perecermos.

– E vocês estão aceitando essa atitude suicida numa boa?!... Estão deixando que Ethan morra aos poucos?! – Dana custava a creditar nas próprias palavras.

– Por quem nos toma?! – Joly questionou; ofendida. – Evidente que não aceitamos. Somos uma família e precisamos dele conosco, mas nada podemos fazer... Já disse que Ethan não nos deixa entrar na casa. Não sabemos como, mas ele simplesmente nos repele. Não conseguimos nem falar com ele. Thomas está lá agora, esperando para ver se Ethan sai, mas nunca acontece.

– Pois me leve até lá. Se esse era o argumento para me fazer desistir, saiba não funcionou. Não vou cruzar os braços e esperar que ele... – Dana se interrompeu. Não suportaria ser a responsável pelo fim de tão magnífica criatura. – Por favor, Joly – implorou. – Vamos de uma vez.

– Vou levá-la, mas ainda não disse tudo.

– O que mais pode haver? – Dana perguntou impaciente.

– Primeiro quero que entenda como realmente é perigoso ir até lá. Nem quero pensar no que Ethan pode fazer com você estando tão perto.

– Não acredito que ele esteja tão ruim, mas se você teme por mim, leve-me e fique ao meu lado. – Impacientando-se de vez, cruzou os braços e completou em acusação. – Afinal

você me deve essa. Se não tivesse me enganado desde o começo, talvez nada disso estivesse acontecendo.

– O segredo não era só meu – Joly retrucou de mau humor. – E não podemos ficar alardeando nossa condição por aí.

– Ah, me desculpe, Joly! – Dana agitou as mãos no ar, nervosa. – Ainda estou lidando com tanta informação nova, então me ajude.

– Ajudo depois de dizer mais uma coisa.

– Ai meu Deus! – Dana exclamou aflita, sentando-se ao lado de Joly. – Por favor, seja breve e vamos embora de uma vez.

– Serei breve, mas preciso que preste muita atenção, afinal, o que está em jogo é sua vida.

– Por que está se repetindo? – Dana estranhou o tom. – Eu já entendi que Ethan pode estar faminto, sedento, seja lá o que for... Assumo toda e qualquer responsabilidade. Tudo que sei é que não posso continuar longe, deixando que ele pague por meu erro.

– Não estou repetindo nada. O que tenho a dizer se refere a algo que você descobriu quando Ethan a fez se lembrar de suas vidas passadas.

– O quê? – Subitamente temerosa Dana prestou atenção. – Prossiga.

– Da última vez que estivemos juntas você me perguntou se eu poderia garantir que Ethan não a mataria dessa vez. Pediu que eu empenhasse minha palavra.

– Eu me lembro.

– Pois bem! Eu não posso, e não porque ele é um vampiro ou porque agora esteja com muita sede. A verdade é que todas aquelas vezes não foram acidentais, Dana. Ethan sabia exatamente o que estava fazendo; ele a matou intencionalmente.

– Não, Joly... – Dana murmurou incrédula. – Você não tem como saber disso.

– Tenho. Gostaria de estar errada, mas não estou. Eu acreditei todos esses anos que tudo não passava de uma horrível coincidência, mas hoje sei que não. Com sua visão você me fez ver que é a alma gêmea dele.

– Disso eu já tinha me dado conta, só não entendo como ele pôde me matar sem me reconhecer, sem sentir... Mas agora isso não vem ao caso. Alguma coisa está diferente dessa vez e ele mesmo me garantiu que não me faria mal.

– Ethan falou essas coisas simplesmente porque não sabe de sua marca de nascença – Joly revelou pesarosa. – Foi por causa de desenhos similares que Ethan a matou.

– Acho que não entendi. O tem demais nessa marca?

– Eu explico. Durante a transformação, fizeram uma marca nas costas dele. Não sei ao certo o motivo, somente que o desenho carrega uma profecia e Ethan acredita cegamente que seja verdadeira.

– Qual é a profecia? – Dana se ouviu indagar.

– Parece que quem tiver uma marca como de Ethan, terá o poder de subjugá-lo, derrotá-lo.

– Não – ela arfou. – Ethan não pode acreditar que eu seria capaz de fazer algum mal contra ele.

– Pelo histórico eu sei que Ethan não pensa muito a respeito; age instintivamente. Há muito tempo ele decidiu não matar inocentes, mesmo assim, bastou ver as marcas nas três mulheres para eliminá-las sem piedade. Maria ele acredita ter sido engano porque a matou por uma cicatriz no seio, mas quando eu descobri seu parentesco com ela, fiquei sabendo que não teve engano algum... Maria tinha a marca nas costas. Você me contou.

– Sim, tinha.

– Antes da sua visão eu nunca fiz a associação entre as outras duas mortas a você, mas agora sei que está na mesma situação. É horrível o que vou dizer, mas nada garante que Ethan não a mate no segundo seguinte que vir sua marca. Acho incrível que ele nunca tenha visto.

Dana também achava incrível que Ethan nunca tivesse visto sua marca; afinal ele frequentava sua cama muito antes da vez que ela considerava a primeira. Joly continuou:

– Vi quando foi ao NY Offices no domingo, mas como disse, achava que você estivesse somente reagindo à separação, como fez com Paul por isso não deixei que me visse. Depois expus a situação a Thomas e decidimos esperar até termos certeza do que você sentia, assim poderíamos contar a verdade e deixar que você decidisse o que fazer de sua vida, ciente de todos os fatos.

Dana não tinha como julgar nenhum deles. Devia ser difícil lidar com os interesses e o rumo das vidas de duas pessoas que gostavam.

– Bem – Joly concluiu –, agora cabe a você decidir o que quer fazer. Nunca pude contar a Ethan, pois jamais me perdoaria se ele a caçasse depois de minha revelação. Tudo que pude fazer era confiar no amor dele por você, e desejar que se controlasse dessa vez.

– Obrigada por me contar.

– Não me agradeça... E decida com a razão, não com o coração. Depois de todo esse tempo, você pode fazer uma escolha consciente. Já estão separados. Se não quiser correr o risco, Ethan jamais saberá de sua marca assim você poderá viver em paz. E não se impressione com o que eu disse. Temos alguma esperança de que Ethan saia do limbo

quando se conformar que a perdeu. Mas... Se você voltar para Ethan, cedo ou tarde ele verá a marca, daí só os deuses sabem o que acontecerá.

Não havia o que pensar, Dana sabia. Nem com a razão ou com o coração.

– Eu não viveria em paz, Joly. Somente sobreviveria em agonia. Parte do meu tempo vago pelo nada e quando estou “acordada”, suporto cada minuto sabendo que não estarei melhor no seguinte. Eu não tenho ar, não tenho chão. Se eu tiver onde firmar meus pés e respirar livremente, não me importa que dure até Ethan ver minha marca antes de me matar pela quarta vez. Nesse meio tempo eu terei vivido intensamente.

– Tem certeza?

– Ninguém foge ao destino não é mesmo? – Dana indagou, assentindo com a cabeça. – Você já fez sua parte, agora me ajude a fazer a minha.

Capítulo Trinta e Quatro

Seguiram no carro de Joly. Não que restasse escolha, com o velho Accord de Dana de volta ao mecânico. Então, tudo parecia como antes. Intimamente Dana rogou sentir o mesmo ao estar com Ethan; que fosse como antes. E que ele se controlasse ao ver sua marca, pois mesmo disposta a tudo, não queria morrer. De súbito o som distante de um trovão a sobressaltou.

- Agora não sei se essa é uma boa ideia. Acho que eu devia prepará-lo antes.
- E correr o risco de Ethan se recusar a me receber?... Nunca!
- Mas olhe só para você. Está dando pulos em meu assento.
- Eu me assustei com o trovão, não gosto deles.

Joly nada respondeu. A cada minuto o coração de Dana se oprimia e acelerava. O ar dentro do veículo também lhe parecia rarefeito. Vez ou outra Dana olhava na direção da amiga, que dirigia calada como no dia em que descobriu sua marca. Depois de minutos incontáveis, a imortal pediu aborrecida.

– Pelos deuses, Dana!... Tente controlar seu coração. Não vai ajudar em nada se um vampiro sedento ouvir esse martelar chamativo.

– Não posso evitar... – Dana se encolheu no assento. – Estou ansiosa. E não acredito que ele esteja assim tão mal...

- Está certo... Depois não diga que eu não avisei.

Os pelos da nuca de Dana se eriçaram, porém nada disse, apenas tentou se acalmar. Jamais diria a Joly, mas se Ethan não aceitasse suas desculpas não importaria o destino que tivesse. Suspirando, Dana olhou em volta. Ao reconhecer o caminho, endireitou-se no assento.

- Onde fica a casa do Ethan?

– É isso mesmo que está pensando... Coincidência apenas. Ele e Paul moram no mesmo bairro. A casa fica na 145th Street próximo à Riverside Drive. Como eu disse Ethan não a usava há anos. Nem sei por que escolheu vir para cá.

Dana não respondeu. Em poucos minutos, Joly estacionava na frente de portões de ferro bem-cuidados. Enquanto a amiga destrancava o portão, Dana olhou com curiosidade para o que conseguia ver da grande casa. Não era muito, mas podia reparar que, apesar de Joly ter dito que Ethan raramente a usava, tudo à sua volta estava bem-cuidado. Os muros eram

altos de cor clara, a mesma usada na construção que protegia. Árvores, talvez mais velhas que a própria casa, dificultava a visão do que tinha além dos muros e do portão. Joly voltou para o carro e o pôs para dentro.

– Até aqui, tudo bem – disse apreensiva.

– Isso é bom ou ruim?

– Não sei. Direi com certeza quando chegarmos à porta principal. Geralmente é daquele ponto que Ethan não nos deixa passar.

Dana apenas assentiu em silêncio. Joly seguiu lentamente por um caminho de pedras lisas até a entrada. A pouca luminosidade, intensificada brevemente por relâmpagos cada vez mais próximos, deixava a casa com aspecto sombrio. Ou talvez fosse ela que visse as coisas assim através de seus olhos agora preocupados. Queria aquele encontro, mas não era ingênua quanto ao perigo que corria. Quando sentiu dedos frios em sua mão teve um sobressalto.

– Ainda dá tempo de desistir... Com certeza ele sabe que estamos aqui, mas não a machucaria se fôssemos embora agora... Pense bem. É realmente perigoso. Não é como nas histórias que você está habituada a ler. Agora é sério.

Como resposta, Dana desprendeu o cinto de segurança e saiu do carro. Ela pôde ouvir o suspiro resignado e alto de Joly antes que também deixasse o carro e se juntasse a ela.

– O que estão fazendo aqui? – A voz de Thomas a assustou. Ele simplesmente surgiu do nada, interpondo-se entre elas e a porta.

– Está tudo bem... – Joly o tranquilizou num sussurro velado. – Ela entende os riscos.

– Não creio que ela seja capaz de julgar – ele retrucou no mesmo tom.

– Não é melhor resolvermos isso de uma vez? – A esposa rebateu.

Com o cenho franzido Thomas olhou de uma a outra, sério, como se deliberasse consigo mesmo. Dana não pôde argumentar; presa ao encanto de estar entre dois vampiros. Talvez nunca se acostumasse.

– Certo, mas vou entrar com vocês. – Thomas anuiu por fim.

Logo girava a maçaneta para abrir a porta lentamente. O cuidado excessivo minou a adoração de Dana ao impacientá-la.

– Escutem, não podemos entrar de uma vez?

Dana não esperou por respostas. Ao ver a porta finalmente aberta, passou por entre o casal e entrou na casa. Os dois vieram logo atrás e Joly a segurou pelo braço para contê-la.

– Espere... – pediu. – Thomas e eu nunca passamos da porta. Não sabemos como ele está e...

– O que pretendem trazendo Danielle aqui?

O coração de Dana enregelou ao ouvir a voz furiosa. Não pela violência, mas pela saudade que sentiu dela. Ela deu uma volta completa em seu próprio eixo à procura de Ethan, contudo a escuridão da sala não permitia que enxergasse muito além. Era inútil, porém seus olhos desobedientes insistiam em procurar por Ethan.

Dana ameaçou um passo à frente. Imediatamente Joly a pegou pelo braço e a trouxe para suas costas enquanto Thomas se punha diante das duas em posição de defesa.

– Desculpe-me, mas ela insistiu. – Joly respondeu. – E sinceramente estou cansada de tudo isso... Eu tentei dissuadi-la, mas ela é tão cabeça dura quanto você, então... Dispense-a de uma vez!

Não, Dana protestou em pensamento, sem achar sua voz.

– Ou aproveite que a garota está aqui e resolva esse assunto de uma vez por todas. – Thomas sugeriu. – Explique tudo que ainda precise ser dito. Talvez agora ela entenda.

– Tudo já foi dito – Ethan esbravejou. – E eu lhes adverti para que não a trouxessem. Se ainda querem continuar comigo, levem-na daqui.

– Escute ao menos o que ela tem a dizer... – Joly pediu.

– Nada do que essa moça diga me interessa. Levem-na de uma vez antes que eu perca a paciência pela desobediência.

– Vocês ouviram! – disse Thomas encarando as duas. – Vamos embora!

– Por favor, deixem-me ficar. – Dana implorou ao finalmente encontrar sua voz. – Preciso pedir desculpas.

– Não, Dana. Não quero ser expulsa. Além do mais é perigoso! Não quero...

– É minha vida, droga! – Dana sibilou, olhando Joly e Thomas.

Não se reconhecia. Depois de seu primeiro acesso com Billy, Dana ganhou força para se impor. Ainda não gostava de ser grosseira com outras pessoas, principalmente com seus amigos, mas estava cansada que tentassem decidir o que era melhor para a vida dela. Sabia que corria perigo, mas estava ali com um propósito e não iria embora sem concluí-lo.

Por um instante o tempo pareceu suspenso e Dana temeu que fosse levada à sua revelia. Contudo, Thomas a encarou com resignada admiração e maneou a cabeça em assentimento antes de deixar a sala. Joly suspirou e com um olhar pesaroso deu de ombros.

– Faça como achar melhor – disse depois de pegar a mão de Dana e depositar nela a chave de seu carro. – Fique com ele. Se sair viva daqui terá como ir embora.

– Mas Joly...

Rápido como um sopro, a amiga se foi. Sozinha; parada à entrada da grande sala Dana não sabia o que fazer ou dizer. Mais uma vez olhou em volta. Os clarões que precediam a chuva mal iluminavam o cômodo, mesmo que os clarões entrassem pelas frestas das cortinas semicerradas, pela porta às suas costas e pelo vitral no patamar da escadaria.

Por um segundo Dana questionou sua decisão. Considerava seguir Thomas e Joly quando o ar se moveu rápido por suas costas, arrepiando-lhe os pelos da nuca. O vento produzido era gelado como a morte e foi forte o bastante para agitar seus cabelos e fechar a porta com estrondo, deixando a sala no mais completo breu. Instintivamente Dana foi até a porta. Ao girar a maçaneta descobriu que estava trancada.

– Ethan! – murmurou.

– Arrependida da visita?

– Não... – ela negou num chiado baixo. Seus pelos da nuca se arrepiaram, de temor e fascínio.

– Não? – Ethan desdenhou. – O que pretende Danielle?

– Vim ver você – Dana disse mais alto.

Ethan parecia estar perto, mas como não retrucou, ela não pôde ter certeza. O silêncio opressor durou alguns minutos. Ela acreditava que explodiria de ansiedade quando a voz rouca e ríspida reverberou pela sala.

– Não há o que ser visto. Afaste-se da porta. Vou abri-la para que vá embora.

– Não se dê ao trabalho – ela aconselhou olhando para todos os lados. Via apenas escuridão, rompida vez ou outra pelos clarões. E parte da escadaria.

– Quero que vá embora, Danielle – Ethan rosnou. – Seu lugar não é aqui!

Recuperando a estabilidade do corpo, Dana guardou a chave de Joly no bolso da calça e arriscou um passo adiante.

– Fique onde está! – ele ordenou. – Não se atreva a dar mais nem um passo!

– Por favor, Ethan. – Dana implorou. Agora acreditava saber onde ele estava. No alto da escada; de onde vinha uma insuficiente luz azulada. – Perdoe-me!

– Não tenho nada a perdoar.

E novamente a sala se iluminou. Aproveitando o momento Dana deu um passo na direção da escada.

– Pare imediatamente! – Ethan vociferou.

– Perdoe minha reação exagerada daquela noite... – Dana pediu, ainda avançando; ignorando deliberadamente o comando. – Eu... Apenas me assustei.

Silêncio. Lentamente, Dana continuou indo na direção da escada, as mãos estendidas à frente. Logo tocou o corrimão e apoiou um pé no primeiro degrau.

– Droga, Danielle!... Fique onde está! – Ethan ordenou elevando o tom; a voz mais perto confirmando suas suspeitas.

– Descobrir a verdade sobre você foi... demais para mim. – Dana declarou ao recuar um passo; cautelosa.

– Você me considera asqueroso – acusou-a.

– Não! – Dana quase gritou. Sem pensar, subiu quatro degraus. – Jamais sentiria nojo de você!... Senti medo, sim... E fui estúpida e covarde. Eu...

De súbito Ethan surgiu diante dela. Assustada, Dana se recostou contra o corrimão e levou a mão ao peito. Ainda paralisada pelo choque, ela analisou os contornos azulados do homem à sua frente. O dorso estava nu, porém Dana apenas notava o rosto sofrido. Não o via com clareza, mas as mudanças eram evidentes. Ethan era apenas a sombra envelhecida do que sempre foi.

Os olhos sem vida eram marcados por olheiras profundas. A pele parecia translúcida. A boca entreaberta estava ressequida e recendia a álcool, assim como a única peça de roupa que Ethan usava cheirava como pano velho. De repente, um relâmpago iluminou o vitral, confirmando toda a avaliação. Ethan realmente definhava. Mesmo assim, sem o odor agradável e completamente transfigurado, Dana o considerou incrivelmente lindo.

Imóvel, Ethan lhe sustentava o olhar. A respiração era pausada, como se a muito custo sorvesse o ar. A expectativa de Dana se sobrepunha ao medo por estar diante de um vampiro sedento. O clima lá fora, a casa, o próprio Ethan tornava tudo tão irreal. Inconscientemente Dana ergueu a mão para tocar o rosto amado. E então, ele não estava mais lá.

– Sim... Você foi estúpida e covarde. – Ethan vociferou mais uma vez; longe. – Agora saia daqui Danielle!

Dana olhou em volta aturdida. Avistou Ethan no alto da escada. Não era de se admirar o cheiro bolorento de sua calça. Ainda que não tivesse luminosidade suficiente, Dana percebeu ser a mesma peça que ele usava ao se separarem. Era absurdo sequer considerar ser ela a culpada por tamanho abandono. Com o coração fundo no peito, Dana se encheu de coragem.

– Não! – teimou. – Não vou embora. Posso ficar aqui até que me perdoe.

– Ou eu posso matá-la antes! – ele retrucou profético.

Um calafrio correu a coluna de Dana. Não, não queria morrer, mas estava decidida. Se aquele era para ser seu fim, que fosse.

– Pois me mate – desafiou, abrindo os braços. – Estou aqui! Bem no meio de sua escada. Desprotegida... E não tenho medo de você.

– Péssimas palavras.

Numa fração de segundo Dana sentiu mãos poderosas a erguendo pelos ombros. Seus pés flutuaram longe do chão, como se voasse. A súbita liberação de adrenalina ainda a estremecia mesmo depois de ser posta contra a parede da sala, alguns metros além da escadaria. Apesar da velocidade, o impacto do ataque não a machucou.

– O que pretende, hein? – Ele perguntou entre dentes, prendendo-a pelos ombros, analisando-a minuciosamente, tão perto que parecia cheirá-la. A cada clarão, o rosto modificado era marcado por sombras negras e fundas que em contraste com a voz enraivecida eriçava mais os pelos de Dana. – O que espera conseguir ao me provocar assim? Acaso a mocinha indefesa leu alguma história de vampiro esses dias e resolveu vivenciá-la?

– Não, nada disso. – Dana murmurou, trêmula com a proximidade impactante.

– Então o que aconteceu? Cansou da sua maravilhosa vida? Achou sem graça sobreviver ao encontro com um vampiro e resolveu arriscar a sorte novamente?

– Não... Eu já disse... Preciso que me perdoe.

– Pois lamento informá-la que arriscou seu precioso pescoço por muito pouco, mocinha. O perdão de uma criatura maldita não tem valor algum.

– Hoje entendo que nada sei sobre criaturas malditas, e que errei com você... Deveria ter escutado como me pediu... Deveria ter me acalmado. Acreditado em sua palavra. E definitivamente eu não deveria ter fugido. Por isso peço que me perdoe, amaldiçoado ou não. – Valendo-se da coragem súbita, completou: – E, se ainda for possível... Quero ficar com você!

– Ficar comigo? – Ethan inquiriu após um minuto inteiro; debochado.

– Sim... Por favor... – Dana suplicou. – Se não for tarde, me aceite de volta.

– Deseja voltar para mim? – Dana apenas assentiu, expectante. – Quer se relacionar com um vampiro?... Tem certeza? – insistiu.

– Tenho – ela confirmou em voz alta.

– Eu não posso mudar o que sou.

– Eu sei...

– Sou um assassino. Sirvo-me de pessoas, Danielle. – Ethan falou friamente, encarando-a.
– Bebo o sangue delas até que morram... E gosto disso. Gosto muito.

– Não me importo, eu...

Dana se calou ao ter uma mecha de cabelo afastada para trás do ombro por dedos mais frios do que o normal, em deliberada lentidão. Ethan então acariciou a jugular com o polegar enquanto lhe farejava a curva do pescoço. Ela queria ficar estável, mas não se dominava.

– Posso dar o perdão que pede, e ainda me servir de você. Há dias não me alimento.

– Faça! Não poderia imaginar melhor forma de morrer. – Ethan ergueu a cabeça para encará-la. Dana sustentou, por vezes iluminado pelos relâmpagos cada vez mais frequentes. Para provar que não brincava, ela ergueu o pulso e o colocou à altura dos lábios do vampiro. – Beba!

Ethan fechou os olhos e imediatamente prendeu a respiração. Ainda dominada pela inédita coragem, Dana pressionou levemente o pulso contra a boca ressecada. Após soltar o ar que represou – ainda de olhos fechados – ele tocou a pele delicada com a ponta da língua, lambendo-a em seguida.

E então foi Dana quem conteve o ar e fechou os olhos, rendida à sensualidade do mover curto e repetitivo da língua fria em sua pele. Amolecida, ela esperou a mordida que a libertaria – para o bem ou para o mal –, porém Ethan interrompeu o contato, sem soltar-lhe os ombros. Quando falou sua voz soou irreconhecível pela rouquidão.

– Por que flertar assim com o perigo? Por que a tortura?

– Não é minha intenção – ela sussurrou. – Eu já disse... Hoje sou eu que imploro, perdoe-me Ethan! Eu confio em você e juro que nunca quis magoá-lo. Eu teria vindo antes, mas não sabia onde estava. Então... Se realmente não for tarde... Deixe-me ficar com você.

A brevidade dos clarões não permitia que ela desvendasse a expressão carregada de Ethan; apenas sabia que era encarada fixamente enquanto ele movia as mãos, subindo-as por seus ombros até que parasse ao entranhar os dedos nos cabelos da nuca dela.

– Entende o que significa “ficar” comigo? – Ethan indagou muito perto.

– A-acho que sim! – O coração de Dana batia descontroladamente. Aquilo era o início de uma aceitação ou seria somente tortura pré-morte?

– Tenha certeza, Danielle! – Ele demandou, agora, com o rosto a centímetros do dela. – Entende o que significa ficar com um vampiro?

– Eu... Eu esqueci como era com o vampiro anterior.

Ao se calar Dana desejou ter mordido a língua. Estava nervosa, mas nada justificava liberar tamanha bobagem. Para sua surpresa Ethan riu. O som baixo e soprado acariciou seus ouvidos e incendiou seu coração.

– Danielle, você é absurda!

Incontinenti Ethan eliminou a distância, e liberou um esgar animal ao simples toque das bocas. Os lábios de Ethan também estavam mais frios do que antes. E estavam ásperos, rescendiam a álcool, mas Dana não se importava. Estava sendo beijada. Beijada!

Ethan a mantinha presa pelo rosto, alternando breves beijos e sugadas de lábios, sem nunca ousar ir além. Como se Dana fosse feita de fina porcelana que se partia a mais leve pressão. Não aconteceria. Não agora que finalmente respirava.

O vampiro excedia na cautela mesmo que sua vontade fosse relembrar o gosto da língua humana. Dava tempo a ela para que mudasse de idéia enquanto ele – talvez – a deixasse partir. Havia ainda a necessidade premente em ser forte. Há dias não se alimentava e refrear seu instinto enquanto a tocava o feria fisicamente. Na verdade feria-o desde antes. Ele estava naquele estado deplorável desde que lhe ouviu a voz.

Não queria vê-la, porém não lhe barrou a entrada, como fez com Thomas e Joly todos os dias. Sim, quis matar a todos. Os amigos por desobedecê-lo e Danielle por abandoná-lo, mas foi contido pelo conhecido vício. Seu olfato, potencializado pela sede excessiva, captou os odores de Danielle. A excitação e o medo distraíram-no até saber que a humana estava ali movida somente pela mania infernal de fazer o que julgava certo. Então a odiou. Ethan seria capaz de perdoar os amigos, mas Danielle morreria, assim como ele, logo depois.

Ao tê-la à sua mercê, maldosamente quis assustá-la antes de seguir adiante em sua decisão. Por essa razão trancou a porta. A droga toda foi diretamente cheirar os cabelos de doce antes do ataque. Abalado Ethan se afastou, especulando raivoso por que tinha de amá-la tanto. Por que ficar sem Danielle tinha de “doer” tanto. Por que a maldita voz doce, falha e suplicante tinha o poder de amolecê-lo ao ponto de minar sua decisão.

Sempre que a mandou embora enquanto poderia deixá-la partir, seu coração implorou que ficasse. E ela ficou. Como resistir à Danielle quando ela vinha corajosamente resgatá-lo do inferno? Não poderia... Sentia falta da quentura daquele corpo jovem e macio. Do hálito; da boca. A mesma que beijava cautelosamente. Ethan tremia, tendo a garganta em chamas ao conter o desejo de mordê-la, contudo não conseguia se afastar.

Ethan travava sua luta interna, quando sentiu a língua de Danielle forçar caminho entre seus lábios. Nesse momento um ronco ensurdecador foi ouvido, como um trovão a confirmar a chuva forte prometida durante toda a tarde. Suportando dores distintas em partes de seu corpo, Ethan se rendeu ao beijo ansiado. Ao toque das línguas, Dana emitiu um gemido abafado que foi suplantado por novo ronco assustador.

Somente então Ethan percebeu que os sons vinham dele, que rosnava. Atordoou-o saber que Danielle ouvia e ainda o beijava. Para confirmar que não se importava a humana o

tocou no peito nu, na altura do coração. Talvez para acalmá-lo; falhou irremediavelmente. Em vez de pacificar-lhe o corpo, este vibrou como que pisoteado por mil cavalos em guerra. Agravando as dores lancinantes, Danielle enlaçou-o pelo pescoço, juntando o corpo desejável – para o amor e para morte – ao dele.

Ethan grunhiu alto quando seu membro meio desperto foi comprimido pelos quadris da humana. Imediatamente ele a afastou, mantendo a distância de um braço, prendendo uma Danielle ofegante de encontro à parede enquanto recuperava o próprio fôlego. Quantas vezes, em toda sua existência, ele sufocou ao beijar uma mulher? Nenhuma; era evidente. Danielle o afetava extraordinariamente. Em circunstâncias normais já estaria morta. No entanto, ainda vivia. Torturando-o mais com sua presença do que quando esteve ausente.

– O que houve? – ela perguntou; aturdida.

– Preciso de um minuto. – A resposta soou gutural.

– E eu preciso de você. Ethan, eu...

– Não sabe o que está dizendo! – ciciou. – Há dias não me alimento.

– Há dias eu sinto sua falta – Dana rebateu e, ignorando-o, forçou uma aproximação.

Ceder era errado, pois o beijo se tornava uma forma de seduzi-la antes de mordê-la, mas Ethan simplesmente não conseguia resistir. Se a humana era uma diaba invocada das trevas para torturá-lo e condená-lo em seu inferno particular, amém.

Dana se aproveitou do titubear para abraçá-lo e retomar o beijo. Sim, era errado, porém naquele instante Ethan era um vampiro fraco e saudoso. Foi impossível conter um rosnado ao segurar Danielle pelos cabelos da nuca quando as línguas se reencontraram. De repente, ele não comandava seu corpo. Tudo nela o atraía; o cheiro de cio, o sangue, o medo. Alucinado pelas sensações despertadas, Ethan salivou. Ao perceber que automaticamente pendia a cabeça de Danielle para que o pescoço ficasse exposto, ele novamente a afastou.

– Ethan...?

– Espere... – ele conseguiu sussurrar. Não gostava de se sentir vulnerável, nem de se expor, mas agora não poderia lhe negar explicações; não quando novamente corria o risco de atacá-la. – Estou fraco Danielle, com sede... Preciso me alimentar o quanto antes.

– Se é assim, talvez você devesse... – Sem concluir Dana inclinou o pescoço, juntamente com o clarão e o estrondo de um trovão.

– Está louca?! – Ethan sibilou horrorizado; mais como um lembrete a si mesmo. – Acha que eu seria capaz de parar?

– Perdoe-me... – pediu, encolhendo-se.

– Não. Perdoe-me, você. Sei que sua intenção é ajudar, mas acredite, não ajuda. Agora... Vou soltá-la, por favor, não se mexa. – Ao senti-la estremecer, Ethan riu sem humor e se

afastou para explicar. – Não vou caçá-la pela sala nem nada do tipo. Preciso sair por algum tempo... Espero que por pouco tempo, então... Por favor, não vá embora magoada com minha insensibilidade de deixá-la logo agora que voltou.

Dana ouvia com atenção, recriminando-se por ter deixado transparecer seu medo breve e inoportuno. E então assimilou o real sentido das palavras dele; aquela era hora da verdade definitiva.

– Não seria insensibilidade – ela tentava imprimir normalidade à voz. – Não irei à parte alguma.

– Volto logo! – Ethan prometeu num sussurro, afastando-se mais ao ser atraído pelo acelerar do coração humano.

– Antes de ir, acenda as luzes. Não me deixe sozinha no escuro.

– O interruptor fica ao lado da porta – ele indicou, obrigando-se a dar mais um passo atrás. – Mas antes de acender as luzes deixe que eu saia. Estive no escuro por muitos dias e a luz súbita vai ferir meus olhos.

– Está bem.

– Obrigado!

Ethan poderia sair antes que ela iluminasse a sala, mas não queria correr o risco de Danielle ver com nitidez a criatura decrépita que beijou. Daquela vez não toleraria repulsa, pois o tempo de deixá-la ir expirou. Ethan já alcançava a escada quando o medo súbito de um possível arrependimento o fez parar. Sem se voltar, considerando cada palavra como um juramento a si mesmo, avisou:

– Se não estiver aqui quando voltar, eu irei caçá-la por me fazer de tolo e não haverá perdão.

– Não vou nem mesmo ao jardim.

– Isto será bom... Para nós dois!

Sem mais palavras, Ethan correu escada acima. Precisava se cobrir e assegurar algum conforto para Danielle antes de sair à caça, durante a qual, depois de décadas, deliberadamente burlaria sua decisão. Bom ou ruim, homem ou mulher; qualquer um lhe serviria. Mas uma vez especulou sobre aquele poder que a humana exercia sobre ele. Por Danielle perdeu o rumo e a razão de existir. Agora que foi resgatado, por ela, mataria inocentes.

Antes que deixasse o quarto, já pronto para a ação, Ethan soube ter a resposta para suas questões. Em sua arrogância não percebeu, mas foi ele o principal seduzido. E a partir daquela noite parecia claro que seria presa fácil à total rendição.

Terceiro Livro da Série Amor Imortal

Amor Imortal - RENDIÇÃO

Capítulo Um

Danielle Hall ainda custava a crer em tudo o que se passou até estar ali, na casa de um vampiro. Na sala escurecida, iluminada com frequência por relâmpagos seguidos de trovões estrondosos. Deveria estar apavorada com o clima de horror, mas o que temia eram os dias que passou longe do dono daquele lugar tétrico, Ethan McCain, e rogava não viver nada igual, nunca mais.

Tocando os lábios, recostada à parede por ter as pernas instáveis, Dana agradeceu a uma força divina por ainda estar viva, por ser aceita de volta. Não se sentia inteiramente feliz, pois não estava fora de perigo. Havia a bendita marca em seu quadril que descobriu ser algo abominado por Ethan, mas estava em paz. O que acontecesse quando o vampiro a visse seria apenas o destino atuando.

Respirando pausadamente para acalmar o coração, Dana esperou ouvir o ronco do BMW coupé quando Ethan de fato saísse para se alimentar, porém somente ouvia os trovões. Junto a eles estava o *tic-tac* intermitente de um relógio real e os rosnados furiosos do vampiro, gravados em sua memória. Sentindo o rastro de fogo onde Ethan a tocou, Dana tremeu ao lembrar como o provocou até que fosse aceita. Agiu por amor, desespero, saudade.

E quanto mais Ethan liberava aqueles ruídos guturais, mais ela sentia vontade de ser apertada entre seus braços. Nem ao menos se importou com o gosto de álcool ou com a pele não tão firme, áspera e poeirenta. Tudo que desejava era voltar à vida dele. Também não se importaria caso Ethan quisesse ir além, mas entendia a reserva.

Se aquele controle não fosse prova de que ele a amava, nada mais seria. Agora, ela esperava que aquele amor fosse forte o bastante para que Ethan não a matasse pela quarta vez ao descobrir a marca em seu quadril. Que percebesse o quão era absurdo imaginar que alguém fraca como ela seria capaz de machucá-lo.

Ao pensamento Dana estremeceu e se abraçou, decidida a não pensar sobre aquele assunto. Se não encontrasse coragem para mostrar sua marca, contaria com a sorte e esperaria até que Ethan a visse por conta própria. Nesse meio tempo, aproveitaria para viver intensamente ao lado dele. De súbito Dana desejou que Ethan não demorasse. Sem ele tudo parecia surreal. O ar novamente rareava e era como se fosse acordar em sua cama a qualquer momento, completamente sozinha. Precisava de seu vampiro de volta.

“Seu vampiro”. Dana estremeceu mais uma vez ao lembrar o motivo da saída de Ethan após a reconciliação. Ainda abraçando o próprio corpo, tentou não pensar no que ele estaria fazendo. Era necessário. Era da natureza dele matar e ela teria que se acostumar caso quisesse fazer parte daquele mundo.

O ruído de passos a tirou do transe. Receosa Dana seguiu até a porta e acendeu a luz. Sobressaltou-se ao mesmo tempo em que a senhora baixinha que entrava na sala, ambas assustadas, uma com a presença da outra. As duas reprimiram um grito antes de se analisarem com curiosidade.

– Boa noite, senhorita... – cumprimentou a mulher, dando a deixa para que Dana se apresentasse.

– Hall. Danielle Hall.

– Senhorita Hall, me desculpe se a assustei. Sabia que a encontraria, mas a sala estava escura. Eu não a vi aqui... Sou Carmem, cuida da casa. O senhor McCain pediu que viesse ligar o aquecedor e servi-la, caso deseje algo.

Uma empregada humana. Dana agora conseguia notar a diferença. Assim como passou a notar o frio do cômodo à simples menção a um aquecedor. Seu estômago também protestou quando ela assimilou o oferecimento vago. Há dias que não se alimentava direito, como Ethan. Porém não se sentiu a vontade de pedir comida, pois provavelmente esta nem existisse naquela casa. Com isso arriscou com o que considerou ser mais simples.

– Se fosse possível, aceitaria uma xícara de chá se tiver – pediu, sorrindo timidamente.

Carmem a deixou após um aceno de cabeça. Em poucos minutos, Dana pôde sentir a temperatura se elevar. Logo os tremores que sentia eram somente os de expectativa.

Curiosa, começou a explorar a sala completamente iluminada. Era ampla, decorada ao estilo renascentista. Dana não saberia dizer se os móveis eram originais ou réplicas, mas algo lhe dizia que deveria escolher a primeira opção. Ethan era antigo, porque seus móveis não seriam?

Aquela não era o tipo de decoração que Dana escolhesse, porém, surpreendentemente combinava mais com Ethan do que os móveis da cobertura. Especialmente o grande piano de cauda, localizado num ponto privilegiado da sala. Era branco, adornado por entalhes folheados a ouro. Desse detalhe ostensivo Dana não duvidava. O banco que acompanhava a *joia* era largo o bastante para acomodar duas pessoas. Dana imaginou se Ethan realmente o tocava. Ela arfou somente com a idéia. Seria uma visão e tanto!

Suspirando, Dana analisou as paredes e se deteve em alguns quadros a óleo. Nenhum conhecido como o Caravaggio da cobertura, mas todos de extremo bom gosto. Um em particular chamou sua atenção. Mostrava uma dama sentada, linda num vestido verde. Porém o que o tornava interessante era a criança que lhe fazia companhia. O menino tinha cabelos castanhos, brilhantes, e nos olhos verdes uma expressão de tristeza.

Ao se aproximar o coração de Dana falhou algumas batidas. Aquele não poderia ser Ethan, poderia?

Ainda analisava a tela de perto, quando Carmem voltou trazendo uma xícara de chá e um prato com alguns biscoitos acomodados numa bandeja. Havia alguma comida, afinal.

– Sempre gostei dessas telas – comentou a senhora, depositando a bandeja sobre a mesa de centro. – Trouxe algo para a senhorita comer.

– Obrigada – Dana agradeceu ao se sentar no grande sofá, aceitando a xícara de chá fumegante que a senhora lhe estendia. – Sabe quem são? – perguntou, indicando as telas.

– Não – Carmem encolheu os ombros. – Não sei muita coisa sobre esta casa.

– Mas a senhora disse que cuida dela.

– Sim. Mas é apenas isso. Nem ao menos conhecia o Sr. McCain pessoalmente até oito dias atrás. Ele nunca veio aqui.

– Nunca? – Ao ver a senhora confirmar com um aceno de cabeça, Dana lembrou que Ethan odiava a casa. Joly até se admirou da escolha de onde ele *definharia*. Ela estremeceu, e especulou para se distrair: – A senhora costuma ficar aqui até tão tarde? Ou ficou presa pela chuva?

– Não. Eu e meu marido moramos aqui. Ele é caseiro e jardineiro. Eu cuido para que tudo se mantenha em funcionamento e limpo. Essas são as ordens da senhora Miller, mas ninguém nunca aparece.

– Entendo – Dana murmurou antes de dar um gole em seu chá.

E ela duvidando do autocontrole de Ethan! Pensou. Ali estava mais uma prova de que sempre esteve errada. O pobre casal convivia com um vampiro sedento bem na porta ai lado há uma semana sem nem saber. Ou será que sabiam? Dana acreditava que não, afinal aquele segredo era incrível demais para ser revelado. Notou que era olhada com curiosidade quando a senhora comentou vagamente:

– Uma pena o senhor McCain ter vindo para cá num momento de tristeza.

– Como sabe disso? – Dana juntou as sobrancelhas.

A senhora a olhou por um tempo, como se avaliasse ser correto falar do patrão. Logo, porém, dizia em tom confidente:

– Bem... O senhor McCain nunca veio aqui ou qualquer outra pessoa, então, no sábado pela manhã eu me assustei ao ver poças de água no quintal e no caminho até a casa. Eu as segui até o quarto dele. Encontrei o Sr. McCain largado na cama, completamente imóvel, os olhos fixos no teto. A princípio pensei que fosse um ladrão, mas um ladrão não ficaria ali parado com tantas coisas de valor pela casa.

– Não, não ficaria – Dana concordou, impaciente. – E então?

– Bem... – Carmem prosseguiu. – Mesmo assim perguntei quem era. Ele disse que costumava ser Ethan McCain, mas que naquele momento não sabia. Algo na voz dele fez meu sangue gelar.

Sem nada dizer Dana depositou a xícara na bandeja sem terminar o chá, aflita com o rumo da narrativa. Alheia a ela, Carmem continuou:

– Eu me apresentei, mas ele nem me olhou. Estava tão pálido que se não tivesse me respondido eu poderia jurar que estivesse morto. A calça molhada tinha encharcado as cobertas, mas ele nem se importava. Estranhei o estado da roupa, pois não havia chovido e me perguntei como era possível que ele não estivesse com frio por estar molhado, descalço e sem camisa.

A esse comentário, Dana sentiu o coração oprimido. A mulher prosseguiu:

– Com isso tudo não é preciso ser detetive para saber que ele estava sofrendo. Que homem ficaria largado daquela maneira se não estivesse com sérios problemas?

– Acho que nenhum – respondeu Dana, automaticamente.

– Eu ofereci preparar algo para que comesse e perguntei quanto tempo ficaria. O senhor McCain respondeu que ficaria pelo tempo que fosse necessário e que não me preocupasse com comida. Tudo que me pediu foram duas garrafas de uísque diárias. – A senhora torceu os dedos nervosa. – Quem é capaz de viver apenas de bebida? Ele nunca me pediu um único prato de comida todo esse tempo. No entanto...

– Ele pode ter saído sem que a senhora percebesse. – Dana sugeriu apreensiva, assumindo a responsabilidade do segredo de Ethan para si.

Carmem maneou a cabeça antes de negar também em palavras:

– Não, ele não saiu. Pelo menos não para a rua. Para onde iria vestindo somente aquela calça? Pelo o que notei, ele saía do quarto apenas para se jogar na piscina e nadar. Ou ficar afundado por um tempo preocupante como pude ver algumas vezes. Quando vinha à tona, saía da água e entrava. Imagino que para beber. Nunca acreditei que esvaziaria as duas garrafas de uísque, mas todos os dias eu as reponho.

Como que para provar o que dizia, Carmem apontou para um canto da sala. Dana viu que ela indicava um velho carrinho de chá, transformado em bar com inúmeras garrafas de variadas bebidas. Somente as de uísque estavam tocadas. Uma vazia e outra com apenas um quarto da bebida âmbar. Dana sentiu um aperto no estômago.

– Sempre venho pela manhã. Ele me proibiu de vir aqui durante a noite. E também não quer que eu ou meu marido chegue perto dele. Só nos resta obedecer. Venho logo cedo, abro as cortinas, troco as garrafas... Ainda bem que não precisei mais juntar cacos.

– Cacos?!

– Sim, de copos ou garrafas. Acontecia mais nos primeiros dias... Agora ele apenas bebe. E mantém as cortinas fechadas. Parece que quer estar no escuro todo o tempo. Nem tem nadado mais...

– Entendo – Dana sussurrou.

Na verdade entendia muito mais do que gostaria. Qual a novidade? Ethan não quebrou os móveis da cobertura? O que seriam alguns copos e garrafas? Dana se sentia péssima por saber ser a causadora de tudo aquilo. Agora, o perdão adquirido tinha muito mais valor, pois simplesmente não o merecia.

– Bem... – Carmem disse. – Fico feliz que alguma coisa tenha mudado.

– Como?! – Dana se forçou a sair de sua culpa.

– Hoje foi a primeira vez que o senhor McCain me chamou para algum serviço. Achei estranho ele pedir para não abrir a porta, mas como sempre, obedeci. Ele parecia agitado quando me pediu que viesse aquecer a casa e cuidar para que a senhorita se sentisse a vontade. Agitação é um sentimento melhor que a apatia, então...

E lá estava o olhar curioso posto em Dana. Até mesmo a empregada da casa sabia que a culpa pelo sofrimento e acessos de raiva do patrão era dela. Algo que ela demorou até o último minuto para crer. Num lampejo, Dana acreditou ter entendido o significado da marca, afinal ela, uma mortal fraca, quase destruiu um vampiro forte e imponente. Não, Dana afastou o pensamento, não poderia ser aquilo!

– Mas olhe para a senhorita! – Carmem exclamou, tirando Dana da inquietação. – Está pálida, sua blusa está rasgada.

Dana agradeceu pela súbita mudança de assunto, surpresa ao descobrir que a criada tinha razão. A blusa estava rasgada no ombro e na gola.

– Não tenho como trocá-la, não se preocupe – tranquilizou-a.

– Bem... – A senhora começou sem jeito. – O senhor McCain disse para atendê-la no que desejasse... Então, talvez a senhorita quisesse um banho quente para se aquecer ou apenas um dos roupões... Tenho tudo muito bem conservado – declarou orgulhosa.

De repente a idéia de um banho pareceu agradável. Dana realmente se sentia enregelada e, além de se aquecer, fugiria definitivamente daquela conversa. Não precisava de mais detalhes para saber o quanto Ethan padeceu em seu *inferno particular*. Como não sabia quanto tempo ele ainda demoraria, Dana aceitou o oferecimento.

– Se me disser onde fica o banheiro e onde posso encontrar esses roupões eu agradeceria – disse ao levantar.

– Venha! – Carmem indicou a escada, fazendo menção de acompanhá-la.

Dana queria ficar sozinha, mas reconheceu que não saberia se virar na casa, sem ajuda. Em silêncio seguiu a senhora pelo corredor. Não era grande, apenas espaçoso. Logo entraram numa suíte. Dana descartou a possibilidade de pertencer a Ethan, pois apesar de bonita era pequena e simples. Ethan jamais seria *simples*.

– Esse é um dos quartos de hóspedes – comentou a criada, confirmando a dedução. – Vai encontrar toalhas limpas no banheiro. Agora vou providenciar o roupão do qual falei.

Sem esperar resposta Carmem se foi, demonstrando que não acrescentaria novos detalhes perturbadores ao martírio de Ethan. Tanto melhor!

Enquanto esperava, Dana cruzou os braços e foi até a grande janela. Ao afastar as cortinas confirmou que já chovia forte. Um relâmpago iluminou parte do jardim e a piscina citada. Imediatamente Dana soltou a cortina e se afastou.

Desejou que Ethan voltasse logo e, sem que pudesse evitar, especulou quantas pessoas seriam preciso para satisfazê-lo. No segundo seguinte se ordenou a parar. Não queria saber.

Em poucos minutos a senhora voltou trazendo um roupão branco e felpudo, grande o bastante para envolver o corpo de Ethan. Dana o abraçou, agradeceu e dispensou a criada. Seu banho foi breve e não ajudou a cessar os calafrios.

Dana nem mesmo reparou no requinte que imperava no cômodo. Após secar-se ela recolocou a calcinha – odiou aquilo, mas não tinha outra – e se envolveu com o roupão. Descalça, tentando não pensar no que soube sobre Ethan nos dias que passou sozinho naquela casa, Dana seguiu até a cama e se atirou sobre ela.

Não queria dormir, pois era sua intenção vivenciar cada minuto que talvez fosse o último de sua vida, porém seu corpo simplesmente se rendeu ao cansaço.

∞

Ethan não foi longe. Não poderia, nem queria ir longe. A tempestade caía forte, o que de certa forma o favorecia. Não era preciso, além de matar, apavorar um inocente com sua aparência deplorável. Tinha consciência de que estava horrível, tanto que considerava incrível ter sido beijado pela humana. Não, ela não o viu com clareza, mas sentiu o cheiro de bebida e abandono. Sentiu a pele flácida sob suas palmas delicadas.

Não deveria ter sido assim. Depois de se render aos pedidos, ele deveria ter se mantido longe até estar recuperado. Mas, a quem enganaria? Nunca seria capaz de resistir a Danielle. Especialmente após a semana infernal de solidão, sede e fúria. Passado, Ethan pensou. Ela estava de volta e o aceitava mesmo deformado, provando que nunca o considerou asqueroso. A recordação do reencontro e das sensações por ele despertadas incitou-o a se apressar.

Depois de parcialmente ocultar o rosto com a gola erguida do sobretudo, Ethan acelerou o passo, seguindo para o rio. Com a chuva torrencial não haveria muitas pessoas por lá, o

que aumentava as chances de encontrar alguém sozinho. E que fosse logo, ele rogou. Com a iminência de se alimentar, a sede se agravava. Ethan nunca ficou tanto tempo sem sangue; não sabia o quanto deveria tomar até que estivesse saciado.

Após quinze minutos de espera, avistou sua primeira vítima: um homem, beirando a meia idade. Ethan não se sentiu confortável por matá-lo, e para atenuar a leve culpa, induziu-o a dormir antes que o mordesse. Tomou-o todo, sem desperdiçar uma única gota, sentindo o sangue quente e fresco correr por suas veias ressecadas, trazendo sua força de volta pouco a pouco. Mas não foi o bastante.

Sem opções para se livrar do corpo, Ethan decidiu jogá-lo no rio. Terminava de soltá-lo além da grade de proteção, quando ouviu o grito. Imediatamente olhou na direção do som em tempo de ver a jovem largar o guarda-chuva e correr. Ele, sinceramente, preferia não matar mulheres e lamentou que aquela estivesse no lugar errado, em péssima hora. Ethan a alcançou antes que corresse dois metros.

– Por favor... Por favor, eu não vi nada! – exclamou apavorada. – Eu não vi nada!

Infelizmente para ambos a declaração mentirosa não poderia poupá-la. Entre todas as pessoas, Danielle era a única capaz de demovê-lo de suas decisões, para o certo e o errado. E Ethan tinha pressa. Era imperativo voltar para onde desejava estar. Seu único gesto de compaixão foi também fazer a moça dormir, calando as lamúrias e súplicas antes de agir.

Minutos depois, totalmente recuperado, Ethan entrou em sua casa pela porta principal, ansioso em rever Danielle. Sem se importar com a poça d'água que se formava aos seus pés, parou à entrada. Para sua consternação viu somente Carmem a recolher uma bandeja com alimento praticamente intocado. Os dois estacaram por um segundo. A empregada olhava-o, curiosa. Ignorando a velada especulação, Ethan perguntou pausadamente, pronto para deixar a casa e cumprir a ameaça feita ao sair:

– Onde está a senhorita? Foi embora?

– Eu... – Carmem começou incerta, após um instante que pareceu infinito. – Eu a levei lá para cima. Fiz mal?

– Não – Ethan a tranquilizou, desarmando-se. Depois de retirar o grande casaco encharcado, indicou a bandeja. – Ela não quis comer? Parecia indisposta?

– Parecia apenas com frio, por isso eu sugeri um banho quente. – Carmem olhou com indisfarçada reprovação para as marcas de água no piso. Então, equilibrando a bandeja em uma só mão, indicou o casaco e pediu: – Deixe isto comigo. E talvez seja melhor o senhor fazer o mesmo que ela ou vai acabar adoecendo.

– Farei isso – disse ao entregar o casaco, contendo o riso pela preocupação por sua saúde. – Vou ver se a senhorita está... aquecida agora.

– Senhor... – Carmem o chamou. Ethan se deteve e a encarou. – Talvez agora o senhor queira me dizer o que devo fazer. Ela ficará aqui? Devo preparar algo para o jantar? Ou...

– Não será necessário – Ethan a cortou gentilmente. – Caso seja preciso, encontrarei a cozinha abastecida, não?

– Sim – Carmem confirmou. E ainda sem jeito, observou: – Apesar do senhor nunca ter mexido em nada, providenciei tudo que achei necessário.

– Pois bem... – Ele ignorou o comentário. – Não se preocupe com nada esta noite. Pode ir para sua casa. Amanhã nos prepare o café da manhã. Se precisar de qualquer outra coisa antes disso eu a chamarei. – Ethan se preparou para deixá-la quando Carmem novamente o chamou. – Diga – ciciou impaciente.

– É um prazer finalmente conhecê-lo, senhor McCain!

A declaração o desconcertou. Sem dúvida ele era, de longe, o patrão mais estranho que alguém pudesse ter, ainda assim Carmem sempre foi discreta. Arrumando a bagunça que ele fazia em seus dolorosos acessos de fúria, mantendo sua dose diária de bebida sempre a mão para que pudesse mergulhar no torpor acolhedor depois que se exauria na piscina. Ethan não a conhecia como pessoa, nem se interessava em fazê-lo, mas a considerava uma boa criada, por isso sinceramente declarou:

– O prazer é todo meu!

Depois de lhe sorrir, Ethan seguiu escada acima ouvindo o acelerar do coração feminino. Sim, todas iguais! Ele considerou, sorrindo levemente. Somente as reações previsíveis dos humanos para acalmá-lo mais naquele instante. O desejo de ver Danielle se tornou urgente após o susto ao chegar, então subiu saltando de dois em dois degraus. Com sua *plateia* presente ele não poderia correr como queria.

No alto da escada, Ethan discretamente farejou o ar e deixou que o odor de Danielle o acalentasse, o guiasse. Encontrou-a adormecida num dos quartos de hóspedes, confirmando a descrição da empregada. Outra mais intrometida a teria levado para suíte principal. Não teria errado, porém Ethan apreciava o modo como sua hóspede foi tratada.

Ajoelhando-se, semicerrou os olhos e acendeu o abajur próximo à cama. Ao se acostumar com a claridade súbita, passou a perscrutar o rosto sereno. Mesmo pálida, com olheiras acentuadas, considerou linda sua Danielle. Depois de tudo pelo o que eles passaram Ethan não a comparava à princesa de contos de fadas. Ainda mais a talzinha da maçã. Frágil demais, assexuada demais... Sua humana era forte e quente.

Ao pensamento Ethan sorriu. O perigo de machucá-la não mais existia. Agora, quando quisesse, poderia ter dela o que desejasse. Lentamente ele acariciou os cabelos macios e aproveitou para afastar uma mecha que pendia sobre o rosto. Sentir a pele quente nas pontas de seus dedos fez um tremor percorrer seu corpo, excitando-o. O sorriso se alargou ao ver que Danielle despertava, e os olhos âmbares procurarem os dele.

– Oi... – Ethan sussurrou carinhosamente.

Dana analisou o rosto, novamente perfeito como o conhecia. Deteve-se nos olhos límpidos, perguntando-se como pôde ser tão cega. Ethan como um todo, em cada gesto, sempre demonstrou que a amava. Até mesmo aquela única palavra, dita de forma tão terna, confirmava o sentimento. Ela nunca se desculpava pelo mal que lhe causou.

Ethan ainda acariciava o rosto dela, esperando receber um sorriso, quando viu seus olhos marejarem. Antes que imaginasse o que se passava, Danielle se atirou em seus braços sem se importar com as roupas molhadas. A reação o desnorteou.

– Shhh... O que aconteceu, Danielle? – Também sem se importar que estivesse molhado, Ethan sentou na cama e a acomodou em seu colo. – Conte-me.

– Eu... Eu sinto muito! – ela fungou, sem se mover. – Eu não queria...

Ethan sentiu seu corpo enregelar, de expectativa e excitação causada pela respiração de Danielle na pele de seu pescoço. E sentiu medo.

– Danielle, o que você não queria?... Estar aqui?

– Eu não queria... – ela repetiu, e se calou sem responder.

Ethan cerrou os olhos e reprimiu um gemido de prazer e agonia. Por quanto tempo desejou sentir aquele sopro quente em sua pele? Uma eternidade. Percebeu mais os minutos e segundos dos últimos oito dias do que cada ano de sua existência. Não suportaria novo martírio.

– Lamento, mas não posso deixar que vá embora.

– E quem quer ir embora? – Danielle indagou embargada, confundindo-o. E não o ajudou sentir os lábios mornos depositarem um beijo demorado na base de seu pescoço antes que ela esclarecesse, sem olhá-lo: – Quero apenas que me desculpe. Eu... Eu não queria ter causado nenhum sofrimento a você.

Ethan especulou como ela poderia saber, para no segundo seguinte, elucidar. Sua boa empregada não era tão discreta afinal. Deveria condenar a fofoca indevida que arreliava Danielle, contudo, intimamente Ethan apreciou o reconhecimento de todo o mal causado. Ocultando o crescente contentamento, fez com que Danielle erguesse a cabeça e analisou seu rosto molhado. Era completamente inadequado, entretanto, regozijou-se por saber que tantas lágrimas eram vertidas por *ele*.

– Sobrevivi! – disse, domando sua alegria. – E agora nós estamos juntos.

– Sim, mas isso não muda o que fiz... Eu deveria ter ficado quando me pediu. Eu não deveria ter sentido tanto medo.

– Era esperado que sentisse medo. – Ethan lhe acariciava os cabelos com delicadeza, aplacando a saudade enquanto a tranquilizava: – Eu estava preparado para isso.

– Certo! Ter medo era natural – ela teimou, tentando secar o rosto –, minha reação covarde e exagerada não. Eu quase estraguei tudo não foi?

– Acho que não. Como disse inúmeras vezes, tudo é novo. Você me apresentou sentimentos que jamais imaginei existirem. Odiei os que senti quando foi embora, mas os que se instalaram ao recebê-la de volta são sublimes e quero guardá-los para sempre.

– Pois eu preferia que você não tivesse conhecido sentimentos ruins. Por causa deles você ficou... Tão fraco. – Dana evitaria dizer transfigurado, flácido ou ressequido.

– Mas estou bem agora – Ethan insistiu, beijando-lhe os olhos. – Não pense mais nisso. Promete?

Impossível prometer, pois ela jamais esqueceria o abandono no qual o encontrou. Tente, demandou a si mesma ao reparar nas roupas e nos cabelos molhados. Ethan havia saído, caçado, matado e estava de volta; lindo e forte. Era estranho pensar naquilo que o alimentava, mas para Dana apenas importava a última ação. Apesar de tudo, não causou danos irreparáveis. Com a constatação, Dana assentiu e esboçou um sorriso.

Naquele instante a alegria de Ethan se esvaiu. Estavam juntos, mas as pendências não haviam findado. Era incômodo o medo que o acometia, mas ele não protelaria sua obrigação. Depois de capturar uma das lágrimas dela, repetiu seriamente:

– Sobrevivi e agora podemos ficar juntos... Da forma correta, dessa vez.

– Da forma correta?! – O comentário pareceu confuso.

– Sim. Agora que está disposta a escutar, preciso dizer o que não pude... antes.

Dana tremeu involuntariamente, mas nada disse. Apenas ouviria e quando falasse, seria sem atropelos ou acusações. A reação não passou despercebida a Ethan, contudo ele a ignorou.

– Antes de qualquer outra coisa, empenho minha palavra e asseguro que nunca mais usarei de ilusão com você nem a farei esquecer o que quer que seja.

– Isso seria realmente bom. Não gosto da estranha sensação de vazio.

– Nunca pensei sobre isso, apenas fiz o que achava necessário. – Ele não pediria desculpa.

– Mas esse é o ponto – Dana comentou, agora muito curiosa. – Por que era necessário? Por que não se aproximou como outro faria?

– Não seria tão fácil, Danielle. As paixões são intensificadas em mim. Eu não dispunha de tempo para galanteios. Depois que senti seu cheiro, precisei ficar com você e esse foi o único jeito.

– Enganando? – Não queria julgá-lo, mas aquela era a verdade. Como desejava apenas entender, atenuou o teor da pergunta acariciando o rosto ainda molhado.

– Prefiro dizer que a iludi. – Ethan fechou os olhos ao toque, e manso indagou: – Foi tão ruim assim saber o que eu fiz?

– Não foi ruim. Foi... Inquietante. – Ethan abriu os olhos e a encarou. Poderia lidar com inquietante, pensou antes que sua amada prosseguisse: – Não vou mentir. Foi chocante *ver* o que fez, mas seria hipocrisia de minha parte me fazer de ofendida ou condená-lo. Eu digo que foi inquietante porque... Porque eu sempre quis que fosse verdade.

Ethan não pôde se deleitar com a declaração, agora consciente. Não ao também ouvi-la citar as imagens que viu. Depois da liberação, Danielle entrou em pânico. Acusou-o de tê-la matado quando ele nunca causou tal mal irreparável. Imbuído no desejo de entender o que se passou, ele indagou:

– Já que tocou nesse assunto, poderia me explicar o que viu para que fugisse apavorada?

Dana enregelou. Ainda era cedo para falar das mortes. Atendê-lo implicaria em contar sobre sua marca. Estava resignada para o que viesse, mas não pronta. Se a reação de Ethan fosse como das outras vezes, Dana preferia adiar sua morte. Ainda queria ouvi-lo, olhá-lo ou simplesmente senti-lo. Queria tão somente ter alguns minutos a mais com seu vampiro, antes de revelar ter em si o bendito dragão.

CONTATOS DA AUTORA

E-mail: halicefrs@outlook.com

Facebook: <https://www.facebook.com/halice.frs>

Twitter: <https://twitter.com/HaliceFRS>